

ISSN 1888-8763

2019

# Boletim

*da Academia Galega  
da Língua Portuguesa*

Evandro Vieira Ouriques | Rudesindo Soutelo  
José Manuel Barbosa | Victorino Pérez Prieto  
María Dovigo | Xico Paradelo | Teresa Moure  
Curra Figueroa Panisse | Ângelo Cristóvão  
Pablo Figueiredo Palacios | Carlos Durão  
Roí Vales da Oliveira | António Gil Hernández  
Ângelo Brea | Alexandre Banhos Campo



Academia Galega da  
Língua Portuguesa



*Boletim da  
Academia Galega  
da Língua Portuguesa*

**Presidente da AGLP**

Rudesindo Soutelo

**Conselho de Redação**

**Conselho Científico**

I. Alonso Estraviz (UVi); C. Álvarez Cáccamo (UdC); C. Assunção (UTAD); J. Malaca Casteleiro (ACL); E. Bechara (ABL); Zélia Borges (UMackenzie); P. Borges (FLUL); A. Brito (ULP); R. Brito (Mackenzie); L. Garcia Soto (USC); M<sup>a</sup> C. Henríquez (UVi); Á. Iriarte (UMinho); C. de Mello (UCoimbra); C. Mória (UdC); J. M. Montero Santalha (UVi); I. Morán Cabanas (USC); T. Moure (USC); J. Paz (UVigo); C. Reis (UAb); R. Reis (UVA); J. L. Rodríguez (USC); A. S. da Silva (UCP Braga); C. Taibo (UAM); C. Teasley Severino (UdC); J. Torres (UdC); E. Vieira Ouriques (NETCCON-UFRJ); X. Vilhar (USC); B. Weigert (UÉvora).

**Impressão**

Diagramação: Lucía Cobo  
Sacauntos Cooperativa Gráfica  
Rúa do Avío, 11, 15705 Compostela

**Depósito Legal** C-2345/08

**ISSN** 1888-8763

**Secretário da AGLP**

Joám Evans Pim

Maria S. Dovigo, Ernesto Vasques Souza,  
Álvaro Vidal Bouzon, José M. Barbosa,  
António Gil Hernández (Diretor).

**Conselho Assessor**

Ângelo Brea Hernández; Margarida Castro;  
Chrys Chrystello; Henrique Correia; Marcos  
Crespo; Ângelo Cristóvão; Carlos Durão  
Rodrigues; Renato Epifânio; Henrique  
Salles da Fonseca; Luís Gonçalves Blasco;  
Hígino Martins Estevez; Anabela Mimoso;  
Mário Afonso Nozeda Ruitinha; Francisco  
Paradelo Rodríguez; Ramom Reimunde  
Noreña; Valentim Rodrigues Fa-gim; José  
R. Rodrigues Fernandez; Concha Rousia;  
Joám Trillo; Fernando Vazques Corredoira;  
Xavier Vásquez Freire; Crisanto Veiguela  
Martins.

**Edita**

Casa da Língua Comum  
Rua de Emílio e Manuel, 3, r/c  
15901. Santiago de Compostela (Galiza)

<http://www.academiagalega.org>

## Conteúdos

Editorial **7-10**

### ESTUDOS

A condição comunicacional do ser humano e o rosto da sombra: sobre a terceira estrutura da verdade e a terapia filosófica *Evandro Vieira Ouriques* **13-45**

A equação de Einstein e as ciências musicais *Rudesindo Soutelo* **47-57**

Prisciliano, o último druida? *José Manuel Barbosa* **59-77**

As mulheres froles. Um relato inédito de Otero Pedrayo sobre Prisciliano *Victorino Pérez Prieto* **79-99**

### INSTITUIÇÃO

Atividades da AGLP no ano 2019 *María Dovigo  
Xico Paradelo* **103-104**

Contra o fim do mundo *Maria S. Dovigo* **105-108**

Crónica do II Encontro de mulheres da lusofonia: Em um tempo de violência *Maria S. Dovigo* **109-113**

Galego, porta aberta para o mundo 2 Cursos de verão da USC *Teresa Moure* **115-130**

Crónica de Cabo Verde *Curra Figueroa Panisse* **131-133**

Literatura infantil e juvenil na galiza. Uma necessidade cultural e educativa	<i>Curra Figueroa Panisse</i>	<b>135-151</b>
Uma mesma língua, não duas distintas	<i>Ângelo Cristóvão</i>	<b>153-154</b>
Política linguística na Galiza: Uma transição à espanhola?	<i>Ângelo Cristóvão</i>	<b>155-158</b>
Juventude, diáspora e mobilidade dados positivos para o português na Galiza	<i>AGLP</i>	<b>159-162</b>
Associações pedem mais vagas de português no secundário	<i>DPG</i>	<b>163-164</b>
<b>PUBLICAÇÕES</b>		
<i>Linguística ECO</i> <i>O estudo das línguas no Antropoceno</i> Teresa Moure	<i>Pablo Figueiredo Palacios</i>	<b>167-171</b>
<i>Tempo de Eclipses</i> Ângelo Brea	<i>Carlos Durão</i>	<b>173-177</b>
<i>História das nossas vidas</i> José Ramão R. F.	<i>Roi Vales da Oliveira</i>	<b>179-185</b>
<i>Nau enfeitizada ou Crunha?</i>	<i>António Gil Hernández</i>	<b>187-197</b>
<i>O Segredo da Sheela na Gíg</i> Iolanda Aldrei	<i>Roi Vales da Oliveira</i>	<b>199-204</b>
<i>Tundra</i> Carlos Negro	<i>Ângelo Brea</i>	<b>205-211</b>
<i>A estatalização linguística</i> segundo o Dr. Yvo Peeters	<i>Alexandre Banhos Campo / J. M. Barbosa Álvarez</i>	<b>213-219</b>
<i>Lembrança dum tempo prematuro</i>	<i>António Gil Hernández</i>	<b>221-224</b>

## Editorial

O Prof. Carvalho Calero por fim tem o seu Dia das Letras Galegas. O acontecimento foi, para uns, grande e magnífico, enquanto para outros, apenas um transigir da Real Academia Galega, régia ela, perante a sua notória parcialidade e mesmo aversão contra o Prof. Ricardo Carvalho Calero, sem dúvida uma das pessoas mais esclarecidas dentre as académicas que por essa estranha instituição passaram.

De *El Correo Gallego* (Compostela 22 de junho, sábado, de 2019) toma-se a notícia:

A R.A.G. dedicará o *Día das Letras Galegas* de 2020 a Ricardo Carvalho Calero (1910-1990), segundo foi acordado na sessão ordinária realizada no dia acima citado. Portanto, o Prof. Dr. Carvalho Calero será o homenageado o próximo ano, aos 110 anos do seu nascimento e aos 30 do seu passamento.

Carvalho Calero estabeleceu a canonização pouco discutida dos textos literários galegos contemporâneos, sem embargo das injustas travas que indivíduos sem substância lhe opuseram, mormente durante os anos em que lecionou na Universidade de Compostela e sobretudo reformado de vez. Mais miseráveis foram as atitudes de bastantes dos membros de número da RAG, que insistentemente um ano e outro lhe negaram a honra, duvidosa, de ser homenageado no *Día das Letras Galegas*.

Nado e criado no Ferrol Velho, passou a Compostela para cursar os estudos de Direito e de Filosofia e Letras, que ampliou ativamente militando na FUE (Federación Universitaria Escolar) e no galeguismo político, no Partido Galeguista; Carvalho Calero colaborou no *Seminário de Estudos Galegos*, ao

tempo que publicava em *A Nosa Terra*, em *Nós* e noutros média, para além de se dar a conhecer como poeta. Importante foi a sua participação na redação do *Anteprojecto de Estatuto de Autonomia para Galiza*.

Republicano convencido, acabada a guerra internacional na Espanha (1936-1939) e vencedor o fascismo franquista, foi julgado e condenado a morte, comutada a pena de cárcere.

A partir de 1941, libertado da prisão, dirigiu em Lugo o Colégio Fingoy, enquanto investigava a criação literária na Galiza contemporânea. Foi membro da RAG desde 1958. Em 1963, Galáxia publicou-lhe a *Historia da literatura galega contemporânea*.

O académico Xosé Luís Axeitos salienta da personalidade do Professor o facto de ser homem disposto a servir à sociedade galega, à sua cultura; a tal fim elaborou a *Gramática del gallego común*, fundamental para textualizar a língua da Galiza.

Carvalho Calero estudou profundamente a poesia e prosa rosaliana, de modo que, em expressão do citado académico, hoje todo o mundo admite que Rosalia é autora de textos fundacionais, escritora fundamental na Literatura galega e não só.

É inquestionável, todo o mundo na Galiza sabe o que o Prof. Carvalho Calero significa para a cultura galega, em que esta encontrou o seu horizonte de referência.

Necessariamente a *Academia Galega da Língua Portuguesa* dedicará o BAGLP-13, correspondente ao ano 2020, à pessoa e obra do Professor.

## **A ideia da Galiza em Otero Pedrayo**

*Ricardo Carvalho Calero*

### **Un Centenário**

Os galegos celebramos este ano o centenário do nascimento de Ramon Otero Pedrayo, como os portugueses celebram o centenário do nascimento de Fernando Pessoa. Concorremos pois galegos e portugueses para deixar mais umha vez constância da nossa fraternidade cultural, organizando a expressom da mesma arredor desses dous centenários, o do português e o do galego, tam significativos o um e o outro — os centenários e os escritores — para as respectivas culturas, ramos dialectais ambas da frondosa árvore da cultura europeia, essa árvore que fala, como no conto das Mil e umha noites, no nosso caso no ibero-românico ocidental, sistema que se realiza nas diversas normas do galego-português, entre elas o galego comum — que luta pola sus estabilizaçom — e o português padrom, de codificaçom mais antiga e -como voz de um Estado independente, com brilhante história própria, mais perfilado, consolidado e conhecido no mundo. Duas manifestaçoms, as formas protocolárias dessas duas expressoms lingüísticas, da mesma unidade hispano-atlântica, que, os galegos com as vacilaçoms e licenças que o nosso passado justifica, e os portugueses com a segurança e coerência que conquistou o seu passado, empregamos como idiomas naturais, entendendo-nos sem esforço, ainda que as distintas incidências da nossa vida colectiva através do tempo, tenham marcado a nossa fonética, a nossa morfologia e o nosso léxico com particularidades que constituem .um pecúlio próprio dentro da herdança comum.

Muito contribuiu Ramon Otero Pedrayo a promover o galego como instrumento literário. Dotado o nosso autor de umha admirável fecundidade, temo-lo polo mais prolífico cultivador das nossas letras. Isso foi possível mercê à rapidez de execuçom que o caracterizava, e que, impulsando-o à improvisaçom e privando-o da sossegada revisom correctora do seu ingente labor, explica certos desequilíbrios ou descompensaçoms que se podem registar talvez na estrutura de boa parte da sua obra. Nel prevalece sobre a ordem clássica o ímpeto romântico, a inspiraçom arrebatada sobre a planificaçom cuidadosa. Mas esse ímpeto, essa inspiraçom mostram tal energia e tal riqueza, que mesmo nos casos em que a estrutura adoece de debilidade temos que reconhecer a força e a elevaçom do alento poético que percorre o produto literário.

## A Galiza como tema

Substancialmente, toda a obra científica e literária de Otero Pedrayo tem a Galiza como tema. Superando a concepção dos Precursores, que nom estava livre de um certo pintoresquismo ruralista, o nosso autor, como os seus companheiros de idade e trabalho na redacção da revista *Nós* — que deu nome a essa geração —, reata a tradição medieval europeísta galega, e mediante obras como a *Guía de Galicia* e o *Ensayo histórico sobre la cultura gallega*, infunde nos galegos cultos umha visom da Galiza, na sua configuração física como território e no seu desenvolvimento como povo através da história, que supera em elevação e profundidade todos os ensaios anteriores. É umha visom alapeada polo amor ao objecto descrito, e nesse sentido, se se quer, umha visom romântica. Mas as lapas deste amor alumiam com penetrante luz aquel objecto, pondo de manifesto aspectos até entom ignorados ou obscurecidos. Nom se trata, pois, de umha perspectiva sentimental que quase apaga a verdadeira realidade do contemplado para substituí-lo no espaço que ocupa por umha criação pessoal que, conservando talvez as dimensons e os limites do substituído, instala nesse espaço umha substância intelectual segregada pola mente do observador. Nom se trata da construção de um iluminado que ordenou consoante umhas categorias mentais apriorísticas o reflexo do fenómeno externo, reformado, quando nom deformado, mais que informado, por um seleccionador subjectivo dos dados da experiência profundamente caldeado previamente polo lume de anseios e voliçons que pertencem ao campo dos afectos e nom ao da compreensom cognoscitiva. Nom hai dúvida de que o estilo aceso — mas nom confuso nem congestionado — do nosso autor, revela umha força de penetração na realidade ,analizada que a nimba de umha auréola de beleza e dignidade mal entrevistas polos predecessores do escritor. A sua teoria da Galiza fica assi tingida de umha tonalidade característica daquel.

*Agália*, revista da Associação Galega da Língua, núm. 16 (dezembro de 1988), pp. 425-426

## **Estudos**

---



## A condição comunicacional do ser humano e o rosto da sombra: sobre a terceira estrutura da verdade e a terapia filosófica<sup>1</sup>

Evandro Vieira Ouriques<sup>2</sup>

### Resumo

Trato de como o fato psicopolítico elementar, a condição comunicacional do ser humano, supera o regime da pós-verdade, ou seja, da mentira, e sua trias violentiae, que culmina o insistente esquecimento da sombra (no sentido da psicologia analítica) pela teoria social e a filosofia hegemônicas e, assim, pelos movimentos emancipatórios e políticas públicas em geral, desorientados por esta fakemind. Tal regime de psiquismos e de suas redes, as instituições, tragicamente visível no rosto da sombra que condensa o neofascismo difuso, inclusive o das esquerdas, dos alternativos e dos religiosos, etc., e suas distorções psicopolíticas de caráter, foi gerado no Ocidente que decai pela impregnação da capacidade de julgar dos 24 séculos do roteiro do *hiperparadigma dualista aristotélico* e suas estruturas metafísica e pós-moderna da verdade. Sua superação, que move a *teoria psicopolítica* e sua metodologia, a *terapia filosófica*, a terapia psicopolítica, está fundada na *Terceira Estrutura da Verdade*: o *Real* é a *condição comunicacional* e seu fundamento a *verdade* dos estados mentais imanentes

Dedicado ao amigo José Manuel Barbosa

de segurança e proteção que a constituem, e acontecem como *estética da felicidade*, dada a fetalização do ser humano. E que, por isto, servem de predisposição para a manipulação pelas operações psicopolíticas, tão antigas quanto a humanidade, que a possibilitam aprofundar tanto regimes de servidão quanto a emancipação humana. Assim, a *condição comunicacional do ser humano* é tratada não com uma *teoria da verdade* mas como uma *teoria do significado*, no sentido estoico; que escuta a *verdade* de *physis* como *alétheia* “com um ouvido que significa nada menos que pertencer”; em uma postura epistemológica em relação a qual Heráclito foi enfático. Síntese deste artigo foi a conferência de hifenização da *Cátedra Evandro Vieira Ouriques de Comunicação, Teoria Psicopolítica e Emancipação*, criada, em 20 de Maio de 2021, pela Universidad de La Frontera e pela Universidad Austral de Chile.

### Palavras-chave

Teoria Psicopolítica; Terceira Estrutura da Verdade; Terapia Filosófica; Emancipação

<sup>1</sup> Agradeço a colaboração decisiva de Estelita Oliveira de Amorim Ouriques por existir em minha vida e, em especial, aqui, pela revisão final que fizemos e a Wanyr Macedo Júnior por trazer-me a reflexão sobre o “rosto da sombra”.

<sup>2</sup> Acadêmico Correspondente da AGLP, Diretor do Núcleo de Estudos de Teoria e Terapia

### Abstract

I deal with how the elementary psychopolitical fact, the communicational condition of the human being, overcomes the post-truth regime, that is, the lie, and its trias violentiae, which culminates the insistent oblivion of the shadow (in the sense of analytical psychology) by social theory and hegemonic philosophy and, thus, by the emancipatory movements and public policies in general, disoriented by this fakemind. Such regime of psychisms and their networks, the institutions, tragically visible in the face of the shadow that condenses diffuse neo-fascism, including that of leftists, alternatives and religious, etc., and their psychopolitical distortions of character, was generated in the decaying West by the impregnation of the capacity to judge by 24 centuries of the script of the Aristotelian dualist hyperparadigm and its metaphysical and postmodern structures of truth. Its overcoming, which moves the *Psychopolitical Theory* and its methodology, the *Philosophical Therapy*, is founded on the *Third Structure of Truth*: the *Real* is the *communicational condition* and its foundation is the *truth* of the immanent mental states of security and protection that

constitute it, and happen as the *aesthetics of happiness*, given the fetalization of the human being. And that, for this reason, they serve as a predisposition for manipulation by psychopolitical operations, as old as humanity, which make it possible to deepen so much regimes of servitude or human emancipation. So, *communicational condition of the human being* is treated not as a *theory of truth* but as a *theory of meaning*, in the stoic sense; that listens to the *truth of physis* as *alétheia* “with an ear that means nothing less than belonging”; in an epistemological stance on which Heraclitus was emphatic. The synthesis of this article was the inaugural conference of the Evandro Vieira Ouriques Chair in Communication, Psychopolitical Theory and Emancipation, created on May 20, 2021, by the Universidad de La Frontera and the Universidad Austral de Chile.

### Keywords

*Psychopolitical Theory; Third Structure of Truth; Philosophical Therapy; Emancipation.*

---

Filosófica/Escola de Comunicação/Universidade Federal do Rio de Janeiro e titular da Cadeira Evandro Vieira Ouriques de Comunicación, Teoría Psicológica e Emancipación, criada pela Universidad de La Frontera e a Universidad Austral de Chile.

## Primeiro Ato

### *Cena única*

Por gentileza, peço-lhe que converse consigo e lembre do triste que te indigna, em você mesmo, em suas relações interpessoais, com o Estado e com a coercitividade da estrutura social<sup>3</sup>, neste momento desesperado no qual os modelos da verdade, o da metafísica clássica e o pós-moderno, estão conflituosamente esgotados, e a *mentira* (este verdadeiro nome da *pós-verdade*<sup>4</sup>), tanto a fundamentalista quanto a relativista, adoeceram tanto os psiquismos quanto as redes de psiquismos, as instituições, no caso as da democracia<sup>5</sup>, e confirmando a plutocracia e a ilusão do mundo democrático, a qual Saramago referiu-se lucidamente em 2004<sup>6</sup>.

E, então, pergunte-se: “É isso que eu quero?” Esse roteiro? Talvez tal conjuntura seja o momento de fazer um outro roteiro da verdade, pois como ensinou Italo Calvino, em *Cidades Invisíveis*, este momento é “quando descobrimos que este império, que nos pareceu a soma de todas as maravilhas, é uma ruína infinita e sem forma, que a gangrena da corrupção se espalhou demais

---

<sup>3</sup> A Refiro-me ao enunciado “de violência interpessoal, de violência estatal e de coercitividade da estrutura social” feito por Misse à pág. 60 de Misse (2016).

<sup>4</sup> O termo *pós-verdade* apareceu pela primeira vez em 1992, quando o sérvio-estaduniense Steve Tesich (<https://www.imdb.com/name/nm0856270/>), *Oscar de Melhor Roteiro Original* em 1979 pelo filme *Breaking Away*, o utilizou em sua coluna semanal na revista *The Nation* correlacionando o escândalo *Watergate* com a *Guerra do Vietnã*, e afirmando constatar que a população norte-americana não queria mais más notícias, não importando o quanto verdadeiras elas fossem, e sim pós-verdades. <https://www.thenation.com/article/archive/post-truth-and-its-consequences-what-a-25-year-old-essay-tells-us-about-the-current-moment/>

<sup>5</sup> Como se não bastasse querer assinar um decreto, considerado ilegal (<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/05/governo-prepara-decreto-para-limitar-retirada-de-posts-e-perfis-das-redes-sociais.shtml>) para limitar a retirada de posts e perfis das redes sociais de maneira a garantir a produção incessante de *fakenews*, a mentalidade bolsonarista, como a trumpista, quer disseminar a desconfiança no sistema eleitoral, para que seus apoiadores rejeitem a futura derrota nas urnas, como denuncia Editorial de *O Estado de São Paulo*: “Tendo em vista que Jair Bolsonaro não tem nenhuma prova contra as urnas eletrônicas, fica evidente que a sua insistência a respeito do voto impresso não é uma tentativa de aumentar a confiabilidade das eleições. Tal como fez Donald Trump nos Estados Unidos, seu objetivo é precisamente disseminar a desconfiança no sistema eleitoral, para que seus apoiadores rejeitem a futura derrota nas urnas. <https://opiniao.estadao.com.br/noticias/otas-e-informacoes,atentado-contra-a-democracia,70003719043>

<sup>6</sup> <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Jose-Saramago-questiona-a-ilusao-do-mundo-democratico/4/2164>

para ser curada pelo nosso cetro, que o triunfo sobre os soberanos inimigos nos fizeram herdeiros de sua longa destruição” (*apud* Nandy, 2013:157).

Caso a dor, o delírio da indiferença, ganância, crueldade e precificação de tudo lembrado não lhe pareça ser a última palavra sobre o destino humano, uma suposta teleologia humana, e nem que a existência possa ser assim absurda – “Pode-se tentar fechar os olhos diante deste abismo [evidenciado no rosto da sombra]. Pode-se erigir uma miragem após a outra. O abismo não arreda” (Heidegger, 1978a:47) –, uma vez que o que se vive depende do que se faz com o que acontece, talvez valha, portanto, prosseguir a leitura, pelo que agradeço, em uma e outra hipótese.

## Segundo Ato

### *Cena 1*

Se o que você quer, então, é um outro roteiro – e é por isto que este artigo homenageia José Manuel Barbosa, historiador e exímio roteirista a desbravar e nos guiar pelos caminhos e lugares da história verdadeira, voltarei a ele –, comecemos por gentileza olhando duas placas de sinalização, basilares, do roteiro que venho trabalhando e desfrutando: uma de Paulo Freire e outra de Nietzsche.

Antes de dirigir o olhar à elas, lembro, com Jacques Bouveresse, que o fato da dose de verdade que o ser humano é capaz de suportar ser menor do que gostaríamos de crer não pode ser justificativa a favor do erro e da ilusão<sup>7</sup>. E lembro, ainda, que o que estamos tratando, o não-dualismo – a base da renovação da teoria social e da filosofia que sustento com a teoria psicopolítica e sua metodologia, a terapia filosófica, no sentido de que se obtenha a emancipação humana que até aqui se quis com a metafísica clássica e a pós-modernidade – demanda um esforço especial.

Temos 24 séculos de dualismo incorporados, desde que Aristóteles consumou, com seu *hiperparadigma* (como Marcio Tavares d’Amaral o denomina, pois levou ao *hiper* o paradigma clássico sofisticado-platônico), a filosofia grega clássica. E ele o fez contra o não-dualismo dos pré-socráticos, nascido nas colônias gregas da Ásia Menor a partir das experiências humanas cotidianas e não da tradição mítica (da relação entre o pensamento grego e o pensamento do “Oriente” tratarei em outro lugar), fundando-a com a estrutura histórica do real, a estrutura da metafísica clássica – haveria um real fora do

<sup>7</sup> <https://roqueesr.fr/20210516/>

ser humano que caberia conhecer sua verdade através da representação e a ele adequar-se, a este absoluto outro, localizado *Além, Ao-lado, Acima e Fora*.

Como decisiva reação ao perigo desta estrutura, facilmente capturada pelo sacerdote e pelo soberano (por porta-vozes do *Fora*), os pós-modernos, e voltarei ao tema, foram ao polo dualista oposto. E assim cada ser humano passou, ele mesmo, a ser o centro do mundo; a criar sua própria verdade, o que trouxe conquistas interessantíssimas, claro, e junto a impossibilidade de escapar da *pós-verdade*, do *pós-humano*, da *pós-história*, e encontrar o *comum*. O que faz lembrar Protágoras de Abdera e sua célebre frase, que resumiu, no século V AEC, a sofística, para a qual “a verdade era impossível” (Amaral, 2020:9), emblema da autorreferencialidade narcísica tão presente também nos dias de hoje: “O homem é a medida de todas as coisas, das que são enquanto são, das que não são enquanto não são”<sup>8</sup>.

Resta alguma dúvida sobre a tragédia provocada pela insistência no equívoco dualista? Retomado pelo relativismo da pós-modernidade e sua afirmação de que cada ser humano seria a medida de todas as coisas? Que refutar essências e identidades eternas, buscando, de forma paródica e disruptiva, os acontecimentos múltiplos, heterogêneos e disparatados gerou a dissociação reinante? E, assim, a “verdade” um lençol curto<sup>9</sup>? Que cada um, frente às “contingências”, puxa para o seu lado? Disputando-o com o outro de maneira utilitária, eficaz e verossímil? E portanto não-lógica, mediante a retórica e a oratória? Estas que são da ordem do poder? Do convencimento

---

<sup>8</sup> Tradução livre do autor. “L’uomo è mistura di tutte cose, di quelle che sono in quanto sono, di quelle che non sono in quanto non sono”. Ver Dies, H., Kranz, W. (2015). *I presocratici: testo greco a fronte*. Trad. Giovanni Reale, Diego Fasaro, Maurizio Migliori, Salvatore Obinu, Ilaria Ramelli, Maria Timpanaro Cardino, Angelo Tonelli. Bompiani Il Pensero Occidentale: Milano. Ver p. 1575.

<sup>9</sup> Apontado como idealizador do chamado “gabinete paralelo” à margem do Ministério da Saúde do Brasil, que assessorou e assessora o governo federal no combate à pandemia da Covid-19, com as trágicas consequências internacional e tristemente conhecidas, o ex-assessor da Presidência Arthur Weintraub estimou em cerca de 300 o número de pessoas aconselhando Jair Bolsonaro quanto ao uso da hidroxicloroquina, cujo uso é desaconselhado pela OMS (<https://www.who.int/news/item/15-10-2020-solidarity-therapeutics-trial-produces-conclusive-evidence-on-the-effectiveness-of-repurposed-drugs-for-covid-19-in-record-time>) e inclusive por seu maior fabricante, a Apsen (<https://reporterbrasil.org.br/2021/03/maioria-dos-fabricantes-brasileiros-de-cloroquina-nao-recomenda-o-remedio-para-covid-19/>). Detalhes da concepção e funcionamento desta estrutura são descritos em duas lives realizadas entre Weintraub e o anestesista Luciano Dias Azevedo, um dos médicos mais influentes entre defensores do chamado “tratamento precoce” contra a Covid. A dupla relativiza o peso da ciência no tratamento da Covid-19. Na live

dos ignorantes para mover as multidões nas assembleias e nos tribunais, como os sofistas inventaram no Ocidente? E não o lugar da virtude, do diálogo (que recolhe as opiniões contrárias, faz o julgamento compartilhado da verdade e busca as possibilidades de convergência), como era para os estoicos?

Olhemos então as duas placas:

1. A de Freire mostra que raro são os subjugados que ao emergirem de processos de subjugação não o fazem oprimindo outros<sup>10</sup>, inconscientemente ressentidos da “sombra testemunhal do antigo opressor”, que internalizaram de maneira psicopolítica e tornou-se incorporação (*Einverleibung*) de um modelo de ser humano (Freire, 2018:66-67) instalado em seus territórios mentais (Ouriques, 2009) e, assim, o poder causal que o determina a repetir os regimes de servidão, em espantosa *servidão voluntária*, atitude, como todo oxímoro, aguçadamente estúpida<sup>11</sup>. É importante ressaltar que é apenas neste caso que o “poder é uma doença”<sup>12</sup>, pois ele é tornado uma doença. “Todo dispositivo de poder sempre é duplo”<sup>13</sup>, como diz Agamben. E a doença, digo eu, é o comprometimento da capacidade de julgar, esta capacidade que é a propriamente humana, na qual o ser humano, ao questionar o caráter emancipatório ou não do perceber que

---

de 8 de julho de 2020, Azevedo diz, de maneira bem pós-moderna, que “a ciência na verdade é o confronto de ideias, é justamente puxar o lençol cada um para um lado para a gente poder chegar à verdade”. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/06/ex-assessor-de-bolsonaro-e-medico-detalham-em-lives-gabinete-paralelo-na-gestao-da-pandemia.shtml>

<sup>10</sup> O 1º Seminário Internacional de Teoria Psicopolítica e Consciência, realizado em 2014 sobre este tema, reuniu um grupo de lideranças de Coletivos do Rio de Janeiro com pesquisadores, jornalistas e psicoterapeutas e tratou de como superar esta sombra que permanece no *território* mental e compromete a emancipação dos psiquismos e de suas redes, os movimentos e instituições, vale dizer, todas as “boas intenções”: [https://www.academia.edu/38321447/Programa\\_I\\_Seminário\\_Internacional\\_Psicopol%C3%ADtica\\_e\\_Consciência\\_Para\\_Superar\\_a\\_Discriminação\\_Brasil\\_na\\_Universidade\\_Federal\\_do\\_Rio\\_de\\_Janeiro\\_Setembro\\_de\\_2014](https://www.academia.edu/38321447/Programa_I_Seminário_Internacional_Psicopol%C3%ADtica_e_Consciência_Para_Superar_a_Discriminação_Brasil_na_Universidade_Federal_do_Rio_de_Janeiro_Setembro_de_2014)

<sup>11</sup> Refiro-me ao fato da figura de linguagem “servidão voluntária” ser um oxímoro, uma vez que relaciona conceitos contrários. A *vontade*, que é sempre livre, com a *servidão*, o seu oposto. Examinando a etimologia deste oxímoro encontramos: dal gr. ὄξύμωρον, comp. di ὄξύς “acuto” e μωρός “stúpido” (<https://www.treccani.it/vocabolario/ossimoro/>). Daí o “aguçadamente estúpida”.

<sup>12</sup> Refiro-me à expressão “o poder é uma doença”, com a qual Marcia Tiburi pensou intitular seu livro *Delírio do poder: psicopoder e loucura coletiva na era da desinformação*, pois, verifico, ao contrário, que o poder apenas é doença quando o sujeito não cuida de seu território mental. Digo isto pois o ser humano é apenas o poder vital que experimenta. Este é o sentido de “política” na teoria psicopolítica, que propus em 2004 e sustento: o poder do psiquismo na determinação do sentido que o sujeito dá em rede ao poder vital que ele experimenta entre seu aparecimento e seu desaparecimento.

<sup>13</sup> Ver Agamben, Giorgio (2007). Profanações. Boitempo Editorial: São Paulo. pp. 70-71.

percebe o que percebe – “Comum é a todos o pensar” (Heráclito *apud* Souza, 1978:90); “Fazer é pensar” (Sennet) –, torna-se capaz de fazer o mundo lhe falar de maneira favorável, evitando assim as várias dimensões de violências – a *trias violentiae*: a areia movediça formada pela convergência das violências privadas, estatais e estruturais – que provocam um único e comum horizonte ontológico, como lembra Misse<sup>14</sup>, citando Willem Schinkel: “uma redução do ser”. Dito de outra forma, o problema do poder jamais é o poder *em si* (o que seria um retorno indesejado à metafísica e suas essências) – uma vez que o ser humano é apenas o poder vital imanente em rede que experimenta no fluxo de seu aparecimento e desaparecimento. Mas a qualidade emancipatória ou não da capacidade de julgar com a qual ele referencia sua ação, “pois a palavra do pensar reside em trabalhar pela lucidez aquilo que ela diz” (Heidegger, 1978c:123), e assim tornando-se reprodutor ou não dos regimes de servidão;

2. Agora olhemos a placa de Nietzsche. Com sua inflexão radical destinada a emancipar o ser humano do jugo da autoridade da metafísica clássica (para estabelecer o humano como o legislador de si mesmo, portanto não mais como adequação à uma essência pré-existente para ele narrada pelos referidos sacerdote e pelo soberano como dever de não pensar, “menos ainda de falar”) ele não elimina todos os valores. Não elimina a ética como muitos relativistas, céticos e niilistas supõem que ele teria feito neste mundo no qual a *pós-verdade*, a *disputa de narrativas*, as *fabulações*, acabaram generalizadas, produzidas e aceitas como verdade por *fakeminds* (Ouriques, 2019; Sarcinelli et alli, 2020). Nietzsche estabeleceu, em seu trabalho tardio, a necessidade não do desaparecimento de fundamentos, mas a de partir-se, em uma transvaloração do apresentado pela tradição metafísica como absoluto, como o *homem ideal*, de fundamentos diferentes daqueles que até então vigoraram, “por milênios inteiros da humanidade”, quando os referidos *Além, Ao-lado, Acima e Fora* eram hegemônicos. Em suas próprias palavras: “Não nego, como é evidente, que muitas ações, chamadas antiéticas, devem ser evitadas e combatidas; e assim também que muitas, chamadas de éticas, devem ser realizadas e perseguidas; no entanto, acho que em ambos os casos devemos partir de fundamentos diferentes daqueles que existiram até agora”<sup>15</sup> (*apud* Stellino, 2011). E ele conclui este seu aforisma 103 afirmando: “Devemos mudar a nossa maneira de ver – para chegar finalmente,

<sup>14</sup> Ver pág. 59 da obra de Michel Misse citada na *Nota 2*.

<sup>15</sup> Tradução livre do autor. “Io non nego, come va da sé, – che molte azioni, dette non etiche, siano da

talvez demasiado tarde, a mudar nossa maneira de sentir” (Nietzsche, 2007: 97-98).

## Cena 2

Em uma versão pós-moderna dos antigos ídolos de Bacon, a *mente* [entendido o *corpo*, com Blake<sup>16</sup>, como a parte da mente percebida pelos sentidos e a mente como o exercício da capacidade de julgar incorporada, a capacidade propriamente humana, com (Poulain, 2017)], e portanto a maneira de ver-sentir-pensar, permanece bloqueada por um fundo metafísico que resiste mesmo na pós-modernidade.

É o que mais se vê, ouve e se lê: uma tagalerice de impotentes reclamações e de aderências a simulacros de comunidades, reduzidas a clubes (Melman, 2003), a nos demandar o exercício da compaixão e, em alguns casos, a tristeza de ver pessoas que amávamos levadas, como uma vez Guy Débord a este fato se referiu, a “uma capitulação visível”<sup>17</sup>.

O responsável, seja pelo bem e seja pelo mal, para elas, é sempre um *outro*: a “sociedade”, a “história”, o “capitalismo”, o “1%”, as “elites”, o “comunismo”, os “pobres”, os “políticos”, os “árabes”, os “pretos”, os “brancos”, o “marido”, a “mulher”, o “imigrante”, a “cultura digital”, os “músculos”, o “futebol”, o “patrimônio”, o “patrão”, o “divino” – em suma, uma infundável série de etcéteras de “eles” e “elas” que os sujeitos estão auto-convencidos em rede que os legislariam, pois atribuem a tais *identidades para o extermínio* (Misse, 2018) e *identidades para a salvação* a fonte de referência para o *quefazer* com o poder vital que se é ao *ser-aí, junto-com-outros*, no vigor da *condição comunicacional do ser humano*. Na qual o biológico e o histórico não constituem sequência, como no evolucionismo dos antigos sociólogos, mas estão sincronizados, como queria Foucault<sup>18</sup>: a cópula (multigênero), a gestação, o parto e o

---

evitare e da combattere; e così pure che molte, dette etiche, debbano essere compiute e perseguite; però penso che nell'uno come nell'altro caso si debba partire da fondamenti diversi da quelli esistiti fino ad oggi.” *apud* Stellino, Paolo (2011). *Conseguenze pratiche del prospettivismo nietzscheano*. in Gori, & Stellino, Paolo (ed.). *Teorie e pratiche della verità in Nietzsche*. ETS: Pisa. pp. 125-145.

<sup>16</sup> Blake, William (*circa* 1868). *The marriage of heaven and hell (a song of liberty)*. A hand-coloured facsimile, made in 1868, of Blake's original probably created in 1790. Disponível em: <https://www.bl.uk/collection-items/the-marriage-of-heaven-and-hell-by-william-blake>

<sup>17</sup> Débord, Guy (2003). Introdução a uma crítica da geografia urbana. in Jacques, Paola Berenstein. *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Casa da Palavra: Rio de Janeiro. pp. 39-42.

cuidado com o outro não têm um *Fora*. O ser humano não é, assim, “parte” da natureza, mas mais um “limite” da natureza (Massumi, 2017). Nada está *Fora*.

É ali, no nascimento e em sua repetição universal “concreta”, nesta *banalidade*, a *dáviva* por excelência (Godbout, 199:250), a presença do *inefável*<sup>19</sup>, o momento de vida e de morte no qual o ser humano que nasce tem vontade de respirar e assim mostra querer instaurar-se em sua *singularidade*. É por isto que a teoria psicopolítica, radicalmente distinta das outras abordagens do “psicopolítico” (Ouriques, 2012, 2014, 2015a, 2015b, 2016, 2017, 2020, 2021), é um *pensamento respiratório*. Trato portanto, posso dizer, não de uma *teoria da verdade* mas de uma *teoria do significado*, no sentido estoico, da *condição comunicacional*.

Nada é anterior à determinação da vontade. É na respiração, na vontade de viver, ali na *cæsura de nascimento*, descrita também por Freud, na qual o bebê experimenta sair de um mundo aquático e entrar de uma só vez em um mundo aéreo, que está inscrita a necessidade do *outro*; de levar o *outro*, tanto o ar, para dentro de si, quanto o *outro* com o qual ele experimenta o estado mental de segurança e proteção indispensável para que possa fazer o mundo lhe falar de maneira favorável.

### Cena 3

Este argumento demanda um empenho importante de observação crítica dos estados mentais que emergem em você ao lê-lo; que pede visitar com cuidado o seu *museu interno* (Ouriques, 2016:171-173), no qual estão expostos os pensamentos-afetos que você aprendeu na formação cultural na qual emergiu, nos *aparelhos psicopolíticos da cultura* (*id.*, 2017), e utiliza como referência para a capacidade de julgar.

Para que, então, seja possível desimpregnar-se, cumulativamente, da equivocada mentalidade hobbesiana na qual se foi psicopoliticamente treinado durante quase 400 anos, e que afirmou, desdobrando os 2.400 anos do referido dualismo hiperparadigmático do Ocidente, e que continua generalizado pela teoria social e filosofia hegemônicas, que o ser humano teria “uma desconfiança

<sup>18</sup> Ver Foucault, M. (1999). História da sexualidade I: a vontade de saber. Edições Graal: Rio de Janeiro.

<sup>19</sup> Ou seja, aquilo que não se pode nomear, interpretar e descrever, por ser indizível, indescritível, em razão de sua natureza, força e beleza que causam imenso prazer, que inebria por ser delicioso, por ser encantador como o nascimento de um ser humano, experiência considerada sagrada em todas as culturas das quais se tem notícia.

radicalizada e racional<sup>20</sup> e, por isto, dependeria do Leviatã (1651).

Tal afirmação, na verdade é irracional, pois continua a desintegrar platonicamente *desejo e corpo* de um lado e *espírito* de outro, *cultura* e *natureza*, *eu* e *tu* e, assim, frustra o desejo de comunidade identificado por Martin Buber; como emblematicamente, no primeiro dia do novo governo de Israel, em junho de 2021, Netanyahu se recusou a apertar a mão de seu sucessor<sup>21</sup> ultranacionalista, que o derrotou com uma aliança de centro, esquerda e direita. Esta atitude, que suspende a possibilidade do vínculo psicopolítico, radicalizou os efeitos do dualismo de 24 séculos, e o que se verifica é um *coletivo* (Ouriques, 2014; 2017:288) de seres humanos convencidos de que podem e merecem todas as coisas e para impor-se utilizam-se de todos os meios para atingi-las.

O problema, monumental por implicar uma *cæsur*a radical<sup>22</sup>, é “apenas” este: os seres humanos estão certos, e legitimados pela academia hegemônica, de que seriam incapazes de controlar sua violência e que quem a controlaria seria um *Fora*, o Estado que, no entanto, é formado por eles mesmos. É assim que este equívoco gera todas as manifestações da *anomia social*, das quais algumas provavelmente você lembrou no início deste artigo: indiferença, discriminação, corrupção, desigualdade de renda, autoritarismo, Estado irresponsável, destruição da Terra, desrespeitos de todos os tipos, cinismo, ignorância, enfim, tudo que entristece.

Quando, em verdade, a *condição comunicacional do ser humano*, parafraseando o *fato social elementar*<sup>23</sup> de Gabriel de Tarde (*a psicologia inter-cerebral* e as correspondentes relações conscientes entre muitos indivíduos) é o *fato psicopolítico elementar*: o fato “verdadeiramente explicativo”, por que é *ali* em que se surpreende o vivo, e o vivo surpreende; onde se produzem os movimentos reais. Ou seja, os atos dos seres humanos em relação aos outros,

<sup>20</sup> Janine, Renato Ribeiro (2006). Thomas Hobbes, ou: a paz contra o clero. in Boron, Atilio A. (org.). Filosofia política moderna: de Hobbes a Marx. CLACSO e DCP-FFLCH/USP: Argentina e Brasil. p. 22.

<sup>21</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/06/em-primeiro-dia-de-novo-governo-em-israel-netanyahu-se-recusa-apertar-a-mao-do-sucessor.shtml>

<sup>22</sup> Aqui compreendida no sentido de Wilfred Bion (psicanalista britânico pioneiro em dinâmica de grupo) de mudanças catastróficas – como as que o Coro anunciava ao mudar de *estrofe* nas tragédias gregas.

<sup>23</sup> O *fato social elementar* como compreendido por Gabriel de Tarde refere-se ao fato de que ciências atingem a maturidade quando, nos objetos que lhes são respectivamente próprios, descobrem e compreendem as verdadeiras repetições, oposições e adaptações.

impulsionados pela vontade de viver, pelo *conatus* espinosiano, por exemplo – “isto é, o *comum*; pois o *comum* é o-que-é-com” (Heráclito *apud* Souza, 1978:79).

A condição comunicacional é o *lugar-duração* em que o ser humano aparece, instaura-se e desaparece como *diferença*, mais precisamente como *singularidade*, em conversa com a *semelhança* (Ouriques, 2006) – como manifestação da natureza criativa de toda personalidade, como entendido por Bergson, manifestação não-finalista (portanto sem *causas finais*, como na metafísica) e não-mecanicista (portanto sem *causas eficientes*, como na ciência). Sendo assim, manifestação do *elã vital*, como ele disse referindo-se ao fato, tão importante para Deleuze, de que “quanto mais nos aprofundamos na natureza do tempo, mais compreenderemos que duração significa invenção, criação de formas, elaboração do absolutamente novo”<sup>24</sup>.

É neste *fato psicopolítico elementar*, do qual trata a teoria psicopolítica e sua *Terceira Estrutura da Verdade* – ou seja o *Real* é a *condição comunicacional* e seu fundamento a *verdade* dos estados mentais imanentes de segurança e proteção que a constituem não como “conhecimento absoluto” mas como conhecimento aberto – que está a *confiança*, este vínculo destruído pelo dualismo, vínculo no qual, e só nele, é possível agir, pensar e criar o novo, pois o que não é real é a ausência de comunicação: ausência de comunicação interpessoal, política, econômica, étnica, etc.

Mesmo William James e sua teoria instrumentalista da verdade, em sua oposição à altura do que os Estados Unidos hoje são, com seu manto de simulada democracia<sup>25</sup>, e assim afirma que a tarefa da filosofia não seria procurar o verdadeiro ou o racional, quer que a filosofia ofereça razões para que o ser humano acredite neste mundo.

A condição comunicacional oferece esta possibilidade, como *fluxo do mundo*, do qual não há *Fora*. E assim experimentá-lo, por direito de pertencimento, como composição, oposição, adaptação e justaposição de experimentações nas quais os

<sup>24</sup> *apud* Deleuze, Gilles (2006). Henri Bergson: memória e vida. Martins Fontes: São Paulo. p. 8.

<sup>25</sup> Os exemplos são incontáveis. Depois da auto-necropolítica estatal (não prevista por Mbembe, que supunha que a morte seria pro-gramada pelo Estado, mas não que o próprio Estado se suicidaria, como foi o caso com Trump, em especial na invasão do Congresso, o que tem ocorrido no mundo de forma geral), aqui está um dos mais recentes: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/06/06/os-desertos-alimentares-dos-eua-que-condenam-47-milhoes-de-pessoas-a-comer-pouco-e-mal.html>

seres humanos se constituem, no fluxo de suas consciências, como cartografias singulares, particulares. E, portanto, como ressaltou Lapoujade em seus comentários sobre James<sup>26</sup>, libertas da experiência de toda forma pré-existente; mas, digo eu, referenciando tal multiplicidade de cartografias à *estética da condição comunicacional*, da qual toda tendência moral, como toda teleologia, portanto toda busca de resultado, é excluída — “As observações que seguem não levam a resultado algum. Apontam para aquilo que se manifesta acontecendo” (Heidegger, 1978b:125) —, pois não se age para obter qualquer fim.

Portanto não se trata de *eficácia*, como na pós-modernidade e no neoliberalismo; da produção de resultados “úteis” seja na eficácia tecnológica (Amaral, 2020:16) seja na eficácia de relacionamentos, mas se age em virtude de uma *dike (justiça)* imanente; dito de outra forma, da *estética da felicidade* ali inscrita no fluxo de estados mentais que a possibilita, nesta condição, repito, que é o *fato psicopolítico elementar*.

Ainda com Lapoujade, o decisivo é voltar, assim, para o lado da vida. Para aquilo o que nos faz sentir vivos, o *encontro* (interpessoal, econômico, político, étnico, etc., como disse) com o *outro*. E que foi, apesar de tantas tentativas, negligenciado por 24 séculos, quando em verdade, como sublinha Viveiros de Castro, há mais mundos no céu e na terra do que nossa antropologia sonha<sup>27</sup>. Mundos onde nos sentimos mais vivos, digo eu, e que construímos, cada um de nós em rede, na relação aberta com a *condição* na qual nascemos, crescemos e desaparecemos e da qual nossa potência dialógica, democrática, criativa, enfim, *comunicacional*, depende para ser sincronicamente inscrita nas legislações de direitos e deveres humanos e direitos da Terra.

É assim que a condição comunicacional do ser humano é a um só tempo metafísica, é imanente — o processo de socialização ocorre nela e não em uma outra instância, *Além* dela, *Fora* dela; e nem pós-moderna, porque pousa em um *universal* completamente distinto, uma vez que não é um “princípio” no sentido clássico de ser abstrato, genérico, vazio, aquele que está em todos os entes mas não em nenhum deles.

A *condição comunicacional* — concordo com o argumento de Marcio Tavares d’Amaral sobre a necessidade de retomar os pré-socráticos — é o

<sup>26</sup> Lapoujade, David (2017). William James, a construção da experiência. n-1 edições: São Paulo.

<sup>27</sup> Castro, Eduardo Viveiros de (2009). Métaphysiques cannibales. PUF: France.

*lugar-duração*, como disse, onde tudo está “cheio de deuses”, como em Tales de Mileto, não no sentido de um retorno ao mito mas no de estar vivo, dotado de animação, de brotar e de desaparecer, de vir-a-ser.

Neste sentido, a *condição comunicacional* é a da *physis* – da demasia, da ordem e do caos, da justiça e da injustiça, etc., do que se produz e dura. Pois sua *união*, sua, digo eu, *comunicação*, uma vez que “o contrário em tensão é convergente”<sup>28</sup>, sua *pacificação*, ocorre, como mostra Heráclito, “que negou a dualidade de (...) inteiramente diversos” e, assim, “negou, em geral, o ser” (Nietzsche)<sup>29</sup>, no vigor de *logos* como *alethéia*. Esta que é a um só tempo *verdade* e *realidade*; quando *logos* é compreendido não como *doutrina dos discursos*, como o foi posteriormente aos pré-socráticos como *logoi* – como *enunciado*, o que foi *enunciado* como *ideia* movida pela *vontade de poder* de uma inteligência particular a qual Foucault dedica um de seus livros.

Para os pré-socráticos, o *logos* – “Heráclito medita aqui um escutar e um dizer. Expressa o que diz o *Logos*: Hèn Pánta, Um é tudo” (Heidegger, 1978c:111) – é o que comunga a *demasia* de *physis*. *Logos* não está *Fora* de *physis*: é “aquilo que reúne na presença tudo que se apresenta e assim o deixa-estendido-adiante” (*id.*:121). Ele é o que une o *panta rei*, o *tudo flui*. Conservando, claro, suas tensões. *Logos* é, assim, entendo, a *comunicação* de tudo que existe no dar-se e recolher-se.

Portanto, é a *condição comunicacional*, com Heráclito, o “estar-estendido-adiante, no emergir, no produzir-se, no que se oferece à vista” (*id.*, 1978b:126) – “a perene ‘emergência’ e não algo a que se atribui o emergir como qualidade, também não o todo que é atingido pelo emergir (...). O emergir que sempre durou e dura é nomeado na palavra *physis* quando dita pensadamente” (*id.*:129-130) – que o ser humano deveria escutar “com um ouvido que significa nada menos que pertencer<sup>30</sup>”, digo eu, à ela, a *condição comunicacional*; e, diz Heidegger, “ao *Logos*” (*id.*, 2012:116), entendido como acabamos de ver.

---

<sup>28</sup> Aristóteles, *Ética* a Nicômaco, VIII, 2. 1155 b 4: Heráclito (*dizendo que*) o contrário é convergente e dos divergentes nasce a mais bela harmonia, e tudo segundo a discórdia.

<sup>29</sup> Parágrafo V, *A filosofia na época da tragédia grega*. Edições 70. Por isto Heráclito foi acusado por Platão de incoerência e por Aristóteles por negar a lei da não-contradição.

<sup>30</sup> O que converge com o *Eu-isso* de Martin Buber, que se qualificou como um *atypische mensch* (um humano atípico), e foi discípulo do Dilthey, centrado, como mostra von Zuben, não em um construto teórico, em uma doutrina forjada para o bem de uma causa, mas no diálogo, no *entre*,

Trata-se de escutar a *verdade* como *alétheia*, em uma postura epistemológica – a de *falar de dentro*, de cantar e dançar *de dentro*, que Marcio Tavares d’Amaral lucidamente experimenta com “mão de criança”, como “alegre esperança” – em relação a qual Heráclito foi enfático. Ele, que Heidegger entendeu como “o claro” “porque, questionando, pensa em direção à luz de clareira” (id:249); “portanto obscuro para os leitores demasiado apressados” (Nietzsche)<sup>31</sup>.

#### Cena 4

Permaneçamos, por gentileza, na visita à *condição comunicacional* para a conhecermos mais. A *fetalização*<sup>32</sup> prolongada do ser humano, identificada pelo anatomista Louis Bolk<sup>33</sup> em 1926, e articulada com a criatividade única do ser humano em comparação aos outros animais, o faz aparecer, ser fecundado, nascer, criar-se, na interdependência absoluta do outro. Uma vez que só pode instaurar-se como ser humano na escuta da *voz da mãe* (da *voz da mãe*, da *voz do pai*, da *voz fraterna*, e da *voz da função-mãe, função-*

---

baseado nas *palavras-princípio* que, ao não ser vocábulos isolados mas pares de vocábulos”, movem as intencionalidades dinâmicas que instauram em diálogo duas consciências vividas, como a única maneira de existir na presença, marcadamente pré-cognitiva e pré-reflexiva e, assim, pode-se dizer um *intuicionismo* como seu mestre. Seu compromisso, neste sentido como o meu, é com a antropologia filosófica, que deve ser exercitada como ato vital, e não como abstração: o decisivo, disse ele, é correr o risco, atirar-se na água e nadar. Buber, Martin (2003). *Eu e tu*. Tradução, introdução e notas por Newton Aquiles von Zeuben. Centauro Editora: São Paulo.

<sup>31</sup> Parágrafo VII, *A filosofia na época da tragédia grega*. Edições 70.

<sup>32</sup> Nas palavras de Arnold Gehlen, a teoria da fetalização trata do “hecho de que ciertas peculiaridades orgánicas, como la dentadura sin diástema, la mano con cinco dedos y otras peculiaridades ‘arcaicas’, vale decir, antiguas en la historia evolutiva, sólo son comprensibles como punto de partida de especializaciones como las que hallamos en monos grandes (colmillos salientes, acortamiento del pulgar). Las demás peculiaridades (carencia de pelaje, bóveda craneana con mandíbula ortognata, estructura de la región pelviana, etc.) deben entenderse como estados fetales que se fijaron, se hicieron permanentes. Esta ‘retardación’, a la cual le debe el hombre un exterior como quien dice embrionario, es un elemento aclaratorio sumamente valioso, porque permite comprender también otras propiedades humanas, sobre todo el período desproporcionadamente largo de desarrollo, la prolongada etapa de desvalimiento del niño, la tardía maduración sexual, etc. Todas estas características se engloban bajo el concepto de ‘falta de especialización’, que justifica el describir y comparar al hombre en oposición al animal, ante todo a sus parientes más cercanos, los grandes simios, por cierto muy especializados”. Ver Gehlen, Arnold (1993). *Antropología filosófica: del encuentro y descubrimiento del hombre por sí mismo*. Ediciones Paidós: Barcelona, Buenos Aires, México. p. 64.

<sup>33</sup> Ver Van Bork-Feltkamp, A. J. (1938). *Antropological research in the Netherlands: historical survey*. N.V. Noord-Hollandsche Uit-gevers-Maatschappij: Amsterdam.

*pai e função-fraterna*); portanto na linguagem, pois “a palavra se destina ao outro enquanto outro” (Godbout, 1999:21), de maneira a poder fazer o mundo lhe falar de forma favorável. Portanto, na escuta do amor do outro; da justiça do outro; dos direitos humanos do outro; da ação desinteressada dele e que o orienta em sua direção, como demonstra a antropobiologia filosófica (Poulain, 2001).

Neste sentido, a teoria psicopolítica é diametralmente oposta à maneira como Freud e Lacan entenderam a fetalização. Como se sabe, o que para mim é a *condição comunicacional*, o *fato psicopolítico elementar* que permite ao ser humano a emancipação, é para eles o estado de derrelição: de abandono, de desamparo, que faria o estado de *infans* do ser humano ser uma experiência, imagine, de *submissão completa ao outro* para que ele pudesse “sobreviver”.

E mais: é entendido em Lacan que a *condição humana* seria a da *imago do corpo despedaçado*, uma vez que, com o sistema nervoso e o sistema motor “inacabados”, o ser humano nesta fase experimentaria um caos de sensações, desprovido por completo, em minhas palavras, da construção contínua da capacidade de julgar, a qual ele se refere como sendo a capacidade de operar diferenciação entre exteriores e interiores e mesmo de sintetizá-los.

É assim que Freud vê na fragilidade do bebê uma angústia diante da separação do objeto de amor, a mãe, e um medo frente à finitude da vida, à força da natureza e às ilusões de proteção. Ou seja, a condição comunicacional ao invés de ser o *lugar-duração* da emergência do humano emancipado é o da *Hilflosigkeit*, o do referido desamparo – ou seja, da falta absoluta de solução para a condição humana dada a sua fragilidade, do vazio da significação do humano e de sua existência.

É, assim, sintomaticamente narcísica a recusa da teoria social e da filosofia hegemônicas em relação aos estados mentais próprios da condição comunicacional, que implica aparecer e desaparecer, no *devoir*. Para Flusser, exemplo desta recusa, o objetivo da comunicação humana seria fazer-nos esquecer desse “contexto insignificante” em que nos encontramos, para ele completamente sozinhos e incomunicáveis. O objetivo da comunicação seria, assim, para ele, o de “nos fazer esquecer desse mundo em que ocupamos uma cela solitária e em que somos condenados à morte – o mundo da natureza” (Flusser, 2010:90).

Neste sentido, lembro-me da pergunta que Marcel Mauss fez em 1925, nas palavras de Godbout: “em virtude de que proeza as ciências sociais conseguem falar dos vínculos sociais sem usar as palavras que os designam na vida corrente: desprendimento, perdão, renúncia, amor, respeito, dignidade, redenção, salvação, reparação, compaixão, tudo o que está no cerne das relações entre os seres e que é alimentado pela dádiva?” (Godbout, 1999:253). E a resposta: em virtude da proeza dualista.

### Cena 5

Sabemos o quanto o epistemicida Ocidente hegemônico, em especial seus pós-modernos, são refratários ao amor. Como se sabe, este Ocidente fez as experiências do *amor cristão*, do *amor romântico*, do *amor comunista* e do *amor hippie*, por exemplo, e como não deram certo (como também não deu certa a fabulação das *políticas das identidades* e da *cultura digital*, esfacelada por dentro pela ausência de políticas públicas voltadas para a intervenção nos territórios mentais no sentido de fazer o trânsito do dualismo ao não-dualismo, o que a terapia filosófica faz) jogaram a *questão amor* (a da *philia*, força de atração entre as diferenças) fora junto com a água do banho. E colheram o ódio (*neikos*, força de repulsa entre as diferenças) generalizado e amplificado na cultura digital, expressão mais brutal da polarização que cindiu os psiquismos e suas redes, as instituições, com este estado mental que tantos intelectuais e lideranças repetem não saber de onde veio nem como superá-lo, por ainda não compreenderem que ele é o clímax dos 24 séculos de dualismo.

O fato é que o amor e a correspondente ação desinteressada que emanam na *condição comunicacional* do ser humano, e que motivam o *outro* na direção daquele que aparece na vida, é a mesma motivação, repito, que move a busca pela justiça social, pela distribuição de renda, pelos direitos humanos e pelas políticas públicas sociais em geral, estes outros nomes da segurança e da proteção. Esta motivação é, sim, uma faculdade de desejar superior e o ser humano a assume como a *figura de felicidade*, que vai buscar durante toda a sua vida, seja em figuras reais ou em simulacros; ela move, como demonstra Jacques Poulain, “a busca infinita por um mundo que corresponda às nossas expectativas, respondendo-nos tão favoravelmente quanto a voz da mãe. (...)”

nos recompensando à maneira da voz da mãe: ao nos responder de forma necessariamente favorável”<sup>34</sup>.

É por isto que a condição comunicacional do ser humano nada ter a ver nem com a sede de dominar, de fazer-se mais forte, de constranger outras forças mais fracas e assimilá-las (como as do bebê) como Nietzsche referiu, nem com ver a natureza “como uma força fundamentalmente estranha, onipotente e inatacável”, como em Marx e Engels<sup>35</sup>; mas que tem a ver com o referido *conatus* espinosiano, a insistência em ser o que se é-aí, o que depende dos *encontros alegres* (Espinosa), da *euthymie* (alegria; Demócrito) que Sêneca compreendeu indispensável, como bem-estar psicológico (*tranquillitas animi*) para o processo de aprendizagem (*felicitatis intellectus*). E que é correlato de certa maneira à *autopoiese* de Maturana, à *auto-regulação* de Reich (Sarcinelli *et alli*, 2020) e à *homeostase* nomeada por Walter Cannon como “a sabedoria do corpo”<sup>36</sup>, com sua constância do ambiente interno, por exemplo; e que de certa forma conversa, até mesmo, com Marx quando ele fala do “campo vivo” em que ocorrem “as ações concretas dos seres humanos”<sup>37</sup>.

É o que se constata empiricamente. É *ali*, no modo como o ser humano se reproduz, que está a *Terceira Estrutura da Verdade*, a *Estrutura Comunicacional da Verdade*, pois “a história deve ser julgada do ponto de vista da espécie, e não da razão pessoal”<sup>38</sup>, como sublinha Deleuze. A verdade são os estados mentais próprios da *condição comunicacional* do ser humano, todos

---

<sup>34</sup> Conferência *A cultura estética da verdade diante da globalização*, realizada no I Colóquio GT de Ética e Filosofia e VI Simpósio de Estética Corpo Social, Corpo Político e Imagem/Pontifícia Universidade de São Paulo, em 24 de Novembro de 2020. Organizado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Sônia Campaner Miguel Ferrari. Pode ser assistida em <https://youtu.be/dZlQlwCh2pA>

<sup>35</sup> Marx, K. & Engels, F. (2001). *A ideologia alemã*. Martins Fontes: São Paulo. p. 25.

<sup>36</sup> Fisiologista e médico, Cannon aprofundou a demonstração que os corpos preservam sua estabilidade na relação com as forças que encontram, mesmo as contrárias, fenômeno descrito pela primeira vez pelo fundador da fisiologia experimental moderna Claude Bernard em 1859, o que sugere que as lições homeotáticas da sabedoria do corpo, título de seu famoso livro de 1932, podem ser aplicadas a problemas de estabilização social e econômica. Ver ([https://www.researchgate.net/publication/247752430\\_Claude\\_Bernard\\_and\\_the\\_Constancy\\_of\\_the\\_Internal\\_Environment#:~:text=In%20the%2019th%20century%2C%20Claude,and%20popularized%20by%20Walter%20Cannon%2C](https://www.researchgate.net/publication/247752430_Claude_Bernard_and_the_Constancy_of_the_Internal_Environment#:~:text=In%20the%2019th%20century%2C%20Claude,and%20popularized%20by%20Walter%20Cannon%2C))

<sup>37</sup> Ver Iasi, Mauro (2006). *As metamorfoses da consciência de classe: o PT entre a negação e o consentimento*. São Paulo: Expressão Popular.

<sup>38</sup> Deleuze, Gilles (2000). *A filosofia crítica de Kant*. Edições 70: Portugal. p. 78.

eles enfeixados nos dois grandes grupos de estados mentais emancipadores: os da segurança e da proteção, que em termos das estruturas do Estado correspondem respectivamente aos aparelhos destinados a impedir que o ser humano tenha o seu direito à vida violado, e aqueles outros aparelhos destinados a fomentar a sua vida, uma vez que ela esteja segura.

A pergunta emancipadora, portanto, é: o estado mental que estou autorizando a ser a fonte de referência para cada uma de minhas ações, portanto de cada movimento meu no mundo, faz vigorar, ou não, os estados mentais da *condição comunicacional*? Esta é a pergunta do *cuidar-se de si em rede*, que jamais pretende suspender a *impermanência*, o *tudo flui*, de elevar-se acima dela. Pelo contrário. *Cuidar-se de si em rede* é motivado, em uma *metaformose ambulante*<sup>39</sup>, seja pela serenidade corajosa frente à morte de *si*, como em Heidegger, seja pela liberdade que surge, como prefiro, no budismo, e em muitas tradições espirituais, de um *eu-não-sou*<sup>40</sup>.

Byung-Chul Han compartilha uma expressão zen que ajuda a compreender esta questão: “Apenas quando o morto está completamente morto em você, você se enxerga como vivente; e apenas quando o vivente em você está completa e inteiramente vivo, você se enxerga como morto”<sup>41</sup>. Ou seja, apenas quando você abandona, de maneira não-dualista, a mentalidade equivocada, o dualismo, que gera a *fakemind*, portanto quando ela está efetivamente morta em você, é que você está completa e inteiramente vivo, des-esquecido em rede de *si*, conversando com a famosa colocação de Heidegger; des-esquecido de *si* que, a rigor, inexistente, como se experimenta em determinados estados mentais meditativos ou na experiência, mais acessível, e por isto tantas vezes compulsiva, da *petite mort*.

Neste sentido é que Norbert Elias mostra que dentre os principais critérios para o processo de civilização estão justamente as transformações do *habitus* social dos seres humanos, na direção de um modelo de auto-controle que apesar de conviver com as necessárias coações institucionais, configura auto-coações frente à referida *trias violentiae*, com maior autonomia da vontade em contraposição àquelas.

<sup>39</sup> Refiro-me à música de Raul Seixas, lançada em 1973 no álbum *Krig-Ha, Bandolo!*, incluído pela revista *Rolling Stones* dentre os 100 melhores brasileiros, na 12ª posição.

<sup>40</sup> Ver Han, Byung-Chul (2020). *Filosofia do zen-budismo*. Editora Vozes: Petrópolis.

<sup>41</sup> *op. cit.*, p. 157.

É no curso do processo civilizatório que aumenta a capacidade de transformação sublimatória dos impulsos comportamentais mais “prenhes de pulsões” (Elias, 2016:24), ou seja, mais inconscientes, como se vê nos dias atuais, movidos por “vozes das profundezas, vozes diabólicas que o sujeito não reconhecerá como suas” (Melman, 2003).

### Cena 6

Examinemos agora, de maneira ainda mais detida, o roteiro que faz permanecer um fundo metafísico na pós-modernidade. Talvez o maior dos exemplos desta permanência seja o Estado, que continua a ser compreendido como um *Além* do ser humano, um *Além* muito especial pois reconhecido como “o” detentor legítimo do processo de criminalização, o centro de todas as esperanças, o “mediador entre a violência privada e a violência estrutural”, como em Schinkel<sup>42</sup>.

Cabe perguntar: como esse *Fora* do ser humano, composto no entanto por seres humanos, como disse, e não por divindades idealizadas, seria capaz de utilizar tal força legítima e legal para conter os seres humanos que usem de maneira ilegal a força, se os seres humanos *Fora* “dele” estão convencidos, e legitimados pela teoria social e filosofia hegemônicas, que não seriam capazes de controlar a sua força na consecução de seus objetivos, de seus desejos, daquilo que consideram suas necessidades, inclusive “políticas”?

Ou seja, neste entendimento, aquele que te representa “lá”, no Estado, para evitar a violência “aqui”, no cotidiano, quebra o alicerce da representação, a *confiança*. E o que faz este não *cuidar de si em rede*? Faz generalizar seres humanos *dividuos* (Simondon; Deleuze, Sennet) que generalizam a violência, como vimos, e ainda estamos vendo, por exemplo, na América Latina em termos emblemáticos, no museu do passado recente, em relação, sem idealizá-los, claro, a Lula, Cristina Kichner, Evo Morales e Rafael Correa, bem como em um tsunami de fatos delirantes.

Já que estamos aqui, visitemos também o exemplo da Nestlé, outro emblemático simulacro de segurança e proteção, neste caso sob a etiqueta de saúde, implantado no território mental. Na verdade, a imagem da Nestlé,

---

<sup>42</sup> Schinkel, Willem (2010). *Aspects of violence: a critical history*. Palgrave Macmillan: United Kingdom. p. 165.

demonstra o *Financial Times*<sup>43</sup>, é *mentira*. Aquele prestigioso jornal britânico de finanças, publicou em 30.05.2021<sup>44</sup> o conteúdo de recente apresentação restrita aos principais executivos daquela corporação, a qual o jornal teve acesso. Nela, a maior empresa de alimentos do mundo reconhece que mais de 60 por cento de seus principais produtos alimentícios e bebidas não atendem a uma “definição reconhecida de saúde” e que “algumas de nossas categorias e produtos nunca serão “saudáveis”, não importa quanto renovemos”; e informa ainda que, de acordo com o sistema australiano de classificação de saúde, internacionalmente utilizado, 99% do seu portfólio de doces e sorvetes, assim como 70 por cento de seus produtos alimentícios e 96 por cento das bebidas<sup>45</sup>, não atingem o padrão de saúde. Portanto, mais um fracasso do Estado frente a estes “homens violentos” (o alegado *estado de natureza* hobbesiano), pois este *Grande Outro* não cumpriu, também neste caso, a missão que lhe foi metafisicamente confiada, como dito.

Imaginar o *outro* como uma realidade absolutamente externa, como ensina o dualismo hegemônico no Ocidente há 2.400 anos, vimos, deslegitima a possibilidade do responsabilizar-se em rede sobre *o-que-se-faz-com-o-outro*. Deslegitima a possibilidade do *encontro*, do *pensar junto*, da complementariedade de opostos, da divergência, enfim de fazer justiça interpessoal (como no caso do feminicídio e da violência contra a comunidade LGBTQIA+), social e estatal.

De compreender o mundo e a vida, portanto, como uma incomensurável rede de processos interconectados, que mudam constantemente, no qual os “objetos” com algum grau de estabilidade, como os seres humanos, são de fato muito mais padrões de informação do que “substâncias” inalteráveis; padrões que se articulam constantemente e desta forma se expressam com o outro, em uma relação, como dito, de *confiança*, pois todo conflitante, como Nietzsche<sup>46</sup> compreendeu em Heráclito, conflui na “harmonia mais bela”<sup>47</sup>, invisível, decerto,

<sup>43</sup> O *Financial Times* pertence à japonesa Nikkei Inc.: “Nikkei Inc. said on (...) [2015] it had completed the acquisition of the *Financial Times* from Pearson, the U.K.-based education and publishing giant, becoming the world’s largest business media group by number of subscribers.” <https://asia.nikkei.com/Business/Companies/Nikkei-completes-acquisition-of-Financial-Times>

<sup>44</sup> <https://www.ft.com/content/4c98d410-38b1-4be8-95b2-d029e054f492>

<sup>45</sup> Excluindo café puro.

<sup>46</sup> Parágrafo VII, A filosofia na época da tragédia grega. Edições 70.

<sup>47</sup> Heráclito de Éfeso, Fragmento n. 8: “O contrário em tensão é convergente e da divergência dos contrá-

ao olho humano habitual: este “um vir-a-ser e perecer, um construir e destruir, sem nenhum discernimento moral, eternamente na mesma inocência, [que] têm, neste mundo, somente o jogo do artista e da criança”<sup>48</sup>.

É a ruptura dualista da *confiança* que gera a frustração sistêmica e cumulativa em relação à política e ao Estado, com a correspondente desagregação das instituições e o fortalecimento dos projetos de poder da extrema-direita. E o que se tem agora é a já adiantada transferência desta vã esperança, que *nela* (a política) e *nele* (o Estado) se tinha, para a recente – e mais uma – entidade metafísica “salvadora do mundo” – agora o *Mercado*, que tudo resolveria, pois seria “puro”, território da liberdade.

Mas para que o Mercado seja “puro”, no sentido weberiano de despido do *ethos* guerreiro que ficaria adstrito ao Estado (Misse, 2016), os seres humanos que o integram precisariam ser, cada um deles, “puro”; ou então estarem engajados – o que é viável através uma terapia filosófica que prepare lideranças de políticas públicas, claro, também de educação – neste processo, auto-estimulados e estimulados por seus pares e pelas redes de psiquismos, as instituições; o que depende de uma legitimação, para tal, demonstrada e sustentada pela teoria social e a filosofia – *a cuidar de si* (da sombra) *em rede*, pois inexistente o *absoluto individual*, portanto o *númeno* kantiano, a *coisa em si*.

Assim, é vital para emancipar-se, e ajudar a outros a emanciparem-se, *cuidar de si em rede*, no sentido socrático, como um propedêutico para a política, e mais que um propedêutico uma contínua terapia filosófica em rede. Pois o que ocorre, de fato, empiricamente, é que em cada ação no mundo o sujeito que a realiza efetiva uma visão de mundo, uma filosofia do que o ser humano, ele, a vida e o mundo seriam. Isso foi o que fez Hobbes. Que também fizeram, em relação ao contrato social, Grotius, Pufendorf, Locke, Rousseau, Kant, Rawls, etc. Hobbes imaginou o mais imediato, que um outro, digo eu, resolva o problema que é nosso, pois respondia ao dualismo hegemônico, como estamos constatando ao percorrer este roteiro.

Se estas tentativas resultaram na *vida nua*, a daqueles que não se submetem à ordem autoritária e são por isto excluídos da segurança e proteção jurídicas,

---

rios, a mais bela harmonia”. in Carneiro Leão, Emmanuel e Wrublewski, Sérgio (1993). Os pensadores originários: Anaximandro, Parmênides, Heráclito. Introdução e tradução. Vozes: Petrópolis. p. 61.

<sup>48</sup> *id.*

tentativas que também resultaram na *sindemia*<sup>49</sup>; ou seja, se há experiência radical e multidimensional de insegurança e desproteção, o oposto diametral dos estados mentais da segurança e da proteção constitutivos da condição comunicacional, este *estado de coisas*<sup>50</sup> é instaurado pela mentalidade que os seres humanos legitimam psicopoliticamente a referenciar seus processos de decisão, sua capacidade de julgar. Na vida real, o privado e o público são apenas um. O *fato social elementar* é o *fato psicopolítico elementar*, a *condição comunicacional*.

É neste sentido que a terapia filosófica desta situação é o cuidar de si, como Foucault se deu conta com os estoicos, epicuristas e cínicos, assim como a episteme hindú sistematizou profundamente ao longo de milênios, Dostoiewsky entendeu como o solo da própria consciência que precisa ser revisto<sup>51</sup> e Espinosa investigou a natureza das afecções; *cuidar de si em rede* é dar conta, *real time*, de sua própria conduta em relação a si mesmo e em relação aos interlocutores; é estar no lugar da potencial suspensão do tempo histórico, vale dizer, da inconformidade, da desobediência voluntária. Daquele estado que Foucault chamou, em 1980, de maneira muito particular, de “espiritualidade política”, no sentido da experiência da modificação em rede de si, do controle da sombra, de “tornar-se outro do que se é”<sup>52</sup>.

O que é extremamente difícil, pois o que se contrapõe a esta experiência não é fraco e desesperado, como tantos incautamente pensam, com as consequências que conhecemos. Basta revisitar o roteiro de ingenuidade que foi o das promessas feitas, em especial daquelas feitas no século XIX e no final do século XX, no sentido de que o horror, amplamente de volta no século XXI, como sabemos (por exemplo, a correlação entre a República de Weimar e o levante crescente dos supremacistas e milícias de extrema-direita em várias partes do mundo preparando-se para o *Dia X*<sup>53</sup>; ao que soma, também por exemplo, as

<sup>49</sup> <https://cee.fiocruz.br/?q=node/1264>

<sup>50</sup> <https://plato.stanford.edu/entries/states-of-affairs/>

<sup>51</sup> Refiro-me a seu livro *Memórias do Subsolo*, que escreveu quando sua primeira mulher estava à morte e sua vida financeira profundamente abalada. O personagem que narra a história investe contra tudo e sobretudo contra o solo da própria consciência, o que fez com que este livro, como muitos avaliam, prefigurem o que Freud pensou sobre o inconsciente.

<sup>52</sup> [https://www.lemonde.fr/idees/article/2018/01/25/michel-foucault-en-1980-l-esprit-est-une-substance-reactive\\_5247143\\_3232.html](https://www.lemonde.fr/idees/article/2018/01/25/michel-foucault-en-1980-l-esprit-est-une-substance-reactive_5247143_3232.html)

<sup>53</sup> O *Dia X* é o dia em que haveria um colapso político e econômico completo e pelo qual esperam as

operações contra o “militantismo excessivo” dos pesquisadores na Dinamarca<sup>54</sup> e na França<sup>55</sup>), estaria no caminho da superação graças ao aperfeiçoamento do Estado com o *Estado do Bem Estar Social*, da revolução comunista, do comprometimento nominal com a sustentabilidade, da austeridade dos outros, do fim do Estado frente ao Mercado, do neodesenvolvimentismo, da democracia direta, das referidas políticas de identidade e da cultura digital, do vigor da disputa de narrativas e fabulações, etc.

### Cena 7

É decisivo compreender a centralidade de resgatar, através da terapia filosófica que opera o trânsito do dualismo ao não-dualismo, o poder do ser humano para transformar a vida, ao contrário de mantê-lo teoricamente submetido aos ditames de um *outro* a ele absolutamente externo: aos ditames da “sociedade”, da “história”, da “coercitividade econômico-política”, vale dizer, de que a “liberdade individual” dependeria *in totum* de que estas instâncias deixassem de ser opressoras, para então, depois disto, o ser humano ser livre. O que é mais uma operação dualista: a da criação de um *outro* que estaria *Além, Acima, Fora* do ser humano, como dito. Aquele ser humano que ao nascer decide por ele mesmo, pois ninguém o pode fazer por ele, respirar. A inspirar a vida e a expirar ação, mediado pela capacidade de julgar.

Evidentemente que existem instâncias privadas, estatais e estruturais, como negá-las, não é verdade? O que estou negando é que os seres humanos sejam

---

forças de extrema-direita em to-do o mundo, a partir da Alemanha ([https://en.wikipedia.org/wiki/Day\\_X\\_plot](https://en.wikipedia.org/wiki/Day_X_plot)), para poder tomar o poder por completo. Ver por exemplo Miller-Idriss (2017). *The extreme gone mainstream: commercialization and far right youth culture in Germany*. Princeton University Press: USA; e Miller-Idriss, Cynthia & Koehler, Daniel. *A plan to beat back the far right: violent extremism in america demands a social response*. in *Foreign Affairs*, February 3, 2021. <https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2021-02-03/plan-beat-back-far-right>

<sup>54</sup> “Le 28 mai [2021], une majorité des députés [danois] avait voté une motion qui, rappelant l’importance de ‘l’*autorégulation académique*’, demande aux universités de veiller à ce que ‘la *politique ne se déguise pas en science*’. Dans leur tribune, les chercheurs mentionnent Frédérique Vidal, dont les propos ont, selon eux, servi de ‘*modèle direct*’ aux politiciens danois, qu’ils accusent de mettre en danger la liberté académique dans le royaume.” [https://www.lemonde.fr/international/article/2021/06/08/la-liberte-academique-en-danger-selon-les-chercheurs-danois\\_6083281\\_3210.html](https://www.lemonde.fr/international/article/2021/06/08/la-liberte-academique-en-danger-selon-les-chercheurs-danois_6083281_3210.html)

<sup>55</sup> [https://www.lemonde.fr/societe/article/2021/02/19/frederique-vidal-le-bon-petit-soldat-dans-la-tourmente\\_6070542\\_3224.html](https://www.lemonde.fr/societe/article/2021/02/19/frederique-vidal-le-bon-petit-soldat-dans-la-tourmente_6070542_3224.html)

sobredeterminados por elas. Porque se assim fosse de onde emergiriam os revolucionários, os insurgentes, os desobedientes, ou seja, aqueles que criativamente reinventam-se transformando o lugar no qual emergiram na história, em uma determinada formação cultural que não gostaria que eles existissem?

Neste sentido, concordo com Bergson quando ele mostra o roteiro de Gabriel de Tarde, que “nos conduz, por mil caminhos diferentes, a ver nas iniciativas individuais e em sua irradiação a verdadeira causa do que se faz numa sociedade, e mesmo do que acontece no mundo. Seduzidos pelos admiráveis sucessos das ciências físicas, nós nos inclinamos excessivamente a construir as ciências sociais sobre o mesmo modelo, a colocar como princípio que a evolução das sociedades deve obedecer a leis inelutáveis, a nos representar os acontecimentos históricos como resultados necessários de forças cegas, impessoais, que se comporiam entre si mecanicamente. Contra essa tendência, que se tornou natural ao nosso espírito, toda a filosofia de Tarde protesta. As sociedades humanas são, sem dúvida, atravessadas por correntes; mas na origem de cada corrente há uma impulsão, e essa impulsão vem de um homem. Assim como a história de cada um de nós se explica pelas iniciativas tomadas e pelos hábitos contraídos, a vida das sociedades é feita de invenções que surgiram aqui e ali e das modificações duráveis a que essas invenções conduziram ao serem adotadas”<sup>56</sup>. Um com coragem é um exército.

Este *devoir-outro* é gerado, portanto, se recorremos a Terry Eagleton, pelo salto mortal, ou cambalhota para trás, no qual o *self* toma a si mesmo como objeto de conhecimento – para que seja evitada a vontade que precipita o sujeito no abismo do tédio, quando ele tem patrimônio, e no abismo da angústia, quando ele não o tem, como descrito por Schopenhauer – e dedica-se ao exercício psicopolítico da hermenêutica do desejo<sup>57</sup> e do pensamento que “forra o berço da criança com pressupostos antropológicos” (Hall, 2000:125), forrando-o, então, de maneira não-essencialista e não-pós-moderna, mas comunicacional, como o *lugar do sujeito*, que jamais é a caverna isolada do “puro sujeito”.

<sup>56</sup> *apud* Nota do tradutor. in Tarde, Gabriel de (2011). A leis sociais: um esboço de sociologia. Editora da UFF: Niterói. pp. 11-12.

<sup>57</sup> Lembro-me de Edgardo García, quando ele diz: “Esse afã pelo bem-estar material tem nos conduzido à molície dos prazeres permitidos, se é que podemos nos permitir os mesmos, e nos afasta do impulso necessário para fortalecer a cidadania, que hoje só pode se concretizar por meio de uma grande transformação social”. García, Edgardo (2006). Espaço público e mudança social: pensar a partir de Tocqueville. in Boron, Atilio A. (org.). Filosofia política moderna: de Hobbes a Marx. CLACSO e DCP-FFLCH/USP: Argentina e Brasil. p. 438.

O *lugar do sujeito* é o lugar des-interiorizado, no qual se des-espelha o *si*, pois aberto ao *outro*, que é, assim entendo, como Stuart Hall demonstrou, “o ponto de encontro, o ponto de “sutura”, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos ‘interpelar’ (...) e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constróem como sujeitos aos quais se “pode falar” (*id.*:11-12).

É claro que a ordem psicopolítica, ou seja, a dos psiquismos e também de suas redes, as instituições, como disse, implica em contrários, em interesses conflitantes que favorecem uns e prejudicam outros. Não estou fugindo, reitero, com a teoria psicopolítica e a terapia filosófica, do conflito, nem do fato, observado por Heráclito, que quando os seres humanos agem parecido o fazem por compartilharem a ignorância e o fazem como se estivessem adormecidos. Mas estou demonstrando que dependendo da episteme que se tem como referência, o conflito é sintoma, e não essência.

Neste sentido, constato que continua em aberto superar o epistemicídio, adotando *de fato* epistemes na diáspora para tratar da verdade, como o busco fazer desde os meus tempos de graduação, iniciada em 1969, e não continuando a insistir em falar bem delas mas tendo como lugar de fala as mesmas matrizes européias e norteamericanas hegemônicas.

Para epistemes na diáspora, como a taoísta, a budista, a dos indígenas da Sierra Nevada de Santa Marta, a tradição africana dos Dagara<sup>58</sup>, por exemplo, e tantas outras, o conflito é o sintoma de uma dificuldade ontológica, epistemológica, teórica, metodológica e vivencial de gerar, a cada dualidade (a maneira como a vida se manifesta), a cada polarização, a cada divergência, a complementariedade dos opostos em tensão.

É disto que se precisa nesta fase do processo civilizatório, marcada pelo que parece ser o clímax de polarização produzida pelos 24 séculos de dualismo iniciados por Aristóteles ao expulsar o não-dualismo dos decisivos pré-socráticos da história da filosofia. Esta é a causa dos males que des-espere a tantos, pois parece irreconciliável o encontro com o outro.

## Cena 8

Continuar com este roteiro é, portanto, um equívoco. Os roteiros são decisivos, como vimos. É preciso conhecê-los para não repetir erros, ilusões. Em uma das

---

<sup>58</sup> [https://en.wikipedia.org/wiki/Sobonfu\\_Som%C3%A9](https://en.wikipedia.org/wiki/Sobonfu_Som%C3%A9)

vezes que estive na amada Galiza, daquela vez com minha filha Úrsula Mey, recebemos a generosa acolhida de José Manuel Barbosa, historiador e Membro de Número da Academia Galega da Língua Portuguesa, a quem dedico este artigo, que nos levou a conhecer, juntamente com sua esposa Ro Palomera, um outro, e verdadeiro, roteiro sobre a história da Galiza, ele que é um excepcional organizador de roteiros emancipadores, visitando conosco preciosidades inesquecíveis como os Mosteiros suevos de Santa Cristina de Ribas de Sil e de São Pedro de Rochas, a Fonte de São Bento, o Monte do Pisco na raia galaico-portuguesa, o bairro velho de Ourense, sua Ponte Romana, as Burgas, o Bairro dos Vinhos, os Dólmenes de Moinhos e o Vale do Rio Salas.

Com ele, e seus livros, como *A evolução histórica dos limites da Galiza* (2021)<sup>59</sup>, *Bandeiras da Galiza*<sup>60</sup> (2006) e *o Atlas histórico da Galiza*<sup>61</sup> (2008), fui levado, e continuo a sê-lo, a redimir minha profunda ignorância, como a de praticamente todos os brasileiros que desconhecem – graças a um roteiro pedagógico eficaz, baseado no “discurso, isolador” (Hérmendez, 2005:21), portanto de base dualista, que não quer, como se sabe, o reintegracionismo da Galiza à Lusofonia – que a origem de nossa cultura, da nossa língua, é galaico-portuguesa, origem que me salta minutuariamente, se mais não fosse pelo meu sobrenome materno, Vieira...

Se afirmar e reconhecer esta origem comum ainda é muito estranho no Brasil, mesmo que Fernando Pessoa estivesse certo da justiça da criação da Ibéria, criação com a qual ele queria o fim da “absurdamente tradicionalista”<sup>62</sup> monarquia de Castela, queria também a luta contra a França e Alemanha, e, com destaque, queria

<sup>59</sup> <https://www.academiagalega.org/academia/info-atualidade/item/1947-a-evolu%C3%A7%C3%A3o-hist%C3%B3rica-dos-limites-da-galiza-i-acad%C3%A9mico-jos%C3%A9-manuel-barbosa-lan%C3%A7a-novo-livro.html>

<sup>60</sup> “O nacionalismo galego em geral, e o reintegracionista em particular, estão a adotar a Bandeira da Dinastia Real Sueva de Galécia como outro identificativo gráfico-ideológico mais. Esta bandeira, descrita num informe da Catedral de Lugo do ano 1669, começou a ver-se em estádios de futebol e atos reivindicativos desde o ano 2005 mercê à publicação do trabalho de José Manuel Barbosa no Portal Galego da Língua em 2003 e posteriormente materializado em papel em 2006 (...) [de seu] livro ‘Bandeiras da Galiza’ (...)” Ver [https://pt.wikipedia.org/wiki/Bandeira\\_da\\_Galiza](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bandeira_da_Galiza)

<sup>61</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=NszMWnH2xIk&ab\\_channel=AlexandreNovoa](https://www.youtube.com/watch?v=NszMWnH2xIk&ab_channel=AlexandreNovoa); <https://www.behance.net/gallery/850774/atlas-historico-da-Galiza>

<sup>62</sup> “O que supremamente convém é criar, desde já, a ibericidade. Fazer tender todas as energias das nossas almas para um fim, por detrás de todos os fins imediatos que tenham. Esse fim é a Ibéria, a Ibéria como dona espiritual das Américas ibéricas (e não latinas), a Ibéria como senhora da África Setentrional, a Ibéria como destruidora do prestígio e predomínio francês. Vingamos a derrota que

expiar o crime da península ter expulso “os árabes que a civilizaram”<sup>63</sup> (a “grande tradição árabe – *de tolerância* e de livre civilização”<sup>64</sup>), é mais sintomático ainda quando é na Galiza que estranha-se sua verdadeira história.

Como registram José Manuel Barbosa e Anselmo Lopez Carreira (Barbosa & Carreira, 2012:61-80), é possível compreender bem a força de um roteiro quando se toma conhecimento que o paradigma historiográfico “tradicional” passa a registrar o Reino de Galiza apenas, quando, depois da Idade Média, ele passa a fazer parte do Estado espanhol, esquecendo que o Reino de Galiza foi o primeiro reino da Europa. Pois em 410 os suevos o estabeleceram como *Gallaecia*, com moeda própria cunhada com o nome do rei Reckiário. E este reino está presente em crônicas fora da Galiza do século VI que o chamam de *Galleciense Regnum*. E mais alarmante ainda, *fakescript* que começou a ser superado apenas com o reconhecimento pela UNESCO<sup>65</sup> em 18 de junho de 2013, desconhece-se que o texto mais antigo da Europa no qual se pode localizar a origem do Parlamentarismo foram os chamados “*Decreta legionenses*”<sup>66</sup> saídos da “*Cúria Plena*” reunida em Leão, capital do Reino de Leão, em 1188<sup>67</sup>.

É necessário, é urgente, pois vital, despertar de todo sono paradigmático,

---

do do Norte infligiram aos árabes nossos maiores. Expiemos o crime que cometemos, expulsando da península os árabes que a civilizaram.” Ver Pessoa, Fernando. Problema ibérico. in Arquivo Pessoa, <http://arquivopessoa.net/textos/1226>

<sup>63</sup> *id.*

<sup>64</sup> *ib.*

<sup>65</sup> [https://elpais.com/elpais/2017/12/06/hechos/1512567046\\_582170.html](https://elpais.com/elpais/2017/12/06/hechos/1512567046_582170.html)

<sup>66</sup> “Nele recolhiam-se importantes direitos individuais como o direito à inviolabilidade do domicílio, o direito ao segredo dos correios, da propriedade, da proteção que a justiça deve exercer contra qualquer abuso de poder por parte dos nobres, o clero ou o próprio Rei contra a gente da comum e a obriga que tinha o Monarca de convocar as Cortes para declarar a guerra, resolver as querelas por meio da legalidade e da justiça, e ainda mais... Posteriormente a estes *Decreta* elaborou-se em 1194 uma Constituição para o território da Galiza Compostelana, quer dizer, da Galiza atual que nos serviu de legalidade durante muito tempo. O Parlamentarismo europeu parece ter a sua origem nestes movimentos legislativos porque a elaboração de toda esta legalidade tinha sido feita pela *Cúria* conformada tanto pelos nobres e o clero quanto pela denominada gente do Comum, quer dizer, os representantes dos burgos, ou na nomenclatura tradicional, os burgueses, conceito que no século XIX e XX tomou outras conotações acrescentadas pelo marxismo e que não deveriam obscurecer o significado que se lhe dá na historiografia tradicional”. in Barbosa, José Manuel (2018). O parlamentarismo nasceu aqui. PGL.gal, 17 de Janeiro de 2018. <https://ppl.gal/o-parlamentarismo-nasceu-aqui/>

<sup>67</sup> *id.*

e ainda mais do sono hiperparadigmático de Aristóteles que visitamos, pois, ainda com Fernando Pessoa, “toda nação que superiormente se constituiu” é aquela “que chega a obter uma consciência civilizacional de si mesma” (*apud* Hernández, 2005:185).

Nesta caminhada está a humanidade planetarizada.

Como, em termos latinoamericanos, por exemplo, está o Chile, no qual o resultado da eleição de deputados constituintes de esquerda, centro-esquerda e independentes de partidos marcou uma derrota histórica da direita, mas, apesar disto ser transformador, eles já começam a atuar criando uma bancada parlamentar<sup>68</sup> e uma carta<sup>69</sup> que parecem reproduzir práticas políticas tradicionais, que permite perguntar se estão capturados pelos mesmos valores que até então diziam querer superar no plano dualisticamente nomeado de “político” (Ouriques, 2009); e a Colômbia, na qual, após o longo processo de tentativa de instauração de uma era pós-conflito, o que demandaria a revisão da teoria social e da filosofia, e consequentemente a orientação dos movimentos sociais, que lá mostrei em várias oportunidades (*id.*: 2015a, 2015b, por exemplo), retornou a uma violência extrema; e, para não alongar-me em outros países deste amado continente, está ainda a Argentina, com sua triste intenção de europeizar a sua origem, como vazou na fala de Alberto Fernández, seu presidente, na visita do presidente do governo da Espanha aquele país em junho de 2021, com uma frase tirada de uma canção do cantor de rock Litto Nebbia que ele erroneamente atribuiu a Octavio Paz<sup>70</sup>: “Os mexicanos vieram

<sup>68</sup> <https://www.elmostrador.cl/dia/2021/06/08/constituyentes-forman-voceria-de-los-pueblos-y-plantean-seis-garantias-democraticas-para-el-desarrollo-de-la-convencion/>

<sup>69</sup> Comenta o pesquisador Maurício Esteban Alarcon Silva: “Embora a carta enviada pelos 34 constituintes não explicita violação de regras específicas, ao constatar que não está subordinada ao acordo de paz, [a bancada] rejeita as normas que dão origem ao processo constituinte. Este acordo pela paz é o marco pelo qual as forças políticas definem por lei o caminho a seguir para a mudança da Constituição. (...) Embora a carta dos 34 constituintes não especifique as regras a serem violadas, ela constitui um meio de pressão, que aparentemente consegue gerar o efeito político desejado pelos signatários... então a questão é que se assemelha a uma operação política que, por um lado, altera o ânimo dos setores políticos tradicionais, ao mesmo tempo que gera as condições para a negociação e/ou construção de novas alianças, o que é muito típico da lógica de poder que tradicionalmente vemos em organizações como o Congresso. Eles aprenderam rápido? Ou é o conhecimento tácito que opera no nível da estrutura mental?”

<sup>70</sup> Na verdade, Octavio Paz escreveu algo bem distinto: “Os mexicanos descendem dos astecas, os peruanos dos incas e os argentinos dos barcos”.

dos índios, os brasileiros saíram da selva, mas nós, os argentinos, chegamos de barco. Eram barcos que vinham da Europa<sup>71</sup>. Fernández insistiu desta maneira em apagar as raízes indígena e negra da formação de sua população, dando seguimento ao roteiro falso, com base no racismo de Estado criado no final do século XIX e operado pelos censos, museus, mapas e escolas argentinos.

É também nesta jornada de obter uma consciência civilizacional de si mesmo que está o Brasil, minha terra natal, precisando priorizar a terapia filosófica psicopolítica de psiquismos e suas redes, as instituições, para superar sua *ninguendade* de berço, identificada e cunhada por Darcy Ribeiro<sup>72</sup>— dado que os filhos de homens europeus com mulheres indígenas e mulheres negras rejeitaram suas mães e desejaram ser europeus como os pais, que lhes rejeitavam — e que ainda multiplica nos atuais neoninguêns<sup>73</sup> sua potencial grandeza e patética miserabilidade, como vemos no apoio à mentalidade bolsouarista e na incapacidade dos que à ela se opõem, ambas o rosto da sombra, de dar-lhe fim.

Como bem diz o amigo e precioso historiador, Barbosa: *Desperta do teu sono!*

## Referências

Amaral, Marcio Tavares d' (2020). *As polarizações: a falta que o meio faz (Segundo ensaio da quarentena)*. IDEA-Programa de Estudos Avançados/Laboratório de História dos Sistemas de Pensamento/Escola de Comunicação/UFRJ. Rio de Janeiro.

Barbosa, José Manuel (2006). *Bandeiras da Galiza*. Através Editora. Galiza.

Barbosa, José Manuel (2008). *Atlas histórico da Galiza*. Através Editora. Galiza.

Barbosa, José Manuel (2021). *A evolução histórica dos limites da Galiza*. Através Editora. Galiza.

Barbosa, José Manuel e Carreira, Anselmo Lopez (2012). *O paradigma galego na história medieval: entrevista ao Prof. Anselmo Lopez Carreira*. in Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa, N° 7/2014. pp.: 61-80.

---

<sup>71</sup><https://brasil.elpais.com/internacional/2021-06-10/em-frase-desastrosa-fernandez-diz-que-brasileiros-vieram-da-selva-e-argentinos-dos-barcos-da-europa.html>

<sup>72</sup> Ver Ribeiro, Darcy (1995). O povo brasileiro: formação e o sentido do Brasil. Companhia das Letras: São Paulo. p. 131-132.

<sup>73</sup> Conceito criado em Costa, Pedro Henrique Antunes da & Mendes, Kíssila Teixeira (2020). A eterna fuga da ningundade: ofensiva do capital, identidade brasileira e produção de neoninguêns. in Revista Psicologia Política, Vol. 20, N° 49, set./dez. 2020. Associação Brasileira de Psicologia Política: São Paulo. pp. 476-489.

- Espinosa, Baruch de (1983). *Tratado da correção do intelecto e do caminho pelo qual melhor se dirige ao verdadeiro conhecimento das coisas*. in Espinosa. Seleção de textos de Marilena Chauí. Editora Abril: São Paulo. pp.: 41-302.
- Elias, Norbert (2016). *El proceso de la civilización: investigaciones sociogenéticas y psicogenéticas*. Fondo de Cultura Económica. México.
- Flusser, Vilém (2007). *O mundo codificado*. Cosac Naify. São Paulo.
- Freire, Paulo (2018). *Pedagogia do oprimido (O manuscrito)*. Jason Ferreira Mafra, José Eustáquio Romão e Moacir Gadotti, Projeto editorial, Organização, Revisão e Textos introdutórios). Editora e Livraria Instituto Paulo Freire:, Universidade Nove de Julho e Big Time Editora/BT Acadêmica. São Paulo.
- Godbout, J. T. (1999). *O espírito da dádiva*. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro.
- Hall, Stuart (2000). *Quem precisa de identidade?*. in Silva, Tomaz Tadeu da (2000). *Identidade e diferença*. Editora Vozes. Petrópolis. pp. 103-133.
- Heidegger, Martin (1978a). *A sentença de Anaximandro*. in Souza, José Cavalcante de Souza (Seleção de textos e supervisão). *Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. Abril Cultural. São Paulo. pp. 19-47.
- Heidegger, Martin (1978b). *Alétheia* (Heráclito, Fragmento 16). in Souza, José Cavalcante de Souza (Seleção de textos e supervisão). *Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. Abril Cultural. São Paulo. pp. 123-136.
- Heidegger, Martin (1978c). *Logos* (Heráclito, Fragmento 50). in Souza, José Cavalcante de Souza (Seleção de textos e supervisão). *Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. Abril Cultural. São Paulo. pp. 11-123.
- Heidegger, Martin (2012). *Conferências e ensaios*. Editora Vozes e Editora Universitária São Francisco. Petrópolis e Bragança Paulista.
- Hernandez, Antônio Gil (2005). *Temas de linguística política: seguidos dum avanço de temas de política linguística*. Associação de Amizade Galiza-Portugal. Acrunha.
- Hernandez, Antônio Gil (2016). *Solilóquios com Manuel Maria sobre Versos do lume e o vaga-lume* (1982), *A luz ressuscitada* (1984), *Oráculos para cavalinhos do demo* (1986). Anexo IV ao Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa. AGLP. Galiza.
- Lapoujade, David (2012). *Potências do tempo*. n-Edições. São Paulo.
- Massumi, Brian (2017). *O que os animais nos ensinam sobre política*. n-1 Edições: São Paulo.
- Maturana, H. & Varela, F. (2001). *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. Palas Athena. São Paulo.
- Melman, Charles (2003). *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Entrevistas a Jean-Pierre Lebrun. Companhia de Freud. Rio de Janeiro.
- Misse, Michel (2016). *Violência e teoria social*. in *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, Vol. 9, No 1, Jan-Abr 2016. pp. 45-63.

- Misse, Michel (2018). *Una identidad para el exterminio: la sujeción criminal y otros escritos*. Prefácio de Evandro Vieira Ouriques. Colección Teoría Psicopolítica, Volumen III. Co-edición Universidad de La Frontera/Chile, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Brasil, Universidade do Porto/Portugal, Universidad Nacional de La Plata/Argentina e Universidade de Groningen/Holanda. Chile.
- Nandy, A. (2013). *Regimes of narcissism, regimes of despair*. Oxford University Press. New Delhi.
- Nietzsche, Friedrich (2007). *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Editora Escala. São Paulo.
- Nietzsche, Friedrich (2008). *Ecce Homo: como se chega a ser o que é*. Universidade da Beira Interior. Portugal.
- Ouriques, Evandro Vieira (2006). *Comunicação, educação e cidadania: quando diversidade e vinculação social são apenas um*. in Saúde e Educação para a Cidadania. in Revista da Decania do Centro de Ciências da Saúde/UFRJ, Ano 1, Nº 02. UFRJ. Brasil. pp. 33-36.
- Ouriques, Evandro Vieira (2009). *Território mental: o nó górdio da democracia*. in Revista Democracia Viva, IBASE. Nº 49, maio de 2009. IBASE. Brasil.
- Ouriques, Evandro Vieira (2012). *Psicopolítica, tradição e cultura como um modo da natureza: um estudo comparativo entre Gandhi e comunicação distribuída*. in Revista Numen 23, Vol. 14, No 2. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora.
- Ouriques, Evandro Vieira (2014). *Sobre la economía psicopolítica*. in Oficios Terrestres, Nº 31, Julio/Diciembre 2014 [Informe Especial Modos de Pensar Latinoamericanos]. Universidad Nacional de La Plata. Argentina. pp. 30-48.
- Ouriques, Evandro Vieira (2015a). *Psicopolítica, territorio mental y sanación para el posconflicto*. Conferencia, Simposio Saberes Ancestrales y Derechos Humanos para el Desarrollo Sustentable: Agenda Caribe, un modelo de acción para el proceso de paz em Colombia. XV Congreso de Antropología en Colombia, Junio, 2015. Universidad del Magdalena. Colombia.
- Ouriques, Evandro Vieira (2015b). *Posconflicto y Desafíos Epistemológicos e Ontológicos de una Antropología de la Complementaridad*. Ponencia Central. XV Congreso de Antropología en Colombia, Junio, 2015. Universidad del Magdalena. Colombia.
- Ouriques, Evandro Vieira (2016). *A transculturalidade como desafio epistêmico*. in Estética transcultural na universidade latino-americana: novas práticas contemporâneas. Editora da Universidade Federal Fluminense. Niterói. pp. 164-176.
- Ouriques, Evandro Vieira (2017). *Teoria psicopolítica: a emancipação dos aparelhos psicopolíticos da cultura*. Colección Teoría Psicopolítica, Volumen I. Co-edición Universidad de La Frontera/Chile, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Brasil, Universidade do Porto/Portugal, Universidad Nacional de La Plata /Argentina y Universidade de Groningen/Holanda. Chile.

Ouriques, Evandro Vieira (2019). *Fakemind y la Teoría Psicopolítica: sobre la superación de las fakeneuws*. in Caras y Caretas, 25/Julio/2019. Caras y Caretas. Montevideo. Disponível em <https://bityli.com/EMDL9>

Ouriques, Evandro Vieira (2020). *Las seis diferencias de la Teoría Psicopolítica*. Núcleo de Estudos de Teoria Psicopolítica e Terapia Filosófica/Escola de Comunicação/UFRJ: Brasil. Disponível em [https://www.academia.edu/42798929/Las\\_Seis\\_Diferencias\\_de\\_la\\_Teor%C3%ADa\\_Psicopol%C3%ADtica\\_escrito\\_para\\_recibir\\_eventuales\\_comentarios\\_2020\\_](https://www.academia.edu/42798929/Las_Seis_Diferencias_de_la_Teor%C3%ADa_Psicopol%C3%ADtica_escrito_para_recibir_eventuales_comentarios_2020_)

Ouriques, Evandro Vieira (2021). *¿Por qué una teoría para la psicopolítica?: una Catedra*. Conferencia de lanzamiento de la Catedra Evandro Vieira Ouriques de Comunicación, Teoría Psicopolítica y Emancipación/Universidad de La Frontera y Universidad Austral de Chile. 20 de Mayo de 2021.

Poulain, Jacques (2001). *De l'homme: éléments d'anthropobiologie philosophique du langage*. Les Éditions du CERF: Paris.

Poulain, Jacques (2017). *La capacidad de juzgar*. Prefácio de Evandro Vieira Ouriques. Colección Teoría Psicopolítica, Volumen II. Co-edición Universidad de La Frontera/Chile, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Brasil, Universidade do Porto/Portugal, Universidad Nacional de La Plata /Argentina e Universidade de Groningen/Holanda: Chile.

Sarcinelli, Jessyca; Iachan, Ana Cristina; Ouriques, Estelita Oliveira; Wähner, Juliana; Vergara, Marina; Oliveira, Renata; Ouriques, Evandro Vieira (2020). *Algoritmos filosóficos e a superação psicopolítica da fakemind: sobre a terapia filosófica da peste emocional*. Coleção Fluxo Mental, Vol 1. Co-edição Núcleo de Estudos de Teoria Psicopolítica e Terapia Filosófica-NETP/Escola de Comunicação/Universidade Federal do Rio de Janeiro; Proyecto Anillo SOC180045 Converging Horizons/Universidad de La Frontera/ANID/Ministerio de Ciencia, Tecnología, Conocimiento e Innovación/Gobierno de Chile; e Doctorado en Comunicación/Universidad de La Frontera y Universidad Austral de Chile. Brasil e Chile.

Souza, José Cavalcante de Souza (Seleção de textos e supervisão). *Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. Abril Cultural. São Paulo.

Stellino, Paolo (2011). *Conseguenze pratiche del prospettivismo nietzscheano*. in Gori, & Stellino, Paolo (ed.). *Teorie e pratiche della verità in Nietzsche*. ETS. Pisa. pp. 125-145.

## **EVANDRO VIEIRA OURIQUES**

Acadêmico Correspondente da AGLP e Diretor do Núcleo de Estudos de Teoria Psicopolítica e Terapia Filosófica / Escola de Comunicação / Universidade Federal do Rio de Janeiro é terapeuta clínico, de base analítica, corporal e energética, internacionalmente reconhecido, inclusive pelo Colexio Oficial de Psicología de Galicia, no qual já conduziu seminário de formação em sua metodologia. É Diretor da Coleção Teoria Psicopolítica (coedição Universidad de La Frontera, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidad Nacional de La Plata, Universidade do Porto e Universidade de Groningen), renovação da teoria social e da filosofia que criou, e titular da Cadeira Evandro Vieira Ouriques de Comunicación, Teoría Psicopolítica e Emancipación, criada pela Universidad de La Frontera e pela Universidad Austral de Chile.



## A equação de Einstein e as ciências musicais<sup>1</sup>

Rudesindo Soutelo

### Resumo

O programa das disciplinas artísticas pode ser dado de múltiplas formas, umas mais efetivas do que outras, mas se somos professores do Ensino Artístico Especializado, temos que ser criativos para propiciar a criatividade dos alunos. As sebatas e os livros de texto não favorecem a imaginação. Pôr os alunos a investigar em grupo é muito mais estimulante, educativo e criativo. Em definitivo, trata-se de ensinar a aprender e motivar para apreender. A expressão das emoções aprende-se e quantifica-se. Os alunos, sob orientação dos professores, têm que experimentá-las. O conhecimento colaborativo ou criativo é imprescindível para fazer que a música emocione, que é o que o público avalia. Esta prática, que ao longo da história da música ocidental foi predominantemente intuitiva, com a equação de Einstein começa a construir o seu próprio edifício teórico. A vocação é coisa do passado e os alunos de hoje, se formos professores inteligentes e criativos, concretizarão a desejada mudança de paradigma musical para um pensamento quântico.

### Palavras-chave

Ensino de música, Educação artística, Física das emoções, Aprendizagem cooperativa

### Abstract

The arts curriculum can be delivered in many ways, some more effective than others, but if we are teachers of Specialised Artistic Education, we have to be creative in order to foster pupils' creativity. Roughbooks and textbooks are not conducive to imagination. Having students investigate in groups is much more stimulating, educational and creative. In short, it is a matter of teaching to learn and motivating to learn. Expressing emotions can be learned and quantified. Students, under the guidance of teachers, have to experience them. Collaborative or creative knowledge is essential to make music moving, which is what the public evaluates. This practice, which throughout the history of Western music has been predominantly intuitive, with Einstein's equation begins to build its own theoretical edifice. Vocation is a thing of the past and today's students, if we are intelligent and creative teachers, will realise the desired musical paradigm shift towards quantum thinking.

### Key words

Music teaching, Artistic education, Physics of emotions, Cooperative learning.

<sup>1</sup> Comunicação apresentara em 2017 no *Congresso do Ensino Artístico Especializado* na Fundação Gulbenkian, de Lisboa, e, reelaborada, apresentada no *15º Encontro Internacional das Artes* na Escola Superior de Educação do IPVC, de Viana do Castelo.

O filósofo espanhol José Antonio Marina, em *El aprendizaje de la creatividad*, afirma que “O momento decisivo da atividade artística é a avaliação” (Marina 2013: 160). Mas o que é que se avalia na atividade artística, a matéria ou a energia? Ainda assim, na física quântica, o conceito de matéria transformou-se numa ilusão. Einstein reconheceu isso quando em 1905 concluiu que  $E=mc^2$ .

Com a física newtoniana, a energia fora deixada ao cuidado da religião, que tratava dos assuntos intangíveis com rigor inquisitorial. A equação de Einstein revelou-nos que a energia ( $E$ ) se equipara à matéria ( $m$ ) multiplicada pelo quadrado da velocidade da luz ( $c^2$ ). A energia e a matéria ficaram tão intimamente ligadas que, hoje, os mesmos átomos podem ser simultaneamente descritos como matéria sólida, com massa e peso, ou como potenciais de voltagem e comprimentos de onda, um campo de forças imaterial (Manning 2015).

Quando os alunos de música do Ensino Artístico Especializado (EAE) chegam ao secundário, em geral, enfrentam as disciplinas das ciências musicais como algo que é obrigatório fazer, mas que lhes furta tempo de prática no instrumento, que é o seu objetivo principal. Essa crença, de que o único que interessa para entrar num curso superior de música é a técnica instrumental, é partilhada e, ainda, aliciada por alguns professores que, infelizmente, continuam aferrados a uma conceção linear, newtoniana, da música, onde o virtuosismo técnico é o único que se mede.

Já passou mais de um século da Teoria da Relatividade, onde Einstein formulara a famosa equação da energia e é preciso pôr os pés no chão e, com argumentos, contrariar aquelas crenças silenciosas, auto limitantes, que separam o trigo do joio, segundo o dedo divino que se aproximou da criança antes de nascer, ou o ADN familiar que lhe tocou em sorte. Se nunca aconteceu que uma criança tenha chegado a este mundo com o talento natural para falar uma língua nas primeiras semanas ou meses de vida, seja ela qual for, como é que se pode acreditar na existência de um dom inato para a música?

Num artigo de 2012 sobre as crenças, o cérebro e a psicoterapia, Jeffrey L. Fannin e Robert M. Williams afirmam que as origens das crenças estão nas conclusões que se tiram de experiências passadas. A maioria dessas crenças não resultam de experiências próprias, mas entram silenciosamente nos nossos subconscientes e formatam os comportamentos socioculturais

e estéticos, para além dos económicos e políticos. Algumas dessas crenças – ou conhecimento silencioso, pois nem sempre somos conscientes da sua existência – são auto limitantes e servem para preservar a integridade física, como a reação espontânea de retirar a mão do fogo ou fugir dum animal feroz. Nesses casos, é bom dar por válida a experiência alheia e não aventurar em excesso. Mas há outras crenças que mudam com o tempo ou com o contexto das pessoas e, se aceitamos que a finalidade dos professores, igual que a dos psicoterapeutas, é formar seres humanos totalmente operativos, então a habilidade do professor para ajudar os alunos a otimizar o sistema de crenças, e transformar as suas crenças auto limitantes em crenças fortalecedoras, tem um grande valor educativo (Faning 2012: 14).

Esse sistema de crenças auto limitantes também está na base de múltiplas distonias, doenças laborais, dos músicos profissionais como se observa nas descrições que Joaquín Farias faz no seu livro *Entrenamiento e Neuroplasticidad*, onde se analisam as conexões entre as diversas formas de distonia, as possíveis causas e os métodos de reabilitação que utiliza com os músicos (Farias 2012). A crença de que o mundo, como a música, é temporalmente linear, com um antes e um depois inamovível, é uma perceção limitada da realidade. Essa direcionabilidade newtoniana serve para o sistema tonal – lembremos que Rameau, quem ordenou o sistema tonal no seu *Traité de l'harmonie*, é contemporâneo de Newton – mas a partir de Arnold Schönberg – contemporâneo de Max Planck, iniciador da Teoria Quanta, e de Albert Einstein – a linha transforma-se em *quantum* e a música abandona o discurso linear para irradiar o espaço. A massa e a energia, ou o espaço e o tempo, passam a ser duas formas da mesma coisa. Em 2015, físicos da Universidade Nacional de Austrália demonstraram que a escolha da forma que adotam as partículas, massa ou energia, depende de acontecimentos futuros, contrariando a linearidade newtonina (Manning 2015).

No primeiro dia de aula do ano letivo de 2016/17, enquanto esclarecia em que consistia a matéria da disciplina de História da Cultura e das Artes, observei o pouco entusiasmo que suscitava nos alunos novos e, de pronto, decidi provocar aquelas consciências adormecidas pela crença de que o importante era praticar mais horas de instrumento, como se fossem velozes atletas dos músculos pequenos. Voltei-me para o quadro e em grandes caracteres escrevi a

equação de Einstein. Com olhos de espanto acordaram da letargia e, aí, comecei a perguntar-lhes se podiam interpretar a equação musicalmente, porque essa era toda a matéria da disciplina.

A maioria conhecia o enunciado original, mas não percebiam a relação com a música pelo que comecei a explicar e relacionar cada elemento. Assim, o  $E$  de Energia também o é de Estética, Emoção, Espiritualidade ou Expressão, que são esses campos de força imateriais que Newton deixava fora da física; o  $m$  de massa também o é de música ou da matéria sonora e aqui podemos distinguir as três componentes que conformam essa massa musical: 1) a qualidade do instrumento, medível pelo valor de mercado; 2) a habilidade do instrumentista, que podemos calcular em horas de treino físico, — Joaquim Farias já estabeleceu que a média é de trinta mil horas de prática instrumental para concorrer a uma vaga nalguma das grandes orquestras de todo o mundo; e 3) a qualidade das obras escolhidas, numa hierarquia que habitualmente se constrói pelo referendo histórico e também pelos critérios estabelecidos por críticos e musicólogos em publicações de análise e estudo. A constante  $c$  é a velocidade da luz no vácuo, e sabemos, pela filosofia, que a luz é o saber, o conhecimento, neste caso o  $c^2$  é  $cc$ , conhecimento colaborativo ou conhecimento criativo, algo que vai para além do saber do próprio músico e interage com o saber do seu contexto, seja dos especialistas, dos seus pares ou do público, pois, segundo José Antonio Marina, “os indivíduos mais criativos dispõem de uma rede mais extensa e mais variada de amizades de diferentes campos” (Marina 2013: 107).

Após essa leitura da equação de Einstein, os alunos começaram a olhar para a disciplina como o valor, quantia ou importância necessária para transformar a prática, eminentemente ginástica, em expressão estética e emotiva que é o que o público avalia quando está a ouvir música. Esse  $E$  que a física newtoniana arrumava como talentos sobrenaturais — e ainda hoje há quem acredite que o  $E$  não se aprende, que devem ser os alunos a levar de casa, na mochila — esse  $E$  tem agora uma expressão lógica e medível para os estudantes. Esta interpretação musical da equação foi lembrada e trabalhada em praticamente todas as aulas, e serviu para explicar a criatividade ao longo da história, assim como para ser mais responsáveis no estudo da disciplina, tanto no controle prático da matéria, como nos testes e nos trabalhos de pesquisa em grupo.

## Ambiente

Ken Robinson, em *Escolas criativas*, afirma que “o verdadeiro motor da criatividade é o afã de descobrimento e a paixão pelo trabalho em si mesmo” (Robinson 2015: 169). A mudança de enfoque ou de contexto da disciplina tem efeitos sobre a atitude dos alunos e, como diz González Quintián, “o entrelaçado ambiental fortalecerá o desenvolvimento afetivo, na procura de identidade, seguridade e estima” (González-Quintián 2006: 209), ou como esclarece o biólogo celular Bruce Lipton, “as células são formadas pelo ambiente em que vivem” (Lipton 2015: 85). Portanto, a criatividade dos alunos só se manifesta em contextos e ambientes criativos, sejam estes na escola, na família ou no enquadramento social em que se desenvolvem; mas como alunos, o seu espaço natural é a escola e aí, é responsabilidade do professor transformá-la num espaço criativo.

O c2 ou conhecimento criativo é, pois, aquilo que as Ciências Musicais – História da Cultura e das Artes, Análise e Técnicas de Composição, Acústica e Organologia, Formação Musical – têm de desenvolver nas aulas, nomeadamente quando estas disciplinas são lecionadas em grupo. Sabemos que todo o ser vivo tem a capacidade de imitar os comportamentos que observa em outros seres vivos da mesma, ou de outra espécie. Esse mimetismo está na base do conceito grego de arte e, as similitudes produzidas pela imitação que apresenta um grupo de pessoas, dá origem, em 1890, às *Leis da imitação*, de Gabriel Tarde, como fundamento da sociologia. Hoje sabemos, graças às investigações realizadas por Mukamel e colaboradores, que existem nos humanos uns neurónios espelho (*mirror neurons*), que permitem imitar movimentos, sentimentos e emoções só pela observação (Mukamel 2010). Isso levou a Keysers & Gazzola a detetar, ainda, a existência de neurónios anti-espelho, que permitem repetir uma ação mentalmente sem a necessidade de movimento do corpo (Keysers 2010).

As aulas em grupo são propícias para uma aprendizagem colaborativa pois permitem, com menor esforço da parte dos alunos, uma maior transferência dos conhecimentos no conjunto, o qual favorece a aparição da criatividade porque, “pôr a trabalhar amplas zonas da memória” – neste caso, repartida pelas memórias de vários alunos – “melhora a capacidade criativa” (Marina 2013: 165), mas lembremos que “se queremos despertar a criatividade nos

nossos alunos devemos começar por acordá-la em nós mesmos” (Marina 2013: 177), para dar exemplo ou mesmo servir de modelo a imitar no início dos seus percursos.

É natural que professores e alunos vivam em realidades diferentes. Os primeiros desejam o melhor futuro para os discípulos, mas estes sempre querem o melhor presente possível. Daí que, por vezes, seja muito difícil convencê-los do que já dizia Ortega y Gasset nos anos trinta do século passado, que “quando há pouca memória não se pode ter muita imaginação” (Ortega 1957: 358). A criatividade precisa de muita memória, muito conhecimento, mais do que uma só pessoa possa armazenar, para que, multiplicada pela Matéria sonora consiga produzir as Emoções. Abrir espaços de pesquisa na sala de aula, com projetos colaborativos, é fundamental para educar a criatividade e aprender a aprender.

## Resultados

Esta estratégia de motivação foi aplicada em duas turmas do 10º ano e em duas do 11º do EAE de música, em regime integrado na Escola Artística Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga. O impacto que teve nos alunos foi medido pelas notas finais obtidas no primeiro período; além disso, foi sondada a perceção dos alunos pelos comentários escritos que lhes foram pedidos.

Na tabela, apresenta-se o resumo das notas do primeiro período das turmas do 10º ano de 2015/16 em paralelo com as que esses mesmos alunos obtiveram, já no 11º ano, no primeiro período de 2016/17. Na terceira coluna apresentam-se as notas obtidas no mesmo período pelas turmas do 10º ano de 2016/17.

	2015/16	2016/17		2015/16	2016/17	
	10ºA	11ºA	10ºA	10ºB	11ºB	10º B
Média	14,76	17,29	15,33	14,50	16,06	16,22
Mediana	15	17	16	15	17	17,5
Moda	15	17	16	15	19	18
Média Geral A+B				14,63	16,66	15,78

Figura 1. Tabela comparativa das notas do 1º Período de 2015/16 com as do 1º Período de 2016/17.

Ainda que o período analisado foi curto, deu para observar algumas mudanças no desempenho dos alunos, tanto dos novos como dos que já estavam no segundo ano da disciplina. Assim, subiram as médias, as medianas e a moda. No caso da média geral, turmas A+B, subiu 1 valor para os novos alunos, que representa um 5%, e 2 valores para os do segundo ano, um 10%, o que, pode considerar-se muito significativo. Esses valores mantiveram-se estáveis, sem alterações significativas, até o final do ano.

Após as Férias do Natal, com a perspectiva temporal que permite assentar as ideias e vivências, foi solicitado aos alunos que fizessem uma breve reflexão sobre a equação de Einstein respondendo às duas perguntas seguintes:

1.- A leitura musical da equação da energia de Einstein modificou em algo o seu relacionamento com a disciplina de HCA? (-Percebeu a relação da equação com a música e viu-lhe alguma utilidade; -Identificou-se mais com a disciplina; -Resultou-lhe mais atrativa e prestou mais atenção ao estudo).

2.- Para além da disciplina de HCA, a leitura musical da equação da energia de Einstein traduziu-se em alguma vantagem na abordagem do resto de disciplinas musicais? E nas disciplinas da Formação Geral?

Há que esclarecer que bastantes alunos não entregaram a reflexão solicitada em tempo útil porque coincidiu com o início dos ensaios da principal atividade anual da Escola e com o começo das filmagens de um documentário sobre a Escola que realizaram os alunos de 11º ano no âmbito da disciplina de HCA, e que os próprios alunos acabaram por intitular *A Equação de Einstein*.

Das trinta e seis (36) respostas recebidas dos alunos, que representam um 50% dos atingidos por esta estratégia de motivação, só oito (8) manifestaram pouco entusiasmo e não esclarecem se observaram alguma mudança ou vantagem na aplicação musical da equação da energia de Einstein.

Os vinte oito (28) alunos restantes, consideraram que a compreensão da equação lhes deu uma nova perspectiva da música e do estudo da música, para além da disciplina de História da Cultura e das Artes. Doze (12) destes alunos referem, expressamente, que isso os ajudou no seu desempenho nas aulas de instrumento e ainda nas disciplinas da formação geral. A percepção dos benefícios que declaram os alunos parece estar em consonância com os resultados observados nas notas individuais.

## Opiniões dos alunos

Extrato aqui alguns dos comentários mais significativos escritos pelos alunos:

- Notei uma pequena diferença na minha emoção, apesar de muito lenta, ... esta equação pode modificar o relacionamento e melhorarmos em várias disciplinas.
- Teve impacto na minha vida, principalmente a nível musical ... consegui perceber o que nos permite transmitir aquilo que desejamos ... e identificar mais rapidamente aquilo que falhou.
- Percebi que afinal não era tão descabida como à primeira vista pode parecer. ... fiquei, desde esse momento, mais motivada. ... também foi possível e vantajosa noutras disciplinas, como a de instrumento e classe de conjunto.
- Ao ter conhecimento desta fórmula, deu-se em mim uma confirmação da minha definição de música.
- Foi possível organizar melhor o estudo ... consegui focar-me mais no que era mais importante. Ajudou-me também no instrumento, pois percebi vários aspetos que afetavam à minha prestação. Nas disciplinas de formação geral afetou-me de forma equivalente à de HCA.
- A fórmula de Einstein aplica-se perfeitamente à música porque, como músicos, somos um conjunto de várias coisas: emoções, habilidades e conhecimentos.
- O aspeto que consegui desenvolver mais ao longo do período foi o conhecimento.
- O conhecimento foi crescendo e fui dando maior importância a certos aspetos, não só técnicos, como estéticos.
- $E=mc^2$  tornou-se para mim, uma equação na qual me baseio para atingir o sucesso musical. Assim, percebi que não basta saber tocar bem e focarmo-nos apenas nesse aspeto se o conhecimento criativo não acompanhar o trabalho físico. Esta equação permite-nos fazer uma ligação com quase todas as disciplinas, sejam musicais ou não.
- A leitura musical da equação de Einstein foi muito útil para

melhorar o meu relacionamento com a disciplina de HCA, pois permitiu-me perceber que esta não se tratava apenas de conhecimento histórico. Admito que se tornou uma mais-valia em várias disciplinas, maioritariamente nas musicais, entre as quais destaco o instrumento.

– Abriu os meus horizontes, conseguindo ter uma sensibilidade diferente para as coisas. Ajudou-me a compreender melhor as obras e a forma de as interpretar.

– Tenho noção de que essa fórmula vai ajudar-me no meu futuro como instrumentista.

– Compreendi a importância de desenvolver o conhecimento colaborativo, não só o que nós possuímos, mas também o conhecimento das pessoas que nos rodeiam (professores, colegas, outros músicos, na orquestra, ...)

– Com esta equação percebi que para alcançar a emoção é preciso ter o conhecimento e a habilidade conseguida com o trabalho de muitas horas de estudo. É realmente importante introduzir esta equação nas outras disciplinas da formação geral, pois ajudar-nos-á no estudo das matérias, para adquirirmos o conhecimento necessário e, no fim o usarmos para nosso benefício, principalmente na área musical onde estamos inseridos.

– Esta expressão esteve presente comigo não só na disciplina de História e Cultura das Artes como, ao nível do instrumento e de todas as disciplinas musicais. A já sentida emoção adquiriu a partir de então uma outra dimensão.

– Sinto-me mais interessada pelas matérias e tenho mais vontade de estudar.

– A explicação do professor sobre esta equação, mudou de certa forma a minha visão do que é ser instrumentista, nunca o tinha visto assim, desde um ponto de vista científico.

– Esta fórmula diz muito sobre a música porque, para ter técnica e talento é necessário estudo pois não são coisas que nascem em nós, são parâmetros que se adquirem.

– Aprendi que a minha habilidade, qualidade e conhecimento

colaborativo contribui para o objetivo final: passar a mensagem da música com emoção para que as pessoas sintam algo ao ouvirem a nossa música.

## Conclusão

Alguns comentários dos alunos, e mesmo o resultado que refletem as notas, são encorajadores e demonstram que não é preciso muito para melhorar a motivação e o desempenho dos alunos. A consciência de que a Emoção pode ser medida por meio da massa sonora, multiplicada pelo conhecimento criativo, dá significado e utilidade às disciplinas de Ciências Musicais e acabam por dizer respeito aos alunos. Esta estratégia parece revelar-se útil, tanto para História da Cultura e das Artes como para o resto de disciplinas, ainda que seja necessário um aperfeiçoamento e adaptação constante às peculiaridades de cada turma.

O programa da disciplina pode ser dado de múltiplas formas, umas mais efetivas do que outras, mas se somos professores do EAE, temos de ser criativos para propiciar a criatividade dos alunos. As sebtas e os livros de texto não favorecem a imaginação. Pôr os alunos a investigar em grupo é muito mais estimulante, educativo e criativo.

Em definitivo, trata-se de ensinar a aprender e motivar para apreender. A expressão das emoções aprende-se e quantifica-se. Os alunos, sob orientação dos professores, têm de experimentá-las. O conhecimento colaborativo ou criativo é imprescindível para fazer que a música emocione, que é o que o público avalia. Esta prática, que ao longo da história da música ocidental foi predominantemente intuitiva, com a equação de Einstein começa a construir o seu próprio edifício teórico.

## Referências

- Fannin, J. L., & Williams, R. M. (2012). Leading-Edge neuroscience reveals significant correlations between beliefs, the whole-brain state, and psychotherapy. (L. Daniel, Ed.) CQ: *The CAPA Quarterly*, 14-17, 32. Retrieved Janeiro 29, 2017, from <https://issuu.com/capansw/docs/capa-journal-2012-3-beliefs?mode=window&proSidebarEnabled=true&backgroundcolor=%23ffffff>
- Farias, J. (2012). *Entrenamiento y Neuroplasticidad - Rehabilitación de distonias, un nuevo enfoque* (Ebook ed.). Sevilla: Autor. Retrieved 01 29, 2017, from <http://www.fariastechnique.com/store-books-dvds-joaquin-farias/entrenamiento-y-neuroplasticidad>

- González-Quintían, C. A. (2006). La magia de los ambientes. In S. d. Torre, & V. Violant (Eds.), *Comprender e avaliar la creatividad* (pp. 205-214). Aljibe. Archidona (Malaga). .
- Keysers, C., & Gazzola, V. (2010, 04 27). Social Neuroscience: Mirror Neurons Recorded in Humans. *Current Biology*, 20 - 8, R353-R354. doi:10.1016/j.cub.2010.03.013
- Lipton, B. (2015). *A biologia da crença*. Sinais de Fogo. Lisboa.
- Manning, A. G., Khakimov, R. I., Dall, R. G., & Truscott, A. G. (2015, May 25). Wheeler's delayed-choice gedanken experiment with a single atom. *Nature Physics*, 11, 539-542. doi:10.1038/nphys3343
- Marina, J. A., & Marina, E. (2013). *El aprendizaje de la creatividad*. Ariel. Barcelona
- Mukamel, R., Ekstrom, A. D., Kaplan, J., Iacoboni, M., & Fried, I. (2010, Abril 27). Single-Neuron Responses in Humans during Execution and Observation of Actions. *Current Biology*, 20, 750-756. doi:10.1016/j.cub.2010.02.045
- Ortega y Gasset, J. (1957). *Obras completas (1929-1933)* (Vol. 4). Revista de Occidente. Madrid.
- Robinson, K. (2015). *Escuelas creativas*. Vintage Español. Nueva York.

## RUDESINDO SOUTELO

Rudesindo Soutelo (Tui, Galiza, 29-fevereiro-1952). Compositor e Mestre em Educação Artística (com uma tese sobre a criação de um conto musical, intitulada *A complexidade do simples*) e também em Ensino de Música (*Sons e silêncios de uma vida*). Foi Professor na Escola Superior de Educação de Viana do Castelo e nos Conservatórios de Música do Porto e Braga.

Em 1976 criou o grupo Letrinae Musica, apresentando o movimento *novo-neo-new-dadá* Quadrado de Pi, ligado ao movimento Fluxus. Como compositor tem obras publicadas em <https://newmusicshelf.com/composer/rudesindosoutelo/> e em <https://www.sheetmusicplus.com>.

Desde 2003, com a rubrica O Bardo na Brêtema, publica artigos sobre música em diversos jornais. Também publica artigos académicos no âmbito da educação artística e do ensino de música. Em parceria com o Instituto de Educação da Universidade do Minho, organizou em 2014 o I Simpósio Nacional "Percurso do Ensino da Música". Defende a forma significativa e a atitude estética para combater o olhar vazio que produz a arte sem sonho da decadência.



## **Prisciliano, o último druida?**

José Manuel Barbosa

### **Resumo**

Este trabalho procurar a relação entre o druidismo descrito pelas fontes clássicas e o priscilianismo, servindo-nos de ajuda o conhecimento das práticas religiosas próprias do Cristianismo Celta das Ilhas Britânicas. Aquilo que conhecemos do Priscilianismo, quer pelos textos escritos por ele, quer pelas práticas das que se o acusa, servem-nos para reconhecer elementos idiosincráticos, originariamente druidicos e comuns com a primitiva igreja irlandesa e britónica.

### **Palavras-chave**

Prisciliano, priscilianismo, druidas, druidismo, Cristianismo Celta.

### **Abstract**

This work tries to look for the relation between the druidism described by the classics sources and the priscillianism, helping us to the knowledge of the religious practices of the Celtic Christianity of the British Isles. That we know about Priscillianism, either from the texts he wrote, or from the practices he was accused of, serves us to recognize originals idiosyncratic druidic elements and common with the early Irish and Brittonic church.

### **Key words**

Priscillian, Priscillianism, druids, druidism, Celtic Christianity.

## Os Druidas e o druidismo

O druidismo era a religião dos celtas de cuja existência temos referências desde que Sótion de Alexandria<sup>1</sup> e Aristóteles, no Μαγικός (Mágicos)<sup>2</sup> nos falassem dos druidas como figuras sacerdotais das regiões ocidentais da Europa. Disto dá conta o historiador grego Diógenes Laércio na sua obra Βίοι φιλοσόφων (Vidas dos filósofos) em cujo próêmio nos diz (1887: pp 19):

Dizem alguns que a filosofia, exceto o nome, teve a sua origem entre os bárbaros; pois como dizem Aristóteles no seu Magico e Sótion no livro XXIII Sobre as Sucessores, foram os magos os seus inventores entre os persas; os caldeus dentre os assírios e babilónios; os gimnosofistas dentre os indianos; e entre os celtas e gauleses, os druidas, com os chamados semnoteus<sup>3</sup>.

Posteriormente, outros autores, como César, Diodoro Sículo, Estrabão, Plínio, Tácito, Suetónio... alargaram uma informação sempre útil mas incompleta.

O facto de resultarem autênticos líderes célticos, com influência sobre reis e chefes guerreiros, com um conceito da vida e da morte que dava fôlegos às práticas bélicas destemidas, corajosas, que desprezavam a morte, fez com que os romanos vissem neles uma ameaça real aos seus desejos de domínio da Europa ocidental. Diodoro Sículo (V, 20) comenta que neles prevalece a opinião de Pitágoras que sustém que as almas são imortais e que depois de certo tempo voltam a outro corpo ao que lhe dão vida. Eis a razão pela qual os Júlio-Cláudios decidissem proibir o druidismo, convertendo estes sacerdotes em figuras clandestinas e proibidas. Mas o seu poder e raízes foram tão grandes que ainda temos amostras da sua presença durante a época imperial e inícios da Idade Média, até que, finalmente, o Cristianismo romano deu cabo deles.

O mistério que os envolve, segundo Pompónio Mella (III, 2-18 e 19), os seus conhecimentos profundos sobre o mundo material, os astros, os deuses,

---

<sup>1</sup> Sótion de Alexandria viveu entre os séculos III a.C e II a.C., foi mestre de Séneca e praticou uma forma de ascetismo pitagórico com base estoico

<sup>2</sup> Esta obra de Aristóteles não se conserva. A referência vem-nos dada pelo próprio Diógenes Laércio

<sup>3</sup> Τὸ τῆς φιλοσοφίας ἔργον ἔνιοι φασιν ἀπὸ βαρβάρων ἄρξει. γεγενῆσθαι γὰρ παρὰ μὲν Πέρσαις Μάγους, παρὰ δὲ Βαβυλωνίοις ἢ Ἀσσυριοῖς Χαλδαίοις, καὶ γυμνοσοφιστὰς παρ' Ἰνδοῖς, παρὰ τε Κελτοῖς καὶ Γαλάταις τοὺς καλουμένους Δρυΐδας καὶ Σεμνοθέους, καθὰ φησιν Ἀριστοτέλης ἐν τῷ Μαγικῷ καὶ Σωτίων ἐν τῷ εἰκοστῷ τρίτῳ τῆς Διαδοχῆς. Φοινικὰ τε γενέσθαι Ὠχον, καὶ Θράκα Ζάμολξιν, καὶ Λίβυν Ἄτλαντα.

a sua pedagogia exercida em covas e florestas aos alunos durante duas décadas e as suas crenças relativamente à existência das almas antes e depois da vida terrena, são em princípio uma boa informação.

Cícero (I. XLI. 90) conta que conheceu Divitiacus, um druida éduo identificado como mago, capaz de predizer o futuro. Acrescenta, que igual do que persas e augures romanos, os druidas precisavam de lugares sagrados onde consultarem os seus agoiros e adivinharem o porvir. Diodoro Sículo, fala de práticas adivinhatórias pelo voo dos pássaros, pelas entranhas dum ajusticado, sendo sabias figuras de grande peso social, religioso e político (V, 20).

Júlio César (VI. 13-14) descreve-os como políticos, pedagogos, juristas, sacerdotes, astrólogos, da sua importância hierarquia, da sua organização e da floresta dos Carnutos, no meio da Gália, lugar de conclave onde decidem sobre os destinos dos seus povos.

Plínio o velho insiste na sua condição de magos e nas suas práticas bárbaras contrárias à moral romana (XXX. IV. 13) e Tácito (XIV. 30) narra a conquista da Ilha de Mona<sup>4</sup> onde foram aniquilados em pleno conclave, planificando a luta contra Roma. A imagem que dá Tácito é duns magos botando esconjuros e druidesas correndo entre os romanos com fachos acessos, emitindo berros e amaldiçoando os atemorizados invasores que reagiram ocasionando um autêntico massacre.

Dum ponto de vista romano, os druidas eram figuras de poder, capazes de chefiarem povos inteiros, destemidos perante a morte pela ideia de imortalidade e, destarte, sem nada a perder. São, portanto, personagens perigosos para Roma, a qual precisava súbditos amedrontados e submissos, por isso, o druidismo foi a única religião proibida no Império junto com o Cristianismo, embora presente até a Idade Média na Europa menos romanizada. Mas os novos clérigos medievais, de alguma forma herdeiros dos druidas, foram adquirindo usos e costumes cristãos às que se foram adaptando e progressivamente perdendo a imagem estereotipada de misteriosos sacerdotes com brancas vestes, barbas compridas e báculos de poder. A figura do mago ficou só para os praticantes da magia ou às vezes da ciência ou da filosofia, matérias alternativas ao pensamento

---

<sup>4</sup> A ilha do Corvo, em Gales, atual ilha de Anglesey. Nemeton sagrado dos druidas da Grã-Bretanha, como a floresta dos Carnutos na Gália.

único medieval, enquanto a imagem do frade, do asceta, do sacerdote, fica para os clérigos cristãos vinculados a valores institucionalizados pela Igreja que marcaria os seguintes séculos de vida religiosa europeia, submetidos a uma hierarquia política, cujo fim seria influir nas instituições monárquicas e situar-se por cima delas.

### A formação druídica de Prisciliano

Constantino I legaliza o Cristianismo em 313, após duros tempos de perseguição, o dogma da Igreja define-se no Edito de Niceia (325) e finalmente o Cristianismo institui-se como religião única e oficial, pelo Edito de Tessalónica (380). Nesse século ainda temos memória dos druidas, como provam uns poemas do burdigalense *Decimus Magnus Ausonius*, poeta, gramático, tutor de Graciano, filho de Valentiniano I e reitor da Academia de Bordéus, onde se formou Prisciliano. A composição poética que faz na honra dos professores da academia onde exerce o seu labor pedagógico, tem por título *Commemoratio Professorum Burdigalensium* (Ausonio: VI) na que louva as virtudes de todos os seus colegas. Entre eles figura *Attius Tirus Delphidius*, um dos reitores, filho de *Attius Pattera*. Deste último diz o seguinte:

Se o relato não mentir, desces da linhagem dos Druidas de Bayeux<sup>5</sup> e traçaste a tua linha sagrada no templo de Belenus<sup>6</sup>; e daí os nomes da tua família: o teu, Patera, que na língua dos iniciados designa os ministros de Apolo. O do teu pai e do teu irmão, devem-lho a Febo, e o do teu filho provem de Delfos<sup>7</sup>.

O pai de *Pattera* era *Phoebius* e o filho de *Pattera* era *Delfidio*, figura fundamental na história do priscilianismo, professor de Prisciliano, marido de *Eucrócia*, decapitada junto com o heresiarca galego em Tréveris, comprometida com a causa, e pais, ambos, *Delfidio* e *Eucrócia*, de *Prócula*, de quem se disse que teve um filho com Prisciliano durante a viagem que os principais líderes do movimento fizeram a Milão e a Roma, para se defenderem e revogarem

<sup>5</sup> Bayeux é uma cidade da Normandia, capital dos Baiocasses, povo da Gália Lugdunensis.

<sup>6</sup> Belenus, deus celta que representa o sol nascente, também chamado Bel ou Bile, a quem se dedica o Beltane. Os romanos faziam equivalente Belenus com Apolo.

<sup>7</sup> Tu Baiocassi stirpe Druidarum satus si fama non fallit fidem, Beleni a sacratum ducis e templo genus et inde vobis nomina; tibi Paterae; sic ministros nuncupant Apollinares mystice. Fratre patrique nomen a Phoebio datum natoque de Delphis tuo.

o desterro causado pela denúncia feita por Hidácio de Mérida e Itácio de Ossónoba, pérfidos antagonistas da seita e do seu líder.

Prisciliano foi formado por druidas em Bordeus, ou pelo menos por descendentes de druidas que nunca perderam uma herança filosófica transmitida ao bispo galaico, que plasmou numa doutrina de base cristã e sabor druídico, esses ingredientes conformadores do movimento priscilianista.

O nome do principal colaborador e professor de Prisciliano, *Delfídio*, como o seu *agnomen* diz, tem a ver com *Delphos*, cidade da Grécia onde estava o templo de Apolo, para Ausónio, equivalente grego de Belenus. Ali estava o oráculo presidido pela Pítia encarregada de exercer a profecia. O nome de Delfídio é, portanto, pagão, consagrado a Apolo e ao seu oráculo em Delfos, que segundo Ernest-Charles Babut (1909: pp 49), e baseando-se em Sulpício Severo, mudou para o de *Elpídio*, enquanto *Eucrócia* cristianizava o seu em *Ágape*<sup>8</sup>.

### Foi a druidaria exercida na Galiza pré-cristã?

A resposta expõe-se-nos de várias maneiras, todas elas negadoras, ou no melhor dos casos, resolve-se de forma evasiva. Segundo os investigadores, o druidismo é um fenómeno exclusivamente céltico, de tal maneira que onde há druidas reconheceremos um povo céltico e ao invés. Na Galiza, negada a celticidade desde a universidade franquista, não poderia ter havido druidismo. Após décadas a negarem um invasionismo claro que explicasse a chegada de povos célticos provenientes do centro da Europa, lugar da sua suposta etnogénese, no âmbito das culturas de Halstatt e La Tène, surgiram na Europa novos paradigmas que fizeram olhar para o noroeste da Península Ibérica com muita atenção, após a decifração do genoma humano e da implementação da dinâmica de populações como ciência auxiliar da antropologia. Daí saíram o *Paradigma de Continuidade Paleolítica* de Mario Alinei e Francesco Benozzo ou o *Celtic From the West* de John Koch, Barry Cunliffe, David Brown e outros. Teorias que ainda hoje estão tentando abrir-se caminho e que demonstrariam o protagonismo da região cántabro-atlântica como *Urheimat* céltica. Para

---

<sup>8</sup> Estes nomes estão relacionados com duas das três virtudes teológicas, que em grego são reconhecidas como *ἐλπίς* (*elpis*), esperança, daí *Elpídio*, o que tem esperança, e *ἀγάπη* (*agapé*), caridade. Não sabemos quem poderia levar o de Πίστις (*pistis*), a fé, terceira virtude teológica. Repare-se no *Πίστις Σοφία* (*Pistis Sophia*), importante texto gnostico muito relacionado com o gnosticismo, suposta prática pela que se acusou aos priscilianistas.

responder à pergunta de se na *Gallaecia* houve druidismo, recorreremos a três inscrições epigráficas conhecidas. A primeira delas foi achada em Vigo em 2006 9:

D(IS) M(ANIBUS) S(ACRUM) / POS(UIT) IULI/A QUTI FI/LIO IULIO /  
FAUSTO{A}/AN(N)OR(UM) XXXIII / ET **DURBE/DI(A)E** NEP/TI SU(A)E  
CA/RISSIM{E}/IS MEIS (HEp-15, 00307)

Outra em Guimarães:

CELEA / CLOUTI / **DEO D/URBED/ICO** EX V/OTO A(NIMO) [L(IBENS?)]  
(CIL II 5563; ILS 4503; RAP 62 AE 1984, 00458)<sup>10</sup>

e outra em Beja, na tumba dum bracarense<sup>11</sup>

LADRONU[S] / DOVAI BRA[CA]/RUS **CASTEL[LO] / DURBEDE(NSE)**  
[H]IC / SITUS ES[T] / AN(N)O/RU[M] XXX(?) / [S(IT) T(IBI)] T(ERRA)  
L(EVIS) (AE 1984, 458 = IRCP 122 = HEp 14, 2005, 419)

Pomos em destaque as seguintes referências:: DURBEDIAE (druidesa), DEO DURBEDICO (..ao deus dos druidas) e CASTELLO DURBEDENSE (...no castelo dos druidas). A interpretação feita pelo grande etimologista croata Ranko Matasovič (Matasovič, R.: 2009) faz derivar as palavras em destaque do *druwid* céltico:

\*druwid- “sacerdote, druida” (cf. Matasovič) >\*durwid- (metátese de /r/ em contacto com /u/ ou /w/, cf. Matasovic s. v. \*tawr-) > \*durbid- (cf. PIE \*tawr- > PClT \*tarw- > Oir. Tarb “touro”; esta última evolução da-se também na inscrição a MARTI TARBUCELI, de Braga, AE 1983, 562).<sup>12 e 13</sup>

<sup>9</sup> [http://eda-bea.es/pub/record\\_card\\_2.php?refpage=%2Fpub%2Fsearch\\_select.php&quicksearch=Durbediae&rec=27691](http://eda-bea.es/pub/record_card_2.php?refpage=%2Fpub%2Fsearch_select.php&quicksearch=Durbediae&rec=27691)

Consagrada aos deuses Manes. Foi erigida por Iulia Qutia para o seu filho Júlio Ênsio de 32 anos e para a sua caríssima neta druidesa

<sup>10</sup> [http://eda-bea.es/pub/record\\_card\\_1.php?refpage=%2Fpub%2Fsearch\\_select.php&quicksearch=Deo+Durbedico&rec=11892](http://eda-bea.es/pub/record_card_1.php?refpage=%2Fpub%2Fsearch_select.php&quicksearch=Deo+Durbedico&rec=11892)

Celea filha de Cloutiou erigiu em cumprimento de voto ao deus dos druidas

<sup>11</sup> [http://eda-bea.es/pub/record\\_card\\_2.php?page=760&rec=20469](http://eda-bea.es/pub/record_card_2.php?page=760&rec=20469) Latrono filho de Dova, brácaro, está aqui no Castelo dos Druidas. 30 anos(?). Que a terra lhe seja leve.

<sup>12</sup> <http://remoido.blogspot.com/2020/11/durbed.html>

<sup>13</sup> <http://frornarea.blogspot.com/2010/>

(4-Dos nossos druidas. In “Comparanda Céltica (AKA that bloody druids)”. 14/setembro/2010)

## O feminismo priscilianista

Incorporar as mulheres em pé de igualdade com os homens ao movimento priscilianista foi muito subversivo para a mentalidade da época, mas sabido é que entre os povos célticos, a consideração da mulher era muito diferente ao mantido em Oriente e no Mediterrâneo. As mulheres célticas são altamente reconhecidas socialmente, exercendo direitos e desfrutando liberdades que dificilmente veremos na sociedade semita ou na romana. As funções, onde exercem o seu labor social, político, religioso e militar são amplamente reconhecidas pelos historiadores, assim como a sua capacidade de decisão a respeito da sua vida afetiva, sexual, económica e como proprietárias de bens materiais<sup>14</sup>. Mesmo, tinham direito a reclamarem justiça em caso de abuso (Alberro: 2005: pp 421-444).

Por isso é que não nos admira o feminismo primordial do movimento priscilianista, basicamente contrário ao patriarcalismo judeu-roman<sup>15</sup>. É sabida a participação das mulheres na vida espiritual do movimento, sendo a afluência feminina em atos, rituais, magistério e pregação, bem conhecido. Esta base ideológica de valorização da mulher como igual, foi uma das razões pelo que os priscilianistas foram condenados e é esta circunstância uma das ligações mais evidentes com a celticidade.

## O naturismo priscilianista

Acusou-se Prisciliano de atividades moralmente discutíveis para os cânones da época, práticas obscenas e noturnas no meio da natureza de carácter impudico, acompanhado de mulheres despidas. A falta de pudor dos celtas é narrado por vários autores clássicos. Contam, Diodoro Sículo conta como o sexo é visto com total naturalidade pelos gauleses (V, 21), ou Plínio o velho (XX, 2) como certos rituais são executados por mulheres britânicas despidas e ungidas com *glastum*, um enfeite tirado do *Plantago Major*<sup>16</sup>.

O priscilianismo foi relacionado com o movimento agapeta, seita gnóstica que considerava a nudez como natural, não reconhecendo qualquer tipo de

<sup>14</sup> Exemplos: Boadiacea, Onomaris ou Dama de Vix, talvez Lupa... Durbediae é feminino..

<sup>15</sup> O Cristianismo originário, como parecem indicar os apócrifos, tinha Madalena como pilar fundamental na fundação do Cristianismo. Esse proto-feminismo foi, provavelmente reprimido pela ação ultra-patriarcal de Paulo.

<sup>16</sup> A nossa Chantagem, tanchagem ou tansagem.

impureza nela, porque, diziam, esta só podia existir nas mentes impuras. O certo é que a nudez era comum nas práticas de muitos povos, mas no caso que nos ocupa, circunscrito a uma espiritualidade tradicional indo-europeia, oposta à do Meio-Oriente contra a que bate, revelando uma filosofia de culto à natureza, reconhecida como panteísta por alguns intelectuais. O pudor, chegou de Oriente com o Cristianismo, contrastando com o culto à natureza dos povos atlânticos, que não viam na nudez algo pecaminoso, como percebia a nova hierarquia eclesiástica imperante. Nudez, que inclui a nudipedália, quer dizer, a ritualização com os pés descalços. Segundo Henry Chadwick (1978: pp 38-40) esta praxe tem a ver com costumes mágicos e rituais, estendidos não só pelo mundo celta, mas por parte do mundo conhecido, ligando com tradições pagãs e que pelas suas origens queriam ser erradicadas pela hierarquia católica. Aos povos celtas foram-lhe atribuídas ligações importantes com a filosofia pitagórica e dentre as diferentes crenças coincidentes com as ideias do pensador sâmio, está a de ritualizar descalços na floresta<sup>17</sup>. Acreditavam, os praticantes deste exercício cerimonial, que a eficácia dos rituais tinha muito a ver com a sua execução sem qualquer tipo de calçado, quer acompanhado da nudez completa ou quase completa, levando a cabo uma comunicação mágica com as forças guardiãs da natureza sobre a que estava baseada a vida para os celtas.

### **O panteísmo e o protagonismo das florestas**

Acusou-se os priscilianistas de realizarem estranhos rituais no meio do monte, de se ausentarem da obriga de assistirem às igrejas na Páscoa e no Natal para levarem o culto às florestas. Os cânones II e IV do *Concílio de Saragoça* de 380 obrigava os novos fieis, adeptos ao Cristianismo romano por imperativo legal, a se apresentarem nos templos em épocas de culto, o qual supunha uma forma de controlo dos usos populares por parte da ortodoxia. Os priscilianistas preferiam aquele ancestral culto no interior da natureza, no *nemeton* druídico, que lhes permitia o trato com a divindade, ausentando-se das igrejas para levarem a cabo os seus rituais nos montes. O Cristianismo demonizou estas forças, conservadas como fadas, mouros, jãs, dianhos, perelhos, busgosos, etc... que sobreviveram

---

<sup>17</sup> O vínculo pitagórico, mais do que real pelo contacto filosófico com Pitágoras que provavelmente nunca existiu, baseia-se na similitude de algumas crenças e práticas. Não parece ter havido qualquer relacionamento entre o filósofo grego e qualquer druida que estendessem o pensamento do sábio de Samos em âmbito gaulês, britânico. gálata ou da Céltica hespérica.

através dos tempos mas das que todo bom cristão deveria fugir e temer. É assim que a igreja considerou pecado todo contacto com eles e com os credos que os sustentavam, contrários à fé. Saragoça anatematizou àqueles que contravierem essa norma, mas já tinha sido anteriormente criticada e sentida como tenebrosa quando se narravam as práticas da druidaria tradicional que, entre outros, nos cita Lucano na sua *Farsália* (III, 447-458):

E vós, druidas, retomais os vossos rituais bárbaros, os vossos sacrifícios sangrentos que a guerra aboliu. Só vós tendes o privilégio de escolherdes entre todos os deuses aqueles a quem adorar, aqueles a quem ignorar. Vós celebrais os vossos mistérios em florestas escuras; afirmais que as sombras não povoarão as moradias silenciosas de Erebo, os reinos sombrios de Plutão; mas as nossas mentes irão animar novos corpos num novo mundo. A morte, se acreditarmos em vós, é apenas a metade duma longa vida<sup>18</sup>.

Tenhamos em conta que o primeiro heremitismo galego reconhece-se nos mosteiros suevos do século VI, como São Pedro de Rochas, Santa Cristina de Ribas de Sil, o próprio Santo Estêvão de Ribas de Sil, etc... todos eles na Ribeira Sacra, ou *Rovoyra Sacrata*, segundo transcrevem alguns autores<sup>19</sup>. Isto dá ideia de um monaquismo que procura na floresta o mesmo que procuraram os druidas, ligando com os modos do Cristianismo Celta da Irlanda e a Grã-Bretanha, reconhecido também na Bretanha armoricana e na Galiza britonense de Maeloc. Esta similitude aproxima-nos duma origem céltica dos hábitos monacais dos inícios da Idade Média e portanto das práticas priscilianistas.

## O secretismo

Há mais similitudes entre o priscilianismo e a druidaria, como o secretismo epistémico. O Papa Leão I Magno manifesta na sua Epístola a Toríblio de Astorga

---

<sup>18</sup> Vos quoque, qui fortes animas belloque peremptas laudibus in longum uates dimittitis aeuum, plurima securi fudistis carmina, Bardi. Et uos barbaricos ritus morenque sinistrum sacrorum, Dryadae, positis repetistis ab armis. Solis nosse deos et caeli numina uobis aut solis nescire datum; nemora alta remotis incolitis lucis; uobis auctoribus umbrae non tacitas Erebi sedes Ditisque profundi pallida regna petunt: regit idem spiritus artus orbe alio; longae, canitis si cognita, uitae mors media est

<sup>19</sup> O nome da Ribeira Sacra surge da interpretação que o Padre Diego de Yepes faz do documento fundacional do Mosteiro de Monte de Ramo redigido por Teresa de Portugal em 1124 mas que Torquato de Souza Soares transcreve como “Rovoyra Sacrata”, de Robur, fazendo alusão a uma Carvalheira Sagrada, ideia que é corroborada por Manuel Vidán (Vd El roble sagrado de la Rivoira Sacrata in *La Voz de Galicia* 10/10/1987).

em 448, que os priscilianistas não consideraram legítimo deixar por escrito os seus conhecimentos para não revelarem os seus fundamentos teóricos (Teran, D: 1985: 193). Alguém poderia considerar que os *Tratados* e os *Cânones* de Prisciliano são textos escritos, mas a realidade é que o Papa Leão I é conhecedor do tema porque fala seis décadas depois da decapitação do heresiarca, que deixou textos para evitar a desqualificação e o anátema. Para Prisciliano investigar nos secretos celestiais era tão importante como saber a quem e com quem se comunicava por meio dos rituais. Nem todo o mundo poderia saber operar com a informação, tal como os druidas acreditavam<sup>20</sup>, só os iniciados e preparados para receberem o conhecimento poderiam ter acesso depois da formação adequada.

Santo Agostinho, quem teve um relacionamento intenso com Paulo Orósio escreveu numa carta a Cerécio, bispo de Gratianopolis<sup>21</sup>, onde diz (Viciano, Fueyo, Cilleruel et alii: 1991):

Alguns, que foram eles próprios priscilianistas, e que os conheciam, e que posteriormente, pela misericórdia de Deus, foram libertados, lembram este preceito com estas palavras “jura, perjura, mas não queiras desvendar o segredo”.<sup>22</sup>

Os seus rituais eram discretos, a sua espiritualidade era interior e o afã por ocultar os conhecimentos revelava fins protetores, tanto das pessoas quanto da doutrina. Tal e qual faziam os druidas.

## O Além e o destino das almas

Sobre o conceito da morte, a alma e o Além, o priscilianismo parece mais próximo das crenças celtas do que das greco-romanas ou das judaicas, procedentes do *Arallu* mesopotâmico, o infeliz lugar sem retorno onde só os reis poderiam ser felizes ressuscitados graças aos *anunáquis*<sup>23</sup>. No caso da religião mosaica, as almas quando os corpos morriam, iam para o *Sheol*, lugar tenebroso, sombrio e subterrâneo, onde a felicidade era inexistente. Parece que só a partir dos séculos que rodeiam o exílio em Babilónia, o judaísmo considerou a discriminação

<sup>20</sup> Vd Mateu 7, 6.

<sup>21</sup> Gratianopolis é a atual Grenoble (Fr.), a Granoble ou Granobla em português depois de 381. Anteriormente a cidade recebia o nome de Cularo.

<sup>22</sup> Hi qui eos experti sunt et ipsorum fuerant atque ab eis dei misericordia liberati sunt, etiam uerba ipsa praecepti huius ista commemorant: “Jura, periura, secretum prodere noli”.

<sup>23</sup> Deuses criadores do mundo que se reservam para si a vida eterna.

das almas por razões éticas. Os justos renasceriam e seriam recompensados, enquanto os ímpios teriam como destino eterno, a *Geena*. O Cristianismo herda a ideia do além judeu-mesopotâmico incorporando o inferno à sua mitologia como lugar de expiação dos pecados, uma vez se celebrar o juízo final que determinar quem vai ao céu e quem ao inferno. No Cristianismo, a alma nasce quando o ser é concebido biologicamente e, finalmente, ressuscita o dia do juízo final para ser julgado, ocupando a mesma alma, o mesmo corpo e a identidade que ocupou em vida. Justo essa conservação da identidade também se dá nas crenças celtas onde as almas mudam de universo mas não de ego.

Os celtas, porém, acreditavam no Sidh ou Além, no Tír nAill (o Outro Mundo) onde a alma era imortal, pré-existia e pós-existia à vida na terra. Era a Tir na nÓg, Ávalon, Mag Mell (planura da alegria), Emain Ablach, ou a Ilha das Promessas dos Santos para os cristãos celtas medievais de São Brandão, a Ilha do Grande Solstício de Trezenzónio, o Paraíso dos Pássaros de Ero de Armenteira, etc... Ali não se conhece o sofrimento, nem a dor, nem a morte e a comunicação entre vivos e mortos é fluída, como ainda vivenciamos no Magusto/Samhain. Esse lugar não era sinistro, nem tenebroso, nem os celtas tinham consigo a ideia de pecado ou culpa que negativava o destino das pessoas uma vez mortas. Era um lugar atemporal, fora do espaço e perfeito, onde residiam os mortos até habitarem outro corpo (Lucano: V, 447-458; César: V, 14). Nesse Além os celtas reconhecem uma promessa de vida eterna gloriosa onde a identidade pode ser conservada, seguindo um individualismo tradicional europeu, e também galaico, ainda vivo e basicamente coincidente com o Cristianismo (César VI, 13; Estrabão IV,4; Pompónio Mella III, 2; Lucano III 447-458). Igualmente, no céu cristão é onde os justos poderão gozar da felicidade na contemplação de Deus.

Na *Consultatio sive Commonitorium Orosii ad Augustinum de errore Priscillianistarum et Origenistarum* de Paulo Orósio a Agostinho de Hipona, sabemos que para Prisciliano há um armazém de almas donde partem para ocupar diversos corpos seguindo o poder dos astros:<sup>24</sup>

Prisciliano foi mais desgraçado do que os maniqueos, pois também confirmou

---

<sup>24</sup> Priscillianus primum in eo Manichaeis miserior, quod ex ueteri quoque testamento haeresim confirmauit, docens animam quae a deo nata sit de quodam promptuario procedere, profiteri ante deum se pignaturam, instrui adoratu angelorum; dehinc descendentem

a sua heresia desde o Antigo Testamento, ao ensinar que a alma, que nasce de Deus, progride dum armazém, declara perante Deus que há de combater e ser instruída com a exortação dos anjos. Daqui, descendendo através duns círculos, é capturada pelos principados malignos, impulsionada até corpos diversos segundo a vontade do príncipe vencedor e inserida nestes como compromisso. Apoiava-se nisto para sustentar que o poder dos astros prevalecia, pretendendo que Cristo pagou este compromisso ao ser cravado na cruz com a sua paixão, como ele próprio, Prisciliano, diz numa carta sua: [...]

### **A tonsura**

Muitas diferenças separavam o Cristianismo latino do Cristianismo céltico, até o extremo de haver quem considerar este último uma Crisandade absolutamente dissidente de Roma. Mas a cousa não foi tão radical como se tem exposto, embora sim existiam grandes discrepâncias em temas fundamentais, como a organização eclesial, o cálculo da Páscoa, a tonsura monástica, o penitencial<sup>25</sup>, a oração ou a *Peregrinatio pro amore Christo*<sup>26</sup>. Outras diferenças foram a conceção do monaquismo ascético e as suas rígidas regras, as práticas para o batizado dos neófitos e o seguimento fiel da lei hebraica do Antigo Testamento. De todas estas diferenças poderíamos falar relacionando Cristianismo céltico e priscilianismo mas vou centrar o comentário só num dos aspectos, nomeadamente o da tonsura:

Certo é que o *IV Concílio de Toledo* de 633, no seu Cânone XLI diz literalmente o seguinte (Antonio González&Tejada y Ramiro: 1850: pp 290)

*Da qualidade da tonsura que há de ser usada por todos os clérigos e leitores:*

*Todos os clérigos ou leitores, bem como levitas e sacerdotes, usarão a parte superior da cabeça tosada e deixarão uma única coroa de franja na parte inferior; não como até hoje, segundo os leitores da Galiza, ao jeito dos leigos, com os cabelos compridos, deixando apenas um pequeno círculo no topo da cabeça; pois este rito vem de hereges na Espanha. Portanto, convém que, para cortar o escândalo da Igreja, se omita este sinal de desgraça, e*

---

<sup>25</sup> Manual de registo de pecados e penitências.

<sup>26</sup> Consistente em sair do país de origem como forma de monaquismo proselitista e voluntário para propalar a fé longe das terras natalícias a povos teoricamente pagãos, como fizeram São Patrício, São Columano, São Columba ou São Gildas

*que a tonsura ou corte sejam um, assim como o uso em toda a Espanha<sup>27</sup> é um, e quem não o observar, for culpado pela fé católica<sup>28</sup>.*

Paulino de Nola — ex-priscilianista segundo São Braulio (Sotomayor: 1979: pp , 75-77) —, quem teve conhecimento suficiente da filosofia prisciliana como para opinar com autoridade, elogia, numa epístola a um correspondente da Gália, os homens cujo cabelo estava “*tosado a rentes da pele em casta fealdade, meio rapado irregularmente, rasurado na frente, deixando a testa à mostra (indigente fronte praerasi)*” (Walsh, P.G.: 1967: pp 198).

Nas Ilhas achamos o seguinte texto atribuído falsamente a São Gildas (West Haddan&Stubbs: 2020: 112-113):

Os britones são contrários ao mundo inteiro, inimigos dos costumes romanos, não só na missa, mas também no que diz respeito à tonsura: Como os judeus impostores são mais serventes de (predizer o) futuro do que da verdade. Os romanos dizem que a tonsura dos britones foi introduzida por Simão o mago para ser assumida (por eles), a qual só se realizava por toda a parte anterior da cabeça de orelha a orelha. A própria tonsura dos primeiros magos costumava cobrir preferentemente só pela parte anterior da frente<sup>29</sup>.

Outra característica que nos parece oportuno indicar é a do comprimento do cabelo. Os povos das Ilhas Britânicas nesta altura e outras partes da Europa, costumavam deixar o cabelo bem comprido, coisa que parece ser comum, pelo menos entre o clero galaico, ao qual se está a referir o cânone XLI do *IV Concílio de Toledo*. A ideia da cabeça rapada, na altura, trazia a

---

<sup>27</sup> Quando no *Concílio de Toledo* se estão a referir à *Espanha*, não estão a referir-se à *Galiza*, mas ao país dos visigodos. Incide-se no uso da tonsura romana na *Galiza* para seguir o modelo da *Espanha*.

<sup>28</sup> De qualitate tonsurae a cunctis clericis ver lectoribus habenda: Omnes clerici ver lectores sicut levitae et sacerdotes detonso superius toto capite inferius solam circuli coronam reliquant, non sicut hucusque in Gallaeciae partibus facere lectores videntur, qui prolixis ut laici comis in solo capitis apice modicum circulum tondunt, ritus enim iste in Hispaniis haeticorum fuit; unde oportet ut pro amputando ecclesiae scandalo hoc signum dedecoris auferatur, et una sit tonsura ver habitus sicut totitus Hispaniae est usus. Qui autem hoc non custodierit fideis.

<sup>29</sup> Britones toti mundo contrarii, moribus Romanis inimici, non solum in missa sed in tonsura etiam: cum judæis umbrae magis futurorum servientes quam veritati. Romani dicunt, Britonum tonsura a Symone Mago sumpsisse exordium traditur, cuius tonsura omnem capitis anteriorem partem ab aure ad aure tantum contingebat, pro excellentia ipsa Magorum tonsura, qua sola frons anterior tegi solebat, priorum.

imagem dos escravos, os quais estavam rasurados para os distinguirem dos livres. Isto também influenciou na ideia de os reis ou imperadores aos que se lhes cortava o cabelo ficavam incapacitados para o exercício do poder monárquico. Um exemplo poderia ser o rei Wamba, que uma vez enganado e drogado foi tonsurado e portanto obrigado a renunciar à coroa.

A tonsura romana na que a raspadura do cabelo era no topo da cabeça mas com o resto do cabelo curto em forma de coroa era típica do rito latino e diz-se que foi introduzida por São Pedro, dando um matiz de fidelidade a Cristo, contrariamente à suposta estética copiada de *Simão o mago* da que falam os textos cristãos britânicos. Os frades católicos aceitavam a tonsura romana como forma de submissão a Cristo e à igreja, cousa que o clero britânico e galaico, não assumiam como próprias no exercício do seu labor eclesiástico.

Salvando pequenas diferenças entre a tonsura, interdita pelo *Concílio IV de Toledo* ao clero galaico, e aquela usada pelos britones herdada dos magos — leia-se druidas —,<sup>30</sup> há muito pouca diferença, se é que há alguma

Não temos referência exata da estética tonsural priscilianista mas o que nos dá qualquer pista está naquele cânone do *IV Concílio de Toledo* que interdita o cabelo comprido do clero galaico, quer usado pelos priscilianistas, quer pelos nossos bretões mindonienses discípulos e herdeiros de Maeloc, embora aceites na ortodoxia conciliar bracarense e toledana. Tanto o *IV Concílio de Toledo* de 633, quanto o *Concílio de Whitby* em 664, censuraram qualquer discrepância tonsural, impondo a romana.<sup>31</sup>

### Outras similitudes

Nos monges irlandeses reconhecemos a ideia do livre-arbítrio, nascida dos druidas, similar à manifestada por Prisciliano nos *Tratados e Cânones*. Os textos apócrifos são de interesse tanto para os cristãos insulares quanto para Prisciliano, sendo fundamental o seu estudo para poder escolher livremente aquilo em que acreditar e como. Nada importava o que Niceia oficializasse,

---

<sup>30</sup> Sobeja dizer que para os primeiros cristãos, sobre tudo, para os romanos e para os britones, os magos são identificados com os druidas (Spence, L.: 1999: pp 36) sendo as palavras *magos* e *druidas* intercambiáveis habitualmente.

<sup>31</sup> A ideia da tonsura céltica poderia vir dada em imagem pelas representações dos relevos das cabeças do Caldeiro de Gundestrup: cabelo rasurado no alto da cabeça, franja na frente e melena na parte posterior da cabeça.

pois o livre-arbítrio tão prezado por ele e pelos monges irlandeses e britones, priorizava sempre, segundo modelo de precursor luterano. O curioso paralelismo de algumas das ideias de Pelágio, herege irlandês da geração de Prisciliano, a respeito do livre-arbítrio, da Santíssima Trindade e outras, admira inicialmente Santo Agostinho de Hipona, quem posteriormente derivou no principal oponente de ambos, apoiado pelo galaico Paulo Orósio.

A ideia de ordenação sacerdotal em ambos, segundo a qual, qualquer pessoa poderia exercer o magistério e a importância que ambos concedem ao Antigo Testamento e à tradição judaica, são similitudes a ter em conta. Prisciliano foi nomeado bispo sem ser ordenado sacerdote, como não foi Pelágio, e não por três bispos, contravindo os Cânones de Elvira, da mesma forma em que eram nomeados os bispos-abades britones. Pelágio, pela sua parte, exerceu o monaquismo seguindo os critérios libertários da igreja celta, sem autoridades hierárquicas romanas, nem ditados dogmáticos sobre ele.

Carecemos de informação para comparar em outros assuntos, Prisciliano, Pelágio e o Cristianismo Celta, como as teorias pelagianas da negação do pecado original ou da concupiscência. Lembremos que o tribunal de Tréveris acusou Prisciliano de práticas obscenas e atividades moralmente discutíveis, contrárias ao que ele deixou escrito sobre a castidade. Não teria de haver contradição entre castidade e naturismo, mas uma forma diferente e mais natural de enfrentar o assunto por parte dos nossos queridos hereges, contrário, obviamente aos conceitos puristas e ultra-ortodoxos da igreja romana.

Não conhecemos contacto entre Prisciliano e Pelágio, podendo ter sido possível qualquer comunicação epistolar ou pessoal desconhecida para nós. Se esta não existir, concluiríamos que as similitudes seriam devidas a uma mesma filosofia de base saída duma tradição cultural e antropológica comum, o qual viria a explicar por enésima vez a celticidade da faixa atlântica europeia, incluída a *Gallaecia* (Markale: 2001: pp:105-115).

## **Conclusão**

A formação académica de Prisciliano feita por mestres de tradição druídica na Academia de Bordéus; o feminismo priscilianista ligado à tradição céltica; o naturismo panteísta; a prática da magia, que ele reconheceu ter praticado antes do batizado; o secretismo nas práticas e pedagogia; a proximidade de

certos preceitos célticos; a versão galaica da tonsura, próxima do Cristianismo britânico; por não entrar em outros paralelismos, como o vegetarianismo ritual, a organização eclesial de comunidades autogeridas seguindo o modelo de Martinho de Tours, rituais com leite, a consagração do bispo-abade, o libertarismo doutrinal, etc...<sup>32</sup> Todo isto, para além do sucesso da filosofia prisciliana na *Área Cultural Castreja*<sup>33</sup> (Vd López Cuevillas, F.: 1988: Lámina III), fazemos pensar na base druídica da filosofia priscilianista. A forte implantação do priscilianismo neste âmbito, implica uma fácil e fluída aceitação para os neófitos galaico-lusitanos, sugerindo uma não contradição com a mentalidade nativa, mas uma reafirmação. Prisciliano quis, provavelmente, harmonizar a raiz céltica do seu povo e o Cristianismo chegado do Meio-Oriente popularizado por Roma, querendo integrar no sistema de crenças autóctone e no seu contexto social e cultural, a nova filosofia, como também foi a tentativa dos monges britânicos. Prisciliano quis impulsionar uma adaptação e transição harmónicas entre druidismo e Cristianismo com o obstáculo do dogmatismo centralista romano de pouca acolhida popular. A ação de Prisciliano parece um prelúdio do Cristianismo Céltico, posto em valor por personagens como Patrício, Columba, Columbano, Gildas, Ninian, etc...<sup>34</sup> Não seria por acaso, que os bretões de Maeloc escolheram como destino continental, também a *Gallaecia*.

## Referências

Antonio Gonzalez, F. & Tejada y Ramiro, J. (1850). *Coleccion de Canones de la Iglesia Española*. Imprenta de Anselmo Santa Coloma y Compañía. Madrid.

Alberro, Manuel (2005). *El Status de la mujer en las antiguas sociedades celtas y otros pueblos indo-europeos contemporaneos*. In Revista Ius Fugit, núm. 12, Universidad de Zaragoza

Babut, Ernest-Charles (1909). *Priscillien et le priscillianisme*. Paris, édité pour la Bibliothèque de l'École des Hautes Études sous les auspices du Ministère de l'Instruction Publique, Librairie Honoré Champion.

<sup>32</sup> Por não falar do curioso facto de ter sido em Würzburg, antigo mosteiro fundado por clérigos irlandeses (São Cillian, São Colmán e São Totnan) em 686 onde foram achados os Tratados e Cânones de Prisciliano em 1885 por Georg Schepps.

<sup>33</sup> Preferiríamos a designação propugnada por Blanca Garcia Fernández-Albalat de Área de Cultura Celto-Galaica em vez de Área Castreja. Ora, a implantação do priscilianismo transcendeu essa área, ocupou basicamente âmbitos de língua e cultura célticas na Península e na Gália.

<sup>34</sup> Há muito pouca distância temporal entre a morte de Prisciliano e florescimento do priscilianismo após a sua morte e, por exemplo, a ação evangelizadora de Patrício em Irlanda, nascido em 400 d. C.

- Cardelle de Hartmann, Carmen (1998). *El Priscilianismo tras Prisciliano, un movimiento galaico?*. In Habis núm 29. Universidad de Sevilla.
- Bráulio (1979). Epístola 44 citada in Manuel Sotomayor Muro (1979). *Historia de la iglesia en la España Romana y Visigoda (siglos I-VIII)* , vol. I da *Historia de la Iglesia en España*. Biblioteca de Autores Cristianos. Madrid.
- Chadwick, Henry (1977). *Prisciliano de Ávila*. Espasa-Calpe. Madrid
- Chao Rego, Xosé (1999). *Prisciliano. Profeta contra o poder*. 2ª ed. A Nosa Terra. Vigo.
- Diogenes Laercio (1887). *Vidas opiniones y sentencias de los filósofos mas ilustres*, trad. José Ortiz y Sanz, Madrid, Luis Navarro (2004). Proemio. Libro I, p. 19. Publicación digital Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes; Biblioteca Nacional. Madrid.
- Leyra Dominguez, Xosé (1997). *Xacobe e Prisciliano*. Ir Indo. Vigo.
- López Cuevillas, F. (1988). *La Civilización Céltica de Galicia*. Istmo. Madrid.
- Markale, Jean (2001). *El Cristianismo Celta. Orígenes y huellas de una espiritualidad perdida*. Jose J.de Olañeta Editor. Barcelona.
- Markale, Jean (2005). *La Mujer Celta. Mito y sociología*. Ediciones MRA. Barcelona.
- Martinez Cervero, P.; Beltrán Corbalán, D.; González Fernández, R. (1999). *El Commonitorium de Orósio*. Traducción y comentario. Revista Faventia N° 21. N° 1. Universitat Autònoma de Barcelona. Pp: 65-83
- Matasovič, Ranko (2009). *Etymological Dictionary of Proto-Celtic* Vol 9. Ed. Brill. Leiden & Boston.
- McCarthy, Daniel (2003). *On the shape of the insular tonsure*. Trinity College. In *Celtica* n° 24. pp: 140–67. Ed: Journal of the School of Celtic Studies. Malachy McKenna, Fergus Kelly. Dublin.
- Menendez y Pelayo, Marcelino (1992). *Historia de los heterodoxos españoles*. Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Madrid.
- Núñez García, Óscar (2010). *Gallaecia Christiana. De los antiguos cultos a la nueva religión (ss, I-VI)*. Editorial Andavira. Santiago de Compostela.
- Núñez García, Oscar & Cavada Nieto, Milagros(2001). *El nacimiento del Cristianismo en Gallaecia. Manifestaciones pagano-cristianas en los siglos I-IV*. Ediciones Ática. Ourense.
- Perez Prieto, Victorino (2019). *Prisciliano na cultura galega. Um simbolo necesario*. . Ed. Galaxia. 2º edición. 2º impresión. Vigo.
- Piay Augusto, Diego (2006). *Acercamiento prosopografico al priscilianismo*. In *Antigüedad y Cristianismo: Espacio y tiempo en la percepción de la Antigüedad Tardía*. N° 26. Ed. Universidad de Murcia. Murcia.
- Piay Augusto, Diego (2019). *Prisciliano. Vida y Muerte de un disidente en el amanecer del Imperio Cristiano*. Estudios Historicos La Olmeda. Coleccion Piedras Angulares. Ediciones Trea. Gijón.

Pitillas Salañer, E. (2014). *Mujer y religión en los límites del mundo celta y germano en época romana (SS. I a.C.-III d. C.): Un breve apunte*. Revista Espacio, Tiempo y Forma. Nº 27. Madrid. Ed. UNED.

Spence, Lewis (1999). *The magic arts in celtic Britain*. Dover Publications INC. Mineola (N.Y.) U.S.A.

Terán Fierro, Daniel (1985). *Prisciliano, mártir apócrifo*. Ed. Breogán. Madrid.

Viciano, A; del Fueyo, Amador; Cilleruelo, Lope; Campelo, Moises; Morán, Carlos y de Luis, Pio (1999). *Obras Completas de San Agustín*. Tomo XI b. Cartas (3º). *Epistula ad Ceretium CCXXXVII*. Editorial Católica. Madrid.

Vilella Masana, Josep (2007). *Mala temporis nostri: La ausencia de Leon Magno y Toribio de Astorga en contra del maniqueísmo-priscilianismo hispano*. Separata Revista Helmática, Nº58. Universidade Pontificia de Salamanca. Salamanca.

VV.AA. Pérez Prieto, V. (Coord.) (2012). *Prisciliano e o Priscilianismo. Da condena à reabilitacion*. Biblos Clube de Lectores. Crunha.

Walsh, P.G. (1967). *Letters of Saint Paulinus of Nola*. Epistola XXII. Pag 198. Ed Westmeinster, Md: Newman Press. Longmans, Green and Co. London.

West Haddan, Arthur & Stubbs William (2020). *Councils and Ecclesiastical Documents Relating to Great Britain and Ireland*. Vol. I. Frankfurt am Main. Salzwasser Verlag.

## Linkografia

Cicero: *De Divinatione*: [https://la.wikisource.org/wiki/De\\_divinatione](https://la.wikisource.org/wiki/De_divinatione)

Concilio de Saragoça de 380: <http://www.filosofia.org/cod/c0380z1.htm>

DécimoMagnoAusónio: <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/ausone/professeurs.htm>  
<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:2008.01.0606>

Diodoro Sículo: *Bibliotheca Historicae*: <http://remacle.org/bloodwolf/historiens/diodore/livre5a.htm>

Diodoro Sículo: *Ιστορικὴ Βιβλιοθήκη*: [https://el.wikisource.org/wiki/Ιστορικὴ\\_Βιβλιοθήκη](https://el.wikisource.org/wiki/Ιστορικὴ_Βιβλιοθήκη)

Diógenes Laércio: *Filósofos ilústres*: <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/vidas-opiniones-y-sentencias-de-los-filosofos-mas-ilustres-tomo-i--o/html/>

Júlio César: *De Bello Gallico*: [https://la.wikisource.org/wiki/Commentarii\\_de\\_bello\\_Gallico/Liber\\_VI](https://la.wikisource.org/wiki/Commentarii_de_bello_Gallico/Liber_VI)

Lucano: *Farsália*: <http://www.thelatinlibrary.com/lucan/lucan1.shtml>

Plínio o velho: *Historia Naturalis*: [https://la.wikisource.org/wiki/Naturalis\\_Historia](https://la.wikisource.org/wiki/Naturalis_Historia)

Pompónio Mella: *Chorografia*: <http://www.thelatinlibrary.com/pomponius.html>

Tácito: *Ab excesso divi Augusti*: <https://www.thelatinlibrary.com/tac.html>

## **JOSÉ MANUEL BARBOSA ÁLVARES**

José Manuel Barbosa, nascido em Ourense em Fevereiro do 1963, *Diplomado em Professorado de E.G.B* pela E.U. de Formação do Professorado de E.G.B da USC, na especialidade em Ciências Humanas no ano 1984. Sócio da AGAL desde 1984, ex-Membro do Conselho Consultivo do MIL (Movimento Internacional Lusófono), Sócio da Pró-Academia Galega da Língua Portuguesa, membro de número da Academia Galega da Língua Portuguesa (AGLP), patrão da Fundação AGLP, sócio fundador e ex-Diretor Administrativo do IGEC (Instituto Galego de Estudos Célticos), poeta do Clube dos Poetas Vivos e pertencente ao grupo de trabalho Desperta do teu Sono (DTS) e gestor do blogue do grupo despertadoteusono.blogspot.com. Poesia: Amago/Mágoa em parceria com José Rodríguez Rodríguez (Roi Brás), Alén do Silencio. Livro Coletivo: (Pág 30), Na Revista AGÁLIA; Artigos, estudos recensões e Opinião no Jornal “La Región” durante 1980-81, na Revista AGÁLIA, no BAGLP (Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa), Nova Águia do MIL (Movimento Internacional Lusófono), Fol de Veneno. Anuário de Antropoloxia e Historia da Galiza da SAGA (Sociedade Antropoloxica Galega). Publicações: Curso práctico de Galego. Ed. AGAL 1999; Âmago/Mágoa Ed. Baía. Em parceria com Roi Brás. 2002; Bandeiras da Galiza. 1º Ed. AGAL. 2006; Atlas Histórico da Galiza Ed. Edições da Galiza. Polifonia. 2008; Bandeiras da Galiza 2ª edição. Através Editora. 2011; 18 (Dezaeito) livro coletivo: “Maria de Velhe” (Pág 23-34). 2011; Alén do Silencio. Livro Coletivo: (Pág 30). 2014; A Evolução histórica dos limites da Galiza Vol I e II (2021). Organizador de atividades culturais em Pitões das Júnias: Jornadas galego-portuguesas desde 2012 e co-editor das Atas das Jornadas; organizador do Magusto Celta desde 2014 e outras atividades culturais como membro da Pro-AGLP, da AGAL e do DTS: Roteiros, vídeo-entrevistas, etc



## As mulleres froles

Um relato inédito de Otero Pedrayo sobre Prisciliano<sup>1</sup>

Victorino Pérez Prieto

### Resumo

Um texto inédito de Ramón Otero Pedrayo sobre Prisciliano que vem somar-se à longa ringleira de ensaios, relatos curtos e referências de Otero sobre Prisciliano, o persoeiro galego mais admirado por ele junto com Gelmirez e o Mariscal Pardo de Cela. Dom Ramón chega a qualificar explicitamente Prisciliano como a figura mais senlleira da história galega. Otero fala extensamente de Prisciliano no seu *Ensaio histórico sobre a cultura galega* e noutros ensaios; pero, desde uma perspectiva literária, fixerão só no relato breve *Vidas non paralelas*. Este texto inédito parece excelente; com uma prosa cum marcado ritmo poético e imagens geniais. Contudo, é um texto de não doada leitura, sobretudo nalguns parágrafos. O título do relato e alguma frase que topamos nele sugere a intensa relação libertadora de Prisciliano com as mulheres, que teve uma excelente relação e acolhida entre as donas, o coletivo mais numeroso e mais fiel a Prisciliano; elas foram as principais receptoras da sua mensagem e as mais fiéis cuidadoras da chama acesa de Prisciliano após a sua morte.

### Palavras-chave

Prisciliano, Otero Pedrayo, mulheres, cristianismo primitivo, tradição druídica.

### Abstract

An unpublished text by Ramón Otero Pedrayo about Prisciliano that adds to the long list of essays, short stories and references of Otero about Prisciliano, the most admired Galician character by him along with Gelmirez and Mariscal Pardo de Cela. Don Ramón explicitly describes Priscillian as the most striking figure in Galician history. Otero speaks extensively of Prisciliano in his *Ensaio histórico sobre a cultura galega* and other essays; but, from a literary perspective, he was only interested in the short story *Vidas non paralelas*. This unpublished text seems excellent; with a prose with marked poetic rhythm and genial images. However, it is a text that has not been read, especially in some paragraphs. The title of the story and some phrase that we noticed in it suggests the intense liberating relationship of Priscillian with women, which had an excellent relationship and welcome among the owners, the most numerous collective and more faithful to Priscillian; they are the main recipients of your messenger and the most faithful caretakers of Priscillian's burning flame after his death.

### Key words

Priscillian, Otero Pedrayo, women, early Christianity, Druidic tradition.

<sup>1</sup> Este texto foi enviado para a sua publicação na revista *Grial* e, pese a ser bem acolhido no seu momento, veu adiada a sua publicação mais dum ano; e logo, com grande surpresa minha, a direção pediu-me que o enviara de novo “em galego”; quer dizer, em galego “conforme a normativa oficial”, que indicam as normas da revista. Eu decidi publicá-lo neste Boletim da AGLP tal qual o tinha escrito.

## Introdução

Era unha Galiza verde e griseira, toda mesta de arboredos inzados de pagania... Alguns ollares de donas sabian apreixar na frol da iauga o destino... Priscilián, o mozo de caste druidesa das fontes dos rios, consideraba o agromar da mañán sobre as augas novas... Case neto de reis, dono do principado do sangue e da verba, soio arelaba a sabencia pra unha ergueita empresa.

Graças a uma referência de Carvalho Calero num dos seus mais formosos ensaios sobre Otero Pedrayo (“Ramón, príncipe de Aquitania”), que lera hai cuarenta anos no memorável volume de Galaxia *Homenaxe a Ramón Otero Pedrayo*<sup>2</sup> e logo recolhido em *Sobre língua e literatura galega*, mas no qual não caíra então na referencia — e que me lembrou recentemente o amigo Martinho Montero Santalha —, pude topar com um texto inédito de Dom Ramón sobre Prisciliano, custodiado na Biblioteca Penzol, que me forneceu amavelmente uma cópia.

Ainda que o título pode soar-nos hoje algo machista (“As mulleres froles”), resulta um magnífico texto de Dom Ramón sobre o gran Prisciliano. Um texto muito digno de publicar-se apesar dos seus erros e a redação muito recargada, como costumam ser os escritos do grande escritor ourensano. Otero era uma ferverça falando e era uma ferverça escrevendo. Por outra banda, como é bem sabido, Dom Ramón não costumava corrigir o que escrevia; e nem sequer transcrevia à máquina os seus textos; sempre o faziam outros, e não sempre com muita fidelidade. Já Ramón Piñeiro, que valorava muito os escritos de Otero, falando sobre os seus relatos curtos, criticava-o porque não se tomava o trabalho de reler e corrigir o que escrevia.

Verbo da origem do nosso texto e outros contos seus publicados por Galaxia como *Entre a vendimia e a castiñeira* (1957), Ramón Piñeiro escreveu numa carta a Carvalho Calero: “Don Ramón por eiquí está. Según as miñas noticias, anda escribindo contos hastra axuntar cen, dos cales, dispois, escolmará oito ou dez pra un libro” (Compostela, 29/01/1956)<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> R. Carvalho Calero, “Ramón, príncipe de Aquitania”, *Homenaxe a Ramón Otero Pedrayo*, Galaxia, Vigo 1958, 33.

<sup>3</sup> Para o epistolario entre Ramon Piñeiro e Carvalho Calero, Fernández del Riego, etc. utilizamos estas edições: Ricardo Carballo Calero, *Epistolario a Francisco Fernández del Riego*, Galaxia, Vigo 2006 (“Transcripción e edición Dolores Vilavedra e Montserrat Pena”); Luís Alonso Girgado, Luís Cochón, Nuria Rouco Aneiros, Xurxo Martínez González (eds.), *Epistolario Ricardo Carballo Calero - Ramón Piñeiro (Historial dun libro)*, Cadernos Ramón Piñeiro (XXXIII), Santiago de Compostela 2015.

### Prisciliano nos escritos de Ramon Otero Pedrayo

Este texto vem somar-se à longa ringleira de ensaios, relatos curtos e referências de Otero sobre Prisciliano. Como tenho escrito<sup>4</sup>, ao igual que a maior parte dos pousseiros da cultura galega do seu tempo, Otero Pedrayo sente fonda admiração por Prisciliano, arquétipo da milenária cultura galega. Para Dom Ramón, Prisciliano é das personagens da história galega que mais suscita nele um sentimento de admiração, face a Gelmírez, e por riba de outros mitos admirados como o Mariscal Pardo de Cela. Otero relaciona os três como referências de Galiza no mundo. Mais aínda, Dom Ramón chega a qualificar explicitamente Prisciliano como a figura mais senlleira da história galega: “a mais poderosa individualidade” da história de Galiza no “momento máis interesante pola súa forza, repercusión e simbolismo, da historia antiga de Galicia”<sup>5</sup>. A fascinação de Otero por Prisciliano queda manifestada numas palabras do artigo citado de Carvalho Calero:

Moi afincada é [na obra de Otero Pedrayo] a preocupación pola figura de Prisciliano, que outro escritor galego fixo heroi dunha pantasia traxica. Consúltense as páxinas adicadas a Prisciliano no *Ensaio sobre a cultura galega* [e] a historia do moderno priscilianista [Rosendo Vilasantar, em *Vidas non paralelas*]<sup>6</sup>.

Dom Ramón conheceu a obra de Prisciliano descoberta por G. Schepps no s. XIX e os estudos publicados sobre ele até o seu tempo em francés e alemán; concretamente, os livros de E. Babut e de F. Paret<sup>7</sup>. Sem dúvida, Otero poderia ter escrito a grande obra galega sobre Prisciliano; o grande ensaio ou a grande novela, como fez com Gelmírez em *Xelmírez, xenio do románico* e *A romeiría de Xelmírez*. Mas não o fez. Deixou-nos, no entanto, um conjunto de páginas escritas sobre ele, que fazem de Dom Ramón um dos galegos que mais escreveu de Prisciliano.

<sup>4</sup> V. Pérez Prieto, *Prisciliano na cultura galega. Un símbolo necesario*, Galaxia, Vigo 2010, 2ª ed. 2012.

<sup>5</sup> R. Otero Pedrayo, *Ensaio histórico sobre a cultura galega*, Galaxia, Vigo 1982, 61, 59. A 1ª edição é de 1933.

<sup>6</sup> R. Carvalho Calero, 1958, 119. A obra desse outro escritor galego que fez a Prisciliano “heroi dunha pantasia traxica” é o drama de A. Cotarelo Valledor *Hostia* (A Coruña 1926); um drama do qual noutra ocasião disse que é “cuase un drama litúrxico, un misterio, un oratorio”, “Prisciliano e Cotarelo”, *La Voz de Galicia*, 10/10/1981. Posteriormente, D. Cortezón, publicaria *Prisciliano* (Vigo 1970); mas considero muito melhor — à altura do drama de Cotarelo — o de Millán Picouto, *Prisciliano en Tréveris* (Ponferrada 1995).

<sup>7</sup> Cf. as referências no meu livro *Prisciliano na cultura galega*.

Em primeiro lugar, por extensão e importância, o seu *Ensaio histórico sobre a cultura galega*. Neste livro, no que resume o seu pensamento sobre o mártir de Tréveris, Dom Ramón dedica-lhe o amplo capítulo III (“Gnose e catolicismo”). Entronca a Prisciliano na tradição druídica como “um movimento de adaptación da religiosidade céltica ao mundo católico”<sup>8</sup>. Numa perspectiva semelhante, Dom Ramón falara anos antes sobre Prisciliano e o priscilianismo na sua *Guía de Galicia* (1926), apresentando-o como “unha das figuras máis interesantes da historia de Occidente”; “dono dunha arma de incomparable eficacia: a palabra”<sup>9</sup>. Anos depois, Dom Ramón voltará sobre o tema relacionando Prisciliano e Gelmírez num breve artigo publicado na revista *Galicia*, de Caracas, vendo-os como “dous rexos caracteres galegos”<sup>10</sup>: “Os dous son inspirados, camiñantes, donos da verba poética e da raiolante simpatía persoal dos eleitos”. Prisciliano é “un poeta, o derradeiro druída”.

Otero falará também da “figura poderosa e trágica” de Prisciliano na súa *Guía de Santiago de Compostela*: “Una primavera de letras clásicas brilló en Galicia en el otoño de la cultura antigua. Surgió la figura poderosa y trágica de Prisciliano”<sup>11</sup>. Também topamos uma referência em *O espello no serán*, criticando a postura do Cura de Fruíme, duríssimo com Prisciliano<sup>12</sup>. Para rematar estas páginas ensaísticas, temos um formoso texto em *Galicia, una cultura de occidente*, onde fala da sua simpatía polo decapitado de Tréveris. O apartado do livro leva o expressivo título de “Prisciliano, el primer gallego universal”: “Galicia inaugura la serie de sus hijos geniales con un nombre de aureola fatal y atractiva, de enorme poder sugestivo y destino trágico... Su figura no pierde atractivo y aún conserva cierta popularidad”<sup>13</sup>.

Desde uma perspetiva literária, Dom Ramón falará de Prisciliano e o priscilianismo num par de romances. Em primeiro lugar, nun dos relatos breves de *Vidas non paralelas*, publicados em três entregas da revista *Nós*<sup>14</sup>.

<sup>8</sup> *Ensaio histórico sobre a cultura galega*, 62.

<sup>9</sup> *Guía de Galicia*, Madrid 1926, Galaxia, Vigo 1954, 101-102.

<sup>10</sup> “Prisciliano e Gelmírez. Dous rexos caracteres galegos” *Galicia*, 1 (1952).

<sup>11</sup> *Guía de Santiago de Compostela*, Noguer, Barcelona 1958, 9-10.

<sup>12</sup> *O espello no serán*, Galaxia, Vigo 1966.

<sup>13</sup> *Galicia, una cultura de occidente*, Everest, León 1982, 91-92.

<sup>14</sup> “Vidas non paralelas”, *Nós* 76, 77 e 78 (1930); o relato foi recolhido em *Narrativa breve*, Galaxia, Vigo 1993.

Rosende Vilasantar, um dos protagonistas, vai estudar a Compostela; o seminarista “maxina o espertar das eirexas labregas”, e teima em crer que as reliquias conservadas na catedral compostelana não são as do Apóstolo Santiago, mas as de Prisciliano. O Provisor acusa-o duma “ensoñación do tentador”; pero Rosende responde: “Se a Vosa Señoría me pode demostrare como probas históricas a verdade do sepulcro de Santiago, este probe rapás está disposto a todo... Namentras, eu non podo renunzar á miña fe”<sup>15</sup>. E acusa os bispos galegos de “servos de Roma que non quixeron recoñecer a verdade que o pobo escuramente sentía”; mais ainda, Galiza “tiña seu Apóstolo no mártir decapitado”. O jovem tem que ir-se do Seminário e vai espalhar a sua crença priscilianista com um grupo de amigos, que “arelaban algo tan grande coma o rexurdir a doutrina de Prisciliano pra volver ó mundo celta a súa teoloxía”<sup>16</sup>.

Prisciliano e o priscilianismo latejam noutro romance de Otero, ainda que não de forma explícita: *La vocación de Adrián Silva* (1949). O seu protagonista é também un seminarista: “La tentación le atacaría conquistándole la plaza fuerte del alma por la melancolía de los bosques quemados por la llama espiritual y fría de octubre”<sup>17</sup>. O priscilianismo está presente no transfundo da história, no ar telúrico que sobrevoa toda a obra, na força que exercem a paisagem e a natureza no mesmo protagonista, e, particularmente, como uma realidade que ainda tem força no sentir do povo galego nos séculos XVIII-XIX, por meio de cultos de presunta inspiração céltica. Sobretudo na figura de Pola, que teve um trágico final: “Pola aprendió bien el gallego y desde los primeros días se apoderó de la voluntad de las mujeres de la aldea, cuya supersticiosa religión fatalista y pintoresca compartía y que la admiraban como a una sacerdotisa dueña del secreto de plantas del amor y la muerte”<sup>18</sup>.

### O relato “As mulleres froles”

a) A pesar das suas eivas, este relato inédito parece-me excelente. Pode que a mim me resulte mais prezado pela fascinação por Prisciliano que comparto com Dom Ramón. A ele devo-lhe o primeiro interesse por essa figura clave na nossa

---

<sup>15</sup> *Nós* 76, 72-73.

<sup>16</sup> *Ibid.* 74.

<sup>17</sup> R. Otero Pedrayo, *Adolescencia. La vocación de Adrián Silva*, Fundación Barrié, A Coruña 1988, 129.

<sup>18</sup> *Ibid.* 202.

história e na nossa cultura; figura que me iria interessando mais e mais, até dedicar-lhe vários livros em galego e português e vários artigos<sup>19</sup>. Em qualquer caso, o texto está cheio de anacos magníficos, com uma prosa cum marcado ritmo poético — “sinfonías líricas” chama Carvalho Calero a estes relatos numa carta a Ramón Piñeiro — e imagens geniais. Merecia ver a luz; ainda que fora desbotado no seu tempo por Carvalho, na escolha de textos que lhe encargou Ramón Piñeiro para o livro de relatos *Entre a vendimia e a castiñeira* (1957); ele não foi o único em participar nessa escolha: “Atualmente está ‘en lectura’ un libro de contos de Don Ramón. Polo de agora interveñen tres lectores”, escreve Piñeiro a Carvalho (Compostela, 15/10/56)<sup>20</sup>. E assim faz ver Carvalho falando explicitamente deste relato: “Un conto inédito, *As mulleres froles*, parte do material logo escolmado para *Entre a vendimia e a castiñeira*, preséntanos a Prisciliano”<sup>21</sup>.

Possivelmente, ademais dos critérios literários, o relato fora desbotado na escolma porque Carvalho não compartia com Otero a sua fascinação por Prisciliano, como se manifesta nas poucas linhas em que tem abordado o tema. Em carta a Piñeiro (Fingoy, 14, XII, 56), depois de escolher 19 contos, dá-lhe estas razões da sua escolma:

Está feita cunha inclinación decidida aos valores épicos e cunha evidente reserva respecto dos líricos. É verdade que pra o que eu quixera aínda hai na escolma desmaziado lirismo i en troques non hai a abundancia de valores

<sup>19</sup> No meu primeiro livro, *A xeración Nos. Galeguismo e relixión* (Galaxia, Vigo 1988), dediquei-lhe um apartado no capítulo de Otero Pedrayo (“Prisciliano”). Logo viriam *Prisciliano na cultura galega. Um símbolo necesario* (Galaxia, Vigo 2010, 2012<sup>2</sup>); *Prisciliano e o priscilianismo. Da condena á rehabilitación* (Biblos, A Coruña 2012); “Prisciliano”, en *Galegos Universais* (Hércules, A Coruña 2016) e *Prisciliano, um cristão livre. O seu eco na cultura galaico-portuguêsa* (Novembro, San Tirso-Braga, 1ª e 2ª ed. 2017). E os artigos: “Un símbolo necesario: Prisciliano na cultura galega”, *Galegos*, 1 (2006); “Otero Pedrayo, Risco e Prisciliano”, *Grial*, 180 (2008); “Prisciliano e a xeración Nós”, *Terra e tempo*. Dossier Prisciliano, 153 (2010); “Prisciliano versus Xacobe”, *Galegos*, 10 (2010); “Prisciliano, el priscilianismo y el islam. La influencia del priscilianismo en el pensamiento islámico español”, *WebIslam* (2010); “O priscilianismo e o xacobeo”, *Redelibros* (2011); “Que podemos dicir hoxe de Prisciliano?”, *Murguia. Revista Galega de Historia*, 23-24 (2012); “As mulleres no priscilianismo e no monaquismo altomedieval”, *Grial* 196 (2012).

<sup>20</sup> O três leitores aqui aludidos por Piñeiro eram o próprio Piñeiro, García-Sabell e Fernández del Riego, segundo nos informam em nota as editoras do epistolário de Carvalho a Del Riego: “A selección, entre os numerosos inéditos de daquela tiña Otero, correu por conta de Ramón Piñeiro, García-Sabell, Del Riego e Carballo” (p. 183, nota 65).

<sup>21</sup> R. Carvalho Calero, “Ramón, príncipe de Aquitania”, *Sobre lingua e literatura galega*, Galaxia, Vigo 1971, 120.

narrativos que sería de desexar. Pero craro está que eu traballaba sobor dun material dado, e nise material foime imposibre atopar un conxunto máis relativamente épico e menos relativamente lírico.

Contudo, é um texto de não doada lectura, sobretudo nalguns parágrafos. Ante a queixa de Carvalho em carta a Piñeiro (Lugo, 18, XI, 1956), na qual diz que “os testos están extraordinariamente corruptos”, Ramón Piñeiro dille (Compostela, 25-XI-56):

A pura verdade é que as deturpacións do texto non son máis que erratas na transcripción das palabras... mentres que as incoherencias, os graves fallos de estilo, as parrafadas abusivas, etc. son da responsabilidade escrusiva do autor. Están así no orixinal... Hai, en troques, falta de forma. O noso querido e admirado amigo semella escribir os contos sin poñer gran atención no que escribe e sin coidarse pouco nin moito de revisar o que fai.

Após a publicación de *Entre a vendima e a castañeira* com os contos de que se está a falar, Carvalho Calero fez uma recensão em *Vida Gallega* assinada com o pseudónimo Fernando Cadaval<sup>22</sup>. E Otero Pedrayo envia-lhe uma carta a Carvalho (Compostela 25/04/1957) na qual diz, entre outras cousas:

Meu querido e admirado amigo: Outra volta, graciñas emocioadas polo artigo de Fernando Cadaval... O libro de contos saiu endiañadamente imprentado. Hai trabucamentos de párrafos enteiros e siñas de cheas fluviás e outros procesos xeográficos na tipografía. Roína material de un libro.

Carvalho escreve uma carta a Otero (28/04/1957) com frases providenciais:

... Vostede é o novelista que Rosalía poido ser e o que dona Emilia debía ser. De eiqú a súa dobre responsabilidade. Cárrega certamente pesada. Pero non fun eu, senón Deus o que lla botóu ás costas.

b) O título do relato, “As mulleres froles”, e alguma frase que topamos nele, sugere uma intensa relação libertadora de Prisciliano com as mulheres:

Os enxames e voares como de abellas e de pombas das verbas de Priscilián e o colexio de mociños de rexa e inspirada formación, decorreron sobor toda a larganza da Galiza, erguendo mais belamente os bustos das mulleres, alumiando

---

<sup>22</sup> Comentário sobre o livro de contos de Ramón Otero Pedrayo *Entre a vendima e a castañeira* (Galaxia, Vigo 1957), *Vida Gallega* (Lugo), 721 (abril 1957).

suas frentes, acendendolles nas capeliñas dos ollos lonxanias saudosas.

Gracias a súa ascesis... foise espallando nas donas e doniñas da Galiza o leidizoso sentimento de un espertar novo, de unha nova e arrolada criatura.

Conforme Priscilián descía a par do río, brilaba na mañán a beleza de unha grande e doorida fro; o universo-frol.

Contrariamente ao que tem escrito Carvalho Calero<sup>23</sup>, Prisciliano teve uma excelente relação e acolhida entre as donas; foi o coletivo mais numeroso e mais fiel a Prisciliano, como refleti num dos meus ensaios<sup>24</sup>. Hai consenso em que as mulheres foram as principais receptoras da sua mensagem e as mais fiéis cuidadoras da chama acesa de Prisciliano após a sua morte. Não era para menos, no líder reformador encontraram un profeta que as abria a tempos novos de reconhecimento, dignidade, igualdade e dignificação para o seu sexo. M<sup>a</sup> V. Escribano fala da importância da “missão ascética feminina” mais além da pura aceitação da pessoa de Prisciliano, do que seria expressão Egéria, Melânia e outras damas ascetas hispanas<sup>25</sup>.

Desde uma visão negativa desta relação, Sulpício Severo diz na sua *Chronica* que as mulheres acudiam a Prisciliano “em tropel, com ânsia de novidades”; e São Jerónimo — muito mais duro — fala dum grupo de mulherinhas (*mulierculae*) que seguiam Prisciliano. Em troca, as mulheres buscavam em Prisciliano a igualdade, o reconhecimento pessoal por riba do seu sexo e a liberdade das comunidades priscilianistas; porque a sua mensagem se dirigia indiscriminadamente a homens e mulheres, uns e outros podiam ocupar-se das distintas responsabilidades comunitárias, tanto no exercício da caridade como na liturgia.

Entre as mulheres que seguiram Prisciliano e continuaram o seu labor temos alguns nomes: Eucrécia, a dona do retórico Delfidio mestre de Prisciliano; e a sua filha Prócula. Urbica, bordelesa nobre lapidada perto de Bordéus por uma multidão que a acusava de bruxa; Agapé, presumível fundadora com Marco dos *agapetas*, mas trata-se seguramente de uma personagem fictícia, sobre a qual

---

<sup>23</sup> “Non nos consta que Prisciliano... tivese propensión excepcional ao trato con fêmeas, aínda que como tantos mestres cristiáns, comezando polo Divino Mestre, apareza rodeado de mulleres nos momentos cotidianos, como nos momentos decisivos da súa vida e da súa morte”, “Prisciliano e Cotarelo”, *La Voz de Galicia* (10/10/ 1981).

<sup>24</sup> V. Pérez Prieto, “As mulleres no priscilianismo e no monaquismo altomedieval”, *Grial* 196 (2012).

<sup>25</sup> M<sup>a</sup>V. Escribano, *Iglesia y estado en el certamen priscilianista*, Univ. de Zaragoza 1998, 208-209.

escreveu Manuel Casás<sup>26</sup>; ou Amântia, a quem está dedicado o códice de Würzburg com o manuscrito dos *Tratados* de Prisciliano: “*Lege felix Amantia cum tuis in XPO [Christo] IHU [Iesus] DNO NOST[Domino Nostro]*” (“Lê ao lado dos teus, Amântia, ditosa em Cristo Jesus, Nosso Senhor”). Em fim, Egéria, a que teve mais renome, da que defendo no meu ensaio que era claramente priscilianista; ela fez a sua famosa viagem a Terra Santa no ano da morte de Prisciliano<sup>27</sup>.

c) Cumpre-me também fazer uns breves apontamentos mais. Parece que o relato de Otero sitúase após os anos da etapa formativa de Prisciliano em *Burdigala* (Bordéus), e após ser eleito bispo de Ávila<sup>28</sup>. Esa era a súa sé episcopal, como bem sabía Don Ramón, no extremo interior da Galiza. Aínda que no texto fai una referencia a “unha sé beira do mar”, pode indicar a idea que tinham os amigos de Prisciliano antes de que ele fosse nomeado bispo; criam que era digno de una sede importante, de una cidade marítima.

Otero diz que Prisciliano era “case neto dereis”. Certamente, era de ascendência senatorial, “de familia nobre, muito rico”, diz Sulpício Severo na sua *Chronica*. Alguns especulam que vencelhado ao imperador Teodósio, também galego<sup>29</sup>.

Sobre o presumível *Prisciliano druída*, tópicos repetidos nos textos sobre ele, e a quem Otero chama aquí: “mozo de caste druidesa”, pode que na sua adolescencia Prisciliano conhecera as artes mágicas, como di o mesmo Sulpicio Severo na súa *Chronica* (“exerceu as artes máxicas dende a súa mocidade”) e afirman máis autores. San Jerónimo chega a chamar a Prisciliano “*Zoroastris magi studiosissimum*”, e Jacques Fontaine di que Prisciliano “conservou da súa vida anterior ao bautismo a mentalidade de practicante das artes mágicas”. Mesmo, o seu mestre Delfidio puido ser descendente duma familia de druídas de Bayeux. Pero, en realidade, parece que este contacto cos druídas, aínda que posible, non é seguro, e mesmo tería dificultades para facelo, “habida conta de que, entre os cultos indígenas, foi o druídico o único culto prohibido ja en tempos de Augusto e Claudio”, como di Terán Fierro<sup>30</sup>.

<sup>26</sup> M. Casás, *Agapé y la revolución priscilianista en el siglo IV*, A Coruña 1895.

<sup>27</sup> Cf. *Prisciliano na cultura galega*, 2ª ed. (2012), pp. 122-128.

<sup>28</sup> Cf. V. Pérez, *Ibid.*, 43-51.

<sup>29</sup> Cf. A. Núñez, *Prisciliano del Bierzo*, Paradiso Gutenberg, Ponferrada 2016.

<sup>30</sup> D. Terán, *Prisciliano, mártir apócrifo*, Breogan, Madrid 1985. Referencias en V. Pérez, *Prisciliano na cultura galega. Un símbolo necesario*.

Don Ramón fai lembrança neste seu texto a un mítica episodio que tinham sempre moi presentes os homes da sua geraciom: a batalla do monte Medúlio no s. I a.C., que a historiografia espanhola quixo roubar aos galegos. Nela, os galaicos, após um longo assédio das legiões romanas, sendo já impossível a resistência, após um derradeiro banquete fizeram um suicídio massivo com o veneno das folhas do teixo ou matando-se entre eles, segundo contam os historiadores romanos Lúcio Anneo Floro e Tito Lívio. Frente a outras localizações da historiografia espanhola em Astúrias ou em Cantábria, desde Paulo Orósio situa-se o monte na margem do Minho, possivelmente em Ourense.

En fim, Otero fala aqui tamén duma “saloucante estadea”, a procissão da Santa Companha dos defuntos. Utiliza também esta expression nuns versos do poema *Ao lonxe*, recolhido na *Escolma da poesia galega* IV de F. Fernandez del Riego: “Ao lonxe centilean as estrelas/ fachos de lus das alma dooridas/ penitente estadea saloucante”; pero aqui relaciona os fachos da Santa Companha coas luzes da Via Láctea / Caminho de Santiago.

d) Finalmente, cumpre-me dizer que na edição deste relato inédito de Otero Pedrayo respeitamos completamente o texto transcrito de Dom Ramón. Fazendo só alguma correção de erros datilográficos que semelham evidentes e inserindo alguma vírgula, como pontuação para favorecer uma leitura que às vezes não é doada. Com razão, na carta citada de Carvalho Calero a Piñeiro reconhece: “Os textos están extraordinariamente corruptos”. Seria necessário dispor dos originais manuscritos, para reconstruir os textos, pero não foi possível topalos.

Em notas, fiz também algumas aclaraciones do significado dalguma palavra difícil, e breves sugestões para comprender melhor o texto.

## Referências

- Carvalho Calero, R. (1958): “Ramón, príncipe de Aquitania”, en VV. AA.: *Homaxe a Ramón Otero Pedrayo*. Galaxia. Vigo.
- Carvalho Calero, R. (10/10/1981). *Prisciliano e Cotarelo*. art. La Voz de Galicia.
- Carvalho Calero, R.; Vilavedra Fernández, D.; Pena Presas, M.; Fernández del Riego, F. (2006). *Epistolario a Francisco Fernández del Riego*. Galaxia. Vigo.
- Alonso Girgado, L; Cochón, L.; Rouco Aneiros, N.; Martínez González, X. (eds.) (2015). *Epistolario Ricardo Carballo Calero - Ramón Piñeiro (Historial dun libro)*. Cadernos Ramón Piñeiro (XXXIII). Santiago de Compostela.

- Escribano, M<sup>a</sup> V. (1998). *Iglesia y estado en el certamen priscilianista*. Univ. de Zaragoza.
- Núñez, A. (2016). *Prisciliano del Bierzo*. Paradiso Gutenberg, Ponferrada.
- Otero Pedrayo, R. (1982). *Ensaio histórico sobre a cultura galega*. Galaxia. Vigo.
- Otero Pedrayo, R. (1954). *Guía de Galicia*. Galaxia. Vigo.
- Otero Pedrayo, R. (1952). *Prisciliano e Gelmírez. Dous rexos caracteres galegos*, art. Galicia, 1.
- Otero Pedrayo, R. (1958). *Guía de Santiago de Compostela*. Noguer. Barcelona.
- Otero Pedrayo, R. (1966). *O espello no serán*. Galaxia. Vigo.
- Otero Pedrayo, R. (1982). *Galicia, una cultura de occidente*. Everest. León.
- Otero Pedrayo, R. (1988). *Adolescencia. La vocación de Adrián Silva*. Fund. Barrié. A Coruña.
- Pérez Prieto, V. (2010). *Prisciliano na cultura galega. Un símbolo necesario*. Galaxia. Vigo. 2<sup>a</sup> ed. 2012.
- Pérez Prieto, V. (2012). "As mulleres no priscilianismo e no monaquismo altomedieval", art. *Grial* 196.
- Terán Fierro, D. (1985). *Prisciliano, mártir apócrifo*. Breogán, Madrid.

## VICTORINO PÉREZ PRIETO

Profesor universitario e escritor, teólogo e pensador. Especialista en temas de cultura galega; sobre todo na Geración "Nós" e en Prisciliano. Também é especialista en Raimon Panikkar, sobre quen fiz as súas teses de doutoramento. Estudou Filosofía e Teología en Santiago; doutorouse en Teología na UPSA e en Filosofía na USC. Foi moitos anos profesor de Instituto; logo deu aulas nas Universidades de A Coruña e Santiago de Compostela, foi varios anos profesor e investigador na de San Buenaventura-Bogotá e finalmente na Universidade de La Salle-Madrid.

Foi colaborador habitual nos diarios *El Progreso*, *Diario de Ferrol* e *La Voz de Galicia*, actualmente en *Nós. Diario*. Foi director de *Irimia* e do Consello de *Encrucillada*. E ten colaborado noutras moitas revistas galegas, españolas e extranxeiras.

Publicou máis de vinte libros individuais; entre eles: *A xeración "Nós"* (1988); *Do teu verdor cinguido* (1997); *Contra a síndrome N.N.A. Unha aposta pola esperanza* (2005); *Más allá de la fragmentación de la teología el saber y la vida* (2008); *Dios, hombre, mundo* (2008); *Prisciliano na cultura galega* (2010); *La búsqueda de la armonía en la diversidad* (2014), *Diccionario panikkariano* (2016); *Prisciliano, um cristão livre* (2017). E ten colaborado en máis de cincuenta libros; entre eles: *O Ensino da lingua. Por un cambio de rumbo* (1995); *Diálogos nun camiño da cultura Europea* (2007); *Diccionario Enciclopedia do Pensamento Galego* (2008); *O Pensamento Luso-Galaico-Brasileiro 1850-2000* (2009); *A Religião em Movimento* (2014) e *Galegos Universais* (2016).

A S M U L L E R E S P R O L E S .

Era unha Galiza verde e griseira, toda mesta de arboredos inzados de paganía e soante ás augas das frieiras aínda sorprendidas do ecoar largasio e potente da súa voce.. Os ollos non eran donos de aturare o llátexar do ceo nin a frofente gracia dos mitos. Eles decorrían no veo das xesteiras ialbas e tremadoiras e no laio das follas mucas. Eran os ollos novos. E potentes e sotis as formas decorrentes e gandideiras.

Algun ollares de donas subían apreixar na frol da iauga o destiffo. Outros adurmechían no ensoar das sestat, e afondíanse en maxinaciós vexetaes. Desenrolábanse nelas os aneles de cobra pecadenta ou tremaban ias refrexos de lonxanas estrelas engado das maus dos cativos que teiman apañalas.

Nos castros insomnes vixiaban os numens vellos. As campañías ían tencedo unha rede musiana, vibadora do medo e misterio da noite. Cada puchar do pöente - e nas agromadas do abril e no xiado abouramento das coores do outono- faiscaban ou recendían - cecais mais perigosos os recendos- as cabeleiras antigas.

Tifla sido calcada a via román, rubían nas ribeiras as vides apreixando os arboredos, comezaban unha ilusión de seguranza. Pro eran ben novos\* os ollos das mulleres. Elas non se decataban da valencia das polémicas teolóxicas, e sufrían de unha vaga ou punxente ansiedade.

Na lagarada do solpor acenaban tentaciós.

Priscilián, o mozo da caste druidesa das fontes dos rios, consideraba o agromar da mañán sobre as augas novas.

Chegara facía poucos días. Nas pedras da aira mirouse ó luar e tiyo casá medo da súa esguia sombra. Unha gadaña seituradora dos mollos das tebras. De escuridás ofrecidas a lus. Nas tebras as raiolas das estrelas peiteaban cabeleiras de muller.

Priscilián tifa o novo crorar dos pergameos engadido o seu propio dá danzal abedoirá e as maus afeitás a os finos dípticos de marfim.

Cos seus habetos ialbos, seu ollar inspirado a calma e sinxela frase súa de museca de fonte en urna labourada tifa perecorrido venusiaços matos, pórticos de filósofos, santos adrales, e dende os cotos de Roma as beiras da Aquitania s' lle non ecultaban os mosteiros de enxames



## *As mulleres froles*

Ramón Otero Pedrayo

Era unha Galiza verde e griseira, toda mesta de arboredos inzados de paganía e soante ás augas das frieiras<sup>31</sup> aínda sorprendidas do ecoar largasío e podente da súa voce... Os ollos non eran donos de aturare o latexar do ceo nin a frolente gracia dos mitos. Eles decorrían no veo das xesteiras ialbas e tremadoiras e no laio das follas murchas. Eran os ollos novos. E podentes e sotis as formas decorrentes e gandindeiras.

Algun ollares de donas sabían apreixar na frol da iauga o destiño. Outros adormecían no ensoar das sestas, e afondíanse en maxinaciós vexetaes. Desenrolábanse nelas os aneles de cobra pecadenta ou tremaban ises refrexos de lonxanas estrelas, engado de maus dos cativos que teiman apañalas.

Nos castros insomnes vixiaban os numes vellos. As campiñas ian tecendo unha rede musical, ceibadora do medo e misterio da noite. Cada pechar do poente – e nas agromadas do abril e no xiado abouramento das coores do outono – faiscaban ou recendían – cecais mais perigosos os recendos – as cabeleiras antigas.

Tiña sido calcada a via román, rubían nas ribeiras as vides apreixando os arboredos, comezaban unha ilusión de seguranza. Pro eran ben novos os ollos das mulleres. Elas non se decataban da valencia das polémicas teolóxicas, e sufrían de unha vaga ou punxente ansiedade. Na lagarada do solpor acenaban tentaciós.

Priscilián, o mozo de caste druidesa das fontes dos rios, consideraba o agromar da mañán sobre as augas novas.

---

<sup>31</sup> ferveças.





Chegara facia poucos dias. Nas pedras da aira mirouse ó luar e tivo case medo da súa esguía sombra. Unha gadaña seituradora dos mollos das tebras<sup>32</sup>. De escuridás ofercidas á lus. Nas tebras<sup>33</sup> as raiolas das estrelas peiteaban cabeleiras de muller.

Priscilián tiña o novo craror dos pergameos engadido ó seu propio de danzal abedoirá<sup>34</sup> e as maus afeitadas aos finos dípticos de marfin<sup>35</sup>.

Cos seus hábetos ialbos<sup>36</sup>, seu ollar ispirado, a calma e sinxela frase sua de múseca de fonte en urna labourada, tiña percorrido venusíacos matos<sup>37</sup>, pórticos de filósofos, santos adrales, e dende os cotos de Roma<sup>38</sup> ás beiras da Aquitania se lle non ocultaban os mosteiros de enxames palmeantes de monxes nin a perigosa serpe da vaidade intelectual<sup>39</sup>, remontada de dourados pensamentos<sup>40</sup> añudada como un torques ó colo dos mestres do saber.

Habian ser moitos oufegados<sup>41</sup> por ela. Priscilián, case neto de reis, dono do principado do sangue e da verba, soio arelaba a sabencia pra unha ergueita empresa.

---

<sup>32</sup> Seguramente pela prematura morte violenta em Tréveris que lhe viria logo.

<sup>33</sup> No manuscrito *tebras*.

<sup>34</sup> Abidueira.

<sup>35</sup> Os *dípticos de marfim* eran no imperio romano táboas unidas por una visagra, que tinham textos e imaxes so accesibles á gente das clases altas.

<sup>36</sup> Pola túnica branca dos aristocratas romanos, os clérigos e os druídas.

<sup>37</sup> Terreno inculto, posiblemente em referência à súa mocidade dissoluta, que reconece Prisciliano no *Liber ad Damasum (Tratados)*.

<sup>38</sup> Prisciliano fez uma viagem a Roma já sendo bispo de Ávila, que narra no seu tratado citado.

<sup>39</sup> A maior crítica que faz Sulpício Severo a Prisciliano na sua *Chronica*: “De imensa vaidade, inchado mais do razoável pela sua ciência” (*Chr* II, 44).

<sup>40</sup> No manuscrito *escamentos*; semelha un erro dactilográfico.

<sup>41</sup> afligidos, oprimidos.





Non o sabían os seus amigos romaos. Paseiaban por os Foros inormes, descían ós santos cemiterios, cada mañán suas oracións alonxaban un pouco mais os demos aniñados nos mármoreos coroados de ouro e no engado dos xardís de roseiras. Consideraban no galego noviño e danzal o bispo de maus coidadosas de unha sé beira do mar.

Non o sabían os aquitanos das vilas dos esteiros, nin os mocións alumnos de San Martiño de Tours.

Esculcaban na calada tristura do celta da terra dos lonxaos promontoiros dúas arelanzas: un amor e outro amor. Un imposibre había co seu afastamento erguer ó outro. O sacrificio do amor da muller por a dona Teoloxía.

– Considera meus cabelos. Son mais de ouro e lus dos que os de Berenice. Ti es amo da verba de bronce e do engado e don da palabra de ouro. Os tempos regoados<sup>42</sup> do teu océano téñente adoutriñado na arte do verso. ¡Canta o día e a noite do meu cabelo e as tésis e as ársis<sup>43</sup> dos meus bicos!

Priscilián acollía as palabras da frolente aquitán curtesmente<sup>44</sup>... Logo faláballe baixiño con medo coidado e valentía<sup>45</sup>. Cecais administraba as pingas de un bálsamo podente. En cada frase puña cinza xiada e ialba, cinza frol da peneira do desengano requintado. Chovía sobor do lume esmorecido das palabras. Despoixa entramos<sup>46</sup>, disimulando un agromar de bágoas, afastábanse.

---

<sup>42</sup> Regulados, regrados.

<sup>43</sup> *ársis* e *tésis* são em música e prosódia, respectivamente, a parte mais forte e mais débil dum compasso musical ou dum pé poético. Correspondem às artes musicais e poéticas da Grécia clássica.

<sup>44</sup> A "florescente aquitana", ou a "ilustre aquitana de sangue consular", pode referir-se a um hipotético e irreal namorinho de Prisciliano com Prócula, a filha de Eucrécia, esposa de Delfidio, o seu mestre retor; uma ilustre família de Bordéus.

<sup>45</sup> Parece que deve de haver aquí algum erro mecanográfico, pois há contradição entre falar "con medo ... e valentía". Talvez seja "con m[oit]o coidado e valentía".

<sup>46</sup> Entrambos, ambos.





Tampouco a ilustre aquitana de sangue consular podíase decatar da teima de aquil silencio.

Nestora Priscilián enxerga a dubidosa larganza do val novo e baril. Vai pra a ria. Camiña co pranto do rio pro mar. Nas cousas latexa, disimulado ou patente, a mesma door do xénero humán... As fontes despois de consoar as rocas, morren na sua enxoiteza. O ferro seitura a gracia da videira... ¿Por qué ha remanecer sempre pra as donas un premio de bágoas?. A Galiza vai, como o val, como o rio, pro mar. A Galiza... Priscilián, afeito a se enxergare a si mesmo, disfruita de un pracer de aluno das escolas dos filósofos ca disputa desenrolada no seu curazón e no seu cerebro sobre si a Galiza vive e alenta no mundo e no tempo ispirada por un xénio masculino ou femenino...

Pro deseguido dóese do xogo escolástico... A Galiza sofre, ou no longo e baixo ecoare do berro do Medulio...

Chéganlle os sons da eirexe sofincada no coto castrexo. Semella tanxida por as azas de anxos da mañán... Y unha fonte apaña seu refrexo e devolvele millorado seu retrato. Un xénio femenino e gandideiro<sup>47</sup> preside no limpo e craro deitar. Parés un San Xohan... Ca aquila fermosura sua língoa había de ser de agromadas de escumas, de zuñida de abellas... ¡Engano de muller-fonte! Priscilián cavila:

—¿Porque ha ser a dona gandideira?. Por a colpa non. Tén de se defendere e atacare ca fermosa falacia...

Mais se non derivan pensamentos acedos no esprito do ialbo persoaxe que vai mensurando asegun as páutas e lei métrica dos salgueiros ribeiráns o decorrer do tempo no camiñar do rio... Nos craros pórticos luminosos da mañán, un vento

---

<sup>47</sup> adulador.





fondo e calado fai marmurar as follas muchas de un pranto de muller. Sua queixa é longa e triste, ó igoal de un fume de probe lareira mollada. E o pensamento do mozo doutor das esencias e as arelanzas vaise deixando cinguir cos vencellos de outra pregunta:

–¿Porqué sempre esta queixa esconsolada?... Tamén ha ser nosa colpa...

Acariñando un gromo tenro e rexo de videira, Priscilián eisprementa unha doce, punxente e amarga sensoalidade...

Deseguida vai devalando a un sentimento de piedade e melancónico amor... Pensa na martir e magoada carne de follas de rosa e laranxeiro. Os poetas querendoa ceibare cecais avencellarona mais estreitamente ás cousas... O xoven esguio e danzal gusta de un folgo ó correr das augas. Como [se] o acento do rio lle espricase a il mesmo pensamentos neboentos e doorosos... A redención, o sacrificio ¿viñeron tamén pra as mulleres?... Vai lembrando ó correr das augas formas ordeadas en lonxana e saloucante estadea... Donas crucis<sup>48</sup> na sua fermosura, envexosas de todo froito que poidera semellar en beleza ó dos seus seos, de toda cachoeira<sup>49</sup> que fora refrexando e apañando a lus mais fermosa do que o seu cabelo... Unhas xiadas como penedos, outras gasalleiras como hedras, servas da beleza, da maternidade ou do amor, elas se non ceiban da podente aperta da natureza sen nome nin comén<sup>50</sup> nin grabamento... O esprito do fillo e neto dos druidas quixera repousar nas armuñias do cosmos. Frias, lumiosas, matemáticas. Lus sin quentar, teorema lonxano ó simpatizante xermolar dos versos. Masculino e cecais

---

<sup>48</sup> mortificadas?

<sup>49</sup> ferverça.

<sup>50</sup> começo.





tristeiramente andrónimo, o tempo decorrente de arnuñas do cosmos, ordeado en preciosas arquiteaturas de pensamento por os filósofos, non se acompasa ós latexares do peito feminino... Cecais entón as Matres, as Nais, vixiantes faros na concenza e fio esencial da xinea antiga, deitaron as verbas mais de súplica e ladaiña que de consello no espírito aquíl mañán ecoante e rexistrador de todas a fondas voces...

E de aquila o discurso e a meditación de Priscilián teceronse e boligaron<sup>51</sup> arredor da teima de necesaria e pronta realidade: ceibar a nai, a dona, a mociña da apreixa das formas elementares. Pra elas, as estrelas dibuxaban os aneis de unha serpe brillante e triste e vingativa, oufegadora<sup>52</sup> do mundo. Pra elas as invitacións sazoeriras decorrían ciguidas ós latexares da savia do corpo. Eisprementábanse, con anguria do castigo ou con lediza de pracer trollo e terra lamigosa<sup>53</sup>, probe terra serva... A palabra do fillo e neto dos druidas voltábase entusiasta falando ós discipres na sombra peneiradora do sol dos graves arboredos:

– A limpia fronte nada foi nas mulleres pra pazo das ideas... Non ha ser sempre Diótima a extranxeira<sup>54</sup>... Non serpe pecadenta o faiscar do ceu, sinón múseca fonda e esenzal do cosmos...

Nin servidume primaveiral a dos seus sentidos dispostos pra disfrutare do ritmo das cousas, do ledito espertare abrilheiro, dos doorosos adeuses do outono.

E nas suas máns a terra collerá belida forma de vaso merecente da graza da fonte, e ha ser baixo os seus pes mol e rexo rexistro do seu camiñar...

---

<sup>51</sup> moveram-se muito.

<sup>52</sup> afogadora, opressora.

<sup>53</sup> lamacentas, que tem muita lama.

<sup>54</sup> Diótima de Mantinea foi uma sacerdotisa arredor do s. V. a.C. Aparece no *Banquete* de Platão, quando Sócrates faz o elogio do amor.





E cas sombras azules do maio e as fondas do vrán sementadas de refrexos de lus das colleitas, os enxames e voares como de abellas e de pombas das verbas de Priscilián e o colexio de mociños de rexa e inspirada formación, decorreron sobor toda a larganza da Galiza, erguendo mais belamente os bustos das mulleres, alumando suas frentes, acendendolles nas capeliñas dos ollos lonxanías saudosas... Algunhas parecíanlles difrentes a seus homes. Os amadores sorprendíanse dubidosos no fio de un peirao ó descoñecido das ialmas das amadas, novo e non esperado ponto por un ledizoso neboeiro rosado envolvemento...

Priscilián sabía ben da forza de azas das suas verbas... Gracias á sua ascésis, unha musical ascésis exercitada asegun ritmos graves e rubidores, foise espallando nas donas e doniñas da Galiza o ledizoso sentimento de un espertar novo, de unha nova e arrolada criatura, un fillo da ialma de cada unha, moi fermoso e aínda non enteirado. O neto dos druidas era cecais sabidor do lingoaxe das froles e das estrelas. Con nomes de froles e de estrelas bautismaba as donas e as doniñas. Os nomes de pingadelas azules nas augas, de coalladas bágoas de orballeira nos niños abandonados, de rexas e recedentes froles de carpaceiras<sup>55</sup> do érmo e de aquilas ialbas coroas por curtos días, apenas os de unha lua groria e pas de punxente tristura das carqueixas que soio estralando na lapa estralan no enxoiro gargallar das enxoiros mozas esquencidas por o amor.

Conforme Priscilián descía a par do río, brilaba na mañán a beleza de unha grande e doorida frol. O universo-frol, a mañán feita de arelantes follas de rosa e a Galiza enteira rosa branca de luares e xesteiras deitada sobor do mar e dos adeuses, non collían moito no pensamento do xoven, daquíl hora locidamente temeroso. Hai medos relixiosos. Hai o

---

<sup>55</sup> carqueixas.





rídoos<sup>56</sup> dos medos. Sáben de elo os pineirás beira do mar, onde<sup>57</sup> salaya a deirradeira saudade das foulas<sup>58</sup> ... Todas as finas e vixiantes armas filosóficas dispostas diante o misterio crecedeiro do mundo e do propio ser –un longo trono apreixado e devalante cecais...– derrubouse asim un aire levia de serra [que] debulla as tenras frois do pomareiro, e co sol das once da mañán nas fontes Priscilián na beira do tempo antigo caía docemente no engado do durmir. Un adormecer de rendimento ó devalar das cousas.

Era o levián ameneiro tallado, verde espranza de cabelos elexiacos no rir<sup>59</sup> das escumas volvoretas, ou cecais con ritmos virxiliáns o consóo de Orfeo e a súa testa rolando devagariño nas augas frias...

A sombra do templo era dura, un fio de coitelo, unha sentenza... Tiña de sufrir o ar loio<sup>60</sup> cortado por ela, e aquil tecido de froliñas composto en carreiriños como os das estrelas.

E chegaba por os camiños de laxes inda novas o colexio das donas. Eran belidas e refreixivas. Entenderan grazas ó seu mestre algunha cousa da fermosura do silencio. Pouco a pouco sabían como nos búzos<sup>61</sup> teñen de agromar palabras concertadas como as froles co ritmo do universo. Daquela un novo amor lles afondaba as capeliñas dos ollos. Os mais deles faiscaban a promesa lonxana gardada nas verdes foulas... Os filósofos non sabían de onde remanecer a chama grave e

---

<sup>56</sup> rito.

<sup>57</sup> No mecanoscrito *oude*, evidente erro dactilográfico.

<sup>58</sup> Espuma producida polas ondas do mar, as mesmas ondas.

<sup>59</sup> rir?

<sup>60</sup> escuro como um fojo, a negrura da noite.

<sup>61</sup> buraco por onde escoa a água de uma poça.





centrosa<sup>62</sup> brillante no cerne do xogo dos femeninos lumes...  
Un lume aceso na Aquitania e na Galicia por o facho  
arrincado do bosque druídico por un mociño da túnica liñar.

Chegaban collidas das maus. Viñan con saudades do mestre.  
Algunhas enrubrecían pensando no intre de lle presentare  
as ofrendas. Eran as primeiras ollando derrubado o mestre  
sentindo<sup>63</sup> a friaxe de un manto de sombra... O latexar dos  
peitos das donas fortaleceu a vontade do fio da moura sombra.  
Cobria o corpo e seituraba o colo. Ficaba na lus a fermosa  
testa. Semellaba a de Orfeu. Moi nova e moi traballada por os  
aceiros concertados e soantes da filosofía. Moi sabia e aberta  
a soia esperanza de ser merecente ó remate do camiñar de  
un sono de neno... O fio cruel da sombra curtaba o colo e  
as mulleres apertábanse coidando espreitaren o nacer do  
sangue... Il no ensono cecais<sup>64</sup> soupo de unha friaxe de aceiro  
mordendo a carne, facendo tremar a testa e sorrir diante de  
cair do froito guindado... Cecais un frescore de rosas nos beizos  
lle arredou o sono... O ensoar de Priscilián era unha ave...  
Procurou acougo e defensa nos pechos arboredos de noite...

O mestre non quixera despechar por comprobante os ollos:  
arredor, as donas en aparencia de outas froles o consideraban  
cun dooroso amor.

---

<sup>62</sup> central?

<sup>63</sup> No mecanoscrito *o mestressentino...*

<sup>64</sup> No mecanoscrito *Il no ensonoccecais.*





**Instituição**

---



## **Atividades da AGLP no ano 2019**

María Dovigo  
Xico Paradelo

### **1. Atividades organizadas pola Pró:**

- OURENSE, 29 de março ao 6 de abril. *IX edição do festival 'Português Perto'*. Organizado em colaboração com a Universidade de Vigo, a A.C. Algaravia, AGAL e Deputación de Ourense.
- OURENSE, 6 de abril. *Roteiro pela Áuria Sueva*. Organizado com a DTS (Desperta do Teu Sonho).
- VIII jornadas galego-portuguesas de Pitões das Júnias. Organizadas por “Desperta do Teu Sono (DTS)”. Pitões das Júnias (Montalegre), 11 e 12 de maio. Com apoio da AGLP e participação da académica Maria Dovigo e do académico José Manuel Barbosa.
- SANTIAGO, 11 de outubro. *Conferência “Juventude, diásporas e mobilidade académica”*. Em colaboração com a Comissão Temática de Promoção e Difusão da Língua Portuguesa dos Observadores Consultivos da CPLP e a AGLP.

### **2. Assistência a reuniões da Comissão Temática de Promoção e Difusão da Língua Portuguesa dos observadores consultivos da CPLP:**

- LISBOA, 8 de fevereiro, 10 de maio, 28 de novembro. Realizadas no edifício da Fundação Calouste Gulbenkian, sede da coordenação.

### **3. Representação institucional:**

- LISBOA, 3 de maio. Assistência à celebração do Dia da Língua Portuguesa na sede da CPLP. Presença da académica Maria Dovigo.

### **4. Presença noutros eventos/ Colaboração com entidades da sociedade civil lusófona:**

- Participação na “Rede da Galilusofonia”.
- SINTRA, o 26 de novembro; LISBOA, o 27 de novembro. VI Congresso da Cidadania Lusófona do MIL. Prioridades para a Lusofonia no início de uma nova década. Participação como palestrantes dos académicos Ângelo Cristóvão e Maria Dovigo.

### **5. Outros:**

- SANTIAGO, 29 de junho. Participação na reunião do Pleno da AGLP. Casa da Língua Comum.

## **Contra o fim do mundo**

Maria S. Dovigo

Robert Louis Stevenson fez na sua juventude uma viagem a pé pela região montanhosa das Cevenas, no sul da França, com a única companhia de uma burra de nome Modestine. Pouco tempo depois relatou a sua experiência em um livro, o seu segundo publicado, ao que deu por título *Os prazeres dos lugares inóspitos*. Declara nas palavras iniciais que o livro era na realidade um ensaio sobre a premissa de que a austeridade da paisagem regenera o gosto, uma frase que tinha lido em uma revista. A escolha das Cevenas para provar tal hipótese prendeu-se com a pouca afinidade que à partida sentia pela sua paisagem, montanhosa e com poucos agros. Salienta Stevenson que o interessante de caminhar é o diálogo interior que mantemos, diálogo que vai variando de tonalidade e conteúdo consoante as características do território e o nosso esforço físico para o percorrer. Diz também que não há lugar que perscrutado com atenção não nos revele algo belo e que é o nosso estado de espírito aberto o que nos permitirá que os lugares nos revelem a sua graça, nos cheguem ao coração e nos transformem. Stevenson agradece no fim do prefácio o que estas paisagens inóspitas fizeram por ele, dando assim um vasto horizonte de sentidos às suas ficções sobre viagens e à sua própria vida errante: o encantamento da aventura e do acaso, a necessidade de viajar sem mapa, a procura da empatia com o que à partida nos é distante.

Não sei se era esse o desejo que movia àqueles monges navegantes que em remotos séculos se aventuravam no Atlântico deixando-se levar pela força do mar, sem rumo fixo, permitindo “que o vento os levasse onde Deus quisesse”,

dos que tive notícia pela primeira vez no livro de Fernando Alonso Romero *Santos e barcos de pedra. Para unha interpretación da Galicia atlántica*, publicado em 1991, livro que naquele tempo me deu uma dimensão histórica do meu berço atlântico como nunca tinha tido. Teimo em crer que a margem oceânica que nos criou imprimiu-nos em essa memória da que não conhecemos suporte este gosto pelos caminhos não traçados. “No mar os teus caminhos e os teus trilhos nas grandes ondas” são versos do salmo de David que o peregrino William Wey ouviu na igreja de Santiago da Corunha em 1456 como atribuídos aos discípulos que trouxeram o corpo do mestre ao porto de Íria. Há uma trama profunda da história dos galegos que se conta nessa viagem de despojamento de todas as formas e referências que relatou Manuel António em “Sós”.

Dessa necessidade, e responsabilidade, da consciência de vivermos na margem oceânica falou-nos há dous anos o filólogo Francesco Benozzo nas jornadas de Pitões das Júnias, de sabermos olhar para os centros de poder deste mundo sem deixar-nos captar por eles. Nas Jornadas deste ano Francesco Benozzo enviou-nos um belíssimo texto, “O olhar revelador dos promontórios remotos”, em que nos falou da existência de lugares singulares, como esta aldeia transmontana, “janelas” que nos dão visões únicas de nós mesmos como humanidade. Pitões das Júnias, que dizem ser a aldeia mais alta de Portugal, é um ângulo precioso para olhar para os impérios do mundo e para ver quer o impacto das políticas pensadas bem longe, nos centros imperiais de cada época, quer para ver a continuidade das nossas raízes culturais mais ancestrais.

Por sétimo ano nos dias 26 e 27 de maio tiveram lugar as Jornadas galego-portuguesas de Pitões das Júnias, organizadas pelo grupo de trabalho Desperta do teu sono, a Academia Galega da Língua Portuguesa e a Junta de freguesia de Pitões das Júnias. Este ano ouvimos as palestras do etnoarqueólogo Marcial Tenreiro, “Mouras, Melusinas, Deusas: algumas supervivências do mito no folclore”, da professora de Filosofia Luísa Borges, “Para uma arqueologia poética da Finisterra galaico-portuguesa”, do matemático Manuel Díaz Regueiro, “Identidade genética atlântica e doenças típicas dos celtas” e do fotógrafo José Goris sobre a sua exposição “Gallaecia: um passado mágico”. Foram ainda apresentadas as Atas das IV, V e VI Jornadas, edição de Desperta do teu sono e da Academia Galega da Língua Portuguesa que contou com o apoio da Università di Bologna. Marcial deu-nos um abundante repertório de

exemplos sobre a transmissão e transformação dos mitos celtas na tradição popular e na literatura profana medieval. Pela curiosidade nunca satisfeita que tenho sobre esse momento da história literária em que se começou a escrever em língua vulgar, interessaram-me particularmente os exemplos das mulheres sobrenaturais como origem de linhagens na literatura profana e as interpretações moralizantes das versões eclesiásticas. Luísa Borges falou-nos das formas de sobrevivência da tradição druídica na tradição poética galaico-portuguesa, com exemplos das cantigas medievais, Bernardim Ribeiro, Fernando Pessoa e Teixeira de Pascoaes. Manuel Regueiro, que chegou aos estudos célticos pelo seu interesse matemático nos labirintos, deu-nos uma visão das migrações no espaço à volta do oceano Atlântico através dos mapas genéticos. José Goris relatou o processo de criação da sua exposição, que partiu da pergunta inicial sobre a origem dos nossos devanceiros e que o levou a percorrer o país fotografando as histórias que as pedras contam.

O programa incluiu o concerto da banda transmontana de música tradicional Matabixo e a visita às mamoas do Planalto da Mourela e Outeiro de Cavaladre, acompanhada pelo Padre Fontes e pelo arqueólogo David Pérez López. O relato das Jornadas ficaria incompleto sem referir o convívio entre os participantes, as conversas à volta da mesa ou nos caminhos pela aldeia e os agros, em que fomos dizendo e cruzando histórias como quem tece.

Murguia falava do mal do centralismo e da resistência a morrer como gérmen da ação dos precursores. Talvez esta questão da celticidade passe por isso, pela resistência à alienação, uma reflexão sobre onde está o centro, sobre quem nos pensa. Porque alguém nos pensa e as aldeias ficam abandonadas. Talvez seja o desejo de sermos uma cultura não para qualquer tempo e lugar, mas para o nosso tempo e, sobretudo, para o nosso lugar. O celtismo também é uma pergunta sobre o que é que significa a pertença étnica neste dito continente europeu que se apresenta no discurso político como uma exceção humana em uma ideal dualidade civilizado vs indígena. Ainda, para além do valor da argumentação do paradigma celtista, suportada em evidências arqueológicas, etnográficas ou genéticas, da investigação feita na Galiza e em Portugal em grande medida à margem das academias, resta ainda explicar porquê a celticidade tem sido campo de invenção tão fértil para os criadores galegos nestes dous últimos séculos. Celebro que nesta edição das Jornadas se falasse de ficção e poesia e

*Maria S. Dovigo*

que seja um sinal do fim do descrédito da literatura no conjunto das ciências, mesmo das ditas ciências humanas. Porque os géneros literários têm mais de compreensão do mundo e de maneira de nos relacionarmos com ele do que de capricho estilístico. Sou das que pensam que a história, mesmo a mais assente em documentos, existe como género literário. Como coletivos, vivemos nos limites do que conseguimos imaginar e contar.

**Crónica do II Encontro  
de mulheres da lusofonia:  
Em um tempo de violência**

Maria S. Dovigo

No seu poema “Tempo e violência” a irlandesa Eavan Boland imagina uma sereia que quer ser humana para poder criar, envelhecer e morrer. “Isto é o que a linguagem nos fez”, languidescer numa gramática de suspiros, diz a sereia do Mar do Norte do poema de Boland. Uma experiência semelhante, verificar o que a linguagem faz das nossas vidas, pode explicar porque quando estudava Filosofia na secundária me resisti tanto a compreender aquilo do mundo das ideias platónico, um mundo que sentia cristalizado e mudo. Em aquela resistência também havia algo de saudade do movimento e da ligação constante, daquele “viver na torrente da universal reciprocidade” da feliz expressão do filósofo Martin Buber, saudade que continuo a sentir quando uso palavras em que não ressoam nem a luz do dia nem as mãos da minha mãe nem o som das árvores quando sopra o nordês. E havia muito, claro, da representação social das mulheres como sujeitos sem história, as muitas versões do eterno feminino em que, como a sereia do poema, não podemos sentir calor nem tornarmo-nos velhas, medidas como somos sempre em relação a padrões que com violência detêm os nossos corpos e as nossas experiências.

Eis-me agora na encruzilhada de habitar uma língua entre a desterritorialização e a necessidade de criar rede entre pessoas de diferentes territórios, na esperança de que comunicar com outras mulheres em língua portuguesa seja um caminho para a nossa sobrevivência como comunidade no mundo. Esperançada também na necessidade de me verbalizar como sujeito histórico, no meio de processos que vêm de longe no tempo e no espaço e nos que não me

demito de ser parte ativa. Esperançada também na convicção de termos, como mulheres galegas, um discurso único dentro do espaço internacional da língua portuguesa, em grande parte por construir, porque não é se não no encontro e no diálogo que um discurso assim se pode verbalizar. Há dias, num evento promovido pela UMAR sobre “Feminismo anticolonial”, Área Mouzinho, da Ondjango Feminista de Angola, dizia-nos de Luanda que na África que não é anglófona é difícil criar solidariedade. Existem outros internacionalismos feministas, eu quero um internacionalismo centrado no espaço linguístico, de comunicação e conhecimento, da língua portuguesa, e na herança histórica e imaginária das nossas múltiplas comunidades e pertenças, até porque penso que as línguas e direitos nem são nem devem ser culturalmente neutros nem socialmente cegos.

Estas e outras motivações levaram-nos a organizar por segundo ano, desta vez em Santiago de Compostela, o II Encontro de Mulheres da Lusofonia, numa parceria entre a AGLP, a Pró-AGLP e a UMAR-União de Mulheres Alternativa e Resposta. Com o enquadramento geral “mulheres, territórios, memórias”, começamos o ano passado em Vilar de Santos o mapeamento dos temas que interessam às mulheres dos muito variados territórios aos que chega a língua portuguesa como língua materna, língua segunda, língua de herança ou simplesmente como língua para a comunicação internacional. Desta vez tivemos o apoio institucional da secretária executiva da CPLP e a presença da diretora geral da instituição, Georgina Benrós de Mello, que nos acompanhou não só na mesa de abertura mas nos painéis e sessões. Também nos apoiou a Comissão Temática de Promoção e Difusão da Língua Portuguesa dos Observadores Consultivos da CPLP, da que a AGLP faz parte. Da parte da Comissão contamos com a presença de Mariana Portas de Almeida da Fundação Gulbenkian, que partilhou a mesa de abertura com o subdiretor geral de Relações Exteriores e com a Comunidade Europeia do governo autónomo, José Lago. Ainda, contamos com o apoio do Concelho de Santiago de Compostela que nos recebeu no Paço de Rajoi.

Um dos temas que propusemos este ano foi o de conhecer as diásporas dos países da CPLP na Galiza. Sendo uma das recomendações do Instituto Internacional da Língua Portuguesa o da valorização destas comunidades no espaço da língua portuguesa, é para mim lógico ir ao seu encontro. Na Casa

da Língua Comum, sede da Academia Galega da Língua Portuguesa, Jéssica Azevedo deu-nos o testemunho do seu percurso vital entre a Goiânia, Cee, León e Compostela, e o sinal do significado que o encontro com o reintegracionismo teve na sua vida: o de poder usar outra vez o português e sentir-se valorizada por isso. Do testemunho de Sónia Mendes, filha de cabo-verdianos em Burela, e a sua exposição sobre a mobilidade social, ficou-nos para a reflexão até que ponto o racismo se pode sobrepor a qualquer ideia de comunidade linguística.

Contamos também com dous relatos do papel das mulheres na resistência. O da Teresa Sales, do projeto “Memória e Feminismos” da UMAR, e o da jornalista Diana Andringa, que nos falou sobre o papel das mulheres na resistência timorense, que conheceu de perto quando fez o seu documentário “Timor Leste: o sonho do crocodilo” (2002). Dos dous testemunhos tiramos muita reflexão sobre a distância entre os factos históricos e os relatos, sobre a naturalização da secundarização das mulheres no registo dos segundos, sobre aquilo que pode ser “o herói”, ficção tão central nos discursos nacionais, e o papel das mulheres nos movimentos coletivos emancipatórios.

Outro tema que nos pareceu necessário focar neste Encontro e que está bem longe de ter ficado esgotado é o das prisões e a democracia. Há anos ouvi um professor dizer que as prisões em Portugal podiam ser um laboratório de lusofonia. Considerando a proporção de presos com nacionalidade de algum país africano de língua oficial portuguesa (com nacionalidade, mas não necessariamente nascidos), o repto do professor parece mesmo necessário. Desta volta as intervenções foram sobre dous projetos com paralelismos e diferenças, o Projeto-Cárcere da Crunha e o Museu do Aljube-Resistência e Liberdade de Lisboa. Os dous são projetos que partem da cidadania para a recuperação da memória da repressão das ditaduras fascistas em ambas as cidades. Mariola Mourelo, para além de dar-nos a conhecer a história e o presente do projeto, deixou-nos a evocação de Concepción Arenal e a demonstração de como o feminismo é o motor de outros movimentos. Luís Farinha, diretor do Museu do Aljube, trouxe-nos um vivíssimo relato dos inícios da ditadura portuguesa, da repressão e das histórias de vida das “pessoas deserdadas pela ditadura, herdeiros do liberalismo e a luta pelos direitos humanos” que passaram polo do Aljube, prisão política em Lisboa desde 1928 até 1965.

Na Casa das Mulheres Xohana Torres o painel “Feminismos em Compostela”

permitiu-nos conhecer um panorama do que se faz e do que se pensa nas associações e no concelho. Para fechar o Encontro tivemos um último painel sobre feminismos no espaço lusófono, com a participação por videoconferência de Nzira de Deus da Fórum-Mulher de Moçambique, da Isabel Hariett Gavião da Ondjango Feminista de Angola, e da Manuela Tavares da UMAR. Falamos da terra, dos direitos das comunidades, dos saberes, da exploração, das barreiras culturais para a emancipação das mulheres... experimentamos ao vivo as analogias das vivências das mulheres em tão diversos territórios.

Houve ainda duas sessões na Livraria Lila de Lilith. A primeira um cine-debate sobre o documentário “Era uma vez um arrastão” com a presença da Diana Andringa, uma das suas realizadoras, e a moderação da antropóloga Luzia Oca, em que falamos do racismo na sociedade portuguesa e não só. E a sessão de poesia com a Iolanda Aldrei, Concha Rousia, Cruz Martínez, Iolanda Aldrei, Jorgete Teixeira, Rosanegra, Teresa Moure e eu própria.

A desumanização, a reificação, a privação da complexidade da identidade de cada indivíduo molda em grande medida a maneira em que se constrói a nossa vida coletiva, a nossa economia e mesmo as relações interpessoais. Quem pode neste mundo realizar aquele “torna-te no que és” de Píndaro? O universalismo e todas as reciclagens da ideia, até o cosmopolitismo ou mesmo a ideia de lusofonia para alguns, pode ser instrumento de domínio e neutralização de projetos políticos que se opõem às várias formas de opressão. Muito discurso de igualdade é na prática de violenta uniformização, e as galegas sabemos duplamente disso, por galegas e por mulheres. Ser cidadão do mundo é privilégio de poucos e ainda menos de poucas. Por aí abaixo há uma complexa hierarquia da *humanitas* baseada na identificação, classificação e hierarquização de diferenças. Não há como ignorar, não há como evitar que toda esta pluralidade de olhares sobre a condição humana que conheço através das que falam a mesma língua que eu mexam com os meus conceitos do território e da memória, do ancestral e do presente, e que privilegie, sobre qualquer função do narrar, a história catártica, o reconhecimento do trauma e a cura pela palavra que também fazemos neste Encontro.

Queremos diversificar o entendimento da lusofonia na Galiza e não só para além do linguístico e do cultural, falar de racismo, da pluralidade de narrativas sobre a migração, de feminismos urbanos e feminismos rurais,

de economia(s), da degradação do território e os direitos das comunidades, dos saberes ancestrais, queremos saber questionar as estruturas de poder e opressão, descobrir outros significados do reintegracionismo, dar referentes sociais e culturais internacionais em português à sociedade galega, porque o feminismo, como bem se pratica na UMAR, é questão de direitos e também de cultura. E propiciar a construção de um discurso soberano, não reativo, dentro da sociedade galega, com estes diálogos em português além as nossas diversas fronteiras, políticas, imaginárias e emocionais. Algo assim como a construção do inédito viável de Paulo Freire. E assim eu gosto de viver como mulher galega, sujeito histórico no tempo e no espaço, complexa, possível e, sobretudo, inédita. E assim desejo também a sociedade galega, tão complexa e inédita quanto a sua história e a sua língua lhe permitem.



**“Galego, porta aberta  
para o mundo 2”**

Cursos de verão da USC

Teresa Moure, professora da USC. Académica

Santiago de Compostela,  
25-28 de junho de 2019

### **1) Objetivos iniciais**

No ano 2018 a primeira edição do *Galego, porta aberta para o mundo* visava conseguir um debate aberto entre diferentes setores sociais relativamente ao modelo de língua que queremos adotar como sociedade. O movimento reintegracionista durante décadas tem defendido a integração da Galiza no conjunto da Lusofonia, adotando a correspondente perspetiva ortográfica. Esta ótica viu-se avalada pela Lei Paz Andrade, destinada a introduzir o português no ensino e na comunicação e aprovada por unanimidade no Parlamento galego. Nesse contexto, *Galego, porta aberta para o mundo* pretendia reunir as diferentes perspetivas institucionais, educativas, culturais ou de política linguística vigentes na nossa sociedade e procurar o debate. O acordo nas vantagens da Lusofonia para o bem-estar e coesão da sociedade e para a conservação da língua foi evidente. É por isso que nesta segunda edição o curso de verão foi para o conceito de cultura partilhada, em sentido amplo, e construiu-se à volta da coleção Alicerces da Através editora: um conjunto de ensaios breves, sobre temas de atualidade, escritos por autor@s galeg@s e prologados por autor@s portugues@s parecia um fio possível para organizar um curso que assumia como objetivos básicos:

- Revisar a situação da língua galega na sociedade e contribuir para uma planificação rigorosa que evite o seu esmorecimento entre os sectores mais novos a partir das possibilidades que oferece a sua dimensão internacional.

- Construir um foro de debate que analise (e vigorize) os contactos interculturais já vigentes entre Galiza e Portugal, conseguidos a partir desta proximidade linguística.
- Explicar como a opção internacional da língua (que defende a ideia duma comunidade de variantes na lusofonia, entre elas a variante galega e a variante portuguesa) estimula o contacto internacional e promove o desenvolvimento económico e social de duas comunidades que já partilham fortes laços.
- Aprimorar o relacionamento cultural galego-português.
- Salientar a potencialidade internacional da língua a partir da Lei Paz Andrade que, ao introduzir o português no ensino e na comunicação social, desenvolverá as possibilidades internacionais do galego.

## 2) Público e receção do curso

Este foi o único curso da Universidade de Verão da USC que se oferecia nesta edição no âmbito da Filologia. Conseguiu 10 pontos sobre 10 da comissão avaliadora das diferentes propostas apresentadas à USC e que considerava critérios como pertinência científica e social, divergência relativamente às matérias lecionadas no curriculum académico ordinário ou paridade de género, entre outros. Publicitado com cartazes nos centros da USC que reuniam pessoal potencialmente interessado na temática e através das redes sociais, recebeu 17 inscrições. Isto implicou um importante descenso comparativamente à edição passada (31 inscrições). A nosso ver, a causa foi o deslocamento da atividade de Compostela a Rianjo numa época em que o alunado ainda está a fazer os exames da segunda convocatória. Contudo, valorizamos positivamente tal decisão que nos permitiu contactar com setores sociais habitualmente desligados da comunidade universitária, nomeadamente pessoas adultas da zona e mesmo doutros pontos geográficos bem afastados (do Carvalhinho a Ortigueira). A presença de várias pessoas já reformadas e de muitos profissionais do ensino (de galego ou não) serviu para abordar os debates com pontos de vista diferentes. Para além das pessoas inscritas, todas as atividades contaram com a presença de público ocasional, que nalguns casos participou intensamente durante várias jornadas. Como indicador da capacidade de chegarmos a novos públicos, apenas duas inscrições corresponderam a sóci@s da AGAL, uma das entidades

financiadoras. Como nota adicional, seis pessoas solicitaram inscrever-se já acabado o prazo estabelecido: a USC não autorizou essas solicitudes, por estarem fora das normas da convocatória, embora essa petição extraordinária fosse feita antes do começo das nossas atividades.

Interpretamos, portanto, que em próximas edições devemos melhorar os mecanismos de difusão. O tema já foi tratado com o grupo na sessão de conclusões e pensamos que no futuro devemos aprimorar os procedimentos:

- Dando a conhecer a nossa proposta antes entre as pessoas que já assistiram nestas duas edições,
- Procurando novas vias de difusão, nomeadamente das entidades financiadoras, visto que a Universidade de verão tem um público alvo habitualmente mais restrito do que o nosso curso e, portanto, prevê mecanismos diferentes,
- Melhorando a comunicação para as pessoas interessadas se inscreverem atempadamente e na devida maneira.

Embora enviássemos um correio eletrónico a todos os centros galegos de ensino secundário da Galiza, não conseguimos nenhuma resposta por esta via, que devemos explorar melhor. Na primeira edição solicitámos que a atividade fosse incluída entre as ações formativas que a USC organiza e que a Consellería de educación da Xunta aceita como válidas para o seu pessoal. Porém a ação foi denegada por exceder as 4 horas diárias estabelecidas para esse tipo de atividades. De novo, devemos repensar as condições que podemos oferecer, por exemplo, dividindo o curso em duas partes: uma de tipo formativo (onde procuraríamos esse apoio administrativo) e outra orientada ao espaço de lazer e tempo livre (interessante para a dinâmica interna do curso).

Dito todo o anterior, o número de inscrições é o habitual na oferta de verão da Universidade. Ainda que a nossa proposta estava pensada para um número maior de estudantes, a previsão orçamentar parece suficiente para cumprir com os nossos compromissos. A USC notificou-nos há uns meses que podíamos contar com 500 euros por um convénio com a Deputación da Coruña. Os recentes períodos eleitorais impediram que o convénio fosse assinado e isso produz alguma insegurança que teríamos evitado se contássemos com uma inscrição mais forte.

As diferentes atividades decorreram no Auditório do Concelho de Rianjo, entre os dias 25 e 28 de junho, a plena satisfação da organização. Devemos agradecer à equipa de governo e aos técnicos de normalização linguística e de cultura a sua implicação no evento, que excedeu todas as expectativas próprias da cortesia institucional e tornou-se numa verdadeira cumplicidade com o projeto. Para além da ajuda económica (sufragando os gastos de alojamento do estudantado) e organizativa (relativa a uso de espaços e materiais ou à intermediação com os fornecedores necessários para o evento), o concelho de Rianjo ofereceu-nos visitas culturais de grande interesse e o próprio alcalde foi o nosso guia nalguma delas.

Em conjunto, achamos que, ao ligarmos o passado com o futuro, o nosso território e cultura com outras geografias e perceções da realidade, o curso contribuiu para recuperar o papel da Universidade como espaço de ponte entre as teorias académicas e o bem-estar social.

### **3) Memória de atividades**

#### ***Dia 25***

##### **3.1. Inauguração**

A diretora do curso explica os motivos da sua organização focados na necessidade de construir um espaço de debate para o futuro do galego e recuperar a função social da Universidade, deslocando o debate das esferas académicas e científicas para a comunidade. A estratégia reintegracionista é apresentada como uma ferramenta para deter a morte do galego que os últimos dados sociolinguísticos auguram. A subsecretaria de Política Linguística da Xunta de Galicia, em nome do Secretário, que justifica a sua ausência por motivos pessoais, parabeniza a iniciativa (que conta este ano com o seu apoio económico), destaca a importância dos temas que nos unem no espírito da Lei Paz Andrade e indica explicitamente que este curso deve continuar em próximas edições. O Alcalde de Rianjo recebe-nos calorosamente, parabeniza a iniciativa e explica as ligações de artistas e intelectuais rianjeiros com a lusofonia.

### 3.2. Indígenas que não hão de sobreviver, indígenas que querem sobreviver

A diretora do curso explica o contexto social e cultural de morte das línguas, nomeadamente do galego, cuja situação expõe comparando-a à das línguas indígenas no planeta. Para além de desenvolver os tópicos do programa de investigação da eco-linguística, incide em estratégias sociais para o diálogo e a compreensão mútua em casos de conflito. A conhecida dinâmica social do dilema da pessoa prisioneira serve de quadro onde ensaiarmos novas tentativas para a maior coesão e satisfação da sociedade galega atual.

### 3.3. Galiza-Portugal: Com a língua, além da língua

Elias Torres desvenda alguns dos estereótipos difundidos à volta da questão política, social e cultural da língua com o objetivo de procurar uma estratégia coletiva num contexto social de hibridação. A língua é mais um dos elementos simbólicos da nossa realidade e, frente às práticas de resistência habitual, importa é conseguir âmbitos de desenvolvimento real. Somos reintegracionistas porque achamos que esta forma de entender a língua é o melhor para o coletivo. O subtítulo da palestra, *com a língua, além da língua*, tornou-se em lema contínuo nos debates dos dias posteriores.

### 3.4. Oficina de língua 1: Dicas para internacionalizarmos o galego

A secretária do curso propõe uma atividade interativa, a modo de oficina. Este será o esquema habitual nas tardes, para romper o ritmo de palestras teóricas e dinamizar a turma. Neste caso são oferecidas uma série de propostas gráficas, léxicas e gramaticais que podem servir como mecanismos básicos para aprimorar a qualidade duma língua fortemente hibridizada.

### 3.5. Fazermos cultura 1: Cultura escrita e práticas de resistência em Rianjo: o projeto Axóuxere

Roberto Abuín, um dos integrantes da editora Axóuxere, explica os pontos fundacionais dum projeto cultural periférico, como o seu, e radicado numa pequena vila galega. Para além de revisar os motivos

desta iniciativa e de oferecer uma mostra do seu catálogo, incide noutras atividades como a residência de escritor@s, desenvolvendo uma crítica às indústrias culturais e revalorizando os espaços de criação e troca de ideias e a sua capacidade para configurar alternativas aos modelos mercantilizados de cultura.

### ***dia 26/06: Pensamento atual ao norte e ao sul do Minho***

#### 3.6. A cultura da morte e o debate sobre a eutanásia

O espinhento tema da morte digna é tratado por especialistas chegados dum lado e outro do Minho. Gilberto do Couto chegou a sua perspetiva como médico; Brais Arribas tratou o tema na sua dimensão ética. Ambos revistaram o estado das legislações nesta matéria em diversos países e desenvolveram o assunto segundo as pautas que já marcaram num livro da Através editora escrito por Arribas e prologado por Couto. Para além da língua comum, as polémicas sociais e éticas mostram-se semelhantes nas duas comunidades.

#### 3.7. A cultura do género e as novas masculinidades

Um livro de Jorge García Marín sobre novas masculinidades serve como ponto de partida para três exposições diferentes. O próprio autor, sociólogo, explica as mudanças atuais que implicam repensar os papéis masculinos e a masculinidade. Carme Adán, representante da ótica filosófica, formula perguntas e questões abertas numa linha crítica para essas novas vestimentas do homem. Marco Gonçalves, psiquiatra, desenvolve as semelhanças entre a ótica queer, que apaga a oposição entre os termos enfrentados masculino/feminino e a situação da Galiza e o galego.

#### 3.8. Oficina de língua 2: O galego visto com olhos portugueses

Fausta Pereira, escritora chegada de Lisboa, explica o seu descobrimento da Galiza e do galego em chave biográfica. A seu ver, o galego tem muitas expressões que não existem em português atual e que constituem uma grande riqueza. Defende a literatura galega contemporânea e explica como esta pode ser difundida em Lisboa. Sérgio Condeço, desenhador gráfico

também chegado de Lisboa, elabora uma cuidada performance onde revista conceitos políticos, sociológicos e históricos que ainda intervêm no imaginário social galego. O seu objetivo é dar ao grupo ferramentas de empoderamento e reapropriação de estigmas negativos. A comparativa com a variante linguística da Madeira, muito diferente da variedade lisboeta, coloca a seu ver o galego como uma das variantes lusófonas.

### 3.9. Fazermos cultura 2: *Se não posso dançar, não é a minha revolução*

Carme Campo e Chus Caramés de *Andar cos tempos* guiam o grupo para dançar com ritmos e cantigas da raia. Para além de divulgar e dignificar o património imaterial galego-português, a atividade tem um papel importante para aglutinar um grupo diverso. As danças servem para brincar, interagir, rir e sentir que fazemos parte do grupo. A partir daí mesmo as pessoas mais tímidas começam a expressar-se.

### **dia 27/06: Práticas culturais cá e lá**

#### 3.10. Quando as palavras ferem: leis de estado e delitos de ódio

O advogado Xoán Antón Pérez Lema revista as implicações éticas e jurídicas dos crimes de ódio, uma figura estabelecida no direito para proteger coletivos desfavorecidos (minorias étnicas, homossexuais...) e não, como é frequente, para proteger outros interesses ou ideologias. A intervenção faz parte do trabalho que o autor está a realizar para um próximo livro da coleção Alicerces.

#### 3.11: Artes plásticas e visuais em países periféricos: projeto impossível?

A portuguesa Teresa de Eça e a galega Natalia Poncela fazem com que o grupo participe em duas propostas lúdicas que têm as artes plásticas e visuais como centro. Na primeira das propostas temos de desenhar em pequenos grupos o bairro duma cidade das artes a partir duns poucos materiais escolares. Na segunda participamos num jogo *on line* para decidir se as obras que se colocam perante os nossos olhos são ou não arte. Afinal, chega o debate, que recolhe de maneira esquemática algumas das perguntas as que ambas responderam num recente livro de Alicerces de que Natalia Poncela é autora.

3.12. Oficina de língua 3: Como detetarmos aquele castelhanismo oculto

Atividade não realizada por incompatibilidade, visto que o relator foi convocado como membro para decidir o concurso de vagas de português no ensino secundário. Organizamos uma atividade alternativa visitando espaços de interesse em Rianjo com a ajuda dos técnicos do concelho.

3.13. Fazermos cultura 3: *Todas à cena*. Obradoiro de teatro pós-dramático.

Afonso Becerra introduz o grupo nos elementos-chaves desta forma de entender o teatro (que desenvolvera antes num livro da Alicerces). Após a explicação, participamos em diferentes propostas: sessão de aquecimento, dinâmicas teatrais variadas e uma improvisação curta de teatro objetual e lumínico. Da mesma maneira que a atividade de dança, esta proposta consegue, para além de formar @s assistentes sobre as manifestações dramáticas mais atuais (com maior sucesso em Portugal que na Galiza), somar energias comuns e criar um corpo coletivo que favorecerá a fluidez comunicativa nas sessões posteriores.

***Dia 28/06: A título de conclusões***

3.14. O papel de falantes, diásporas e centros sociais na internacionalização da língua

Dois perspetivas, a académica dos estudos em sociolinguística e a ativista, somam-se numa palestra a duas vozes sobre o papel dinamizador dos centros sociais para a conservação do galego. A defesa das atividades com base social, da consciência dos sujeitos para intervirem nas decisões comuns e dos projetos educativos autogeridos, nomeadamente o projeto Semente para escolarizar crianças em galego, são os pontos-chave desta intervenção.

3.15. Onde as portas ficam abertas: o que julgam as pessoas inscritas neste curso

A organização do curso resume os pontos básicos do encontro, propõe vias para o futuro, informa sobre a situação do debate de normativas, lembra o Manifesto *O fim do Apartheid* e estimula o grupo para considerar os produtos culturais reintegracionistas como parte do

património cultural galego. O grupo intervém num debate animado e positivo onde se socializam termos como galego internacional ou português da Galiza.

### 3.16. Palestra de clausura: A prática dos cuidados e o diálogo intercultural

Lina Coelho, economista portuguesa, e Brais Arribas, filósofo galego, desenvolvem as suas perspetivas pessoais e as das disciplinas que representam à volta do tema dos cuidados. A teoria feminista, os posicionamentos éticos e políticos com implicações numa existência que valha a pena de ser vivida são postos em destaque. O debate transita entre a solução de dúvidas no que respeita aos conceitos expostos e a sua aplicação ao caso das línguas em perigo. Cuidar é cuidar outros, cuidar o planeta e até cuidar as ideias porque o nosso mundo teria sido outro se *cogitare*, a expressão latina do *cogito ergo sum* tivesse sido traduzido por cuidar: “cuido, logo existo”.

### 3.17. Fazermos cultura 4: Uma descida em paraquedas até à música que chamam de culta

Xurxo Varela encerra o curso com um concerto de viola da gamba. Para além da interpretação das peças, explica dicas importantes para contextualizar as composições no estilo habitual dos concertos didáticos, e responde as perguntas da turma.

### 3.18. Entrega de diplomas e encerramento

## 4) Conclusões da organização

4.1. A atividade foi plenamente satisfatória: reuniu um número aceitável de alun@s, contribuiu para a formação das pessoas inscritas e d@s visitantes de Rianjo, criou um grupo ativo e preste a considerar o galego internacional como uma proposta em positivo, vinculada a diferentes temas de interesse, a uma sociedade viva e em evolução. Visto que as questões técnicas de língua tendem a convocar só um determinado público, a proposta de nos abrir a diferentes temas culturais e artísticos foi explorada com sucesso para irmos com a língua além da língua e procurarmos que o galego seja visto como uma fonte de satisfação para a sociedade. A organização acha que

seria interessante continuar com esta iniciativa e articulará um grupo de trabalho para decidirmos o tema da próxima edição.

4.2. A nossa estadia em Rianjo serviu para estimular o convívio entre os participantes, de maneira a não nos restringir a uma atividade académica e fazer do curso uma experiência significativa, em sentido social e individual, útil para estabelecer laços intelectuais e coesões internas. Embora não fizesse parte dos objetivos iniciais que nos tínhamos formulado, devemos reconhecer que as atividades artísticas, destinadas a dar coesão interna à turma e a arrefecer a densidade intelectual da proposta, servem também para construir públicos. Frequentemente visualizamos a sociedade galega como pouco interessada em consumir produtos culturais em galego, de maneira que criar públicos ativos para as artes (literárias, visuais e plásticas, cénicas ou musicais e de dança) passa a ser um objetivo de próximas edições deste curso, se houver.

4.3. Sérgio Condeço (desenhador gráfico), Marco Gonçalves (psiquiatra), Teresa Eça (educadora artística), Gilberto do Couto (médico), Fausta Pereira (escritora), Lina Coelho (economista), tod@s el@s portugueses@s e Alejandro Dayán (investigador em sociolinguística residente na Escócia) conviveram em Rianjo com galegas e galegos. A fluidez e profundidade do diálogo estabelecido demonstram a unidade da língua melhor do que nenhuma palestra e permitiram que o estudantado percebesse a necessidade de se aproximar da realidade cultural ao sul do Minho e, em simultâneo, de difundir as nossas ideias e criações nesse espaço aberto da Lusofonia.

4.4. Embora algumas pessoas inscritas estivessem a tomar contacto por vez primeira com a ideia de internacionalizar o nosso galego, existiu finalmente consenso sobre a necessidade de reforçarmos os vínculos históricos e culturais entre Galiza e Portugal e sobre os benefícios económicos e humanos que reportaria essa opção. Existiu igualmente consenso relativamente ao facto de a língua ocupar um papel decisivo no contexto atual. Declaradamente reintegracionistas ou doutros posicionamentos menos comprometidos com esta opção, @s participantes acharam que o conhecimento do português é necessário e útil para a população galega e mesmo contribui para aprimorar a qualidade duma língua afetada de problemas de transmissão.

4.5. Todos os indicadores sociolinguísticos recolhidos em pesquisas de diferentes especialidades e objetivos e promovidos pelas instituições alertam sobre o perigo de morte que ameaça à língua galega. Nesse contexto, a estratégia do galego internacional pretende ser uma ferramenta útil para deter o processo e para devolver prestígio à nossa língua. A normativa internacional liga o passado com o futuro, o nosso território e a nossa cultura com outras percepções da realidade. A sociedade galega, cujos indivíduos têm diferentes posicionamentos ideológicos e diversas atitudes sobre a língua, tende a contemplar o galego como uma riqueza. As pessoas consideram a normativa internacional como uma vantagem e uma oportunidade.

### 5) Comentários das pessoas inscritas

Para o alunado participar das conclusões pedimos, no terceiro dia, que fizessem uma reflexão por escrito. As respostas foram entregues de maneira voluntária e anónima. Transliteramo-las tal e qual foram escritas, sem censuras de nenhum tipo.

a) “Abriume a coñecer o significado do reintegracionismo. Ensinoume o porque do reintegracionismo. Arredou de min todo prexuízo com respecto a esta forma de entender a língua. Gústame a expresión *galego internacional*.”

b) “Quando convivemos galegos/as e portugueses/as somos conscientes, sem o explicar, de que, para além da língua, partilhamos um modo de sermos e de olharmos o mundo, silêncios incluídos. Obrigada por abriredes esta porta e dar-nos este espaço.”

c) “Espaço de liberdade. Pessoas que dizem o que pensam sem medo, de maneira que os que escutamos podemos fazer o mesmo. Isto ajuda à comunicação e à troca de ideias. Para mim foi importante para conhecer a chegar-me a uma realidade onde quero estar e participar. Foram muitos temas diferentes. No das novas masculinidades escutei algumas cousas mui óbvias que gostaria de ter comentado mais. Mas, em geral, todas as palestras foram do meu agrado e lamento não ter participado mais: sempre há algo de “pânico cénico” ou de insegurança. Como estou no curso para chegar-me mais ao galego e afastar-me do galego doméstico gostei muito de ter vido. Também de

conhecer de perto Axóuxere, pois os seus princípios têm muito a ver com os meus (ainda que o meu seja a uma escala menor). No campo da arte talvez seja mais crítica. Foi um bocado típica/tópica. Queria um debate mais aberto pois o tema da arte nestes momentos está, para mim, um pouco daquela maneira. Enfim, uma opinião, a minha, muito particular. Gostei das diferenças, as resistências, as dissidências, as janelas abertas e foi uma sorte compartilhar isto. Obrigada.”

d) “Através do curso, apanhei forças para continuar na luta. Mudou qualquer coisa em mim pelas diferentes visões das companheiras, todas tão diversas. Gostava imenso de poder assistir ao seguinte curso, sempre que não seja em Compostela. Adorei os diferentes temas tratados, embora gostasse de mais tempo para o debate”.

e) “Considero muito positiva a possibilidade de espaços de interação com pessoas vidas da lusofonia e que têm vontade de compreender a realidade da Galiza, a vontade de conseguir um entendimento mútuo e de que as similitudes sejam mais palpáveis do que aquilo que nos pode separar. Nom tive oportunidade de assistir a uma parte considerável do curso, mas o que presenciei foi muito positivo e gratificante – também o aspeto de partilharmos inquedanças e pensamentos na informalidade ao redor duma mesa e uns copos. A fazer comunidade com aquelas pessoas que abrem muitas portas abertas para o galego. Parabéns!”

f) “Por experiência própria, reconheço que todas estas partilhas podem ser lugares onde dar e receber. Porém, o que me surpreende sempre é descobrir que no final, ou quase no final, acabo por receber e levar mais comigo do que imaginava. Vou daqui de coração cheio, não só pelas pessoas que conheci (afinal o mais importante e significativo) mas como também com uma imensa bagagem teórica de tudo o que se relaciona com a minha/nossa língua, cultura e identidade. Tudo o que levo faz-me recolocar-me, posicionar-me e centrar-me mais no meu eu, naquilo que sou como indivíduo e cidadão global, humano e ser pensante. Abre portas para entradas maiores, mais largas, que me juntam a outro como eu, aos meus. Que me fazem mais forte contra

os agresores, sejam eles quais forem. Sem culpar ninguém, apenas o tempo, esse tiquetaque que não controlamos, ficaram por debater muitos temas, ideias, princípios e conceitos. Ficaram, mas levo-os comigo para pensar neles sozinho e talvez, quem sabe, voltar um dia para falar sobre eles convosco. Obrigado.”

g) “Enerxía e enerxía e mais enerxía. Xa tábamos sen forzas porque sempre repeten o mesmo. Aquí non. Aquí vin que era posible seguir sendo galega. Grazas, de verdade. Por suposto que irei ó seguinte!”

h) “Creo que este é o terceiro curso de verán da USC que fago. En realidade, escollino porque no programa vin que aparecían temas moi diferentes e que podías poñer a cabeza a matinar em diferentes realidades. O galego, a nosa lingua, pode servir para todo tipo de cuestións, o galego como medio, non como fin. Finalmente falamos mais do ser e estar da lingua, e non só a usamos para nos comunicar, que também. Todo tivo moito interés para min porque había moito tempo que non participaba en debates deste tipo. Por suposto, sigo profundamente interesada neles e neste curso falamos desde unha perspectiva diferente. Quero resaltar tamén que a diferenza doutros cursos da USC foron importantes as relacións con outros participantes. Noutros cursos, unha vez acabada a disertación, cada un marchaba ao seu, mentres neste tivemos ocasión de falar e intercambiar opinións. Por iso afirmo que a miña elección do curso foi acertada, tanto no plano intelectual como no das relacións persoais”.

i) “Para min é (mais unha vez) a constatación de que as persoas galegas e portuguesas temos moito a falar e moito a compartir. Como eu já sabía isto, a minha expectativa a respeito do curso era alta e não falhou. Os temas são de interesse global e, portanto, podia repetir-se este tipo de encontros muitas mais vezes, de modo a ir construindo âmbitos de comunicação maiores. Não é necessariamente a universidade quem tem de atingir esses espaços muito alargados de comunicação, mas sim a administração, os médios e a sociedade civil, em geral. Neste caso, porém, pode dizer-se que a universidade está a cumprir um papel fundamental, que é o de catalisador ou sementeira a partir da

qual abrolhe um movimento social maior. Podia ser parte deste curso ou dos próximos a realização dum exercício de *chuva de ideias* para o fim antes expressado?”

j) “Moi agradecida por este curso. É unha experiencia necesaria como falante e como estudante. Para min foi sair dun pesimismo no que a causa estaba perdida por unha porta (ata hai pouco descoñecida) que da directamente ao futuro. Cada palestra (onde se trataron temas de actualidade), debate, charla fora da aula, todo fixo destes días algo inesquecible. Oxalá chegase a mais estudantes. Obrigada.”

k) “Acho que o curso esteve bem. Gostei muito da parte linguística (*O galego visto com olhos portugueses, Dicas para internacionalizarmos o galego*) e também da palestra *A cultura da morte e o debate sobre a eutanásia*. Agora bem, gostaria de que se centrasse mais na língua pois são muitos temas para poucos dias. Em próximos encontros haveria que centrar-se na questão linguística e achar vias de solução para a atual situação. Estamos num momento chave para as forças políticas e os filólogos se pronunciarem e tentar uma mudança na normativa oficial que teria que passar por um binormativismo ou por uma modificação das atuais normas ortográficas. Daqui teria que sair um manifesto para que a população abra as portas para o mundo.”

l) “Já dizia Pessoa <<nós somos do tamanho do que vemos e não do tamanho da nossa altura>> Agora este dizer ganha ainda mais significado. Ganhamos mais em união; a individualidade ganha pluralidade; a pluralidade ganha unidade em mim. Em nós. Obrigada!”

m) “Inda queda un día enteiro para que este curso remate, mais pídeseme que o valore e así o farei. Respecto ás miñas expectativas podo dicir que me esperaba un ambiente mais elitista, no sentido de que o nivel ia estar mui por riba do meu propio. Mais non foi así, inda que isto también poida ser visto desde unha perspectiva negativa: nalgunhas das conferencias os conceptos tratados concebimos como demasiado básicos e de escasa relevancia. En canto ós coñecementos adquiridos resaltaría a importancia do traballo en equipo e da posta en común das inqedanzas. Haberá a quen lle semelle obvio mais eu

percebo, como se comentou a miúdo, que cada vez tendemos mais ao individualismo e abranguer temas tan complexos na soidade dunha soa mente pode ser sobrecolledor. Por iso agradezo que todos compartisen as suas vivencias persoais. Nunha comunidade tan pequena é importante que cadaquén plante a súa semente.”

n) “Gostei muito das ponencias variadas expostas por persoas de diferentes procedências profesionais. Sentinme a gusto. Mas é doado estar a gusto cando estamos rodeados de gentes com um interesse comum, a mesma vontade de reagir perante os problemas da nossa língua. Não estive na edição anterior, pelo que desconheço o seu conteúdo. Mas nesta achei em falta aspetos linguísticos para os que, como eu, não temos conhecimentos suficientes da gramática portuguesa. Também seria boa cousa trabalhar os campos chamados das artes, como dramatizações, performances, na procura dum empoderamento frente às correntes contrárias ao reintegracionismo. Por último gostaria de que se dessem a conhecer trabalhos sobre antropologia, etnografia e cultura comparada entre a Galiza do Norte e do Sul, para nos ver como os mesmos que somos”.

o) “Viagens inesquecíveis são aquelas que nos tocam o coração, sem descurar a razão. Ao longo destes encontros, quer no auditório, quer na praça, na casa, realço a empatia, a interação, o conhecimento partilhado, as reflexões que nos permitem compreender melhor muitos temas e problemas com que se debate o povo galego, em particular, e a humanidade, em geral. Não tinha a perceção de como o problema linguístico era resultante duma historia peculiar com repercussões a nível político e ideológico cujo desenrolar ainda não se vislumbra, mas precisamos que se desenvolva no respeito para com as diferenças e numa interação saudável entre centro e periferia. Muito haveria a dizer, mas já não tenho palavras. Bem hajam por esta iniciativa. Parabéns.”

p) “O que foi e continuará a ser de interesse num novo curso Porta Aberta:

- Palestras ou relatórios sobre o presente e o futuro da língua e os seus

possíveis falantes (indígenas com aspirações para a sobrevivência, amplificar resistências no país negado, o galego incardinado na intercomunicação numa sociedade aberta aos elementos culturais tradicionais e modernizados, na história passada e recente)

- Ferramentas para aprimorar a oralidade mais castrapizada (dicas de muito interesse da Sabela)

- Qualquer tema de atualidade (delitos de discriminação e ódio) que profunde e esclareça o nosso conhecimento da realidade

- Sessões com criatividade a construir pelo alunado

O negativo: um ecrã com poucos lumens e de visualização deficiente

Do resto, mais nada. Sem caminhar não há trilho”

q) “Porta aberta pluridisciplinar.

Saber olhar outras formas de olhar

Ir para além das identidades

Procurar processos colaborativos e questionadores

Pensar a língua como processo artístico

Trazer modos de comunicação corporal

Descobrir outras maneiras de perguntar

Aprender a olhar com os olhos dos outros

Deixar-se surpreender pelo coletivo”

Para informarmos sobre o desenvolvimento do curso *Galego, porta aberta para o mundo 2*, emitimos o presente relatório com o nosso agradecimento a todas as participantes.

Sabela Fernández (Secretária)

Teresa Moure (Diretora)

## Crónica de Cabo Verde

Curra Figueroa Panisse

*O 14:34, dom., 30/06/2019, Curra Figueroa Panisse <a.figueroapanisse@gmail.com> escreveu:*

### Crónica de Cabo Verde

Caro Angelo. Antes de mais, muito obrigada por nos ter dado esta oportunidade. Foi realmente lindo e muito interessante. Conhecemos gente de grande valia, escritoras de altura e pessoas de humanidade generosa e de mente aberta. Foi comigo a ilustradora dos livros, Celsa Sánchez. Nós pagamos o seu bilhete, mas todas as outras despesas foram por parte da Organização que se comportou com generosidade e dedicação. As galegas fizemos duas palestras: Celsa Sánchez: *A Importância da Ilustração na literatura infantil*, em substituição duma escritora caboverdiana que estava prevista para a manhã do primeiro dia. Faltou mais outra nesse dia, e foi muito interessante porque Celsa tratou um tema que não estava previsto pela organização. Defendemos as duas a palestra; tudo resultou muito bem.

No segundo dia intervi eu com *A Literatura Infantil e Juvenil na Galiza. Uma necessidade cultural e educativa*. Creio que decorreu bastante bem. Se calhar, estendi-me algo demais; agradeço que me deram mais tempo porque pude explicar-me muito melhor. Conhecemos o Ramalho que tanto fez pela inclusão de Compostela na UCCLP; sempre nos acompanhou.

Foi muito atencioso também o Sr Togger Vereador de Cultura da Câmara Municipal de Praia e também esposo da Ministra de Educação, que nos

acompanhou em repetidas ocasiões. A assistência às Escolas foi um complemento de grandíssimo interesse. Nós fomos à Escola São Pedro. Dava a casualidade de que eu tinha participado num livro colectivo, *Abraço Poético Galiza-Cabo Verde* que foi coordenado desde Lugo pelo colega Xosé Estevez. Lá, em Cabo Verde, foi realizado com alunado desta Escola e os trabalhos, coordenados pela professora Analina Rocha e o Professor Paulo Furtado. Estudantes da Escola reconheceram lá seus poemas que foram lidos em publico. Posteriormente entreguei o livro ao Presidente da República, quando fomos recebidos em seu paço. Ele reconheceu alguma rapariga das que lá apareciam como conhecida sua. Eu teria gostado poder falar com ele com algo mais de demora, pois é escritor e bom poeta. Mas as necessidades do protocolo não davam para mais. Na Escola estivemos uma manhã inteira trabalhando com as turmas desde os miudinhos de jardim da infância até os mais grandes que tudo perguntavam e que também queriam ler as suas obras poéticas e de criação literária. Não queríamos marchar de lá... Os estudantes almoçam nas escolas e, segundo disseram, a escolarização em Cabo Verde atinge até ao 90%. Nós deixamos, na escola algumas das nossas obras: *Jogos educativos de Luta contra o Lume* (Edição da Xunta de Galiza); *Cloe a Amiguinha das Flores* (conto cantado para crianças a partir de 3 anos); *O Rei da Floresta* (livro disco de contos a partir de 6 anos); *O Mistério da Escada Interior* (obra de teatro para crianças a partir de 8 anos.)

Com a Ministra da Educação também estivemos acompanhando a inauguração duma escola em que se abria uma biblioteca, a Escola-Biblioteca Ponta D'Água. Foi lindíssimo. As meninas a dançar as batucadas e a simpleza das crianças que se exprimiam sem qualquer artifício nem inibição. Lá deixamos um livro, *O Mistério da Escada Interior*. Explicaram que, para facilitarem o uso dos livros inauguravam o chamado *Baul de Livros*, de maneira que todas as escolas e a Biblioteca Nacional pudessem partilhar os fundos existentes. Na Biblioteca Nacional também deixamos livros, *Atlantidae*, *Mulher D'Água*, *Madeira de Mulher* e um exemplar de cada um dos livros já citados de literatura infantil. Tivemos ocasião de falar com a directora desta, Adelina Monteiro, que também nos referiu a problemática da língua em Cabo Verde com duas línguas em coexistência, crioulo e português, mas que, segundo observei não em confronto. Os organizadores, Filomena Nascimento e Rui Lourido, fizeram

tudo para nos sentirmos à vontade, como o Ego Victor Coutinho que facilitou pequenas questões de ultima hora.

Eu penso que seria bom juntar um pacote com livros, cadernos e canetas para poder enviar às escolas e às bibliotecas aproveitando esse programa do *Baul de Livros*. Acho que o mais correto seria pormo-nos em contato com o Ramalho e com a Ministra da Educação para lhes perguntar de que material teriam mais necessidade.

Posteriormente na Junta Directiva de ADEGA também concordamos de preparar algum envio de material para as escolas. Mas penso que a coordenação deveria de ser desde a Academia Galega da Língua Portuguesa que é quem intervém nestes intercâmbios. Se a AGLP estiver conforme, eu posso por isto em andamento. Poderia ser a AGLP e ADEGA como colaboradora. O esforço pela cultura que lá vi em Cabo Verde merece todo o apoio. Mas deveria ser um envio seleteo e não indiscriminado. Eles agradecem bem os libros que se lhes enviarem, apesar de que estão bem surtidos, segundo vi na Feira do Livro no Parque 5 de Julho e também na Biblioteca Nacional onde tinham uma exposição de Livro Infantil e Juvenil. Creio que também agradecem cadernos e material escolar. No Tarrafal meninos vinham até a nossa camionete pedindo cadernos e canetas.

Caro Angelo, forte abraço, muito obrigada e meus parabéns pelo labor que estais a fazer.

A continuação o texto da minha palestra. Curra



**A Literatura Infantil e Juvenil  
na Galiza. Uma necessidade  
cultural e educativa.**

Curra Figuerola Panisse

Somos seres conta-contos. Para os humanos imaginar mundos é tão importante como comer. Alimentar o imaginário e alimentar o corpo, o SOMA e o ESPÍRITO, (pneuma?) são funções duais e inseparáveis da condição humana.

A nossa pegada neste mundo está feita de sonhos e de contos. (Para além de bastante lixo). Somos a terrível espécie da palavra que tudo invade e para toda a parte caminha. Inventamos a luz do fogo para quebrar a noite e lá, no calor das fogueiras, imaginamos mundos e criamos fantasias. Arredor do lume fizemos o nosso lar e aí, agasalhados pelo seu calor e o das pessoas que a noite escura envolve ou deitadinhos no leito, sempre as crianças gostaram de escutar o som da tribo. A referir contos que colaboravam com a transmissão cultural do grupo e afixaram a coesão social. O ser humano é um ser social. Nunca teríamos sobrevivido se não for em grupo.

Nos contos transmitem-se os valores morais do povo, as ensinanças necessárias para sabermos pertencer ao grupo humano em que nascemos e as advertências para nos previrmos dos perigos que ameaçam a todas as crianças no seu percurso vital.

Nos contos tradicionais ou nos romances cantados às beiras das lareiras, as madrastas, o lobo, o acoassador de meninas estão presentes como advertência dos perigos reconhecidos que existem no mundo. As lendas que contam a história da tribo e que rompem a transcendência do tempo foram indispensáveis para nos situarmos sobre a terra; dar-nos-ão indicações acerca de quem fomos, que somos e para onde será que podemos ir.

Neste momento os contos infantis mudaram radicalmente a respeito das gerações passadas. Já não há bruxas más nem velhas agachadas nas profundezas da floresta que atraíam as crianças para a sua casinha de chocolate. Não há pais que abandonem suas criaturas no meio do bosque. Agora os contos são amáveis, fomentam o amor às pessoas e sobretudo à natureza.

### **Algo de história**

Na Galiza os contos tradicionais contados em galego ficavam ao resguardo do mundo oficial da escrita e dos livros, alumiados pelas chamas das lareiras. Eu nunca li um conto galego, em criança, sim li para meus três filhos. Ainda que soubesse alguns, de que gostava imenso, ao escutar as histórias nas cozinhas ou entre as lavadeiras à beira do rio, todas as minhas leituras foram de contos “universais” escritos em castelhano sem qualquer referência ao mundo galego resistente nas aldeias e no campo.

Acontecia também assim nas escolas. Nunca os mestres nem as mestras se importaram com referir contos galegos em nosso idioma às crianças galegas na Galiza. Aliás, isto acarretaria por parte deles um exercício de investigação, uma pesquisa e uma rotura com a inércia cultural dominante até a chegada da “democracia” e do reconhecimento legal da Autonomia da Galiza e da sua língua .

#### Segundo Blanca Roig,

a literatura infanto-juvenil em Galiza não existe até a década dos anos 50 em que Galáxia recupera a cultura galega e, desta época, encontramos apenas 96 obras publicadas no período de 1950 a 1979. Com a oficialidade do idioma galego e a sua incorporação nas escolas a literatura infanto-juvenil mostra um incremento notável na produção. Nos primeiros tempos esta tem um objetivo utilitário, e dizer produz-se, de preferência, como material escolar e pouco e pouco as temáticas foram diversificadas dentre elas narrativas, poesias, literatura dramática, história em quadradinhos e traduções, e atualizando-se consoante os novos modelos de sociedade e as demandas desta. A parecem autores de qualidade notável como Marilar Alexandre, Xavier P. Docampo, Agustín Fdez. Paz, ou Paco Martim (estes três Prémio Nacional de literatura de Espanha) entre outros.

Xosé Neira Vilas promoveu o *Premio de Poesia Infantil Anísia Miranda* que ganha Marica Campo na sua II edição com o livro *Abracadabras* publicado

pelas Edición do Castro. Xosé Neira Vilas é bem conhecido na Galiza polo seu livro *Memórias dun neno Labrego* (1961). “Eu son o Balbino, un rapaz d’aldea, como quen di un niguén. E ademais pobre”. Com estas palabras, que já são famosas no mundo da literatura galega, começa o livro.

Manuel Maria publicou *Os Soños na Gaiola* (1978), de poesias e canções para crianças. Para mim um facto fulcral na literatura infantil e juvenil da Galiza.

Mas, com tudo a literatura galega perde leitores em relação á literatura castelhana.

Ainda hoje é muito mais fácil para uma mestra encontrar fontes de literatura infantil em castelhano do que em galego. Embora exista na atualidade uma grandíssima produção literária infantil e juvenil na nossa língua, nas escolas é maioritária a utilização do castelhano para leituras infantis e juvenis. Mesmo existem planos da *Xunta de Galicia* para promover as biblioteca nas escolas que envolvem o idioma galego como condição para conseguir fornecimentos destes materiais, Bibliotecas Inclusivas.

As mestras consultadas dizem que um fator importante na promoção do nosso idioma e na sequência do livro infantil e juvenil em galego é a TV. Na atualidade quase não há banda desenhada em galego, como já fora o *Xabarin Club* (por exemplo). Isto faz com que as crianças não tenham os seus heróis em galego, mas sim em castelhano, o qual reforça muito o uso desta língua pela sua parte.

Acontece que a cultura popular perde chance porque é feita em galego e desde a Galiza, em beneficio da cultura *española* uniformizadora e destrutora da cultura tradicional.

A recolha de contos populares já foi feita no primeiro quartel do século passado quanto de cancioneros e folclore popular. Nomeadamente promovido polos movimentos nacionalistas galegos nascidos nos inícios do século XX, como as *Irmandades da Fala*. Estas promoviam as escolas em galego e a defesa da língua e cultura da Galiza.

A ditadura franquista (1936-1975) deu cabo de todo este movimento de recuperação dos *saberes populares*, mas, ainda nos piores momentos, nunca se deixou de fazer publicações em galego, como pela Editorial Galaxia, assente no mecenato do grupo galeguista resistente na Galiza. Também sempre houve o

recurso de Portugal. Eu ia lá na procura de livros e contos para que meus filhos lessem estórias na sua língua. Algo que não estiver em castellano.

Considero que é muito importante elevar à escrita personagens e estórias que reflitam a nossa cultura própria e, mais ainda, que exista uma literatura em galego sobre contos, canções e anedotas que possam fornecer de material aos/às mestras para afiançar a identidade galega de meninos e meninas. Criar o respeito pelo próprio e amor ao coletivo em que nasceram e desenvolvem sua vida. Amar seus avôs e avós, suas mães e pais. Amar suas carvalheiras e rios, seus montes e ribeiras, seu mar e praias, adubado tudo em lindas estórias compreensíveis e aceites por elas. Saberem das tradições que agasalharam seus pais e mães quando eram crianças, e conhecerem seu país. Só se ama o que se conhece, e só se defende o que se ama. Este pode ser um dos objetivos da literatura infantil e juvenil. Educar no lazer, nos jogos, e nas canções no amor ao próprio e desde ele amar o universal.

As crianças gostam de música, versos rimados e imagens vistosas e coloridas. Também gostam, e muito, do humor. Fazer rir a uma criança é o prêmio maior do contador de estórias. E vê-las acompanhar os cantos dum conto também o é. Também as crianças e jovens gostam muito dos mistérios. Saber manter a atenção da gente miúda é um repto e mais ainda nos tempos em que vivemos de avalanche de informação que abruma à maioria das pessoas e que, para o mundo das crianças é irresistível e mesmo, diríamos que aditiva. Tudo é rápido, diverso e penetrante.

Mas os tempos próprios das nenas e dos nenos, são de natural, tempos muito demorados. Eles precisam de vagar para “digerirem” tanta informação que lhes alcança. E não há. Não tempos para meditar, madurar e interiorizar as informações.

Por isso cá defendemos o conto, quer lido quer oralizado. O conto que faça com que as estórias antigas e novas passem de geração para geração. O conto que divirta e que transmita valores morais e de esperteza. O conto que cante, que acarinhe e que arrole. O conto que faça rir dançar e brincar. Eu lembro muitos contos da minha infância que ouvia nos jantares para me fazerem comer ou no leito para espantar os meus medos infantis. Contos que meu pai lia nas calmas das sobremesas, antes de irmos brincar ou dormir. Eu contei contos aos meus filhos e também agora aos meus netos. Que inclusivamente me ajudam a

reescrever alguns que tenho feito, porque as crianças não somente gostam de ouvir, mas também de recriarem as histórias que lhes vamos referindo.

Não quero deixar de citar o Padre Sarmiento, Fr. Martín Sarmiento, ilustre vulto da ilustração espanhola, galego de raiz e de prática literária. Na sua obra dedicada a *Educación da Juventude* recomenda que as primeiras letras que os meninos galegos deveriam aprender fossem em idioma galego. E que os mestres deveriam se dirigirem aos estudantes nesta língua que era a própria deles. Explicar latines em castellano para as crianças galegas, seria *aprender ignoto per ignoto*, em palavras suas.

### O caso galego

Falando com diversas livreiras disseram-me que o livro galego infantil não se vende mal. Confessavam no *Faro dos Três Mundos* (Crunha), especializado em literatura infantil e juvenil, e mais noutras livrarias de Lugo, Crunha, Santiago e Vigo, que, em geral, de cada 10 livros vendidos 5 poderiam ser em galego, mais em Lugo e Santiago, menos na Crunha. Acham a faltar livros que tratem temáticas demandadas por jovens, como aventuras e mistérios bem ilustradas, e livros interativos.

Na Galiza há editoriais que trabalham o livro galego para crianças, como *Algar*, *Picarona*, *Patos de Peixe*, *Engaiolarte*, *Kalandraka* ou a desaparecida *A Nosa Terra* que criara a serie dos Bolachas, mas há poucas para o livro juvenil. Também as livreiras queixam-se de que em galego não há nada para trabalhar as diferenças, a diversidade. Em castellano há muita literatura infantil dedicada a socializar a diferença. Também há uma grande carência para tudo o que tenha a ver com as ciências.

Há também bastantes exemplos de auto-edição ou edições apoiadas pelas instituições, como Câmaras municipais e Deputações provinciais.

Projetos são destacados como o de *Maria Fumaça*, que é mistura de literatura, cantos e música. Criado por Uxia Senlle e sua família para abordagem da *diferença* das pessoas com capacidades diferentes. Transcrevo da sua página:

María Fumaça é un proxecto musical de celebración da vida. Ducias de artistas cantando a alegría de vivir. Uxía, Sérgio Tannus, Magín Blanco, Isaac Palacín, Tanxarina, Carlos Blanco, o noso Ruí, Familia Domínguez Senlle e moitas amigas e amigos... viaxan nun libro-disco, con CD e DVD, no tren máis festeiro que nunca houbo nin haberá.

Falei com a Uxia Senlle a respeito deste projeto e confirmou que era um projeto familiar mas que envolveu muitos artistas. Aliás, como faz ela, em tantas ações criativas de incorporação do mundo galego na lusofonia.

Na Galiza, para além do conflito linguístico entre o domínio do castelhano e a resistência do galego, existem também duas maneiras de escrever a nossa língua: a normativa mal chamada oficial, feita mais ou menos à imagem da norma do castelhano, e a internacional, que bebe na tradição dos cancioneiros e é inspirada nas soluções fornecidas pelo Acordo Ortográfico (Lisboa, 1990), que chamamos de Galego Internacional. Livros escritos na norma internacional da língua galega há muito poucos. Mas sempre está aí Portugal para procurar literatura de todo tipo.

Através Editora, que edita livros na normativa internacional, tem pouca produção em literatura infanto-juvenil, como o *Nântia* e a *Cabrita d'Ouro*, de Concha Rousia.

Também há bastantes exemplos de auto-edição e de editoras que *permetem* algumas publicações nesta norma como era Edicions do Castro criada pelo insigne Isaac Diaz Pardo, hoje desaparecida junto com o seu criador.

### **Cumplicidade educativa**

Para trabalhar o livro em galego não abunda com haver editoras e livrarias. Precisar-se-á do concurso de pais, mães e das escolas. Estas últimas são fundamentais para a demanda de livros em galego e de temática galega. A rede de escolas infantis da Xunta, *A Galinha Azul*, para meninos de 0 a 3 anos, tem nas suas bases que o ensino há de ser em galego na sua totalidade. Mas encontramos que em muitas delas esse requisito não se cumpre e que os materiais escolares que utilizam nem sempre estão em galego. Por isso elas não fazem demanda que possa puxar para a produção rendível de materiais educativos em Galego.

Isto é o que figura como indicativo para a Rede Galega de Escolas Infantis:

As escolas infantís da rede *A Galiña Azul* están dirixidas a nenos e nenas con idades comprendidas entre os 3 meses e os 3 anos. Trátase dun servizo público de atención á infancia, educativo-asistencial, que busca adaptarse ao concepto de familia do século XXI e permitir a conciliación da vida laboral e persoal da cidadanía galega, ao tempo que facilita a súa inserción no mercado laboral”.

Acho algo cômica a expressão “inserción no mercado laboral” e assinalo como é que na apresentação o idioma galego nem se menciona.

Em geral, nas escolas públicas o uso do galego, que poderia puxar pela literatura infantil, depende em maior medida da vontade das mestras e dos projetos educativos elaborados pelo centro. É mais frequente no rural que nas vilas onde o idioma galego é praticamente inexistente. Eu tenho uma netinha de três anos que, felizmente, vai a uma escola em que o galego é o idioma generalizado. De 50 livros que as crianças manejaram, neste inverno 40 eram em galego.

Há também um modelo de escola privado que é feito na íntegra em galego, São as *Escolas Semente*, em Trasancos (Ferrol), Lugo, Compostela e Vigo e proximamente na Crunha. São infantários de 2 a 6 anos, agora também terão primária na categoria de internacional, com um sistema educativo baseado na comunhão com a natureza, na auto realização, na exploração e na liberdade. São seus princípios: *Coeducação, Laicidade, Assemblearismo, Interação com a natureza, Respeito pola auto-regulação da criança, Integração no contexto do seu bairro e da cidade.*

Estas escolas sim que seriam demandantes de literatura infantil além doutros materiais. Falando com a educadora da *Semente* de Lugo, conta-me que ela necessitaria livros infantis que trabalhassem as ciências (Matemática), os Dinossauros ou a diversidade.

Fui visitar esta escola em Lugo. Com criancinhas de 2 anos até 5. Cantamos, contamos e dançamos numa manhã de primavera entre o sol e as nuvens. *Cloe a Amiguinha das flores* e *O Rei da Floresta* foram as nossas estórias. Elas também contaram as suas e desfrutaram dançando com a *Sra Maria e o Sr Dom Xosé, castanhas assadas e vinho com mel* que dá início ao livro *O Rei da Floresta*. Gostei daquela escola, tão naturalmente em galego, com miudinhos galegos/as e na Galiza.

É importante também atender a procura de literatura por parte da franja etária da adolescência ou pré-adolescência, o que se conhece como Ensino Secundário. Como já disse, para este público existem muito menos oferta do que para os pequenos (em Lugo chamamos de “picarinhos”). A serie Dragall, de Xerais, o Dragão Galego, de Elena Gallego iniciou uma interessante experiência que foi subscrita por bastantes escolas da Galiza até o ano 2014.

Marica Campo, reconhecida escritora galega de obra diversa que tem livros de contos para crianças e jovens (*Xoel aprendeu a voar*, *Unha misión para Clara*, etc), comentava-me acerca da sua experiência com os livros de literatura juvenis. Foi interessante, porque visitou muitos centros de ensino onde seus livros foram postos como leitura obrigada para jovens de entre 5 e 13 anos. Ela encontra que a aceitação da literatura galega depende muito da orientação do professorado a respeito da língua. Se este é mais votado para a prática e respeito polo idioma galego, os estudantes lêem, comentam e discutem as obras que lhes foram indicadas. Mas, se o professorado não mostrar qualquer interesse pola língua, resulta difícil estabelecer colóquio com os jovens que se desinteressam da leitura como se desinteressam da língua.

### **Conflito lingüístico na Galiza**

Cumpramos dizer, que na Galiza existe uma certa esquizofrenia a respeito do nosso próprio idioma. Há sectores da população muito interessados na sua cultivacão e defesa, mas a maioria mostra-se passiva face ao conflito lingüístico em que vivemos: O domínio do castelhano sobre o idioma próprio da Galiza e cada vez mais evidente. O galego perde espaço e utentes ano após ano. Basta uma só criança a falar castelhano para que o grupo se vire completamente para essa língua. Isto acontece também entre adultos. É um facto curioso de mimetismo lingüístico estudado, entre outros, pelo Prof. Celso Álvarez Cécamo, da Universidade da Crunha.

Na Galiza também existe o problema da normativa gráfica. As editoras em galego recebem verbas polas suas publicacões, mas somente se são feitas na norma assumida pela Xunta de Galicia (sic), mimética da castelhana. Isto faz com que recusem publicar livros em galego na norma internacional, porque supõem que lhes poderia ser mau negócio. Porém, a editora Kalandraka tem apostado polo livro galaico-português o qual pode ser de grande interesse. Não é milagre que seja esta editora a que alcança mais vendas em Galiza.

Admitimos que, bem programada, a literatura pode ser uma eficaz ferramenta para compensar o processo de substituição do galego polo castelhano e a correlativa perda de utentes da Galiza. E, como não, a literatura infantil e juvenil é sem dúvida um instrumento eficaz e necessário para reforçar a identidade e a cumplicidade com Galiza e sua cultura.

Para além da Associação Pró Academia Galega da Língua Portuguesa, eu pertenceo ao coletivo ecologista ADEGA (Associação para a Defesa Ecológica da Galiza), que cumpriu os seus 43 anos de existência e que tem diferentes projetos, um deles é o da Educação Ambiental, com elaboração de materiais quer para crianças quer para adultos. A Fundação Eira, de que sou presidenta, faz parte do projeto. Na casa celebramos a língua, a cultura e o ambiente por igual. O nosso guieiro é *Recuperação de Saberes Populares*. São muitos os serões de Conta Contos que lá se fazem. Tradicionais galegos e também internacionais com participação de elementos vindos do Brasil, de Portugal e doutros países lusófonos. A literatura oral é de suma importância na criação dos vínculos afetivos e no estabelecimento das redes sociais. Sempre temos a visita do *Apalpador* no Natal, e de contadoras e contadores de *contos da lareira*, alguns destes já profissionalizados, como Celsinho, Luis Pérez, Alba Maria, Maria Lado e Lucia Aldao, entre outras pessoas.

Em Lugo existe um movimento interessante de Cultura Oral; é o Chamado *Galiza Encantada* que lidera Carlos Reigosa, do Museu Provincial, e envolve, no encontro anual que fazem, muitas escritoras e escritores e também conta contos. Transcrevo da sua pagina:

Galicia é un país habitado por homes e mulleres de carne e óso pero tamén por seres que bulen nun mundo fantástico ou encantado, e tamén real, coma o noso...  
Desde 2005 seguimos encantados.

Eu tenho algum conto publicado numa das suas compilações *A lenda da Ceguiña*.

### **Questione della lingua galega**

Nós temos comprovado que, nem para crianças nem para adultos/as a *ortografia* representa um impedimento, pois todos os livros que temos feito são escritos na norma internacional para o galego. E todos os livros foram bem sucedidos quer nas vendas quer na sua aceitação pelo público.

Alguns, como *O Rei da Floresta* ou o *Mistério da Escada Interior* foram utilizados como livros de leitura em diferentes colégios. Outros, para adultos, como *Madeira de Mulher*, *Atlântida* e *Mulher D'Água* foram escolhidos para diferentes clubes de leitura em Escolas de Idiomas e associações de mulheres.

Nesta altura o problema da *ortografia* vai virando para um entendimento entre as partes. Marca o inicio desta *entente* a promulgação da *Lei Paz-Andrade* aprovada por unanimidade no Parlamento galego. Transcrebo da Wikipédia:

*A Lei nº 1/2014, do 24 de marzo, para o aproveitamento da lingua portuguesa e vínculos coa lusofonia*, mais conhecida como *Lei Paz-Andrade*, é uma lei do Parlamento de Galicia. Nascida a partir da *Iniciativa Legislativa Popular Valentín Paz-Andrade*, de onde se retira o nome pelo qual a lei é mais comumente conhecida, trata-se de um instrumento normativo que visa estreitar os laços da Galiza e da variedade galega da língua portuguesa com o resto de variedades da língua portuguesa e os países em que ella é oficial. A Iniciativa Popular, especialmente apoiada por setores reintegracionistas da sociedade, tem seu nome em homenagem ao economista, jurista e escritor galego Valentim Paz-Andrade, ilustre defensor da reaproximação entre a norma escrita galega e portuguesa.

Ao ser enviada ao Parlamento, em 2012, a iniciativa contava com 17.000 assinaturas e foi aprovada por unanimidade em 2014.

### **Algumas publicações**

Escolhemos diversos estilos adaptados as diferentes idades. Contos cantados para pequeninhos de 2 ou três anos, teatro infantil para crianças desde 5 anos para adiante, contos para contar por um adulto ou ler quando a criatura for algo mais grandeira, ou teatro juvenil para pre adolescentes .

#### *Cloe a Amiguinha das Flores*

Este é um conto em verso e com canções. É para crianças desde os 2 anos. Por meio dos versos aprende-se o nome das flores mais frequentes, como a margarida o girassol, a violeta, as rosas ou as vincas, para além das árvores foiteiras.

#### *Pingas*

Obra de teatro para crianças desde os 5 anos, com personagens malandros uns outros tenros que tenta falar do ciclo hidrológico para criancinhas, por médio dos risos e dos valores clássicos dos bons e dos mãos . Também pode ser introdução a conceitos matemáticos como o grande o pequeno o ínfimo ou o infinito.

#### *O Rei da Floresta*

Desde os 4 anos em diante. É uma coletânea de contos para serem lidos ou contados. Trata de recuperar uma tradição muito antiga, na Galiza e que ficou resguardada nas montanhas dos Ancares e do Courel: A figura do *Apalpador*, que vem ser o Pai natal de culturas alheias, o Olentxero do País Vasco etc. Acompanhado de versos e canções. Nas montanhas de Ourense é chamado de *Pandigueiro*.

### *O Mistério da Escada Interior*

A partir de 8 anos, que é a idade que tem um dos protagonistas O Chinto. É uma obra de teatro infantil pensada para pré-adolescentes que acontece na muralha de Lugo. Aproveita-se para recriar o mundo na chegada dos romanos, recuperando velhas tradições como a das lendas associadas a pedras com petróglifos, e também os jogos populares que tinham na época como a Décima Escrita, para trabalhar os números e as letras com a gente miuda. Esta obra pode ser utilizada como simples lazer ao tentar desvendar o mistério do menino romano Cásio, para matemáticas, para língua, ou mesmo para cultura clássica. Ou trabalhar valores como a amizade e os afetos. Foi utilizada no Colegio Fingói de Lugo como texto de base para língua galega.

### *O Velho da Pena Patela*

Um conto de mistério e de medo, no mais clássico estilo dos contos de aparecidos ou contos da lareira. É dedicado a Breixo um rapaz de 13 anos que morava perto da Pena Patela em Outeiro de Rei ( Lugo). Foi publicado em Brasil pola Free books em versão eletrónica. De Paulo Soriano.

## **A modo de conclusão**

Na Galiza o idioma galego recua face ao castelhano, case à mesma velocidade que se esvazia o mundo rural onde fora cultivado por séculos.

Os poderes públicos nada fazem de real para a preservação cultivo e promoção do galego. A literatura infanto-juvenil pode ser um valioso instrumento de cultura e de promoção do idioma galego assim quanto da autoestima da população em geral. A normativa do galego internacional é pouco significativa no monto total das publicações em galego e menos ainda na literatura infantil. Compre termos um acordo entre os/as escritoras para promover a literatura infantil e juvenil na norma internacional e aproximarmo-

*Curra Figueroa Panisse*

nos mais ao português por que disso somente pode vir benefícios: ampliação das nossas miras, internacionalização da nossa cultura e recuperação das nossas tradições.

*Minha amiga de olhar longo  
admira-me teu passo certo  
palavras após do vento  
palavras contra silêncios*

Muito obrigada pola sua atenção.



Olá. Eu sou a Nela.

Tenho que cargar  
todo o dia com  
este irmão que  
sempre se mete  
em sarilhos.

Ainda me divirte  
Porque com ele  
están garantidas  
as aventuras,  
como esta que  
vais conhecer .



Gosto de estudar  
e também  
me divirto  
com os meus  
amigos.

Como o que  
conhecim  
na escada interior  
da Muralha  
de Lugo:

Cassio.  
O meu amigo  
Dos tempos  
romanos

Olá Eu sou Cassio Altair  
Filho de Gálico, Centuriom  
romano,  
e da Princesa Apana,  
filha de Ducría  
da ilustre tribo dos Nabia,  
os domadores de cavalos.

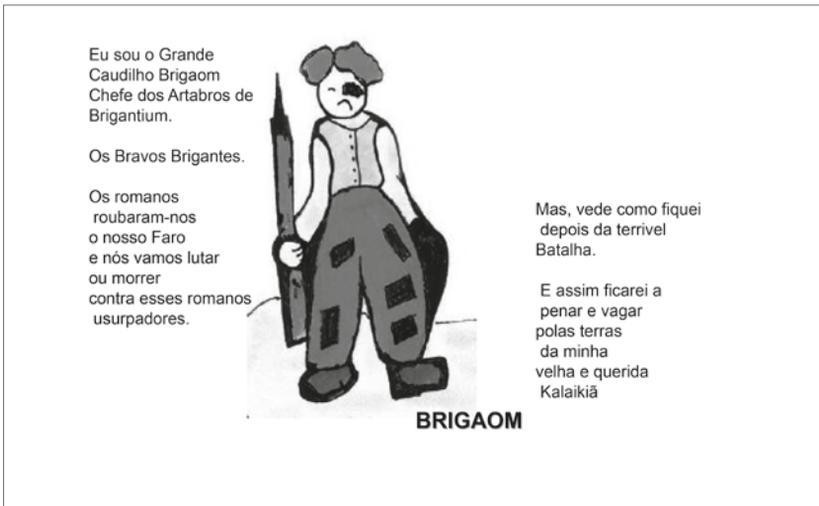
Mas agora sou  
apenas um espirito  
que aguarda ser libertado  
Para descansar em Paz.

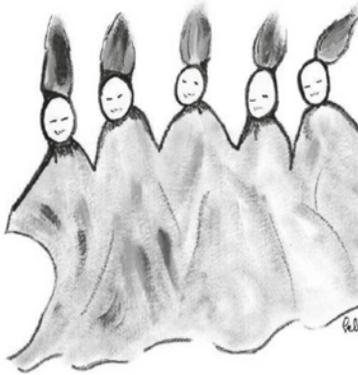


Foi grazas a esta bola  
mágica que eu conheci  
os meus amigos:

Nela, a moza  
mais inteligente e fermosa  
que nunca antes vira,  
E Chinto o mais simpático  
amigo que nunca tivera.

Eles vão-me ajudar  
a econtrar a meu pai  
para viajarmos  
até onde as almas  
dencansan





Nos somos as  
**Estantigas:**  
almas em pena.  
por entre os dous  
mundos  
a vagar  
sem o descanso  
nunca atopar.

Diante de nós  
a Grande Estadea vai  
que guía o bode :  
o carneiro  
que desce e sobe,  
por penedos e riscos  
Advertindo  
a pobres e ricos.  
A Cassio vamos conselhar  
Para que o seu espírito  
possa por fim descansar.



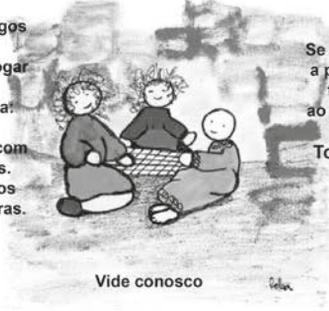
Eu sou  
a **Porta do Alem.**

Para cruzar  
ao outro mundo tés  
que passar  
ao meu través.

Mas so abro para quem  
O bem vai fazer

Agora somos amigos  
e aprendemos a jogar  
à Décima Scripta:

Um jogo romano com  
letras e números.  
Jogando os dados  
Compomos palavras.

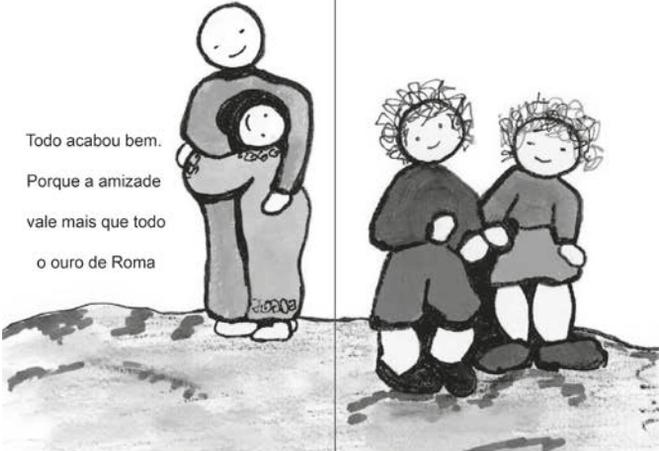


Se conseguirmos  
a palavra mágica  
faremos vir  
ao pai de Cássio.

Todo está nas  
palavras

Vide conosco  
conhecer as  
nossas aventuras

Todo acabou bem.  
Porque a amizade  
vale mais que todo  
o ouro de Roma





**Uma mesma língua,  
não duas distintas**

Artigo divulgado no jornal *publico.pt*<sup>1</sup>

Ângelo Cristóvão, Vice-Presidente da  
Academia Galega da Língua Portuguesa;  
Sócio Correspondente da  
Academia das Ciências de Lisboa

Lisboa,  
5 de setembro de 2019

A AGLP, criada em 2008, é coerente com a mais longa e fiel tradição da cultura galega que, de sempre, considerou existir a um e outro lado do rio Minho uma e a mesma língua, e não duas, mesmo que, por razões históricas e políticas, sejam chamadas por nomes distintos. São ideias tão comuns, ou tão estranhas para alguns leitores, como as opiniões fundamentadas de Manuel Rodrigues Lapa (leia o seu livro «Estudos Galego-Portugueses»), ou a «Nova Gramática do Português Contemporâneo» de Celso Cunha e Lindley Cintra, publicada em 1984, em que incluíram os dialetos galegos entre os do português europeu.

Na sequência deste critério a AGLP assinou parcerias, incluindo um conjunto de palavras de uso corrente na fala quotidiana ou na escrita literária galega, no Vocabulário Ortográfico da Porto Editora, no corretor informático FLiP da empresa Priberam, no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa, e na atualização do seu Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea. Sugiro também dar uma vista de olhos ao Vocabulário Ortográfico da AGLP on-line, com 140000 entradas, e ao Dicionário Estraviz on-line, o maior da Galiza, e um dos mais completos de toda a língua portuguesa, que incluiu recentemente uma completíssima conjugação verbal, a pôr ao mesmo lado as variantes galegas e as comuns ao resto do espaço linguístico.

Em 2018 a Academia foi admitida na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa em qualidade de «observador consultivo», e atualmente participa na

---

<sup>1</sup> Publicado no jornal Público.pt em 5 de setembro de 2019 <https://www.publico.pt/autor/angelo-cristovao>

sua Comissão Temática de Promoção e Difusão da Língua Portuguesa. Aproveito a oportunidade para anunciar que a AGLP e a citada Comissão organizam uma Conferência em Santiago de Compostela, que terá lugar em 11 de outubro, em instalações da Universidade de Santiago, com o patrocínio do Governo autónomo. Talvez isto sirva também para outra reflexão.

Oportunamente a AGLP colaborou na redação, promoção e negociação da Lei «Paz-Andrade», aprovada em março de 2014 no Parlamento autónomo da Galiza pela unanimidade dos deputados. Uma lei que obriga a fazer efetivas, entre outras medidas, a incorporação da língua portuguesa ao sistema de ensino público, e à promoção da entrada da Galiza em organismos multilaterais do espaço lusófono

Nesta altura histórica existe um amplo consenso entre todos os grupos políticos presentes no Parlamento de Santiago, para a incorporação à CPLP. O Governo autónomo tem manifestado o seu interesse em avançar nesta direção. Estou certo que, de uma ou outra forma, nos próximos anos este desejo terá uma resposta positiva, e a Galiza terá um lugar reconhecido dentro do conjunto dos povos de língua oficial portuguesa. Língua de Camões, Guimarães Rosa e Rosalia Castro, que podemos legitimamente dar o nome de português ou galego.

Porém, na altura em que a Galiza realiza esforços institucionais para a integração no espaço lusófono, e por mostrar a sua proximidade linguística, alguns exemplos parecem vir em sentido contrário, como a publicação no *Jornal de Letras* de um especial dedicado à Galiza (ou será Galicia, à castelhana?) em que se utiliza uma ortografia insolidária com as outras variantes da mesma língua e se omite pessoas e entidades que, de forma real e efetiva, levam décadas a trabalhar pela aproximação da Galiza. Talvez não sejam este tipo de enquadramentos os mais acertados.

## **Política linguística na Galiza: Uma transição à espanhola?**

Ângelo Cristóvão, Vice-Presidente da  
Academia Galega da Língua Portuguesa;  
Sócio Correspondente da  
Academia das Ciências de Lisboa

"Temos um problema com os filólogos", disse-nos um alto dirigente do Partido Popular poucas semanas depois da aprovação da Lei 1/2014 de 17 de março «Para o Aproveitamento da Língua Portuguesa e Vínculos com a Lusofonia», comumente conhecida como Lei Paz-Andrade.

O/s filólogo/s em questão parecia/m sentir-se ameaçado/s por esta decisão unânime do Parlamento galego aprovando a Lei que inclui, entre outras medidas, a introdução do ensino do português nos centros escolares da Galiza "dentro das competências em línguas estrangeiras". Tendo a certeza de que, no âmbito da política, os razoamentos e as decisões não se regem pelo método cartesiano, a pergunta que nos fazíamos era se o Governo autónomo cumpriria o compromisso conosco, os promotores da Iniciativa Legislativa Popular (ILP) Valentim Paz-Andrade, e com os deputados do Parlamento atuando em nome do Povo galego, ou se teria mais força a inércia e os interesses criados a favor de um grupo de professores bem posicionados na Universidade galega e de instituições negacionistas da ideia de uma Galiza lusófona.

É preciso esclarecer, mais uma vez, que a Lei Paz-Andrade pretende (ou pretendia) representar a vontade, sensibilidade e aspirações de uma grande maioria da sociedade galega. Que não é (ou não era), portanto, uma espécie de programa ideal do reintegracionismo linguístico galego, e que a fórmula de «língua estrangeira», indesejada pelos promotores da ILP, foi uma solução de compromisso com os legisladores, como resultado da falta de apoio para outras fórmulas entre os deputados. Foi devida, nomeadamente, à negativa absoluta

de membros destacados do sector oficialista a aceitar conteúdos de língua portuguesa dentro do horário e currículo de língua galega. "Nem uma hora à semana", foi dito. Mesmo assim, com toda a sua imperfeição e condicionantes, pensávamos que a lei tinha, entre outras virtudes, a de facilitar a abertura de espaços de diálogo e entendimento entre partes claramente diferenciadas do Campo Cultural Galego. Que serviria para abrir uma nova etapa mais participativa e aberta, e que só ficaria à margem desse entendimento quem voluntariamente desejasse estar da parte de fora. Os factos parecem indicar que estávamos iludidos de mais, ou talvez enganados.

Recentemente temos visto em vários foros da internet, especialmente no Portal Galego da Língua, discussões sobre a hipótese de um "espaço de diálogo" entre reintegracionismo e isolacionismo (admita-se esta terminologia, por razões práticas). E parece ser uma linha de trabalho preferente da Associação Galega da Língua, a teor de declarações ultimamente divulgadas. Algumas pessoas julgam que o reintegracionismo deveria legitimar instituições que, a teor das opiniões de outras, nada têm a ver com os princípios e as práticas da AGAL. Ou talvez sim. A propósito disto pode resultar útil fazer memória, lembrando que na década de 80 do século passado se repetia com muita frequência, nas convocatórias das assembleias desta associação (sou membro desde 1983), o tema da "concordia normativa". Reiteradamente, insistentemente, o tema absorvia grande parte do tempo das reuniões dos sócios à espera do momento oportuno, nomeando 'representantes' e discutindo a fórmula para um diálogo e um entendimento com o tandem ILG-/RAG... que nunca chegou.

Temos visto, nos últimos 35 anos, iniciar-se esse tipo de debates várias vezes, e apagar-se o mesmo número de ocasiões por falta de eco ou de resposta. Estamos certos que também as iniciativas de 2019 respondem às melhores intenções dos seus proponentes. Contudo seria muito conveniente não perder de vista a realidade.

Parece pouco discutível que o facto mais negativo em matéria de política linguística na Galiza dos últimos anos é o denominado Decreto do Plurilinguismo, e os efeitos muito negativos que está a produzir na comunidade linguística galega, denunciados recentemente num relatório do Conselho da Europa. Em sentido positivo e com qualidade de motor de consensos, julgamos que só cabe citar a Lei citada no início deste artigo. Esta pode, podia ou poderá

ser o melhor motivo, lugar de encontro e ponto de partida, bem claro e público dos que estão a favor do galego como língua nacional e internacional. Porém, a sua fraca aplicação parece indicar que não interessa a quem vive na comodidade de uma posição de vantagem. Que outro teste podia ser mais confiável como prova da vontade de entendimento e colaboração dos sectores que detêm o poder académico e político?

Assumimos, como cidadãos com espírito construtivo, que algum tipo de convivência parece desejável com quem mantém posicionamentos divergentes dos nossos, numa sociedade aberta, madura e democrática. Ora bem, um esquema que inclua o reparto equitativo de culpas como se estivessem em igualdade de condições os excluídos e os que usufruem do apoio institucional, esquecendo a discriminação patente, seria começar da pior maneira possível. É preciso dizer também que, nos casos em que o poder é exercido exclusivamente por uma das partes, como é a situação existente no Campo Cultural Galego, corresponde aos órgãos oficiais dar os passos oportunos para acabar com esse *apartheid*. Inverter os termos da questão, como já temos visto fazer, colocando a responsabilidade do lado dos prejudicados, dos silenciados, dos excluídos, seria outra perversão discursiva a ilustrar a degradação dos seus anunciantes.

Existem várias fórmulas e modelos para dar passos em positivo, e oxalá vejamos isso acontecer. Há quem diga que já estamos numa transição. Transição à espanhola, poderia dizer-se, em que tudo parece mudar mas tudo continua no mesmo lugar. Não é preciso fazer um grande esforço para demonstrar que o Governo autónomo tem dedicado mais esforço à propaganda que à aplicação e desenvolvimento legislativo (inexistente) da Lei Paz-Andrade. Por dizê-lo em termos positivos, se dermos por suposto que a Lei ainda tem algum futuro, a política que a acompanha tem muito margem para a melhora.

A posta em andamento de um processo de mudança que contribua a resolver os problemas criados por um grupo reduzido de filólogos não depende de decisões tomadas em espaços geográficos longínquos. Não é tão difícil nem inverosímil. Este é um problema interno galego que, aliás, por um critério de prudência e de pudor, não deveria ser levado às capitais de outros países. E mesmo assim, há quem se esforça em exportar a Lisboa e ao Rio de Janeiro a guerra contra a unidade da língua, pondo em risco mais do que é capaz de calcular.

Enquanto se imagina uma transição incerta na *questione della lingua*, sem que nenhuma das figuras do regime ortográfico de 1983 pareça querer exercer o papel de um Adolfo Suárez, as entidades lusófonas galegas só podem e devem continuar a trabalhar com espírito cívico e construtivo, com vocação de serviço público, exercendo o mesmo papel que têm vindo a desenvolver com relativo sucesso nos últimos tempos, dando continuidade à melhor tradição da cultura galega, contribuindo a uma comunidade linguística galega viável e em situação de normalidade. A mesma normalidade de qualquer outro país europeu de referência.

**Juventude, diáspora e  
mobilidade dados positivos  
para o português na Galiza**

Tomado do PGL,  
a 23 de Outubro de 2019

No passado dia 11 de Outubro de 2019 decorreu em Santiago de Compostela a Conferência intitulada *Juventude, diáspora e mobilidade*, organizada pela Comissão Temática da CPLP e a Academia Galega de Língua Portuguesa com o apoio da Universidade de Santiago de Compostela, a Associação de Docentes de Português da Galiza, a Fundação Mendinho e a Associação Galega da Língua.

A sessão dividiu-se em dois períodos, de manhã e tarde. No que diz respeito à abertura oficial, as autoridades presentes tiveram só palavras boas e de agradecimento pelos convites e pela iniciativa de se organizar este encontro na Galiza.

Nesta sessão de intercâmbio e convívio muitos temas de interesse foram tratados e colocados acima da mesa.

Da parte da manhã a conferência foi inaugurada entre outras personalidades pelo Diretor Geral de Relações Exteriores e com a União Europeia, Jesús María Gamallo Aller, a salientar a referência feita à «*renovación do compromiso da Xunta de Galicia con todo o que ten que ver e significa a lusofonia. [...] compromiso que é crecente ademais, e non porque o diga eu, se non porque o di a lei*» e ainda falou na necessidade de que a Galiza tome um papel mais ativo e com uma maior implicação dentro da CPLP.

Nesta abertura a Diretora Geral da CPLP, em representação do secretário Executivo, Georgina Benrós de Mello salientou o trabalho desenvolvido até o momento pelos Observadores Consultivos galegos já na CPLP, a AGLP e outro.

A seguir à pausa do café o Subdiretor Geral de Relações Exteriores e com a União Europeia, Xosé Lago Garcia referiu os programas existentes na atualidade a nível do ensino superior na Galiza com Portugal e o seu sucesso até o momento.

E na última sessão da manhã falou-se de mobilidades académicas de um ponto de vista de experiência mais de vida pessoal e as suas implicações, como nos relatou Joám Evans Pins, da AGLP; ou a nível mais institucional e as suas implicações como referiu o Prof. Elias Torres: *eu vou falar desde dentro da lusofonia, eu faço parte quer queiram quer não*.

Antes de abrir a sessão da parte da tarde, a Prof.<sup>a</sup> Teresa Moure, da AGLP, colocou uma reflexão sobre o significado de mobilidade ao longo dos tempos e como sentem os galegos e as galegas este termo neste canto do mundo; uma vez que para a sociedade galega a diáspora foi e é uma ferida que desangra, pois na maior parte dos casos a mobilidade é forçada, já que os pobres emigram e os ricos viajam.

As seguintes e últimas intervenções antes do encerramento giraram à volta das diferentes mobilidades existentes e promovidas a partir da Fundação Calouste Gulbenkian, a própria Associação de Universidades de Língua Portuguesas e a associação de Docentes de Português na Galiza.

A Fundação Calouste Gulbenkian apresentou as suas parcerias para a mobilidade de estudantes e investigadores. Colocou o foco na confiança entre parceiros, pois só com base na confiança é que se podem abrir parcerias, porém a confiança é algo que custa muito ganhar mas que acaba por dar igualdade entre aliados.

A Associação de Universidades de Língua Portuguesa mostrou os números no que diz respeito a estudantes e professores que se deslocam entre universidades lusofónicas. Mas esta mobilidade deve ser trabalhada ainda muito pois são apenas estudantes a irem de sul a norte e professores de norte a sul. Esta tendência terá que sofrer alterações para implicar mobilidade em toda a regra.

A Prof.<sup>a</sup> Mariana Portas ainda dedicou um tempo extenso a falar da *Plataforma9* portal que considera de máxima relevância para o mundo de língua portuguesa. Chamou a atenção para os dados de número de utilizadores e

locais onde estão geolocalizadas tanto as notícias como as visualizações. Acabou por chamar a atenção de ser um galego, Gonçalo Cordeiro, o responsável pelo portal.

A Prof.<sup>a</sup> Antia Cortiças Leira, da AGLP, fez uma apresentação sobre o que supõe e o que é a mobilidade para os galegos, nomeadamente o programa *Erasmus* e as repercussões que este tem nas vidas pessoais e profissionais dos participantes. E qual é o papel da língua portuguesa na mobilidade destes estudantes; aproveitou, de passagem, para dar os dados de ensino-aprendizagem do português no ensino público galego, assim como a posição dos docentes a respeito da língua, em que só 1% acha que o português é uma língua estrangeira como qualquer outra, e os restantes, variando os matizes, têm em conta a proximidade da língua portuguesa ao galego. Nomeou os programas de mobilidade em vigor e os dados dos professores de língua portuguesa que se mobilizam a Portugal para formação. Acabou por concluir o que a Galiza acaba por ganhar, que é muito, com o estudo da língua portuguesa e o que o resto da lusofonia fica a ganhar também com a presença da Galiza neste contexto.

A intervenção da Cátedra UNESCO, Políticas Linguísticas para o Multilinguismo, do Prof. Doutor Gilvan Muller de Oliveira versou sobre a mais-valia que gera o Multilinguismo, o plurilinguismo e a existência de línguas com preponderância a nível mundial mas que são, ou deverão ser, articuladas como pluricêntricas.

Para encerrar a Conferência, a moderadora Graça Viegas falou-nos do papel da Fundação Oriente com sedes em Macau, Goa e Timor.

O Secretário Geral de Política Linguística, Valentín García começou referindo a importância da aprovação da Lei Paz-Andrade, que compromete a melhoria do conhecimento do português na Galiza. Ele próprio assume esse compromisso e anuncia a implementação de um projeto piloto para o ensino primário. Apelou assim mesmo para a convocatória de mais vagas para o ensino secundário e congratula-se pela participação da administração pública em programas da RTP-TVG, *Festivais de música*, *o aRi(t)mar*, *os Cantos na Maré* ou os encontros culturais de *Convergências – Portugal/Galiza*.

A notícia mais destacável e que mais espaço ocupou na intervenção foi esse anúncio de alargar o quadro de professores de língua portuguesa na Galiza, e agradecer a boa disposição das várias entidades envolvidas.

Para finalizar o dia, a Reitoria da Universidade de Santiago de Compostela convidou a uma sessão de convívio entre as autoridades participantes. Durante este encontro houve oportunidade para a troca de ideias e opiniões num contexto mais descontraído, houve espaço para breves discursos de agradecimentos e declarações de intenções, como foi a do próprio Reitor da USC quem se comprometeu a começar a trabalhar para que esta Universidade possa vir a fazer parte da Associação de Universidades de Língua Portuguesa.

## **Associações pedem mais vagas de português no secundário**

Docentes de Português na Galiza, a AGLP, a AGAL e mais a MNL criticam a decisão do governo

Tomado o PGL,  
a 13 de Dezembro de 2019

A publicação prévia da convocatória de oposições de 2020 não inclui vagas para a especialidade de português no secundário, o qual alarma as nossas organizações perante o pouco valor que está a ser dado à Lei Paz-Andrade.

Queremos mostrar a nossa contrariedade perante a gravidade do nulo ou mínimo desenvolvimento da *Lei 1/2014 para o aproveitamento da língua portuguesa e vínculos com a lusofonia*. Atualmente, apenas 7 docentes no secundário possuem a categoria de especialistas para o total de centros de secundário da Galiza, sendo que em 2013 os promotores da Lei Paz Andrade já tinham alertado para a necessidade, nesse ano, de um mínimo de 20 especialistas iniciais.

Verificamos como o grosso do ensino da língua portuguesa continua a ser realizado e mantido através do voluntarismo de algumas docentes que não possuem oficialmente nem a especialidade nem departamento próprio. O ensino de português no secundário continua sem uns mínimos de previsão, expansão ou assentamento dos níveis, nem de condições laborais adequadas para a implementação de uma matéria que conta, hoje, com especialidade própria. Em função dessa voluntariedade os centros que oficialmente lecionam português não apenas variam de ano para ano como só conseguem com grandes custos oferecer todos os níveis educativos em cada centro ou criar e manter departamentos específicos.

Como a própria *Consellería de Educación*, na reunião da mesa de negociação do dia 3 de dezembro, abriu a possibilidade de algumas das 2.036

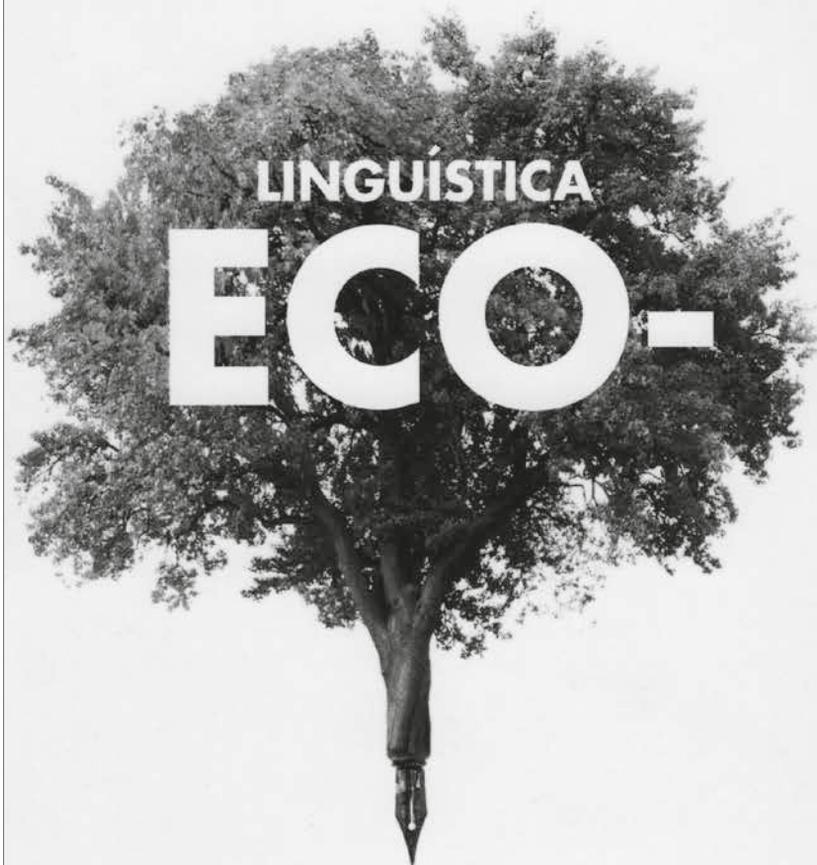
vagas convocadas serem suscetíveis de vir a mudar e incluir assim alguma especialidade que não aparecesse na previsão inicial, essas agrupações requereram da Consellería que reconsiderasse a convocatória de Oferta de Emprego Público de 2020 incluindo vagas de português antes da sua publicação no DOG. De igual modo, que incluísse em futuras convocatórias uma previsão de aumento constante e regular do número de vagas da especialidade até colmatar a necessidade de oferta de português em todos os centros de secundário da Galiza.

## **Publicações**

---

**TERESA MOURE**

Prólogo de Juan Carlos Moreno Cabrera



**LINGUÍSTICA  
ECO-**

**O estudo das línguas no Antropoceno**

**ATRAVÉS**  
editora

Teresa Moure

**Linguística ECO**

*O estudo das línguas no Antropoceno<sup>t</sup>*

Compostela: Através. 2019

Pablo Figueiredo Palacios

**L**inguística Eco é o último trabalho publicado por Teresa Moure, um ensaio destinado a desterrar mitos, a riscar preconceitos e, mais importante, a espertar compromissos. Compromissos com a diversidade, as minorias, as línguas e, fundamentalmente, com os falantes. Além de um componente divulgador de grande calado, vemos que contém uma carga didática mais importante ainda, sem dúvida reflexo da atividade docente e investigadora da autora, materializada numa série de exercícios, espalhados pelos distintos capítulos do livro, que convidam à reflexão sobre cada um dos temas que se tratam ao longo desta obra.

Após um prólogo assinado pelo catedrático da Universidade Autónoma de Madrid Juan Carlos Moreno Cabrera, os seis capítulos que conformam o livro estão articulados em torno de um tema central que depois se ramifica em diversos assuntos relacionados.

Assim, o primeiro capítulo, ECOLOGIA E LINGÜÍSTICA, UM HÍBRIDO NÃO TÃO ESTRANHO, de carácter introdutório, situa o leitor nos temas que vão tratar-se nas subseqüentes páginas. Moure apresenta o que é a perspectiva ECO quando estamos a trabalhar no âmbito dos estudos linguísticos:

a ecolinguística remete para um programa de investigação “ecologista”, vinculado a princípios de preservação da diversidade, com diferentes enfoques, métodos, âmbitos e estratégias. Não é, insisto, uma disciplina linguística, como a semântica, ou a sintaxe, mas um modelo, um enfoque para contemplarmos os factos de língua. (p. 23)

O interesse na questão ECO, segundo aponta a autora, surge como consequência da sua docência na cadeira de *Tipologia Linguística* na USC. A partir dos universais da linguagem, um tema clássico em Tipologia, vai aparecendo o resto: cosmovisão, morte de línguas, multilinguismo, hipótese da relatividade linguística, etc. É salientável remarcar que Teresa Moure não é inexperiente neste ofício; desde os primeiros anos deste século há constância da sua curiosidade na questão ECO. Elabora, desta volta, “um manual renovado, com uma nova estrutura, com mais exercícios [...], e com novas perspetivas e reflexões” (p. 26). Temos entre as mãos um trabalho bem madurado e cavilado, em que os temas de que se ocupa, expostos com soltura, vão dando-se passo uns a outros de maneira natural.

No segundo capítulo, A LINGUÍSTICA NO CONJUNTO DO CONHECIMENTO, a autora começa remarcando a curiosa ausência da Linguística nos estudos não-universitários, e assinala que a consequência natural desta situação é a existência duma série de preconceitos, tanto no relativo ao papel que desenvolvem os linguistas, quanto nos (pré-)conceitos que se utilizam, por parte da sociedade, acerca da linguagem e das línguas. Um deles é herdeiro natural do mito de Babel, no qual a diversidade linguística é apresentada como castigo divino, quando na realidade

a diversidade linguística, como a diversidade biológica, cultural, de ideias ou de sentimentos deveria ser vista como uma bênção, visto que faz possível a adaptação a um mundo complexo. (p. 31).

Igualmente, a variação interlinguística fica muitas vezes escurecida pelo gigantesco poder do padrão, “como se fosse a única variedade digna” (p. 35); e são as instituições que funcionam como elementos perpetuadores deste tipo de crenças e preconceitos. A partir do exercício intitulado ‘O verbo em luisenho’ (p. 36), Moure aproveita esta língua do grupo uto-azteca para introduzir dous temas centrais na tipologia linguística: de um lado, a hipótese Sapir-Whorf, ou hipótese da relatividade linguística; doutro, a antropologia linguística desenvolvida nos EUA do séc. XX pelo linguista Charles Hockett (1916-2000).

Com o terceiro capítulo, AS LÍNGUAS DO MUNDO COMO MATERIAL ECOLÓGICO, adentramo-nos em dous temas intimamente unidos: as línguas do mundo e o eurocentrismo. Uma inicial defesa da Linguística Geral

a linguística contemporânea usou um modelo ideal de cientificidade por definição alheio às línguas dos outr@s. Cada especialista ocupar-se-á duma língua em particular e nunca das línguas humanas em geral (p. 52),

reivindica o compromisso que deve adquirir a Linguística com esses problemas chamados de “externos” ou “extralinguísticos”, como podem ser os acima mencionados, ou a relação entre linguagem e poder.

Mais adiante, assinala Moure o curioso facto de os linguistas não terem determinado com a precisão esperável num cientista o número total de línguas do mundo. Mas o que não resulta tão curioso, porém, é o facto de, na listagem das línguas com mais de um milhão de falantes, só sermos capazes de reconhecer, em primeiro lugar, aquelas que partilham nome com o estado em que são faladas; e, depois, mais alguma língua exótica, que por um acaso cinematográfico-imperialista se fizeram conhecidas, como o suaíli ou o zulu. Deveremos refletir, indica Teresa Moure, “sobre a possibilidade de o [nosso] conhecimento ser eurocêntrico.” (p. 56)

Essas ideologias colonial-imperialistas, como é o eurocentrismo, têm um resultado que não é outro do que A MORTE DAS LÍNGUAS (quarto capítulo).

Com um par de exercícios contextualiza a situação: primeiro apresenta diferentes textos com as posturas mais habituais dos especialistas a respeito da morte de línguas (nomeadamente, a inevitabilidade da morte de línguas; a catástrofe que constitui a morte de uma língua; ou a equiparação da morte de uma língua com o assassinato) para refletir sobre a questão.

A seguir, o segundo exercício põe o foco na relação existente entre o os atlas linguísticos e o tratamento que dão às línguas ameaçadas, e a imagem que a partir disto podem fazer-se os leitores. Este exercício parte de um projeto desenvolvido pelo grupo de investigação da autora entre os anos 1998 e 2004, com o fim de fazer visíveis os mecanismos ideológicos que se infiltram na investigação científica e deturpam os resultados. Assim, acharam-se nos atlas linguísticos diversos problemas de representatividade das línguas minorizadas (em comparação com as línguas ocidentais), que unicamente se explicariam ao considerar a existência desses mecanismos ideológicos.

Ocupa-se também do caso galego, e defende que “esta não é uma sociedade bilingue” (p. 107), devido a que “na Galiza não existem dois povos com diferentes

histórias, mas apenas um povo com uma dorida e lenta construção” (p. 109). É bem sabido que o estado atual da língua galega não é bom. E dado que aquelas línguas que têm apoio do estado permanecem, seguindo aquela frase de Calvet (“uma língua é um dialeto com um exército que o defenda”), Teresa Moure defende a unidade (orto)gráfica do galego e o português.

Escrever a variedade que falamos no padrão internacionalmente reconhecido pode servir para acrescentar a autoestima d@s falantes e as suas oportunidades de estabelecerem contatos com outros indivíduos. A via está a ser explorada com relativo sucesso e explica a maneira em que está escrito este texto” (p. 112).

No quinto capítulo, *Eco-cosmovisão* juntam-se dous temas que já conhecemos: a hipótese da relatividade linguística e a defesa de línguas minorizadas. Assinala Moure que as línguas não podem ser consideradas como “puro material prático”, mas como “material filosófico, como expressão cultural, como património artístico; quer dizer, como objeto de respeito e de reflexão” (p. 123).

Segundo a Sapir e Whorf e a respeito das relações entre língua e realidade, a autora afirma que

as pessoas, ao serem educadas numa língua, assumem um conjunto de noções não explícitas, que adquirem inconscientemente, e que passam a fazer parte da sua bagagem mental [...]. Quem falar luisenho será também luisenho-pensante e esta distinção gramatical condicionará, em certa medida a sua cosmovisão” (p. 137)

A cosmovisão, entendida deste modo, não consistiria “naquilo que podemos dizer, mas, naquilo que não podemos deixar de dizer” (p. 148). Porém, matiza Moure, a cosmovisão que trazem consigo a(s) língua(s) não é uma prisão da qual não se possa sair; a ideologia e os mecanismos de poder subjacentes podem fazer-se visíveis através da análise crítica:

só aquelas pessoas que eduquem a sua sensibilidade e orientem a sua potencialidade crítica poderão sair da condena inicial que implica incorporar-se a um produto coletivo. (p. 157)

O derradeiro capítulo, *JARDINS COM UNICÓRNIOS E JARDINS COM MONSTROS DE CHIFRE NA TESTA* é em que Teresa Moure desenvolve uma conexão mais forte entre a Linguística e o ativismo ecologista, assunto que já adiantara nos capítulos 3 e 4.

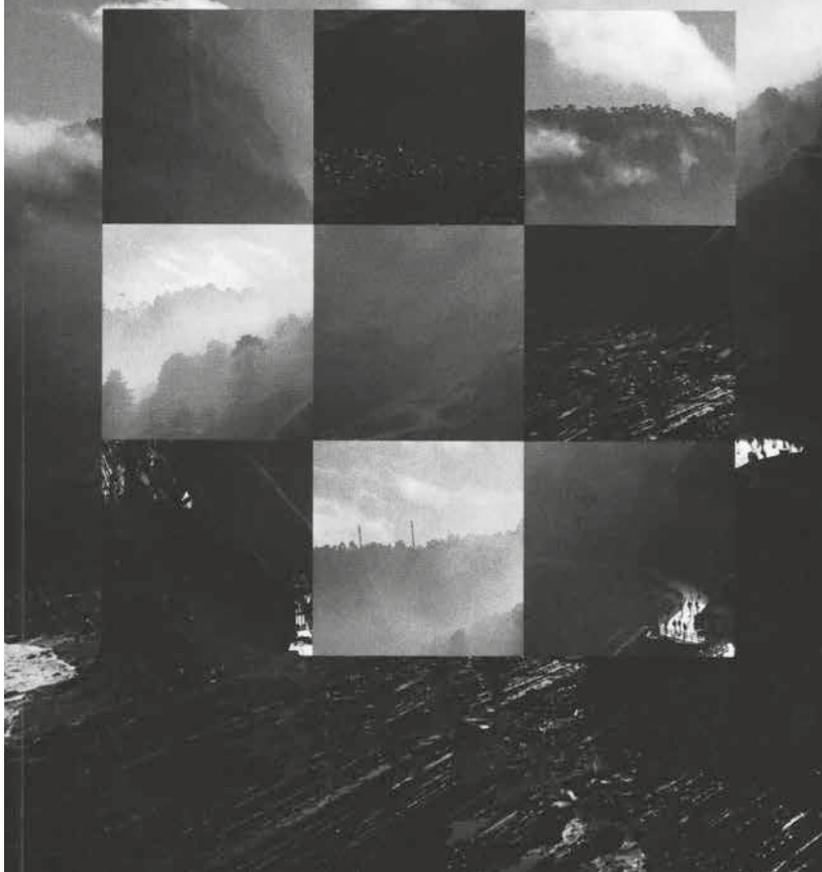
Nestas páginas finais elabora uma ligação entre dous tipos de ativismos, aparentemente não relacionados entre si, mas que na realidade o estão: compara os factos de chamarmos *más ervas* tudo aquilo que não conhecemos (ou não nos é proveitoso) no jardim e a perda irremediável de cosmovisões associada à morte de línguas. Resume-o assim: “ninguém protege o que não conhece. Ninguém o ama. Nem o valoriza.” (p. 166)

Inclusivamente, Moure assinala, é possível que desapareçam cosmovisões sem que aconteça *per se* a morte de uma língua; toda a mudança social associada a processos de globalização arrasa a diversidade, impondo o modelo de pensamento único e afastando-o dos saberes tradicionais das nossas comunidades.

O livro finaliza com uma reivindicação que transcende o ecologismo ou o ambientalismo, como é o movimento do *decrecentismo*:

Nesta altura, numa época que já é chamada de Antropoceno, só uma forma de existência frugal conseguirá manter a vida tal e como a conhecemos. A ecologia implica rejeitar a relação de domínio que subjuga a natureza fazendo-a um objeto dependente dos designios humanos. (p. 177)

Ângelo Brea  
Tempo de Eclipses



Ângelo Brea

***Tempo de Eclipses'***

Milhadoiro, A Corunha:  
Improset Gráficas S.L. 2019

Carlos Durão

**E**ste formoso volume recolhe toda a produção poética de Ângelo Brea: a primeira parte, *O país dos nevoeiros* (que fora anteriormente publicada, na editora Espiral Maior, 2005), e a segunda, *Tempo de Eclipses*, que dá título ao livro; com um elucidador *Glossário*, dous eruditos estudos de métrica (*O hexâmetro dactílico greco-latino e a sua adaptação métrica galaico-portuguesa*, e *Da sextinha aos quadrados mágicos: esquemas métricos com base matemática*), e mais um *Prelúdio* e *Poslúdio* da autoria de António Gil Hernández.

O nosso autor (Compostela, 1968) realizou estudos de Filologia Hispânica na Universidade de Santiago de Compostela, e de Filologia Galego-Portuguesa na Universidade da Corunha. Foi bolseiro e diplomado em Estudos Portugueses pela Universidade de Lisboa. Completou os cursos de doutoramento sobre Teoria da literatura e literatura comparada na Faculdade de Filologia de Santiago de Compostela. Apresentou com nota de sobressaliente a memória de licenciatura sobre os *descordos galego-portugueses*, e a análise comparativa com os *descordos provençais e franceses*.

Foi secretário das Irmandades da Fala da Galiza e Portugal, e coordenou vários congressos internacionais sobre literaturas lusófonas e a língua portuguesa no mundo. É membro numerário da Academia Galega da Língua Portuguesa, e professor titular de Língua e Literatura Galega no ensino secundário.

Publicou o poemário *Livro do Caminho* (Fundação Europeia Viqueira, 1989), e foi incluído em várias antologias, como a *Mátria da Palavra* (Cadernos do Povo, n.ºs 15-18, 1990) e a *Antologia da Poesia Lusófona* (Cadernos do Povo, n.ºs 27-34, 1994). Posteriormente publicou o já mencionado *O país dos nevoeiros*. É autor da edição portuguesa dos *Cantares Galegos*, de Rosalia de Castro (Cadernos do Povo, n.ºs 47-50, 1999), e dos *Queixumes dos Pinheiros*, de Eduardo Pondal (Cadernos do Povo, n.ºs 35-38, 1996). Em 1995 participou como coautor na obra teatral *Eva Perón*, que foi Prémio Compostela de teatro.

Em prosa publicou os relatos *Eu levei a cruz da Santa Companhia* (revista Nós, n.ºs 41-50) e *Uma história de bruxas* (revista Nós, n.ºs 51-58), nos que demonstra o seu domínio da ficção, posteriormente confirmado nos seus relatos de ficção científica de *Lembranças da Terra & outras histórias de um futuro possível* (Através Editora, 2014): 16 relatos que revelam o poder criativo e destreza do nosso escritor.

Do ponto de vista formal, a sua poesia inserese na tradição clássica greco-latina e da lírica medieval galego-portuguesa e provençal, fazendo gala do seu virtuosismo na construção quase escultural dos versos. Na temática, submersa num saudoso mundo de bretemosas reminiscências célticas, está presente quase sempre o fundo do amor, que com frequência tem um fim trágico.

Poesia dir-se-ia nacarada (“salferidas de nácar”, “sorriso nacarado”, “ondas... nacaradas”), que tem a brancura e a consistência do nácar, algo que é exótico, mas também sólido. A “torre de quietude e contento” é metáfora do poema colunar e bem trabalhado, uma como que *turris eburnea* (“entre paredes de marfim estrelado”), com a suntuosa cadência do Cântico dos Cânticos: “amada das amadas, estrela das estrelas”.

Esse “Cantar quero eu hoje, com versos d’esperança” lembra-nos aquele Diaz Castro de *Nimbos*:

*Alumarei com fachas de palavras,  
ancho herdo meu, o mundo que me deram,*

mas sobre muitos destes versos paira também o adjetivo *soturno*, sumindo as vivências como que numa rosaliana *negra sombra* que tudo envolve. Assim em:

*Quando o rude barqueiro me transporte  
Para além da ribeira de águas pretas,*

*E a sombra que sou, com simples vestes,  
Ao tribunal de Minos se apresente,  
será o meu destino essa planície  
Onde vagam as almas sem memória.*

E na *quadra* mágica:

*Na metade do círculo da vida,  
Agora torno atrás a minha olhada,  
E observo com estranha nostalgia  
Amores, desenganos e esperanças.*

Como na *Praia de Larinho*:

*Lembro o vento ao quebrar-se nos pinheiros,  
A trazer o rumor da maresia,  
Quando a noite vestia de saudade  
Os cumes descarnados de Larinho,  
E eu sofria em silêncio esta tristeza  
De saber que perdera o mais amado.*

Que pede a pergunta desvalida:

*Quem pode resistir ser desamado?  
é morte sem morrer, viver sem vida.*

E lembra o passado que podia ter sido e não foi:

*Eu levantei os salões principais e as torres douradas,  
Essa beleza fugiu, como um rio que passa correndo,  
Nada ficou para trás, somente amargas lembranças,  
Belos sonhos feridos e instantes perdidos no tempo.*

Afinal acha o consolo nas palavras:

*As palavras são gráceis ferramentas  
No escuro coração desta invernã,  
Nelas o meu refúgio vou achando,  
Delas tirei a luz da liberdade,  
E tudo o que me dão o necessito,  
Porque as palavras vencem as espadas  
E saram com razão tantas feridas.*

E é nelas que está a pátria:

*Tive um sonho fugaz, mas deixou em mim a consciência  
De uma pátria que está por em cima de todas as pátrias*

Mas persiste o desassossego:

*Canto a memória da pátria e cada batalha perdida  
Nos tortuosos meandros da história;  
Canto os seus nomes ocultos no ar, as doces lembranças  
Que nos confortam igual que a beleza.*

Num tempo que já é desconhecido:

*Vivo num tempo de eclipses, perdido num mundo que não me conhece,  
Pelo que o tempo discorre veloz como a luz da manhã ou o vento,  
E, apesar da paixão que me faz reviver cada dia que nasce,  
Não reconheço o meu rosto no espelho, nem quem sorri às pessoas.*

*Vivo num tempo prestado, estranho presente dos deuses,  
Ou no cortante gume de um ciclo de eterna saudade,  
E, apesar destes dias incertos, quero vivê-los  
até ao último instante do último dia que tenha.*

*A vida deu-me o gume de uma espada  
Como pago por tudo o que eu sentia,  
Pagou-me com presteza e sem medida.  
Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades?*

Com os anos mudaram-se os humores:

*Cessou no coração a tempestade  
E foi sarando a íntima ferida  
Que me tirara a paz e a alegria,  
Regalando-me a graça da prudência.*

*Passa o verão num tempo reiterado  
Sem achar o descanso que procuro,  
Correm as horas, tarda já o futuro,  
Renego do presente e do passado.*

*Tempo de Eclipses*

*Que estranha vida, cheia de mudanças,  
Que em poucas horas, mesmo nuns momentos,  
Nos leva da alegria à tristeza,  
Trocando azar em sorte e sorte em nada.*

E, como numa floresta mágica, o leitor quisera ceder à tentação de se perder na exuberância da sua forma, mas afinal fica no amargo pouso dessa realidade dignamente resignada.

JOSÉ RAMÃO R.F.  
(MONCHO DE FIDALGO)

HISTÓRIA  
DAS  
NOSSAS VIDAS

RENOVAÇÃO EDIÇÕES

José Ramón R. F.

***História das nossas vidas***

Madrid: Renovação Edições. 2018

Roi Vales da Oliveira

**H**enry James (Nova Iorque, 1843-Londres, 1916), nascido nos USA do centro de Norte-América e naturalizado britânico, escreveu o artigo "The future of the novel" (1899) em que assinala (cito pela tradução castelhana em Taurus, 1975, pp. 41-52) esta, numa primeira olhada, verdade de Calino: "... *el futuro de la novela está íntimamente ligado al futuro de la sociedad que la produce y la consume.*" E continua:

Dentro de una sociedad con un grande y difundido sentido literario el talento en juego sólo puede ser cosa menos insignificante que dentro de una sociedad con un sentido literario apenas discernible. En un mundo en el cual la crítica es agura y madura ese talento, para afirmarse con éxito, se verá preparado por muchos más tipos de destrezas precautorias que en una sociedad dentro de la cual el arte mencionado ocupa un lugar inferior o representa un triste papel.

Bom começo para esta breve e leve crítica, resenha da novela do amigo Moncho de Fidalgo, sobrenome de José Ramón Rodrigues Fernandes, *História das nossas vidas* (2018); apenas aponto a sua valia, não menor, na sociedade galega (galego-portuguesa e galego-castelhana), que habitam o território da *Comunidad Autónoma de Galicia*, embora apenas seja administrativamente reconhecida a galaico-castelhana pelo *Reino del Bourbon, Spain*.

O autor desta novela, breve, mas intensa, cumpre a *verdade* do relato, segundo é entendido nos nossos tempos, porquanto o liga à sociedade, às sociedades em que o situa, à galega, à matritense e à catalã, entretendidamente, já nas primeiras páginas. Essa *verdade* está repartida em secções, mais do que capítulos, quatro intituladas e quatro sem título:

- I.- [Sem título], pp. 9-17
- II.- *Vinte de Agosto 2013*, pp. 19-27
- III.- *Doze e treze de outubro*, pp. 29-35
- IV.- *Vinte de outubro*, pp. 37-44
- V.- *02:02 AM do dia dous de novembro*, pp. 45-51
- VI.- [Sem título], pp. 53-61
- VII.- [Sem título], pp. 63-69
- VIII.- [Sem título], pp. 71-86

Não sei se Moncho de Fidalgo tentou simbolizar qualquer coisa pelo repartido do texto em oito secções, para além, de igualar em número (4) as intituladas e as não intituladas. Porém, não venço a tentação de imaginar que tal pormenor possa ter algum sentido para o leitor da novela.

O número 8, como octógono, por se achar entre o quadrado (ordem terrestre) e o círculo (ordem celeste), é símbolo de regeneração. Pelo seu lado, o número 4 simboliza o espaço limitado natural e também as realizações tangíveis. (vid. Cirlot 1992: 330) Esta oposição (4/4) simbolizaria a oposição territorial por que avança o discurso narrativo entre o rural (*Vila Velha, Cotarelo, Agro, Cousinho, Aveledo, Pedreira, Fruxil, ...*) e o urbano (*Madrid e Barcelona*, assim em bruto).

Contudo, enxergo outras oposições virtuais, se atendo ao facto de ambos os números, 8 e 4, se acharem integrados por outros dous:  $8 = 7 + 1$ ;  $4 = 3 + 1$ . Os três algarismos em causa, 7, 3, 1, são simbolicamente fortes, pois que o 7, por sua vez, integra os números, igualmente fortes, 3 e 4; destarte o 7 envolve o ciclo completo (conexão de quadrado e triângulo, gama essencial dos sons, das cores, das esferas planetárias ...), enquanto o 3 simboliza a síntese espiritual, mormente a Trindade em que diversas religiões alicerçam. Por fim, o número 1 é símbolo do ser, "princípio ativo que se fragmenta para originar a multiplicidade e identifica-se com o centro, com o ponto irradiante e com a potência suprema" (Cirlot, 1992: 329; vid. pp. 329-330).

Não quero forçar os simbolismos rastejáveis na *História das nossas vidas*, mas cumpre apontar o facto de o personagem invisível, Daniel, se tornar em centro (1), que coordena personagens e ações; a sua influência parece se definir por momentos ao longo do relato até reaparecer intenso na secção

última. Ricardo Aveiro e Ali do Cotedo são as personagens, agentes ou atuantes no discurso, errantes (sic) simbolicamente entre a espiritualidade do amor (3) e o culto aos encontros tangíveis (4).

Seja como for, é momento de abandonar as reflexões empoladas para apontar alguma leitura, minha, do texto da *História das nossas vidas*.

Na realidade o discurso transita da Galiza rural à Catalunha urbana, a Barcelona, e no meio e meio, Madrid, ambidestro, morada e passagem do protagonista visível, Ricardo Aveiro, entre tempos que vão de 1973 a 2013, datas em que se desprega a narração. É na secção I que, sob monólogo interior, o autor-narrador, o citado Ricardo Aveiro, concentra e resume essa confrontação continuada no discurso da novela:

*Começa:* A chuva apertava, a névoa mais espessa fora-se lá detrás do Cotarelo, quiçá naquela altura da manhã estaria chegado a Sárria. (p. 9)

*Continua:* Os madrilenos estão tristes, os jogos olímpicos próximos depois dos de Rio vão-se celebrar em Tóquio. Madrid ficou desqualificada na primeira votação ... vê-se que a marca está em declive ... (p. 14)

*Por fim:* Enquanto na Catalunha preparam um onze de setembro com sucesso pela independência ... Quanto mudou tudo desde que tu [Daniel] te foste.

Naquela derradeira viagem que fiz eu a Barcelona ela já me não quis receber, sabias, meu amigo, fora um dia muito triste para mim. (ibidem)

Quanto às personagens ou atuantes das diferentes ações que progridem pelo discurso, saliento dous grupos:

Um constituído só por Daniel, personagem invisível e silencioso, mas central e centralizador. De Daniel, amigo do autor-narrador na infância de ambos, vão oferecendo-se traços ao longo do relato mesmo na derradeira secção:

Giesteiras escuras lembrava[m]-nos a incerteza, o medo, o lobo ou quem sabe! Já ficava longe o ponto de partida. Eu não lembro muito bem como ficara aquela nossa aventura de fazer o caminho à França ... sei que agora no outono da minha vida tembro-o com muita indulgência e saudade.

Há macacos onde tu estás? E porque aquele nosso medo aos macacos?

[...] lá [*na cozinha dos pais do amigo*], Daniel, estávamos os dous sozinhos e de súbito descobrimos que tínhamos medo:

—Não te vaias, aí fora há macacos e podem-te comer!

O pânico invadiu-me e fiquei em silêncio, lembro que estávamos pintando com uma caneta nos azulejos brancos da própria cozinha. (p. 75)

Embora haja em diversos momentos lembranças agradáveis, ligadas à pessoa de Ali, no recorde da Galiza rural, expressas no relato do autor-narrador, predominam conotações desprimorosas, como a acima citada.

Outro grupo está integrado pelo par Ricardo Aveiro, *Rapazinho* (p. 11), e Ali do Cotedo, *Rainha do Fruxil* (ib.), confrontado com Daniel, apesar de na Vila Velha os três terem convivido. Particular interesse tem, a meu ver, a configuração deste grupo mercê de mensagens via *WhatsApp* e talvez mercê de *co-es* alternativos. De facto a novela pivota sobre esse eixo internético utilizado de jeito variado. Eis a referência às mensagens de Ricardo e Ali (em diante R e A), de diversa extensão, nas secções e páginas respetivas:

I.- Alusão a *Facebook* e *twitter* (pp. 15-16), no monodílogo do narrador com Daniel, amigo invisível, que anda por lá acima.

II.- Nova alusão ao Facebook (p. 19), igualmente em conversa com Daniel.

Mensagem de A (pp. 21-23). Resposta de R (p. 23). Nova mensagem de A (pp. 24-25), em que descobre a "canção da minha vida": *Paraules d'amor*, de Serrat. Em conversa com Daniel, o autor-narrador, anuncia a escrita da novela pelos protagonistas, coautores, através de *WhatsApp* (p. 25). Encerra a secção uma mensagem de A (p. 27).

III.- Inicia a secção uma mensagem de R. (pp. 29-30). Responde A (pp. 30-31). Corresponde R (p. 31). Nova alusão ao *WhatsApp* (p. 31) e sequência de mensagens breves de R e A (pp. 32-33).

IV.- Abre-a uma mensagem de A (pp. 37-38). Após o monodílogo de R com Daniel (pp. 38-41), mensagem de A (41-42) e resposta de R (pp. 42-44), correspondida por A (p. 44).

V.- Mensagens alternantes breves de R e A (pp. 45-48). Segue R, às 03:20 do dia três de novembro (pp. 48-51), que narra aventuras passadas com outros galegos na vindima manchega. Encerra a secção a mensagem de A (p. 51), que anda atarefada em Povo de Mar porque tem convidados. Termina: "Elejo escutar minha voz interior, não a opinião que os demais tenham de mim".

VI.- Começa A com recordos sobre as suas mestras, "Dona Teresa, a franquista!" (p. 54) e Dona Maria ("Vai-te embora oferecida, Maria dos homens, que andam detrás das portas a fornicar contigo!" p. 56). Inicia-se mais um intercâmbio amplo de mensagens: R (pp. 57-58), A (p. 58), R (pp. 58-59), A (p. 59), R (p. 59), A (pp. 59-60), R (pp. 60-61), A (p. 61). A maioria das mensagens whatsapppeiras tratam dos amores de A e R, iniciados na Galiza, interrompidos por avatares da vida e recuperados, adulteramente?, quarenta anos depois, segundo confissão de A (p. 61):

Eu quero-te por me fazeres sentir viva, e em breve veremo-nos de novo por segunda vez nesta nova etapa. Vai-ser-se tão maravilhosa como a primeira.

Eu afirmo que te amei, amo-te e ninguém vai fazer que não continue amando-te. Obrigada querido Ricardo.

VII.- Após o monodílogo com Daniel, intervêm A (p. 65), R (pp. 65-66) e A (p. 66). De novo A (pp. 68-69) encerra a secção.

VIII.- R, em "conversa" com o amigo Daniel, evoca os bons tempos idos da infância (malha e comida final: frexeles, cachola de porco, melindros, arroz com leite, queijo manchego, "queijo de homens", festa em Castro do Rei de Lemos, "Banda de Alongos", "Banda de Cela Nova", pp. 71-75), para continuarem as mensagens: A (pp. 75-76), R (pp. 76-77). Novas evocações, com Daniel, neste momento, dos Salesianos de Atocha e do trabalho de camareiro, e mais uma cadeia de mensagens: R (p. 80), A (p. 80), R (pp. 80-81), A (pp. 81-82), R (p. 82), A (pp. 82-83), R (p. 83), A (p. 83), R (pp. 83-84).

No encerramento da novela, parte da secção VIII, o autor-narrador toma o role de só narrador (em terceira pessoa) onisciente (pp. 84-86), mas introduzido pela derradeira mensagem do R:

*Prezada Ali, quantos encontros depois que deixáramos de escrever ambos os dous nesta nossa novelinha? Agora lembro o derradeiro [dia] de Barcelona, passeio nas "golondrinas, o encontro com as tuas companheiras que no 73 compartilhavam empresa e trabalho, a estadia na tua casa e os passeios por Montjuic. Contudo, semelha um sonho de uma noite de trovoada e pesadelos. (pp. 83-84)*

Acho interessantes e pertinentes motivos que a aparecem na novela tangencialmente tratados; aponto alguns:

a. O nome do amigo invisível, falecido, Daniel, evoca, a meu ver, a pessoa do político galego Daniel R. Castelão, muito importante na cultura e política galega, embora com certeza não se identifique com a pessoa sugerida.

b. O autor-narrador faz breves referências à língua, à língua literária, aos usos da língua que utiliza, inscritos no processo de criação da língua literária no seio da Galiza, a que o membro da AGLP Ernesto Vasques Souza se refere em diversos comentários (pp. 23-24);

c. Uma leve alusão,

Buscava com a mirada nas festas da "Paróquia" a minha presenza, a carño de meus familiares, mas ela ficava sempre decepcionada ... Em quarenta anos só duas veces tñhamos coincidido ... quiçá três? (p. 35),

evoca-me o momento em que D. Quixote confessa de Aldonza Lorenzo, Dulcinea, que

mis amores y los suyos han sido siempre platónicos, sin estenderse a más que a un honesto mirar. Y aun esto tan de cuando en cuando, que osaré jurar con verdad que en doce años que ha que la quiero más que a la lumbre destes ojos que han de comer la tierra, no la he visto cuatro veces, y aun podrá ser que destas cuatro veces no hubiese ella echado de ver la una que la miraba [...] (Quixote II, XXV)

d. Denúncia da ditadura franquista:

Eu sei que nos dias de hoje, outubro de dous mil treze e com esse partido que governa quase todas as "espanhas" e quase todos os entes locais, nacionais ou estatais e ainda regionais, lá onde é região, estamos de novo perto do "generalísimo" ... Lembras-te, Daniel? Até o antruido tinham proibido ... Lembras quando nos detivera a Guardia Civil, mais incivil que civil, naquela altura por nos disfarçarmos lá a terça de carnaval? (p. 38)

e. Latrocínio institucionalizado:

O fim-de-semana passado andei por Galiza numa reunião de conspiradores da política. Há, há! Acouga, homem, não me converti nem em terrorista nem em corrupto ... Correm tempos convulsos e até perigosos nesse apartado da vida. Lá chegam-te notícias dos corruptos que nos governam? Neste dous mil e treze suspeitamente o governo do Estado está imerso numa trama corrupta sem qualquer precedente na Europa. Contudo, eles andam com soberba, com prepotência e até com arrogância perante o povo que os vota. (pp. 39-40)

*Et ita porro.* Há mais breves referências à situação política do *Reino del Bourbon*, preocupantes e na realidade hoje acrescentadas.

Eis outra via de análise e comentário, que não sigo por questão de espaço: a relação das confissões de R a Daniel com os conteúdos dos *WhatsApp* entre R e A.

\*\*\*

A novela abre-se com um Prólogo de Carlos Durão, membro da AGLP como o autor. Da novela Carlos diz:

Quando, no outono da vida, parecia que já era tarde para os protagonistas viverem um grande amor, eis aqui que um encontro fortuito numa rede social faz com que se reacenda um velho amor que parecia um sonho impossível para o Ricardo Aveiro [...] (p. 5)

Sobre o Moncho de Fidalgo Carlos Durão informa-nos (p. 5) e o próprio autor (pp. 7-8) oferece uma breve autobiografia, em que destacam as atividades em prol do reintegracionismo e a restauração da Comunidade Cultural e Linguística da Galiza no seio da Lusofonia, saliento o grupo de galegos em Madrid, *Renovação. Embaixada Galega da Cultura*, de que foi cofundador.

Seja como for, cumpre pormenorizar:

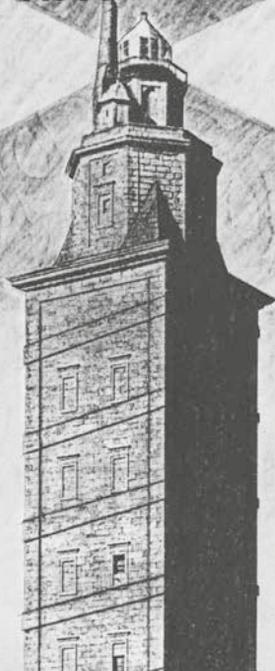
Com a publicação em 1983 do romance *O Sereno, um Guerrilheiro em Estalinegrado* (Atria Edicions), iniciou a sua vida de escritor. Após esta obra viriam outras: *Seguindo O Caminho do Vento* (1985), *Contos de Fada em Do Maior* (1987), *Luzia ou o Canto das Sereias* (1989), publicadas pelas Irmandades da Fala da Galiza e Portugal. Em 1990 *Renovação Edições* publica a 2.<sup>a</sup> edição de *O Sereno, um Guerrilheiro em Estalinegrado*. Em 1996, nesta mesma editora aparece *Contos do Outono*. (p. 7)

Vale lembrar que de jeitos diferentes colaborou e colabora em *A Nosa Terra* (Compostela-Vigo), *O Correo Galego* (Compostela), *Jornal de Letras* (Lisboa), *Agália* (Crunha-Ourense), *Nós e Cadernos do Povo* (Ponte Vedra / Braga), *Bússola* (Madrid), *El País*, *El Mundo*, *El Sol* (Madrid), *La Voz de Asturias*, *La Voz de Galicia* (Crunha), entre outros meios.

# NAU ENFEITIZADA

claroescuros corunheses

Xosé Devesa



EDICIÓS do CASTRO  
poesia

XOSÉ DEVESA (A Coruña, 1944) medrou no Uruguai (1951-1964), podendo-se dicir que descubriu Galiza aos 20 anos, sen que faltaran, de antes, referencias familiares ou tangenciais da súa terra e da súa lingua (pois que, até os 17 anos, morou en Tacuarembó, apenas a 20 léguas do Brasil; sen esquecer un poemíña, galego, de Cabanillas, aprendido na súa nenez corunhesa).

Logo de rodar pola Coruña, Madrid, Cáceres e Cijón, volta e fica na cidade natal desde 1973, ano do seu primeiro libro (bilingüe): «Cara o lonxe, noite adiante» (poesía). Daquela é que comezan a se plasmar as impresións de «**Nau enfeitizada**». En 1975 obtén, con «Desvida e morte do Bentos Pardeñas» (conto), o primeiro premio no VI Encontro Cultural Minho-Galaico, de Guimaráes.

Sen por íao desbotar a súa vital vertente uruguaiá, compromete-se mais cada día coa cultura galega, a través do seu singelo, espontáneo oficio de publicista, na prensa e rádio, muitas veces baixo pseudónimo e en colaboración coa agrupación cultural «O Facho».

«Berro» (1976) é unha dúcia de combativas «letras pra cantigas», espalhadas gratuitamente, coa firma de Andrés Terra. Umha pequeninha colheita galega de «Antón Vilar Ponte» (1977) e a súa intervención nos colectivos «As ruas da Cruña» e «O galego hoxe» (1978) son o último a reseñar, estando a saír do prelo a escolma «Galegos e galeguismo».

***Nau enfeitizada  
ou Crunha?***

António Gil Hernández

**V**ão já quarenta anos da publicação do poemário *Nau Enfeitizada, claroscuros corunheses*, do Xosé Devesa (Edicións do Castro, Sada-Crunha, 1979)! Na secção *Lapela* do Suplemento dominical de *El Ideal Gallego* (Crunha) de 27 de maio de 1979, eu fazia o seguinte comentário, que mantenho, apenas atualizando a grafia e algum pormenor mais:

[...] Ainda com o gosto nos lábios [pelo *Dia das Letras Galegas*], faço a crítica de um livrinho interessante por vários conceitos: pela ortografia que emprega, pela dimensão formal dos poemas e pelo conteúdo. Refiro-me a *Nau enfeitizada*, de Xosé [Monterroso] Devesa [...].

**1. Resumo**

Tento fazer uma breve antologia sobre a que construo o meu comentário. Cito as páginas no corpo do artigo. Observo que a ortografia que emprega Xosé Devesa, timidamente lusista, é, nas suas palavras,

a histórica galego-portuguesa, consciente, como eu son do mundo cultural a que, inda que pareza estranho, pertencemos, e querendo facer umha modesta aportación ao reencontro entre as duas variantes de umha língua só. (p. 7)

Na "Justificación" inicial o autor afirma que *este monlho de retalhos ... están feitos a partir dumha visión galega sobre umha grande vila* [oficialmente cidade] *que, por tal, pode que perdaer muita, pero ainda conserva, mais ou menos acochada, outra tanta porcentaxe de galegüidade.* (p. 7)

A primeira parte (pp. 9-16) intitula-se NOCTURNÁRIO. Começa:

*É noite de luar. Gatos furtivos.  
Farolas esquineiras que alumean  
románicos vigiados por cruceiros  
en resonância de cidade antiga.  
É a hora das fontes [...]  
Tras os muros dormente multitude [...]  
Uns, peregrinos dos seus próprios sonhos;  
outros, donos da noite vagabunda  
na vila, que é umha NAU ENFEITIZADA. (p. 11).*

E remata:

*À nosa maltratada cidade acai-lhe ben a noite: pois na sombra  
esvaen-se as suas misérias e mais os seus esperpentos fan como  
que florecen numha diadema cintilante, que cinge a moura testa  
do mar. (p. 16)*

A segunda parte (pp. 17-25), CIMENTÁRIO/CIMITÉRIO, apresenta uma visão diurna da cidade:

*Un can brincando no jardín  
da rúa  
é unha  
ínxele testemunha  
que a vila necesita  
urgentemente. (p. 19)  
Ese can branco  
e negro  
a dar os seus brincos,  
e ese verde jardín  
cativo e só,  
como salvados do cemento frío ...  
semellan estar feitos  
á medida  
p'ra entrar na nosa alma  
e fabricare nela un novo sonho ... (pp. 19-20)*

*Certos vilegos vinheron facendo ultimamente o imposible por destruír o engado da serea que teñem por nai, poñendo-lhe cemento polo van e polo corpo todo. Pero ¿qué puderon, os cativos, contra a paisaxe e mais umha velha vocación de harmonía? (p. 23)*

*Xadrez luminoso  
cada noite é a cidade,  
como vestidos de arlequins  
os edificios,  
até que, aos poucos,  
vai-se tornando  
todo el morea  
informe, inhumana  
a forza de acovilhar homes  
e mulleres,  
nenos e velhos deitados,  
almacenados, imóbeis  
ringleiras cos pés por diante  
a ensaiar  
ateigados,  
futuros  
cimetérios. (pp. 24-25)*

ELEGIÁRIO é a parte seguinte, série de lamentos pela cidade que é e pela que já não é: muros ontem habitados, Cantón Grande e *o crime de tres ou catro galerías menos* (p. 30), *o sangue cotidiano, sujo e irredento* (p. 32) na praia do Matadeiro, o mar que *acabou por vomitar o mouro combustível que lhe matara a riqueza* (p. 32), *o fume que sai do vertedeiro de Bens* (p. 32), *lupanares e convento de Capuchinas* (p. 33), *árvores valentes, heroínas senlleiras* (p. 33) ... e *No murado jardín, frente ao mar, hai soterrado un noso veciño nado na Escócia, que nos está a dicir, entre brisa e sombra, que se é dali onde se morre ...* (p.33)

*"Todo irreal: / a luz, o mar, o vento. / Geometría de sonho"*, etc. (p. 37) É "Fantasiário" (pp. 35-43): *O Obelisco* (p. 38), *o edificio Mediodía* (p. 38), a Torre (p. 38), o Camosanto de Sanamaro (p. 39), "Ri/azor ... Orza/n ...", a igrexa de Santiago (p. 40), o Castelo, as Mariñas, a Dársena (p. 42). Mar e ceo (pp. 44-46) e o Dique (pp. 46-48). No centro desta parte, um poeminha feiticeiro:

*Can mouro como a noite  
entre as ondas e as penas  
na manhán bretemosa.  
a correr pola, area  
da praia soedosa  
tolo de natureza  
pastoreando gaiivotas  
esguedelhando escumas ...:  
can mouro como a noite:  
ti és tal a libertade  
sen metro nin alcunha  
que logo ha estoupar  
na Terra Nosa!*

Segue INVENTÁRIO: "A vila ben se poderia resumir nestas ringleiras de ruas." (p. 51) ... parques, jardins, praças ... rueiros garimosos, tortas vereas ... torres e paços ...

*E as originalidades locais ... ¿Non reparastes na aparente secularización que as armas da vila semelhan ser do teocrático escudo nacional? Como se os liberais indígenas trocaran o grial por un faro, a hóstia por umha luz, as cruces por umhas conchas ... (p. 57)*

Coroam *Nau Enfeitiçada* três versos (?) definitivos:

*A Cidade Velha é o espírito, o recanto no que Marineda cavila na sua beleza.  
Pola Baía ela olha a Galiza  
Polo Orzán, otea o infinito. (p. 58)*

Trás um breve "Glossário", ou notas, o poemário remata com a "Táboa índice".

## 2. Comentário

Cinjo-me aos pontos acima assinalados:

### a) Ortografia:

Sem aceitar, pelo menos na totalidade, a ortografia empregada, considero positivo e sério o ensaio.

Num idioma, ainda sem normar, como o Galego, cumpre as gentes fazerem com ciência e sentido investigar as propostas ao respeito. Melhor seria que os órgãos *oficiais* tratassem discutir e trabalhar seriamente até chegarem à *normativización* (que dizem) ajeitada. Mas neste País parece que a *oficialidade* mal mostra certo interesse por esse tema [...].

Uma observação: a ortografia de uso comum, ainda a que estabelecem as *Bases pra unificación das Normas Lingüísticas do Galego*, é insuficiente por discutível, e é discutível desde perspectivas e/ou dimensões diferentes. Não são menos importantes a falta de critério decidido para diferenciar o galego do castelhano ... e do português, o espírito (aparentemente derrotista) diante de objetivos difíceis, mas não impossíveis de conseguir, como o ensino obrigatório em Galego, o emprego normal do Galego na imprensa, na rádio, ainda na TVE e nos concelhos [...].

#### b) Poemas em prosa

A diferença ou oposição “verso (*poesia*) vs. prosa (*não poesia*)” não se questiona (muito?) nas Literaturas ocidentais. Porém, a inovação que foi a poesia em prosa, *prosa poética*, e segundo a qual está construída a maior parte de *Nau enfeitizada*, permite-me fazer uma breve consideração sobre esta tendência ou estilo recente em grande medida, mas com apreciável tradição. Não sei onde, mas tenho lido que o poema em prosa evidencia um tempo da crise em que a expressão da diferença se torna palavra sobre a diferença. Com efeito, a diferença entre verso e prosa acha-se na referência a diversos códigos ou, antes, a diferentes id/entidades discursivas. Cumpre advertir, em primeiro termo, que a prosa é elemento não marcado relativamente ao verso e, em segundo lugar, que o poema em prosa remete assemade a ambas as id/entidades do discurso denominadas poesia e prosa fundidas num *produto híbrido*.

*Nau enfeitizada* satisfaz estas caracterizações: abrange *verso* e *prosa*, em claro contraste no texto (espaciamento e ritmo diferenciados), e contém poemas em prosa que uma intensa retoricidade os distingue radicalmente da mera prosa. Um exemplo:

*Como um poema de luz e nitidez son as galerias. Ou se queredes,  
umha oración feita de humildade e limpeza. Humildade por  
singelas e chás; limpas por não exigiren, para ser belas, mais que a  
nítida trnsparência do cristal, (p. 42)*

A retoricidade caracteriza-se principalmente pelos seguintes elementos:

1. Distribuição particularizada da sequência (gráfica).
2. Intensificação das figuras da linguagem comparação e metáfora, em hábil urdume.
3. Repetição de elementos. Quiçá seja este o mais próprio na distinção do poema em prosa, ainda que não exclusivo. No naquinho citado acho repetidos os vocábulos da primeira linha, segundo os disponho a seguir:

Poema de luz	us.	(poema de) nitidez	galerias
us.		us.	us.
Humildade		limpeza	oração
singelas e chás		belas / transparência	cristal

### 3. Conteúdo

Por último, duas palavrinhas sobre o conteúdo e o referente do poemário:

a) A Crunha é cidade da Galiza que historicamente veio caracterizada pelo sentimento e atividades galeguistas ... e republicanas.

b) A Crunha é cidade deturpada por *os poderosos que na vila campan* e por *a maior parte do senhoritismo vilego, ... muitos são filhos, netos, renegados, de labregos e marinheiros*.

c) A Crunha, *a nosa vila* (do poeta e, por ele, dos seus leitores) transparece de *un ar luminoso e fondo, como se o mesmo ceu entrase nela*.

.....

Quarenta anos depois continuo a comentar o texto original, impresso, junto da edição não publicada, acrescentada, que o Poeta gentilmente me presenteou. Mas antes de proceder, acho pertinentes duas observações:

1. Uma atinge às lembranças (p. 5), pessoas que nos seus escritos se ocuparam da Crunha, das suas gentes e dos avatares destas (Emilia [Pardo Bazán], Wenceslao [Fernández Flórez], Julio [Rodríguez Yordi, filho do dicionarista Eládio Rodríguez González]), e às dedicatórias a pessoas galeguistas: Xulio V. Veiga, já falecido, amigo do Poeta (p. 9), Xavier Alcalá (p. 17), Xosé M. Oca (p.

27), Xoán I. Taibo (p. 35), escritores e romancistas; O Facho, Agupação Cultural (p. 49) a que todos eles pertenceram e em cujas atividades participaram de jeito diferente. Na versão ampliada a secção TRASACORDÁRIO está dedicada a Francisco A. Vidal, romancista, diretor do blogue [oschanzas.blogspot.com](http://oschanzas.blogspot.com) acolheu e “editou” na secção Artesa dos livros a última versão do Nau Enfeitizada.

2. Na versão acrescentada o Poeta integra poemas procedentes de diversos poemários coletivos, segundo explica José Devesa:

*Esta reedição vai acrescentada co capítulo Trasacordário, que contém, escolmados, versos editados nos anos 1984 e 1985 (De amor e desamor) e 1997 (Aquela luz) e, ao nom se ter aggiornado, fica ancorada em algunhas realidades actualmente inexistentes. Aproveitou-se para suprimir o Glossário final.*

E oferecemo-la como tributo duplo àquele home generoso como poucos, Isaac Díaz Pardo e mais a Francisco A. Vidal, este amigo de sempre que nos abre hoje esta *Artesa dos Livros*, com parelha generosidade.

Montevideú, no Dia de Castelao, 30 de janeiro de 2018.

Após rler ambas *Nau enfeitizada*, dei em imaginar que o poemário narra (quase) as últimas (de 1979) odiseias da Crunha, nave lírica carregada de vidas e mistério, a discorrer mar, de velho frequentado, e protegida do céu, sobre que aves piedosas esvoaçam. Não é tanto oposição, quanto coexistência feliz por vezes, por vezes arriscada, que o Poeta utiliza sabiamente.

É o próprio Devesa quem estabelece, em NOCTURNÁRIO, essa oposição ou coexistência:

*No longo anoitecer de maio entabla-se umha amizosa tençom (itálico meu), entre as primeiras luminárias celestes e mais as luzes das lanchinhas pesqueiras, estrelas caídas no horizonte do Orzám... Hai um momento no que vam aparecendo estrelas arriba, estrelas embaixo, e a vitória está indecisa. Mas, segundo medra a noite, as lanchinhas acabam perdendo. (p. 12)*

No primeiro verso (*É noite de luar vs. Gatos furtivos*) (p. 11) aponta-se tal contraste, intensificado por *andorinhas ... que topenejam* (como *morcegos*) vs. *barcos que voltam*. (p. 15) para afinal salientar a *vila*, requalificada *escura, queda, ourente, muda, viva, mansa*. (p. 16).

CEMENTÁRIO / CEMITÉRIO abre-se por *Um cam brincando ...* (p. 19) a que se lhe opõe o *mágico do voo desses ... bandos de pombas* (p. 20), por sobre o Passeio do Orzán<sup>1</sup> ... e o Peirau (pp. 22-23) e o Dique (pp. 23-24) e a Dársena (p. 24).

ELEGIÁRIO inicia-se pela identificação lírica da *cidade* com uma *branca pombinha* (p. 29) num novo soneto livre, cujo segundo terceto identifica, por sua vez, *vila* e visão do Poeta:

*Mas aginha reparo na evidência:  
Assim, como te eu vejo, minha vila,  
comigo morrerás quando eu morrer* (ibidem)

No poema (*Umha galeria menos*), baixo o *pano vergonhoso das demolições, como tentando acochar o crime de tres ou quatro galerias menos*, o Poeta, descontraído e tentador ou seduzido, dá à cidade o nome de *rula* (= rola<sup>2</sup>), amada:

*E eu entrei -nú - por ti  
rua por rua  
na noite do teu ser,  
na enorme e quente  
noite  
mergulhei-me  
por um e outro corruncho,  
em cada sombra  
fiquei alheio a mim  
de tam teu, rula... (p. 30)*

O Poeta ultima a declaração de amor a ecoar líricamente nos últimos versos do poema o salomónico *Cântico dos Cânticos*:

*Cansei-me e repousei  
todo o que quigem ...  
- e ti muda e escura,  
imóvil e disposta*

<sup>1</sup> O Poeta critica a existência de "instalações militares, que nos impedem ter um passeio de circunvalação porventura único, dada a peculiar configuração da vila, com dez ou doze quilómetros de longitude á beira do mar..." (p. 22)

<sup>2</sup> ROLA *Ornit.* Nome comum a várias aves da fam. dos columbídeos, semelhantes a uma pomba pequena.

como umha amante  
fiel ...  
(cidade minha). (p. 32)

FANTASIÁRIO faz brincar serena e belamente as verdades do chão (Dique, mar, Obelisco, edifício Mediodia, Torre, Santo Amaro, Igreja de Sant'Iago, Castelo, porto, Dársena, de novo Galerias, ...) com aves reais, mas fantasiosas, [Torre] *como umha águia / a remontar o céu da cidade* (p. 38), [cam] *pastoreando gaiotas* (p. 40), *andavam as pombas a revoar acaróm do edifício dos correios ... pombas mensageiras ...* (p. 43) *Um cativo, tras dumha pomba, evocou-me a eterna procura polo Home da Beleza fugidia ... As gaiotas na dorna imóvel ...* (p. 44)

Para culminar:

*Semelhante a esse fato de cativos que vai en seguimento de todas as charangas aldeás, o barquinho pesqueiro arribava ao peirau, entre escoltado o seu ronsel gris por um chiante bando de gaiotas.*

*Eu bem sei de alguém que, por um intre só quixo ser ave marinha, para integrar assim o ledro cortejo e se esquecer, a tempo, da sua culpável natureza duplamente burguesa.*

*Silêncio. No Dique mora o silêncio. Um silêncio azul, gris, ocre. O quase silêncio do mar: essa música.* (p. 48)

INVENTÁRIO começa por citar ou quase recitar ruas, parques, jardins e prazas ...

*As mil vereas da vila  
vam da miséria à miséria:  
de Labanhou ao Portinho  
cabo do monte de Sam Pedro  
Os canhons velando o sonho  
das cochiqueiras de em baixo:  
se me nom botei a rir  
foi porque nom fora honrado.  
No meio do sol e a lama  
como as chabolas fediam !  
Ai, bafo podre do inferno  
acarom da maruxia.*

*Nas penas umhas gaivotas,  
a ir e vir sobre o mar:  
de nom dar nojo diria  
gaivotas jóias do ar...  
Numha furna medonhenta  
algas na auga estancada:  
semelhou-me a alma dalguns  
que se nom doen por nada.  
E aló no horizonte a Torre  
num erqueito cintiléu:  
berro dos pobres furando  
a brétema cara ao céu. (p. 54)*

De novo o Poeta cita as gaivotas no início do dia e no fim do poemário misto num diálogo decorrente delas com rapazes caminho da escola e velho ... excêntrico e mariscadores aprendizes e cães e moços surfistas e multitudes veraneantes e noivos no solpôr:

*E se botássemos, por fim, umha olhada à fauna da beiramar? No abreinte, as gaivotas estream a areia, e como que a tatuassem coas suas inquietas palminhas de três dedos.*

*Já mais tarde, som os rapazes caminho da escola quem, se cadrar em sábado, fam parada na praia, trocando-a em campo dos seus brincos gatunheiros... Também nom falta entom algum velho, alcunhado de excêntrico, que como num rito, vem tomar os seus banhos..*

*Outros dias, quando as grandes baixamares, merodeiam o areal procuradorqs de tesouros fugidios... quando nom os que, aprendizes de mariscadores, andam aos moluscos...*

*E os cans que disfrutam, como poucos, das moles e douradas distâncias?... Ou os raros moços que fam o surf em idílio coas ondas comprazentes?...*

*Nom falemos já das multitudes do veráu, que como que asovalham a areia, num espectáculo nom sempre todo o grato que um quiger...*

*Nau enfeitizada ou Crunha?*

*E nos solpores, som os noivos os que povoam a beiramar, mais arroladora do que nunca, co seu murmúrio incansável... (pp. 57-58)*

Em suma, vida apesar de tudo.

Muito mais espaço e tempo precisam os comentários à *Nau Enfeitizada*, Marineda alargada ao mar oceano, mas devo de os deixar para ocasião mais apropriada, entre eles, às citações explícitas. Parabéns ao Poeta José Devesa!

Iolanda Aldrei

O Segredo de Sheela na Gig



*Sons da Terra Verde*

Iolanda Aldrei

***O Segredo da Sheela na Gig***

Sons da Terra Verde, 2017<sup>1</sup>

Roi Vales da Oliveira

**I**olanda (Compostela, 1968), membro da AGLP, simultaneamente às atividades de escritora, docente e ativista. Como escritora publicou *A palavra no ar* (1990), *Memória de nove luas* (1994), *Grimório Azul de Samaná* (2011), *O segredo de Sheela na Gig* (2017), e *Quando a Joana voltou* (2018).

*O Segredo ...* está dedicado Para Xavier [Ponte] / no areal de Fazouro, na lua de Agosto (p. 7), *companheiro solidário* (p. 14).

Verónica Martínez [Delgado] inicia o "Prólogo" a *O Segredo ...*:

Escreve uma mulher, sem dúvida, e faz certamente para todas as pessoas interessadas no caráter político do corpo, da terra, do erotismo e da história.

*O Segredo de Sheela-na-Gig* é um livro inabordável, imenso como as nossas vulvas, onde cada verso abre um novo roteiro. Ninguém que se adentre nessa

---

<sup>1</sup> Vale a pena assinalar a seguinte advertência, aliás, extensiva a todas as publicações da AGLP: CC-Creative Commons // Atribuição-SemDerivações-SemDerivados // CC BY-NC-NT) *Você tem o direito de:*

*Compartilhar - copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato.*

*O licenciante não pode revogar estes direitos desde que você respeite os termos da licença.*

*De acordo com os termos seguintes:*

*Atribuição - Você deve atribuir o devido crédito, fornecer um link para a licença e indicar se foram feitas alterações. Você pode fazê-lo de qualquer forma razoável, mas não de uma forma que sugira que o licenciante o apoia ou aprova o seu uso. Não Comercial - Você, não pode usar o material para fins comerciais.*

*SemDerivações - Se você remixar, transformar ou criar a partir do material, não pode distribuir o material modificado.*

vulva enorme sairá indemne, por fortuna. A vida fecunda-se permanentemente, abrindo, desde sempre, novas moradas para quem queira evoluir e aprender, como esta que nos propõe a Iolanda Aldrei. (*O Segredo ...* p. 9)

Duas afirmações da prologuista reclamam a minha atenção:

1. O carácter político do corpo; no cotexto, da corporeidade feminina, distinta pelas que eu, em diversos momento, disse *redondezas*. A meu ver, corporeidade e redondezas devem ser entendidas como símbolos radicais da Humanidade nesta altura civilizacional.

2. A abreviação ou identificação de *O Segredo Na Gig* com vulva, "essa vulva enorme". Como cabe esperar, ao longo do poema Iolanda acode repetidamente à palavra *vulva* e sinónimas e metafóricas referidas à deusa Sheela Na Gig, à própria poeta ou à mulher em geral:

Vulva: ... *a mulher da grande vulva, a do mistério oferecido ...* (p. 13) ... *Abro a vulva ao raio do equinócio. / Sou Sheela na Gig.* (p. 23) ... *Fica a minha vulva incandescente / para criar a história ...* (p. 38) *Há uma rocha vulvária que erode o desejo ...* (p. 39)

Cona: *Na cona da velha chove o vento / curvas miúdas. ... Abre a cona luz de mares / e nas trevas do tempo* (p. 61)

Cova: ... *Quem se interna na cova escura do seu ventre ...* (p. 13) ... *na Cova de Lupa, na Montanha Sacra, lar no que a Moura Velha permanece.* (p. 14) ... *Na cova mais escura, permanece.* (p. 39)

Ninho: ... *Fui criando no colo o ninho matricial / de trezentas trinta e duas mulheres. ...* (p. 17) ... *Serpenteias em mim, / procura cálice no viscoso ninho original. ...* (p. 19) ... *os cabelos bravos a passar nas mãos da água / como um ninho. ...* (p. 26) ... *o tempo curvado da volúpia / que aninhou em mim. ...* (p. 59)

Ventre: ... *Medrei no ventre recetáculos, / um poço de matriscos e canções. ...* (p. 17) ... *E acarinhámos com mãos de água / a lama do ventre primordial, ...* (p. 23) ... *com o suor salgado / e os oceanos do ventre. ...* (p. 25) ... *Batem as tuas gemas / no tambor do meu ventre. ...* (p. 45) ... *Palpita a sombra das arestas, [...] na boca da criação, / no ventre fértil, / no lar das esferas renascidas.* (p. 61)

Útero: ... *O meu útero é a nascente.* (p. 19)

Contudo, a metáfora fundamental, ambígua ou polissémica, *é segredo*, porquanto, sendo, a meu ver, elemento nuclear do título, integra e compendia no poemário os qualificadores acima referidos e outros.

O título *O Segredo de Sheela...* pode ser entendido quer como */O segredo é Sheela /*, quer como */Sheela tem O segredo/*; em todo o caso, trata-se de um segredo identificável, "O segredo", progressivamente particularizado ao longo do poemário.

Este abre-se por um texto de apresentação, significativo, *A Porta*, como corresponde polissémico, a assinalar tanto a entrada ao poemário quanto o acesso a *O Segredo*, da deusa ou moura<sup>2</sup> *Sheela* e, por ela, do feminino humano, da mulher, personificada na poeta<sup>3</sup>. A poeta (sic), o sujeito lírico, a Poeta, faz com que no poemário progride a descrição e conformação do segredo até culminar no texto final, justamente intitulado *O Segredo*:

... No seu segredo preserva-se o equilíbrio da água / que sabe furar a pedra. (p. 13)<sup>4</sup>

... Apagou-se a cidade. / Retomamos os caminhos secretos das partículas. ... (p. 29)

... Arrasas os segredos transversais, / rompes a pele, ... (p. 37)

... e o vento sabe / que só elas lembram o segredo / do bolor no pão / e do verdor na arruda. (p.49)

*O Segredo // Segredei as luas que me cobrem, mantos de luz para a ternura, segredei as vidas que me levam, gerações inteiras de lascívia.* (p. 63)

*O meu segredo é um burato cálido, / o meu segredo é um universo,...* (p. 61)

Um poema inclui até três "segredo" plurissignificantes que a Poeta lhes atribui:

Dia vigésimo primeiro  
Com a língua percorres  
os segredos que eu não conhecia  
e fico a saber que ainda

<sup>2</sup> Vid. Antón Fernández Malde (1993), "Petroglifos da Pena Furada (Figueiras, Coirós) in *Anuário Brigantino*, pp. 10-24.

<sup>3</sup> Cumpre não confundir, nos poemários, o *eu lírico* e o *eu físico* da autora.

<sup>4</sup> Na mesma secção prologal *A porta*, entre os agradecimentos, diz-se: "Agradeço a Samuel F. Pimenta e a Verónica Martínez as chamadas para que este segredo veja a ltJz." (p. 14)

*há segredos que tu não conhecias.  
Por isso volto.  
Por isso voltas  
Só por isso cultivo os segredos  
em terra livre  
e deixo-os medrar na tua boca.  
Nascem as palavras já sem eco. (p. 51)*

No poema, intitulado e datado no "dia vigésimo primeiro" do período (ou menstruação!), o *sujeito lírico*, a Poeta, combina *segredos*, plurais, e *conhecimento* para, insistente mudar a sabedoria em cultivação de *segredos* em liberdade (terra livre) numa sequência bem interessante: a *língua* que abre o poema, física e vital, acaba albergada na boca cuja consequência natural são as *palavras*, não quaisquer, mas *sem eco*, diretas, biunívocas, no seu sentido próprio.

Como disse, o poemário encerra-se por um poema, misto em verso e em prosa (?), intitulado *O Segredo*, que se confunde com o próprio *eu lírico*, a Poeta:

*... Segredei as luas que me cobrem, mantos de Luz para a ternuta, segredei as vidas que me levam, gerações inteiras de lascívia ... (p. 63)*

Não me resisto a citar com alguma extensão excertos de *O segredo*, poema misto em verso livre e em prosa, que encerra o poemário:

*... Caminhamos em círculos concêntricos.  
Sentidos inversos.  
Águas bravas. ,  
Erguemos na pedra o som do pranto,  
o encontro cíclico dos astros  
e o sacrifício lento,  
a morte dos deuses sobre a rocha  
para que volte a luz da primavera.*

*Criatura de amor recém parido, desde a entranha dovento/ este segredo espelha o plenilúnio, o velho templo, o cántico de mim, que sou sem tempo, a dor da palavra em nós perdi da, como o sussurro azul da estirpe mouta., o eco das idades e nós próprias.*

*Flor aberta em povo, em universo. (pp. 64-65)*

Seja como for, este verso, *Flor aberta em povo em universo*, provocou que afinal achasse na rede um texto longínquo chinês e o comentário europeu de Jung:

Em fins de 1929 C. G. Jung e o sinólogo Richard Wilhelm publicaram *O Segredo da Flor de Ouro*, um livro de vida chinês (Dornverlag, Munique). O livro continha a tradução de um velho texto chinês, *Tai I Ging Hua Dsung Dschi [...]*, com seus próprios esclarecimentos e um comentário "europeu" de Jung. Anteriormente, no mesmo ano, os dois autores haviam publicado na *Eu-ropäischen Revue V: 2/8* (Berlim, novembro) pp. 530-542, uma versão resumida do mesmo livro, sob o título de *Dschang Scheng Schu: a arte de prolongar a vida humana, título alternativo da Flor de Ouro*<sup>5</sup>.

Confesso que não sei muito bem onde é que me embrenho ao lançar singelas semelhanças-dissemelhanças entre o verso da Iolanda a encerrar o poemário e o título do livro chinês-junguiano.

[O Segredo]		Flor	aberta	em	Povo
O Segredo	da	Flor		de	Ouro

Mas acho que alguma passagem do comentário junguiano pode iluminar serenamente a realidade misteriosa de *O Segredo de Sheela Na Gig*:

Nosso texto promete "revelar o segredo da *Flor de Ouro do grande Uno*". A flor de ouro é a luz, e a luz do céu é o Tao. A flor de ouro é um símbolo mandálico [...]. Ela é desenhada a modo de um ornamento geometricamente ordenado, ou então como uma flor crescendo da planta. Esta última, na maioria dos casos, é uma formação que irrompe do fundo da obscuridade, em cores luminosas e incandescentes, desabrochando no alto sua flor de luz [...]. Tais desenhos exprimem o nascimento da flor de ouro, pois, segundo o Hui Ming Ging, a "vesícula germinal" é o "castelo de cor amarela", o "coração celeste", os "terraços da vitalidade", o "campo de uma plegada da casa de um pé", a "sala purpúrea da cidade de jade", a "passagem escura", o "espaço do céu primeiro", o "castelo

---

<sup>5</sup> C. G. JUNG & R. WILHELM, *O Segredo da Flor de Ouro. Um Livro de Vida Chinês*, Tradução de Dora Ferreira da Silva e Maria Luíza Appy ISBN 85.326.0382-3 Pode consultar-se na rede. Como complemento cordial de ambos os Segredos, pode visitar-se <https://www.youtube.com/watch?v=C4B6U7fYJ7g> ou estoutro <https://www.youtube.com/watch?v=LKDSnrWZvww>. , visitados ambos em 26 de novembro de 2021.

do dragão no fundo do mar". Ela é também chamada a "região fronteira das montanhas de neve", a "passagem primordial", o "reino da suprema alegria", o "país sem fronteiras" e o "altar sobre o qual consciência e vida são criadas".

*Infra*, Jung comenta e assinala:

O princípio, no qual tudo ainda é um e que portanto parece ser a meta mais alta, jaz no fundo do mar, na escuridão do inconsciente. Na vesícula germinal, consciência e vida [...] são ainda "uma só unidade", "inseparavelmente misturada como a semente do fogo no forno da purificação". "Dentro da vesícula germinal está o fogo do soberano". "Todos os sábios começaram a sua obra pela vesícula germinal. Notem-se as analogias com o fogo. Conheço uma série de desenhos de mandalas europeus, onde aparece uma espécie de semente vegetal envolta em membranas, flutuando na água. A partir do fundo, o fogo sobe e penetra a semente, incubando-a de tal modo, que uma grande flor de ouro cresce da vesícula germinal.

Finalizo com a assisada proposta da prologuista, Verónica:

Proponho-vos penetrar na profundidade que está a aguardar nesta obra para construir de novo as nossas existências, através das múltiplas reflexões arredor da ecologia, do feminismo e da vida em si própria. Iolanda devolve-nos às mulheres o poder telúrico roubado durante séculos e atrai-nos com uma poesia que rompe todas as normas, não está escrita desde o cérebro senão desde o corpo, em sua luta diária e com os outros. É um livro escrito desde o centro: com as vísceras e com sangue, onde se traspasa a pele, a superficialidade e chega-se até a carne a latejar, sem fronteiras e já sem medo.

Carlos Negro

***Tundra***

Corunha: Espiral Maior Poesia. 2017

Ângelo Brea

Carlos Negro (Lalim, 1970) é docente de Língua e Literatura Galega. Foi reconhecido com os prémios Johán Carballeira, Vitoriano Taibo e AELG à melhor obra de Literatura Infantil e Juvenil. *Tundra* recebeu o prémio de poesia Fiz Vergara em 2016. Até ao momento, o autor conta com uma obra poética ampla e coesa, entre a que aparecem títulos como: *as laranxas de alí babá* (1998), *Far-West* (2001), *Héleris* (2003), *Cultivos transxénicos* (2008), *Makinaria* (2009), *Penúltimas tendencias* (2014) e *Masculino singular* (2016). *Tundra*, o livro que nos ocupa, é um ponto fulcral da sua poesia, com o que dá um salto qualitativo em todos os sentidos e com o que a sua voz poética adquire especial consistência.

A palavra *tundra* procede do russo тундра ‘planície sem árvores’ e do lapão *tūndâr* ‘tierra infértil’. Abarca uma extensa região, afastada de tudo e praticamente despovoada, que se estende pelo extremo norte da Rússia, Alasca, norte de Canadá, sul da Gronelândia e na costa ártica da Europa. O mais típico da paisagem da tundra é a presença de um seu solo gelado, inexistência de vegetação arbórea, mas às vezes de alguns musgos ou líquenes, ademais de um frio glacial.

Um elemento para-textual de grande interesse são as citações introdutórias, que nos dão a chave para percebermos corretamente o livro e as circunstâncias que explicam a sua génese, o seu desenvolvimento e o seu desenlace.

A primeira das citações corresponde ao fotógrafo Javier Vallhonrat (Madrid, 1953, <https://javiervallhonrat.com/proyectos/>), que foi Prémio Nacional de Fotografia em 1995. Entre os seus numerosos trabalhos salienta “Interacciones 2011-2015”, cujo *Catálogo* contém um texto intitulado “Cuaderno de Campo”, do próprio autor, um diário do seu ascenso ao glaciar de Madaletas, ao Pico do Aneto e a outros cumes dos Pirenéus. A exposição que teve lugar no ano 2016 no Museu de Arte Contemporânea de Santiago é o elo entre entre ambas experiências artísticas.

O projeto Interações consta de cinco secções:

- a) 42° N,
- b) Deriva Standard,
- c) Registo da margem,
- d) Fricção limite
- e) Eolionímia.

Segundo palavras do Javier Vallhonrat:

El proyecto *Interacciones*, 2011-2015, se desarrolla a través de numerosos itinerarios en nichos glaciares y entornos de alta montaña o climatología extrema, investigando la tensión existente entre la incertidumbre e imprevisibilidad propia de estos entornos y la humana necesidad de control y previsibilidad.

Segundo o autor,

em Eolionímia (a arte de nomear os ventos) registam-se fenómenos atmosféricos de distinta natureza: tormentas de neve, o efeito do vento, a névoa e outros agentes, assim com icebergues e auroras boreais.

E mais adiante:

O projeto Eolionímia gira em torno da figura do norueguês personagem de ficção que encarna o jovem Kåre Aarset, que na década dos anos 1929 participou nos pioneiros estudos sobre meteorologia dos também noruegueses Carl e Vilhelm Bjerknes na Universidade de Oslo.

Kåre Aarset nasceu em 1906 em Lonevag, no condado de Hordaland, ao norte de Bergen. Poeta amador, percorreu desde jovem, nas longas temporadas

invernais, com esquis e com *pulka* como meio de locomoção, amplas zonas do maciço Jotunheimen, ao noreste de Bergen, assim como a ilha de Trømso. Este maciço (sua tradução seria Casa dos Gigantes) recebe o seu nome da morada sagrada dos gigantes das *Eddas* islandesas. O jovem Aarset viaja a Akureiri em 1929 e 1930, para permanecer na sua cabana das ladeiras de Hlidarfjall durante os meses invernais, enquanto escreve o seu conjunto de poemas *Dikt fra den breen*, que constituem a origem das imagens desta série.

Precisamente, a segunda das citações que encabeça o poemário são uns versos dos *Poemas do glaciador* de Kåre Aarset: *Gris soñador de bruma, desvela a túa lembranza. Que fale a túa xélida alma.*

A última é uma citação da poetisa galega María do Cebreiro (*a pele nace onde morren as palabras*), que nos adianta uma das características essenciais do livro: a procura do essencial nas palavras, sem nenhum aditamento, apenas com a experiência da paisagem e o amor-desejo como única companhia.

O livro está estruturado de forma circular, com um começo e um final simétricos. Tem nove partes desiguais, mas inter-relacionadas entre si.

A primeira parte *caderno de campo / notas prévias* (que dialoga com o texto *Cuaderno de campo* de Javier Vallonrat) consta de um único poema em prosa, uma formosa meta-poética no que se expõe a ideia de abandonar a casa e de preparar a mochila para a partida em uma viagem ao desconhecido, deixando de fora todo o supérfluo e ficando apenas com o essencial da linguagem poética. Em uma paráfrase livre: *O poema poderia ser uma expedição simbólica, de cervos e lagos geados, mas a neve irá cobrindo as pegadas. Abandonar a casa, sentir o medo e caminhar sobre o gelo, levando na mochila as perguntas imprescindíveis.* De imediato nos sentimos atraídos por esta viagem que começa, que segue aquele rasto indelével que nos poetas galegos deixou *De 4 a 4* de Manuel António. Nesse sentido *Caderno de campo / notas prévias* tem a mesma função do que *Intenções* no autor de Rianjo. E, ao igual do que na viagem marítima de Manuel António, o regresso a casa entrega-nos um novo poeta, diferente do que partiu, totalmente renovado pelo conhecimento adquirido na viagem.

*código norte* compõe-se de 14 poemas, nos que começa o caminho à tundra, deixando todo o desnecessário atrás.

sen voz  
ir entrando na tundra  
no código do extremo norte  
no fulgor que non coñece medida  
e converte o universo em nevarada

O poeta procura entrar nesse manancial de brancura, onde a neve desconhece a pegada da lama, para extraviar-se, deixando atrás o fardo de vozes e para alcançar um lugar “com trinta e sete matizes de branco”.

nada perdura da era dos glaciares  
agás o fulgor mutante do xeo  
  
o silencio taciturno da tundra  
da soidade nas cimbras máis altas  
  
lugares que nada saben dos nomes  
nin da liturxia dos labios humanos  
  
altares que nos poñen de xeonllos  
sen que existan os deuses do desexo

*Candán Canto* inclui onze poemas nos quais a protagonista é a serra de Candão, um dos poucos topónimos que nos encontramos no livro, junto com Sibéria. Trata-se de uma imagem muito potente, que evoca a infância do autor (*aprender a escoitar a neve foi oficio da infancia*) que podia ver desde o seu Lalim natal os cumes nevados da serra do Candão. Esta serra, que atravessa os concelhos de Forcarei, Lalim, Silheda, Beariz e O Irijo e na que nascem os rios Lérez e Úmia e vários afluentes do Deza, é a protagonista absoluta, com a sua força telúrica, desta secção.

Praticamente todos os poemas deste grupo jogam com essa referência da infância. É como se a sua força telúrica desse também força à voz do poeta. A paisagem essencial que se faz símbolo de todas as paisagens. Vejamos um exemplo, em prosa poética:

o diminuto reflexo dese candil aceso que se albisca pola fiestra da cabana do bosque as noites de inverniá e que segue a arder e non se apaga a pesar da nevisca que sempre sopra desde as gándaras do norte é a última charamela do desexo antes do fulgor da amañecida na serra do Candán

*materia intemperie* consta de 13 poemas, perfeitamente estruturados em grupos. Na primeira a palavra-chave é *silêncio* (*o silencio é hibernación / espenuca da linguaxe*). Noutros quatro essa palavra-chave é *folerpa* (*é na luz da folerpa / onde a boca aprende / a sutileza do branco*). Três poemas têm como chave a palavra *porcelana* e um joga ao mesmo tempo com a dupla chave *porcelana-folerpa* (*ser fráxiles folerpas / cristal que vai crebando / xeo roto / porcelana abatida em bombardeo*). Os dois últimos poemas têm a chave *sem ti*, um remata com essa expressão e o seguinte começa com ela, como se se tratasse de cobras *capfinidas*, em terminologia medieval e a secção remata com este: *sen ti / digo Siberia / salmodio / os topónimos da desolación*.

O seguinte capítulo, intitulado *manancial norte*, consta de 13 poemas. Trata-se do regresso ao campo base. Teriam a mesma função que *Recalada e Navy Bar* em *De 4 a 4*. Como comentamos anteriormente, os únicos topónimos do poemário, *Candán* e *Siberia*, estão contados e totalmente ausentes de *manancial norte*. Dez poemas começam com esse locativo, ao jeito das cobras *capdenals* da literatura medieval. O primeiro poema, em decassílabos, dá-nos já a chave para a compreensão deste capítulo:

aqui dentro inútiles os topónimos  
e os mapas que delimitan a neve  
aqui dentro as rutas veñen do norte  
e regresan mudas ao xeo da orixe

*lobo caribú* é uma secção onde aparece simbolizada a presença da besta que está à espreita: *esta noite / cando os lobos baixen / xa nada será inmaculado / (nin sequera a luz da neve)*. O lobo, longe da civilização, movendo-se sigiloso, como um depredador da tundra, lembra-nos de imediato o monstro, de Allan Poe. O lobo, que tantas vezes aparece nos contos populares galegos, ou na obra de autores como Ánxel Fole ou Jack London, aparece também em forma de depredado, do inocente caribu, a vítima propiciatória:

móvese sixiloso  
o desexo  
depredador da tundra  
e nós  
fermosos como caribús  
sen saber  
por onde e cando ataca

*fulgor limite* consta de sete poemas que chegam ao limite da viagem, onde apenas fica o desconhecido. Eis que agora aparece a própria voz da tundra, saltando às páginas do livro. Os 7 poemas, escritos em itálicos, lembram a figura de Mary Shelley e do seu *Frankenstein*, que fugiu do seu criador e foi refugiar-se no limite da tundra, onde tudo é desolação e silêncio. Os poemas, todos em cursiva, levam da mão ao poeta ao glaciár:

lévanos da man  
neve  
lévanos lonxe dos nomes  
ata o lugar do glacial  
onde os signos son fósiles de xeo  
e a linguaxe  
un laio sen voz no alto da montaña.

*alén linde* vai encabeçada com o título do livro de Kåre Aarset, *Dikt fra den breen* (*Poemas do glaciár*), seguido por um breve poema: *desde o glaciár / o poema fala / a língua que arrastra as pedras / ata a fonte*. São nove poemas onde se produz um autêntico diálogo entre as duas vozes poéticas: a voz do autor em diálogo com a voz da tundra (que aparece em itálico). Vejamos um exemplo:

as lendas din  
  
*a língua tivo nome  
e a casa onde repousar polas noites*  
  
as lendas din  
  
*agora ela é unha besta vagabunda  
que anda pola neve á busca de voces*

O círculo fecha-se com outro poema em prosa poética, que dialoga com o primeiro poema do livro, e não apenas no título *caderno de campo / última erosión*. Estamos perante o regresso ao acampamento base, após uma longa e dura viagem, nesta terra extrema onde se realizou o último processo erosivo da linguagem, no que o poema fica apenas nos seus traços essenciais, após o desgaste, a queda e os aludes.

de regreso no campamento base, sen azos, ao límite da extenuación  
sen máis desexo que unha bocalada de osíxeno

ruído de fondo  
e un refuxio no limiar do indicible

Do punto de vista métrico, apesar de que aparentemente se trata un libro realizado em verso libre, encontramos numerosos versos que podem ser relacionados com a versificação culta das línguas românicas. As estruturas internas, mesmo nos fragmentos em prosa poética, podem des-componer-se em estruturas de versos decassílabos, às vezes com eneassílabos ou oitassílabos ou com versos quebrados, como o tetrassílabo ou o trissílabo. Também os hexassílabos podem encontrar-se com decassílabos (formando silvas livres) ou com outros versos curtos, como pentassílabos ou tetrassílabos. Em muitas ocasiões, quando o poema está realizado unicamente com versos breves, a formação literária conduz o leitor a lembrar a poesia japonesa, também voltada à paisagem e a depuração formal, deixando de fora todo o acessório, em formas como o *tanka*, o *haiku* ou o *chōka*.

Vejamos uns exemplos, em decassílabos:

que o desexo sexa o xeo dos cumios  
o glaciar que ignora a sede de agosto  
e nos dá de beber só com miralo

E outro, em versos curtos, a jeito de *tanka* japonês:

volvemos / trazo invisible / fulgor / tacto / porcelana branca das avoas



### ***A estatalização linguística***

segundo o Dr. Yvo Peeters

Alexandre Banhos Campo: introdução e das notas de rodapé.

J. M. Barbosa Álvarez: tradução.

**N**os fins dos anos 80 e começos dos 90 do século passado, o doutor Yvo JD Peeters, linguista flamengo, teve um intenso relacionamento com a Galiza. Fazia parte do Comité de Expertos do Conselho da Europa para a aplicação dos direitos linguísticos recolhidos na *Carta Europeia para as Línguas Regionais e Minoritárias*, e conseqüentemente para a supervisão de como eram garantidos às minorias nacionais e às minorias linguísticas dos estados, esses direitos, simplificando, o direito de viverem e se reproduzirem socialmente como tais em todos os campos. Foi também consultor da ONU para redigir a *Declaração Universal dos Direitos Linguísticos*, de que, pelo menos por duas vezes, nos apresentou aos galegos o rascunho do texto que se estava a elaborar para podermos fazer propostas e observações. Tem trabalhado também no quadro do *Tratado da União da Língua Neerlandesa* (o modelo que ele propunha para a Galiza), e no campo da consultoria da União Europeia nas suas políticas linguísticas. É membro da Academia Flamengo do Neerlandês e da Academia Internacional de Direito linguístico (Bruxelas)

Peeters é grande conhecedor da realidade da menorização linguística na Europa e no estado espanhol, colaborador constante com o esforço na matéria nos Países Catalães, no País Vasco e mais na Galiza. Para além das suas intervenções em congressos e fóruns reintegracionistas; em particular, em 1987, participou no II Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza, com a comunicação *O Tratado da União da Língua Neerlandesa como exemplo para o galegoportuguês*; em 1990, no III II Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza, *Europa como garantia dos direitos linguísticos*, ambos

realizados em Ourense. Em 1994 e em Compostela, no Congresso Internacional, as Línguas e os Direitos Linguísticos, com a comunicação *O Direito à língua nos documentos internacionais e na jurisprudência supranacional*. Esta foi publicada na revista *Agália* núm 43 (pp. 341-347); no núm. 46 da mesma revista (pp. 225-230), o artigo *Comunicação, identificação e dominação lingüística*.

O seu relacionamento com a Galiza e com as pessoas reintegracionistas foi bem intenso na altura. Gostava imenso de passeios, compartilhar comidas e cervejas, e com o seu bom humor neerlandês, encorajar-nos a enveredar por caminhos certos *la questione della lingua*. Para ele o caso da Galiza, era o mais semelhante ao caso do flamengo na Bélgica.

Na Galiza interagiu com muitas pessoas, instituições de governo, Conselho da Cultura, partidos nacionalistas galegos etc. não só com os bons amigos da AGAL; ficava assombrado do limitado das formulações que se faziam, o seu nível pacato, e como todas estavam muito condicionadas pela inserção de Galícia no estado, presas duma história que era miragem, do que propriamente história.

Para ele a estatalização linguística é uma lei universal da prática dos estados com as línguas que não se corresponderem com a língua que se chama de “nacional”, e é sempre um processo prévio, e, se não se agir adequadamente, da menorização mais absoluta até ao desaparecimento. De facto, o sucesso das minorias linguísticas, quase sempre minorias nacionais, tem o primeiro dos alicerces em destruir completamente essa isca, que leva ajudas e dinheiros e sucesso de algumas pessoas, mas que para o coletivo, não vão dar certo, pois é justo tudo o contrário.

Como experto do Conselho de Europa, distinguia minorias linguísticas de minorias nacionais — sempre também linguísticas —. Por exemplo, o albanês na Itália ou o mirandês em Portugal, são minorias linguísticas, enquanto os galegos são uma minoria nacional. A categoria “minorias nacionais”, não era usada por ninguém no âmbito do estado espanhol, como se isso for uma redução da sua condição e direitos. Apenas até que Puigdemont e o independentismo catalão começaram a jogar na liga da libertação, no quadro do direito internacional, que o conceito de “minorias nacionais”, com todas as potencialidades jurídicas, veio à tona no âmbito ibérico.

Peeters já falava da sua força jurídica. No ano de 1991, ofereceu-se para fazer um Seminário sobre o assunto. Nele participaram, além de Peeters, o

linguista esperantista italiano A. Chiti-Batelli, Guy Heraud, na altura autoridade indiscutível em jurisprudência das línguas, também ele assessor do Conselho da Europa, e Louis Jean Calvet, cuja intervenção confrontou a de Yvo Peeters, mas próxima da opinião comum dos galegos, que se sentiam mais à vontade, por exemplo, com o problema do bâmbara da Guiné, língua sem história escrita, do que com o modelo neerlandês, como se isso disturbasse algo íntimo do nosso sermos e estarmos no mundo ... , na União Europeia.

A Associação Galega da Língua editou os textos do encontro no livro *Poder, Ideologia e Língua*, que foi quase ignorado entre os “normalizadores” do idioma da Galiza. Peeters continuou em contato com pessoas reintegracionistas, mas pouco e pouco foi esquecendo-as; era como se chegasse à convicção de na Comunidade Autónoma de Galicia o seu labor e assessoramento serem quase inúteis.

Contudo, Yvo Peeters pôs os alicerces para contornar alguns problemas no relacionamento com Portugal na altura. Tratara com Alberto João Jardim, presidente da Madeira, e com plataformas europeias em que podíamos tentar penetrar. Mas não foi possível alcançar nenhum acordo por questões menores.

Pode dizer-se que foi a constituição da Academia Galega da Língua Portuguesa (AGLP), idealmente apresentada no Colóquio da Lusofonia (Bragança, 2006)<sup>1</sup>, a qual continuou e continua a abrir as possibilidades de relacionamento entre a Galiza e a Lusofonia, iniciadas nos Acordos Ortográficos do Rio de Janeiro (1986) e de Lisboa (1990) pelos observadores da Galiza assistentes às reuniões, mas patrocinados pelo Prof. Guerra Da Cal e os membros da RAG Paz Andrade e Marinhos del Valle. De facto a AGLP confirma a realidade de a Galiza fazer parte do mundo da Lusofonia. Já a AGLP e a Associação de Professores de Português foram admitidas na CPLP como observadoras consultivas.

Outra realidade lusofónica, no interior da CAG, é a *Lei Paz Andrade* (Lei 1/2014), aprovada por unanimidade no Parlamento da Autonomia.

---

<sup>1</sup> No V Colóquio da Lusofonia em Bragança no mês de outubro, em que estavam presentes representantes da Academia de Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras, do Rio. Chrys Chrystello (Pte. da Associação dos Col. quios) encorajou-nos a trabalhar para criarmos uma Academia da Língua na Galiza; era a grande carência que sentia dos galegos.

Da Galiza participavam Martinho Monteiro Santalha, Xosé Ramon Freixeiro Mato, Ângelo Cristóvão, Luís Gonçalves Blasco (Foz), António Gil Hernández, Isaac Alonso Estraviz, Gerardo Uz, Jéssica Beiroa, José Luís D.P. Orjais, Teresa Carro, José Luís Fontenla, Maria Vilarinho Soares, Carlos Figueiras, Rudesindo Soutelo, F. Garcia, e eu próprio..

Martinho Monteiro Santalha na sua intervenção, falou da construção duma Academia Galega da

Seja como for, vale a pena recordar a intervenção de Yvo JD Peeters no Encontro de Ourense, de que seguem alguns excertos:

## **Língua e Identidade**

### *e a frequente manipulação pelo processo da estatalização linguística*

A língua é um dos elementos mais importantes da identidade individual, bem como coletiva do homem e dos povos e isto sob as suas duas funções fundamentais: a representativa e a comunicativa (J. P. Bronckart, 1985). Como já bem apontou Wilhelm von Humboldt há um século e meio, a cada língua corresponde uma forma diferente de apreender o mundo (Humboldt, 1836). Portanto, traficar com a língua do povo é ação por natureza, extremamente grave, já que se toca a sua alma mesma.

Nenhuma política linguística pode ser elaborada à ligeira, porque as consequências podem ser irreparáveis. A responsabilidade de aqueles que nos governam é, neste âmbito, total. É por isso que nos encontramos reunidos aqui, em Ourense, justamente para estabelecer a responsabilidade do governo autónomo da Galiza face ao atentado infringido à identidade linguística do povo galego e das suas relações com a língua mãe, o português<sup>2</sup>.

Vocês confrontam-se na Galiza com uma política que definiríamos de estatalização linguística. Por *estatalização linguística* entendemos o contrário da dinâmica de autodeterminação, quer dizer, uma estrutura estatal ou mesmo infra-estatal (nos estados federados ou regionalizados) que se justifica *a posteriori* ao

---

Língua Portuguesa, e isso foi bem apoiado por Ângelo Cristóvão e bem mais, v. gr. Alexandre Banhos afirmou que desde a Agal impulsionaria o projeto. O assunto deu lugar a bem interessantes debates com os colegas portugueses e com Freixeiro e Foz, que tinham uma posição comum, basicamente sobre o nome. Foz regressou de Bragança comigo no carro, e fomos falando disso todo o tempo, acho que depois de 5 horas de debate ele estava convencido. Freixeiro, no primeiro ato de apresentação do projeto da Academia, pode-se dizer que foi o primeiro em chegar, e nunca faltou aos grandes atos públicos da AGLP, desde a sua constituição. O nosso grande gramático já usa o galego internacional em todos os seus trabalhos que voam por cima das nossas fronteiras, e acho que, seja como for, tinha que estar já na Academia. Aguardemos que cedo os que tem que aprovar essas cousas o façam.

<sup>2</sup> Para Yvo Peeters era algo muito grave o que estava a acontecer na Galiza com as políticas linguísticas a que éramos submetidos. Se a situação não mudar o resultado será um desastre.

Ele percebia o português como o galego que usaríamos na Galiza se não tivéssemos sido submetidos por Castela. Eis lá a vossa ortografia histórica. Como flamengo entendia a situação do Galego muito bem; usava a expressão *língua mãe*, muito cara à sua comunidade, para caracterizar a variante da língua que frui a plena normalidade.

outorgar identidade linguística pela via política ou administrativa<sup>3</sup>.

Sem retrocedermos demasiado longe na história, queremos apresentar aqui alguns dos exemplos salientáveis de estatalização de línguas neste século.

Mas começo por citar um caso antigo, pelo que tem de extravagante. Após a anexação da Bósnia Herzegovina pela Áustria, povoada essencialmente de muçulmanos de língua servo-croata, em 1886 as autoridades de Viena tentaram promover uma suposta nova língua *bosniaca*. Esta ideia nunca teve muitos adeptos e soçobrou com grande fracasso nos tormentos da Grande-Guerra (Gasinski 1985).

Um exemplo mais concreto é-nos fornecido pela Noruega. Conseguida finalmente a independência em 1904 após uma longa união com os seus poderosos vizinhos, Suécia e Dinamarca, a classe política norueguesa prega-se sobre si mesma e quer forjar como for, uma identidade lingüística própria. Com este fim criaram-se comissões oficiais que tinham como tarefa percorrer os campos e os povos para recolherem o vocabulário chamado “autêntico norueguês”. Assim surgiu uma nova língua, o *norueguês (norsk)*, com duas formas gráficas oficiais, a dano-norueguesa ou *bokmål* (literalmente, “língua dos livros”) e a neonorueguesa ou *nynorsk* (“novo norueguês”). A política lingüística oficial não procura substituir uma pela outra, o qual traz como consequência que atualmente a Noruega possui duas normas gráficas concorrentes, tendo cada uma os seus seguidores.

[...]

O exemplo mais estonteante, exceto o de Noruega, tratado acima, é certamente Luxemburgo. Este pequeno estado de língua e cultura alemã, desde a primeira guerra mundial, mas ainda mais desde o nazismo, tem desenvolvido um retrocesso linguístico sobre si próprio que raia a esquizofrenia.

Com efeito, apesar do facto de uma imensa maioria da população falar uma variante do alemão (*moselfrankish*), uma grande parte da vida oficial realiza-se em francês. Só a imprensa escrita tem resistido, até agora, esta tendência. Os luxemburgueses cultivam o seu dialeto com uma aplicação dificilmente compreensível. Eles afastam-se assim, de propósito, do mundo cultural e

---

<sup>3</sup> Por exemplo nas Astúrias as autoridades linguísticas na matéria asturianizam a nossa língua, argalhando uma nova língua com novas normas, com cursos, etc. Espanha divide o catalão em línguas diferentes, mas não tem sucesso mercê da resistência das elites culturais do País Valência.

linguístico alemão, o maior da Europa. Em 1984, por via legislativa, o parlamento luxemburguês proclamou o dialeto local como língua nacional, deixando em segundo lugar o francês e em ridículo terceiro posto o alemão.

O caso luxemburguês é o exemplo típico e supremo de estatalização linguística. Como o Estado é super-poderoso no nosso mundo, nada pode impedir-lhe acreditar ser o detentor do poder de decretar *soberanamente* qual será a língua dos seus habitantes.

Fenómenos semelhantes podem ser observados já ao nível de autoridades infranacionais cuja legitimidade talvez seja mais duvidosa do ponto de vista etnolinguístico. A França que é um dos Estados da Europa ocidental mais refratário ao reconhecimento da pluralidade linguística dentro das suas fronteiras; sistematicamente tem ensaiado quebrar das suas raízes as suas minorias. A introdução da *Loi Deixonne (Loi 51-46 du 11 janvier 1951, relative à l'enseignement des langues et dialectes locaux)*, que outorgava um lugar mínimo a essas línguas, uma distinção subtil foi feita entre as chamadas línguas regionais da França. O bretão o ocitano, o catalão e o basco, de um lado, e, do outro, as variantes de línguas estrangeiras, tais como o flamengo (neerlandês), o alsaciano-lorenês (alemão) e o corso (italiano). Estando excluídas estas últimas do regime Deixonne.

Desde então o poder francês não deixou de tentar isolar os falantes destas línguas fazendo algumas concessões, essencialmente em proveito das variantes locais (regime Holderith na Alsacia-Lorena) e chegando a induzir o conceito de *língua corsa*, de tal jeito que esta *língua* pudesse prevalecer mercê do regime da Lei Deixonne. Desde que os 200.000 corsos se desligaram oficialmente do seu património lingüístico italiano, o maná do Estado é-lhes generosamente retribuído. Em consequência, de facto na França não fica mais do que uma só comunidade linguística privada totalmente de todo o reconhecimento oficial, a flamenga. Porque, na sua maioria, os flamengos sempre fugiram de serem encerrados num dialetalismo desmedido promovido por certas organizações a soldo de Paris; são os únicos na França que não têm nenhum ensino público da sua língua: a neerlandesa!

A sua teima é ainda mais salientável perante a exiguidade do grupo (uns 100.000 utentes residuários) não pode ser devida mais do que ao exemplo do grande vizinho do Norte. Com efeito, os flamengos da Bélgica, apesar de serem maioritários nesse Estado, foram submetidos durante mais de um século a uma política insidiosa por parte dos detentores do poder tentando convencê-los de

falarem uma língua diferente dos Países-Baixos. Esta tese também encontrava um certo sustém em Flandres, mesmo nos círculos literários e culturais *católico-conservadores* que queriam assim distanciar-se dos Países-Baixos *protestantes*. Felizmente esta tendência particularista não prevaleceu e a língua oficial de Flandres é o Neerlandês, confirmada pelo primeiro decreto do parlamento autónomo de Flandres em 1970 e solenemente em 1980 pelo *Tratado da União Linguística (Nederlandse Taalunie)* entre Flandres e os Países-Baixos.

Isto leva-nos naturalmente a Galiza, cuja situação eu não devo descrever. Talvez seja suficiente evidenciar que o número de portugueses se corresponde com o número de falantes galegos numa medida comparável de relação dos Países-Baixos a respeito de Flandres, isto é  $2/3 - 1/3$ , o que nos leva a reformular a proposta feita aqui, há alguns anos, de propor a conclusão de um Acordo de jeito da União Linguística entre a Galiza e Portugal.

Aos que me rebaterem dizendo que para isto falta a vontade política no Estado português, eu responderei que esta mesma vontade não existia mais do que de uma forma extremamente limitada nos Países-Baixos e que o *Tratado da União Linguística* tem sido imposto praticamente por Flandres desde o momento em que tinha os meios políticos, quer dizer a partir de 1970.

A modo de conclusão destas propostas sobre língua e identidade vale insistir no facto de ser necessário dissociar a identidade linguística a respeito de tal ou qual pertença política ou estrutural de modo totalmente possível ser cidadão espanhol-galego e falar português, tal e como se pode ser cidadão italiano-tirolês e falar alemão.

## Bibliografia

Jean-Paul BRONCKART (1985), *Les sciences du langage, un défi pour l'enseignement?*, Paris, Delachaux et Niestlé, 1985.

<https://archive-ouverte.unige.ch/unige:37766>

Silvo DEVETAK (1988), *The equality of nations and nationalities in Yugoslavia. : Successes and Dilemmas*, Wien, Braumüller.

T. Z. GASINSKI (1985), "The question of dominant language and dominant nation in a multi-ethnic society", in *S. A. Journal of Linguistics, Occasional Papers*, nº 2, pp. 32-57.

Einar HAUGEN (1959), "Planning for Standard Language in Modern Norway", in *Anthropological Linguistics*, vol. 3, pp. 8-11.

Wilhelm von HUMBOLDT (1836), *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluß auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts*, reimpressão Paderborn 1998

# LITERATURA GALEGA

## 3.º B.U.P.



P. Fernández Herráiz  
I. García Uría

I. García Uría  
P. Fernández Herráiz

***Lembrança dum  
tempo prematuro***

Breve apontamento

António Gil Hernández

**C**om DL C-1342/82 e I.S.B.N. 84-300-7554-2 as Professoras M.<sup>a</sup> Isabel Garcia Uria e Pilar Fernández Herráiz publicaram o texto *Literatura Galega* destinada a 3.º B.U.P. Na apresentação as autoras indicam:

O presente curso de *Literatura Galega*, realizamo-lo para suprir a falta de textos deste nível, que se axusten á programazón oficial realizada pola “Comisión Mixta, Ministerio de Educación [-] Xunta de Galicia”.

Para responder o máis fielmente a este programa, desenrolamos a matéria en viteín temas, nos que se incluen algunhas nozóns de *Literatura Portuguesa*, co fin de encadRAR o feito literário galego no ámbito que lle corresponde, de maneira que o alumno consiga unha visión universalizadora da nosa cultura.

As normas ortográficas empregadas son as que consideramos máis axeitadas para a nosa língua, que compre situar dentro da área lingüística galego-luso-brasileira. (p. 5)

O texto evidencia dous factos constatáveis, que as Professoras cuidaram efetivar:

1.º O texto cumpre fielmente a programación de galego, então vigorada para o Bachillerato Unificado Polivalente (B.U.P), elaborado por pessoas hoje na outra banda, como Víctor Freixanes, atual presidente da RAG, e José Manuel Pena, colaborador habitual do *Faro de Vigo*.

Foi a Subcomisión de Programación e Textos da Comisión Mixta (Ministerio de Educación-Xunta de Galicia) que o día 24 de Julho de 1980, sob a presidência

do Prof. Antón Santamarina, aprovou essa programação primeira. Quero salientar que o citado presidente da Subcomisión assumiu como “oficiais” as programações para E.G.B. e F.P., enquanto deixou a de B.U.P. num estranho limbo nem legal nem ilegal nem alega, talvez para preparar o golpe de gracia a qualquer intento decente de evidenciar a continuidade idiomática das falas galegas, portuguesas, brasileiras, PALOPanas ...

Cito o enunciado de alguns temas, conflituosos, suprimidos na programação, publicada no D.O.G. de 10 de Agosto de 1983. alcunhados por essa ordem de alleos ó galego:

- V.- A decadência galega e o renascimento português (pp. 61 e ss.)
- VI.- Camoens (pp. 75 e ss.)
- XVI.- As vangardas portuguesas (pp. 259 e ss.)
- XXI.- A literatura portuguesa actual (pp. 349 e ss.)

2.º Quanto à grafia empregada pelas Professoras segue as Normas Ortográficas do Idioma Galego, elaboradas pela Comisión de Lingüística, que presidira o Prof. Carvalho Calero, publicadas no B.O.X.G. núm. 10, de junho de 1980.

As autoridades governantes (e os filólogos, seus assessores ou técnicos) não se importaram em mudar antes dos dous anos as programações, sobretudo de 3.º de B.U.P., com as consequências crematísticas para as editoras (mesmo a Xerais, preferida do ILG) e para as famílias.

A Programación de 1980 estendia-se até vinte e cinco temas, cujo eixo logicamente era a Literatura estritamente galega, mas alguns deles referenciados às Literaturas lusófonas; em particular o 3º, Introdutório, o 6º, Renascimento, o 8º, Esclarecidos, o 9º, Romantismo, o 10º, Realismo, o 14º, Modernismo, o 15º, Vanguardismo e o 25º, Literaturas de expressão portuguesa, para além do tema 7º dedicado a Luís Camões. Justificavam-se na Introdución tais referências:

pra completarmos unha visión da literatura galega no ámbito que lle corresponde, cremos necesario que o alumno se achegue ós feitos literarios da nosa área lingüística. Isto é: a literatura portuguesa e as literaturas de expresión portuguesa, como complemento adecuado pra facilitarmos unha visión universalizadora da nosa cultura<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Os elaboradores empregamos (sic) a ortografia dos denominados *mínimos reintegracionistas*, então “legais” a teor das *Normas Ortográficas do Idioma Galego*, que elaborara a citada *Comisión*

A *Programación de 1983* repete literalmente aquilo que conserva da *Programación de 1980* e elimina tudo aquilo que faz alguma referência a português. Essa conduta supressora patenteia *atitudes* individuais, mas mormente uma *disposição* (ou *vontade*) política que, alicerçadas na Administración bourbónica, interpreto como *nacional*, num senso estrito, enquanto que são efetivadoramente correlativas do projeto e processo nacionalizador do *Reino del Bourbon* segundo o qual os *Notables* (e, na CAG, *notabilillos e notabiliños*) contribuem à construção da *Nación bourbónica*, que dizem *España*.

Um último apontamento. Os fatores da *Programación de 1983* não suprimem nem mudam nem adaptam parte da *Introducción*, mas, assim fazendo, mudam o sentido do conservado, porque subtraem elementos substanciais. Observe-se

Concebímo-lo terceiro nivel de B.U.P. como un curso destinado a profundizarmos e comprendómo-lo feito literario galego e isto desde dous aspectos fundamentais: dunha parte, mediante o comentario de textos, peza imprescindible, *coñecendo os períodos e circunstancias nas que se desenvolve a nosa cultura e literatura*, e aínda indagando nas figuras máis representativas de cada momento. Doutra parte, *tentando conseguir* por parte do alumnado *unha actitude crítica e creativa*, de xeito que el mesmo se inserte nos contidos que intentamos mostrar, non coma mero espectador, senón coma protagonista capaz de xerar, á sua vez, nas ideas dentro deste rexistro (*o italico é meu*).

Decerto *os períodos e circunstâncias em que se desenvolve a literatura galega* serão diferentes segundo a teorização vise, explícita ou implicitamente, *as Literaturas nacionais lusofónicas* (como com timidez propunha a *Programación de 1980*) ou a *española* (como de facto faz a *Programación de 1983*). Consequentemente, a *atitude crítica e creativa* será também divergente num e noutro suposto.

Aliás, cumpre reconhecermos que a *Programación de 1983* suprime sistematicamente, de jeito cru e nu, toda a referência a português. O facto, na minha opinião, é congruente com a *españolización de todo lo gallego*, evidenciada tanto na formalização linguística *ilgaeira*, quanto na conceção cultural oficialista.

---

de *Lingüística*, mas foi mudada para a *ortografía ilgaeira* que a *Subcomisión de Programación e Textos*, adserita à *Comisión Mixta*, presidía o Prof. Santamarina, patrocinava abusivamente.

Acho imprescindível lembrar nomes das pessoas que cumpriram decentemente com aquela programação universalizadora do Galego, como as Professoras M.<sup>a</sup> Isabel Garcia Uria e Pilar Fernández Herráiz, ao tempo que vale a pena recordar determinadas indecências executadas por pessoas das quais não era esperável que as cometessem.

Para conecer mais notícias desse movimento supressor entre as autoridades universitário-académicas, pode consultar-se o meu *Temas de Linguística Política*, AAG-P, 2006.

*Boletim da  
Academia Galega  
da Língua Portuguesa*

**Catálogo**

<b>Título</b>	Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa
<b>Editor</b>	Padrão (Galiza): Academia Galega da Língua Portuguesa, 2008 -
<b>Periodicidade</b>	Anual
<b>Início/fim</b>	N.º 1 (2008) -
<b>Notas</b>	Textos em português
<b>ISSN</b>	1888-8763
<b>Depósito Legal</b>	C-2345/2008
<b>Classificação</b>	009(05) 303(05)
<b>Matéria</b>	Ciências humanas - publicações periódicas Ciências sociais - publicações periódicas



O utilizador pode copiar, distribuir, exibir e executar a obra\* sob as seguintes condições:

- Ⓒ **Atribuição.** O utilizador deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciente
- Ⓒ **Uso Não Comercial.** Não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.
- Ⓒ **Vedada a Criação de Obras Derivadas.** Não pode alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta.

\* Para cada reutilização ou distribuição, deverá deixar claro para outros os termos da licença desta obra.

\* Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que obtenha permissão por parte do autor.

Esta licença não limita de forma alguma os direitos legais e morais dos autores.

© Os(as) autores(as), 2016 (dos textos).

© Academia Galega da Língua Portuguesa, 2016 (desta edição).

O conteúdo dos textos e as permissões para citações são da inteira responsabilidade dos(as) autores(as).

### Apresentação

O *Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa* anuncia a chamada de colaborações para o seu undécimo volume, previsto para o fim do ano 2019. O *Boletim* é uma publicação científica de periodicidade anual, editada pela AGLP, centrada na investigação e teorização no âmbito das ciências sociais e humanas, com ênfase na pesquisa referente à Galiza, às comunidades galegas e ao conjunto da Lusofonia.

### Cronograma para o Vol. XIII

Colaborações: Até 31 de dezembro de 2020  
Decisões editoriais: janeiro/fevereiro 2021  
Edição e acabamento: março/junho de 2021

### Envio de propostas

Os artigos devem ser originais e redigidos em Português a teor do Acordo Ortográfico, ratificado. Enviar-se-ão em arquivo electrónico (formato compatível com Microsoft Word) até 31 de dezembro a: [pro@aglp.org](mailto:pro@aglp.org)

### Devem cumprir-se as seguintes especificações:

Página de título e subtítulo com o nome do(s) autor(es), afiliação académica atual, bem como endereço postal e electrónico; os autores indicarão até sete palavras-chave (em português e inglês); resumo (em português e inglês) de 100-150 palavras; texto principal de entre 3.000 e 7.000 palavras para os Estudos, organizado com uma hierarquia clara de títulos e subtítulos (máximo três níveis); referências inseridas no texto (autor, a-nopágina), ex.: (Moreno, 2006:19-23); sendo estritamente necessárias, notas ao pé, não devendo incluir-se nenhuma referência bibliográfica; as tabelas, figuras, desenhos e ilustrações (originais), com contraste e qualidade apropriados, estarão claramente identificadas e numerar-se-ão consecutivamente; apartado de Referências bibliográficas (ver exemplos a seguir) depois do texto; breve (até 5 linhas) síntese biográfica em folha separada; o texto não deve conter formatações especiais, sublinhados ou negritos; contendo caracteres especiais (fontes fonéticas, históricas, etc.), deve enviar-se o arquivo com a fonte correspondente; os textos que não cumpram as especificações supracitadas serão devolvidos aos seus autores.

### Apontamentos legais

Os autores serão sempre titulares dos direitos legais dos seus textos; os autores são responsáveis pelas autorizações para a reprodução de citações, ilustrações, etc. Aplicar-se-ão os termos da licença Creative Commons (by-nc-nd 3.0).

### Resenhas

A revista incluirá uma seção com resenhas de publicações relevantes; os textos, redigidos de forma clara e concisa, conterão entre 1.000 e 2.000 palavras, a enviar ao endereço electrónico supracitado. Não se aceitarão resenhas de obras inéditas.

### Sistema de referências bibliográficas

As referências devem seguir a seguinte formatação:

Em monografias e similares: Sobrenome e Prenome do autor ou autores (ano). *Título* (em itálico). Local: editora. Ex.: Suevos, Paulo (1998). *Manual de estilo*. Lugo: Perímetro; Ex.: Suevos, Paulo; Lopes, Manuel (1998). *Manual de estilo*. Lugo: Perímetro.

Mais de três autores: Sobrenome e Prenome seguindo de: *et al.* Ex.: Suevos, Paulo; *et al.* (1998). *Manual de estilo*. Lugo: Perímetro.

Entidades coletivas: Nome da entidade (ano). *Título* (em itálico). Local: editora. Ex.: Xunta de Galicia (1998). *Estatísticas*. Santiago: Xunta de Galicia, Presidencia.

Autor (editor) da obra difere do autor do capítulo: Sobrenome e Prenome do autor da parte (ano). Título da parte. Sobrenome e Prenome do autor (editor) da obra, responsabilidade [seja ed., dir., org., etc.], *Título da obra* (em itálico). Local: Editora, pág. inicial-pág. final da parte. Ex.: Suevos, Paulo (1998). Marco teórico. Lopes, Manuel, ed., *Manual de estilo*. Lugo: Perímetro, pp. 12-34.

Revistas e jornais: Sobrenome e prenome (ano). Título do artigo. Título da revista/jornal (em itálico), volume e/ou número, página inicial-final do artigo. Ex.: Suevos, Paulo (1998). Introdução ao estilo. *Revista de Letras*, vol. 1, n.º 1, pp. 23-35. No caso de artigos sem autor explícito, colocar nome da revista/jornal.

Para teses e outros trabalhos académicos: Sobrenome e Prenome (ano). *Título* (em itálico) [tipo de trabalho]. Local: Instituição. Ex.: Suevos, Paulo (1998). *Teoria do estilo* [memória de licenciatura]. Santiago: Universidade de Santiago de Compostela, Faculdade de Filologia.

Para documentos em-linha: mesmos critérios que edição impressa, acrescentando [em-linha], seguido do título, disponibilidade e data de consulta no fim. Ex.: Suevos, Paulo (1998). *Manual de estilo* [em linha]. Lugo: Perímetro. Disponível em [consult. 03/05/07]: <<http://www.perimetro.net/estilo.pdf>>.



## ESTUDOS

A condição comunicacional do ser humano e o rosto da sombra: sobre a terceira estrutura da verdade e a terapia filosófica

*Evandro Vieira Ouriques*

**13-45**

A equação de Einstein e as ciências musicais

*Rudesindo Soutelo*

**47-57**

Prisciliano, o último druida?

*José Manuel Barbosa*

**59-77**

As mulleres froles. Um relato inédito de Otero Pedrayo sobre Prisciliano

*Victorino Pérez Prieto*

**79-99**

